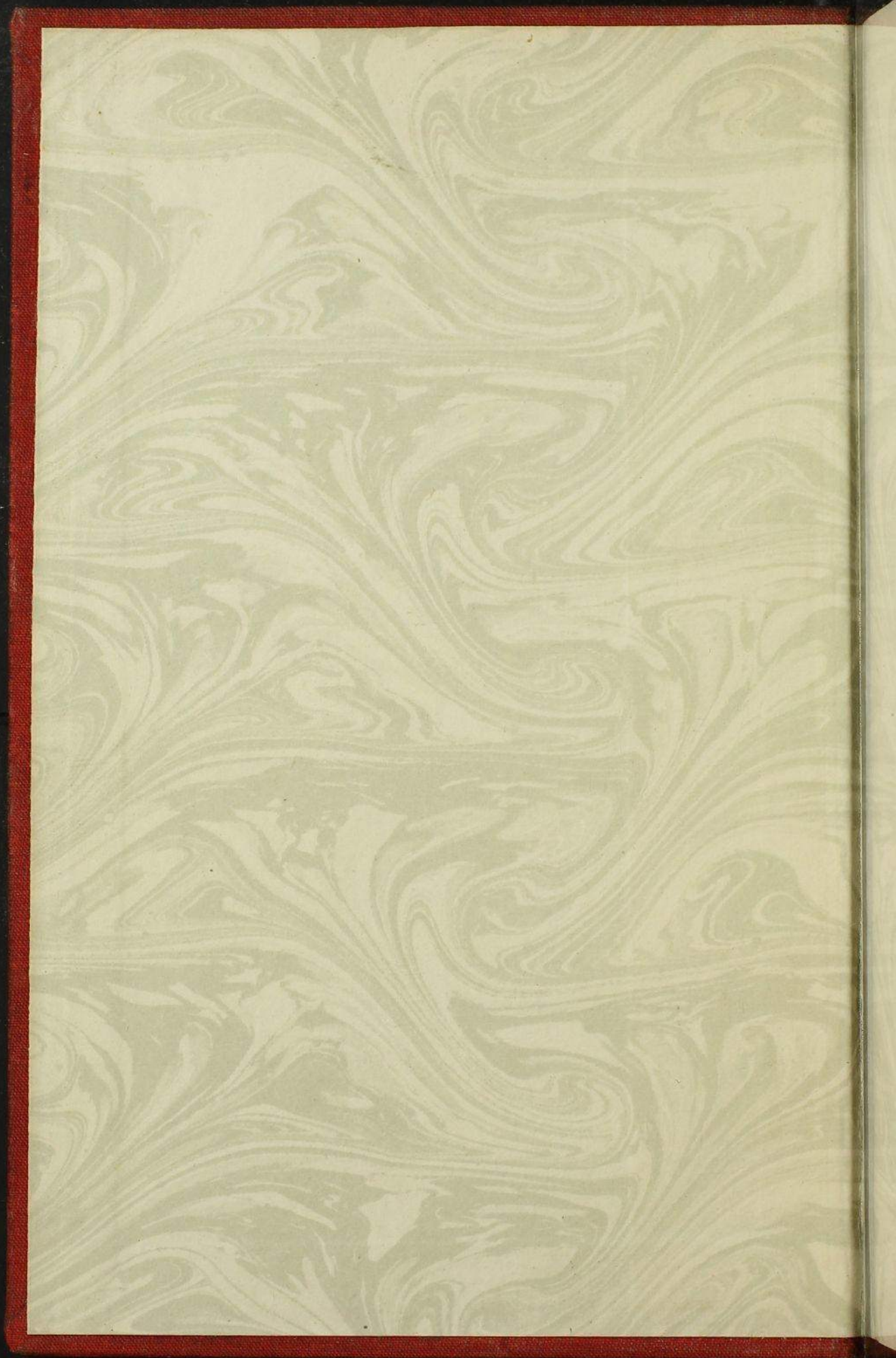


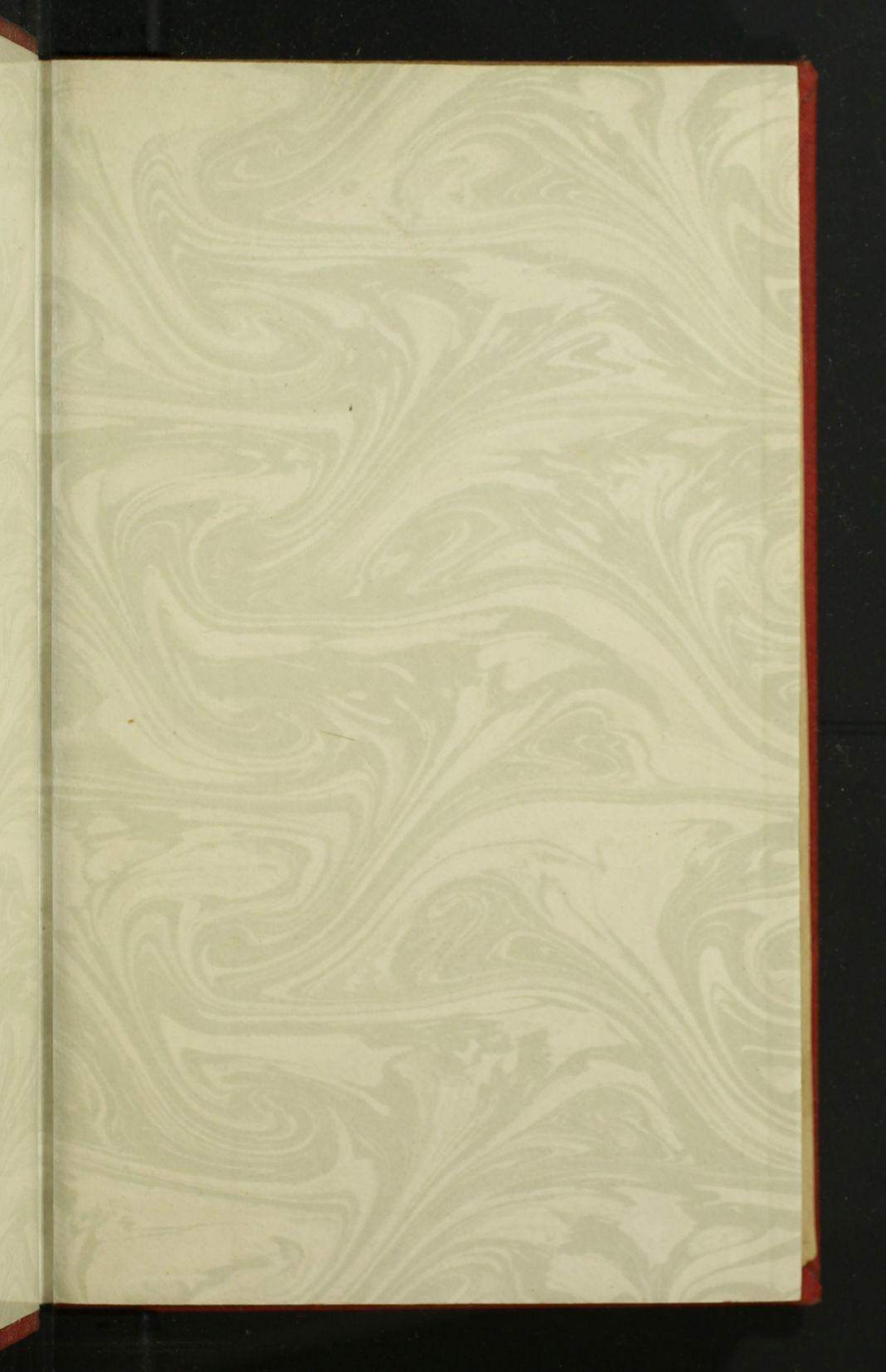
SYLVIO ROMERO

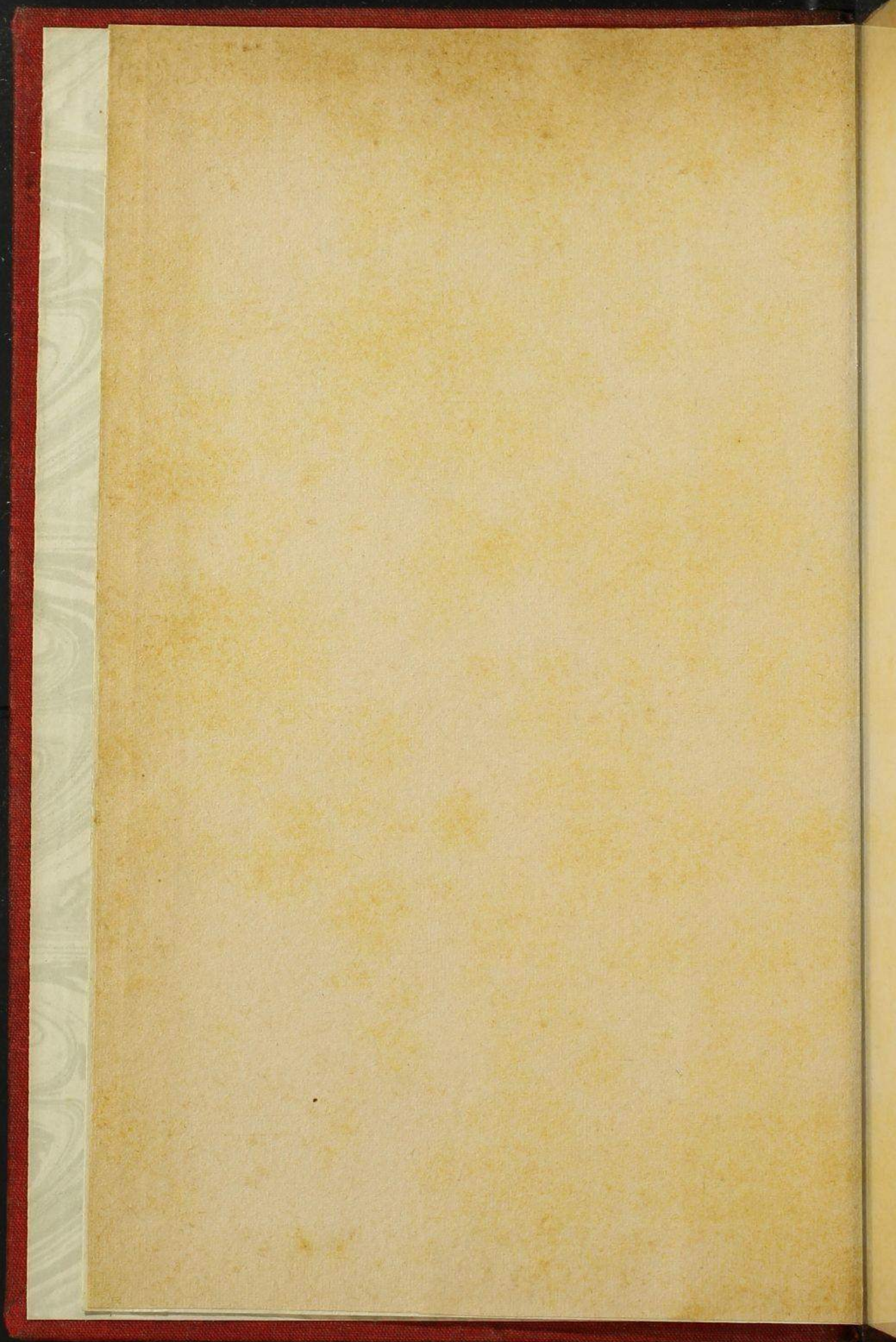


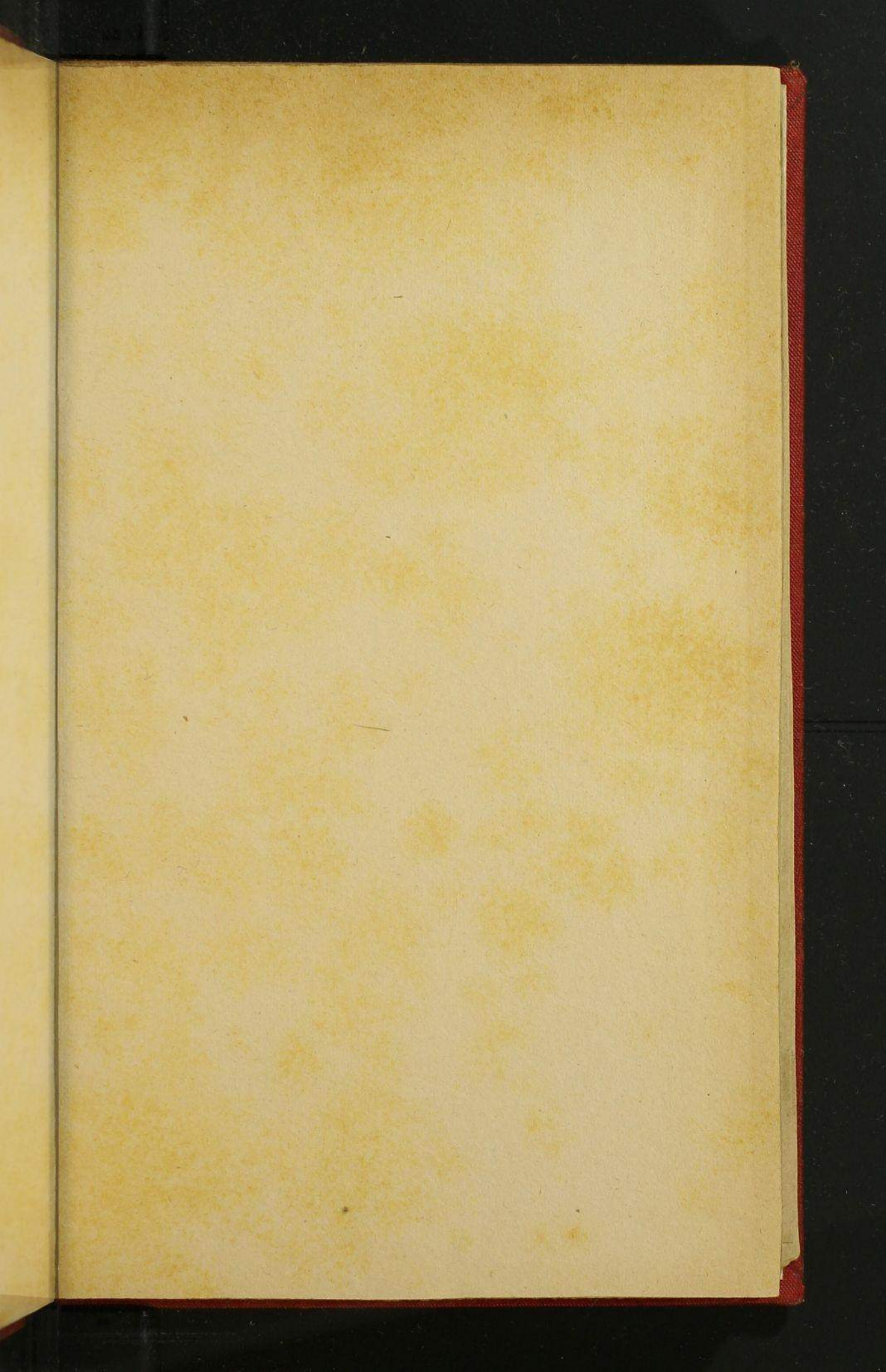
CONTOS POPULARES
DO BRAZIL

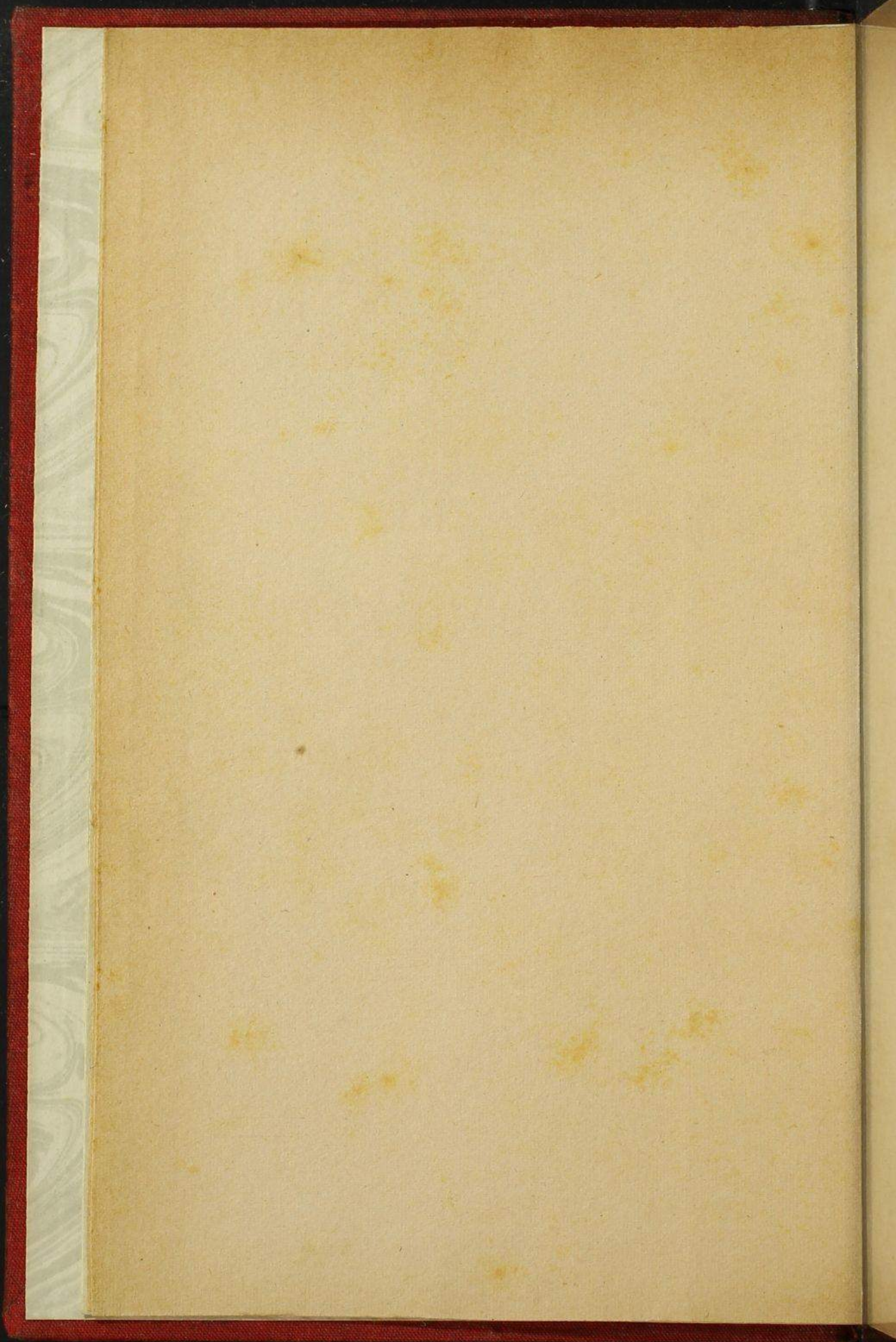
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL
EDITORA
LISBOA











CONTOS POPULARES

DO BRAZIL

EDIÇÕES DA NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL DE LISBOA

Theophilo Braga: *Miragens Seculares*. Epopeia cyclica da historia: I Cyclo da fatalidade; II Cyclo da lucta; III Cyclo da liberdade. Edição esmerada. 800 reis. — *Soluções Positivas da Politica Portugueza*: I Da aspiração revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica. II Do systema constitucional, como transigencia provisoria entre o absolutismo e a revolução. III e IV Historia das ideias democraticas em Portugal, desde 1640 até 1880. 3 vol. 920 reis. — *Dissolução do systema monarchico constitucional*, 300 reis. — *Historia Universal*, esboço de sociologia descriptiva. 2 vol. 2\$000 reis. — *Historia do Romantismo em Portugal*, ultima parte da Historia da Litteratura Portugueza. 2 vol. 1\$400 reis.

Teixeira Bastos: *Comte e o Positivismo*, ensaio sobre a evolução e as bases da philosophia positiva, 200 reis. — *Vibrações do Seculo*: I Sons do Universo; II Aureolas luminosas; III Gritos da época, 600 reis, cart. 900 reis. — *Progressos do espirito humano*, 160 reis. — *Camões e a Nacionalidade portugueza*, commemoração do Tricentenario, 100 reis.

Sylvio Roméro: *Materiaes para a historia da Litteratura Brasileira*: I *Cantos populares do Brazil*, acompanhados de Introducção e Notas por Theophilo Braga. 2 volumes com musicas, 1\$400 reis. — II *Contos populares do Brazil*, com um prologo critico e notas de Theophilo Braga. 700 reis. — *Introducção á historia da litteratura brasileira* — 2.^a parte. No prelo.

Bibliotheca das Ideias Modernas: I *A Controversia da edade da Terra* por Drapper. — II *As origens da Familia* por Lubbock. — III *A theoria atomica na concepção geral do mundo* por Wurtz. — IV *Natureza dos elementos chimicos* por Berthelot. — V *Reguladores da vida humana* por Moleschott. — VI *Os Velhos Continentes* por Ramsay. — VII *O que é a força* por Saint-Robert. — VIII *A Sociedade Primitiva* por Taylor — IX *A evolução dos seres vivos* por Schmidt. Cada volume 50 reis.

Revista de Estudos Livres — DIRECTORES LITTERARIO-SCIENTIFICOS: Em Portugal: *Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos*; no Brazil: *Drs. Americo Braziliense, Carlos von Koseritz e Sylvio Roméro*. Assignatura (pagamento adiantado) por anno: em Portugal 3\$000 rs.; união postal 3\$250 rs., sem registo; no Brazil 3\$840 rs., moeda forte, com registo. 1.^o e 2.^o anno, avulso, 3\$600 reis.

CONTOS POPULARES

DO BRAZIL

CÓLLIGIDOS

Pelo **DR. SYLVIO ROMÉRO**

Professor do Collegio Pedro II

COM UM ESTUDO PRELIMINAR E NOTAS COMPARATIVAS

Por **THEOPHILO BRAGA**

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA

96, Rua do Arsenal, 96

1885

Essa
letras q
dição
nos Co
so. Res
tupis q
do imp

1. M
pletam
zil com
rigenas
das p
so, vocal
mos e o
da, com
ra-se m
e Rio de
portugue
lendas,
piva, e
dados in
(T. B.)

ADVERTENCIA

É esta a collecção de *Contos populares brasileiros* que pudemos directamente obter da tradição oral. N'esta faina não tivemos, como nos *Cantos*, collaborador; tudo é trabalho nosso. Resolvemos não incluir aqui os contos tupis que não passaram ás populações actuaes do imperio. ¹ Consideramos o indio puro como

¹ Modificámos n'este ponto o plano do collector, completando a representação dos elementos ethnicos do Brazil com o que actualmente se conhece de tradições dos indigenas. Couto de Magalhães, notou na lingua portugueza das provincias do Pará, Goyaz e especialmente Matto Grosso, vocabulos tupis e guaranis, phrases, figuras, idiotismos e construcções peculiares do tupi; as *dansas cantadas*, como o *Catereté* e *Cururú*, vieram dos tupis encorporar-se nos habitos nacionaes; em S. Paulo, Minas, Paraná e Rio de Janeiro ha canções em que se alternam versos portuguezes e tupis; na vida domestica entraram contos e lendas, como a historia de *Saci-Sararé*, *Boitaitá* e *Curupira*, e muitas fabulas foram colligidas do ditado de soldados indigenas servindo na guarnição do Rio de Janeiro. (T. B.)

extranho á nossa vida presente. O mesmo pensamos a respeito do negro da costa. O portuguez, o *emboaba*, o reinol está nas mesmissimas condições. O brasileiro é o resultado das tres almas que se reuniram, e por isso só colhemos os contos que nas villas e fazendas do interior correm de bocca em bocca. A colheita é ainda pouco avolumada. Possam outros multiplicar-a!... Só quando possuirmos colleccões de cantos e contos de todas as provincias é que se poderá fazer estudos comparativos. Por agora achamos tudo prematuro e consideramos o nosso trabalho sobre a litteratura anonyma do Brazil como inteiramente provisório e eivado de immensas lacunas. Em todo caso, porém, é um ponto de partida.

Rio de Janeiro — Novembro
de 1882.

Sylvio Romero.

SOBRE A NOVELLISTICA BRAZILEIRA

Parecerá á primeira vista esteril a investigação das tradições em uma recente nacionalidade como o Brazil; mas com a colonisação d'este importante paiz dá-se um phenomeno conjunctamente ethnico e sociologico, que porêmos em relevo. A primeira occupação pelos portuguezes fez-se por um modo pacifico, com intuitos mercantis conciliados com a propaganda religiosa; a necessidade da cooperação agricola obrigou ao aproveitamento de uma raça degradada, e n'esta cohabitação permanente em um grande campo de exploração, o *portuguez* radicou a sua tenacidade colonial pela fusão ou mestiçagem com o elemento *indigena* e com o elemento *negro*. Este importante phenomeno historico, d'onde derivam os novos caracteres de uma nacionalidade, distingue de um modo bem accentuado o systema de colonisação da America do Sul. Sobre este problema, escreve Augusto Comte, com surprehendente lucidez: «O modo proprio da colonisação introduziu, entre o norte e o sul da America, uma

diferença continua, quanto ás relações respectivas com as populações principaes. Systematisada pelo catholicismo e pela realza, a transplantação iberica conservou o conjuncto dos antecedentes, e mesmo permittiu, como acaba de explicar, um melhor desenvolvimento dos caracteres essenciaes.»¹ O portuguez não atacou as raças selvagens do Brazil, como o anglo-saxão na America do Norte; não occupou o novo continente por emigrações forçadas sob o impulso da revolta politica e da dissidencia religiosa; não viu no seu cooperador activo, o escravo negro, esse abysmo inacessivel da côr, e suscitado pela ambição pacifica do lucro, conservou instinctivamente o *conjuncto dos antecedentes*, e esta circumstancia facilitou o encontro das tres raças produzindo-se gradualmente os caracteres essenciaes para a formação de uma vigorosa nacionalidade. Durante a colonisação portugueza, não perdemos na transplantação as tradições poeticas da mãe-patria, como se vê pelos *Cantos populares do Brazil*; pelo seu lado, as raças selvagens, guarani e tupi, mantiveram as suas tradições primitivas, e o elemento escravo trazido do fóco africano procurou nas ficções do seu fetichismo, n'essas fabulas espontaneas, a consolação de uma situação monstruosa que se prolongou abusivamente durante quatro seculos. Um dos caracteres essenciaes da nova nacionalidade, será evidentemente a reminiscencia d'estas tres tradições, na fôrma de *Mythos*, de *Lendas* ou de *Contos*, segundo o desenvolvimento social d'essas tres raças que se aproximaram.

Colligir essas tradições no syncretismo actual em que se acham, determinar a intensidade de cada elemento ethnico, é um processo de alta importancia para avaliar como a par da assimilação organica se está elaborando a synthese affectiva, que individualisa e unifica

¹ *Système de Politique positive*, t. iv, p. 494.

uma nacionalidade em todas as manifestações da litteratura e da arte. Foi sob este aspecto que ligámos uma singular importancia aos *Contos populares do Brazil*, coordenando-os ethnologicamente, de preferencia a qualquer disposição esthetica.

As tres principaes raças humanas, «as unicas cuja distincção é verdadeiramente positiva» como diz Comte, acharam-se em contacto no sólo do Brazil; o *branco*, o *amarello* e o *negro* aproximaram-se em condições differentes, cada um com as suas qualidades anthropologicas e psychologicas, em uma cooperação inconsciente. A conservação dos antecedentes de cada uma facilitando o estabelecimento de relações moraes, como se vê pelo syncretismo das tradições, foi a base segura para o desenvolvimento da nova nacionalidade, e leva a prevêr-lhe um esplendido e assombroso futuro. Analyseemos os elementos que constituem a synthese affectiva da nacionalidade brasileira.

1. — Tradições de proveniencia europêa

Os colonisadores portuguezes do seculo xvi, conservando o conjuncto dos seus antecedentes transplantaram consigo um grande numero de tradições europêas e persistencias consuetudinarias, algumas actualmente obliteradas no velho mundo. Assim o rudimento dramatico do *Bumba meu boi*, apparece prohibido em um sermão do seculo vii: «Que ninguem se entregue ás praticas ridiculas ou criminosas das kalendas de Janeiro, taes como *fingir velhas* ou *animaes* (aut cervulos).» A parlenda infantil «Estava *a moura* em seu lugar,» ¹ ainda

¹ *Cantos populares do Brazil*, n.º 31.

se conserva na sua fôrma antiga na tradição oral da Galiza, por onde se vê como foi modificada por um equívoco na versão brasileira:

Estaba a *amôra* en seu lugar,
e ven a mosca pra a picar.

«A mosca n'amôra, a amôra n'a silva, a silva n'o chan,

Chan, chan,
ten man.

Estaba a mosca no seu lugar,
e ven o galo pra a pillar... »¹

Como se vê, a fôrma gallega, que é muito extensa, conserva ainda o caracter de um jogo popular; e na brasileira, a *amora* converteu-se em *moura*, vestigio da sua proveniencia e processo de adaptação. O romance á morte do principe D. Affonso (*Cantos*, n.º 10) é tambem um documento da vivacidade dos cantos transplantados com os colonisadores no seculo xvi. Os costumes domesticos têm impressa essa feição quinhentista; é n'essas relações intimas, que os contos se repetem, taes como foram recebidos da metropole, e como passatempo na vida isolada da provincia. No nosso estudo sobre *A Litteratura dos Contos populares em Portugal*,² investigamos a área de vulgarisação novellesca no seculo xvi e xvii, e por elle se vê a abundancia dos elementos que se transmittiram para o Brazil. Os novos emigrantes das varias provincias de Portugal e ilhas tem alimentado

¹ *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. iv, pag. 123.

² *Cantos tradicionaes do Povo portuguez*, t. ii, pag. 5 a 30.

este fundo tradicional europeu, segundo o costume meridional, expresso por Jean le Chapelain :

Usaiges est en Normandie
 Qui herbergiez est, *qu'il die*
Fable ou chançon lie à l'hoste.

Gil Vicente, Antonio Prestes e Camões alludem ao nosso costume popular de contar historias que duram noites e dias, e patranhas de rir e folgar. Vemos isto, por exemplo, nos costumes do Ceará: « Em Setembro começam a desmanchar a mandioca, a fazer a farinha-da. E que alegres dias e festivos serões na humilde casa de palha do pequeno lavrador! Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial adjutorio, com elle arrancam, raspam, cevam a bemdita raiz. Levam-n'a á prensa, á peneira, ao forno. Suor de escravo não vereis alli correr; é o trabalho livre e fecundo, amenisado pela saudosa modinha cearense ao tanger da viola, ou por *interminaveis historias de cobras e onças.* » ¹ Em uma poesia de Juvenal Galeno, *Saudades do sertão*, descreve-se tambem este viver domestico, em que se repetem os contos :

Conta o moço uma façanha
 Das vaquejadas do dia,
 O velho recorda um *Caso*
 De quando se divertia ;
 A velha *conta uma historia...*
 O vaqueiro uma victoria...
 Cada qual tem sua gloria,
 Seu feito de bizzarria.

Em Portugal, a par da *Modinha*, como descreve Tolentino, usava-se tambem o *conto*, que se foi tornando

¹ Rodolpho Theophilo, *Historia da Secca do Ceará*, pag. 86.

apanagio das crianças e da ingenuidade provincial; diz o poeta dos costumes burguezes do seculo XVIII:

Contando *historias de fadas*
Em horas que o pae não vem,
E co'as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas. ¹

O caracter popular das obras de Antonio José da Silva é uma prova da vitalidade das tradições do Brazil; porque sendo elle de uma familia abastada, esse sentimento tradicional que introduzia nas creações litterarias de uma época decahida, era a consequencia do meio fecundo em que se desenvolvera. Na opera *Os encantos de Medêa*, allude a varias contos dos cyclos mais universalizados da Europa. «ARPIA: Pois sabei que na quinta de Crenza, debaixo da terra, está uma estribaria, na qual está *um burro que caga dinheiro*. SACATRAPO: Eu ouvi fallar n'isso do *burro caga dinheiro*, que minha mãe o contava quando eu era pequeno; porém sempre tive isto por historia. ARPIA: Não te digo eu que todos tem noticia d'esse burro? — quando fôres á empreza, te hei de dar um *capello*, que foi de minha avó, o qual quem o põe ninguem o vê, e pôde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte sem ser visto; etc.» ² Quando Antonio José se aproveitou d'estes elementos tradicionaes ainda elles eram considerados como despreziveis; depois a sciencia determinou-lhes paradigmas universaes, e d'aqui foi levada a interpretal-os como ultimos e apagados vestigios de concepções, taes como mythos e lendas, já de proveniencia de noções religiosas ou de reminiscencias historicas. Hoje a tradição do *burro miija dinheiro* é conhecida na sua fórmula allemã colligida pelos

¹ *Obras*, pag. 262. Ed. Castro Irmão.

² *Operas portuguezas*, t. 1, pag. 273.

irmãos Grimm no *Kind und aus Märchen*, e por Bechstein, no *Deutsche Märchenbuch*; na sua forma norueguesa colligida por Abjörnsen, no *Norske Folke eventyr*; na forma ingleza, colligida por Baring Gould, no appendice do *Folk Lore of the Nothern counties of England*; apparece a mesma tradição nos *Contos do Decan*, colligidos por Miss Frere, nos contos kalmucos, esthonianos, e ainda em versão italiana e hespanhola. Na presente collecção (n.º XLI) o conto do *Priguiçoso* filia-se n'este immenso cyclo tradicional ao qual se tem procurado a sua base na degeneração mythica.

Antonio José imita tambem as fórmulas populares da narrativa novellesca, como se vê na comedia *Vida do grande D. Quixote*: «SANCHO: Acerca d'isso contarei uma historia que succedeu não ha vinte annos. Convidou um fidalgo do meu logar, mui rico e principal, porque descendia do Neptuno do Rocio, que casou com Dona Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem sobretrancão e secco, o qual se afogou em pouca agua, por causa de um furto que lhe fizeram, de que se originou aquella celebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o senhor D. Quixote, que veiu ferido em uma unha; não é verdade, senhor? D. QUIXOTE: Acaba já com essa historia antes que te faça calar... SANCHO: Como vou contando, vae senão quando... Aonde ia eu, que já me esquece? FIDALGA: Na pendencia das enxurradas. SANCHO: Ah, sim, lembre Deus em bem; este fidalgo, que eu conheço como ás minhas mãos, porque da sua á minha casa não se mettia mais que uma estribaria, convidou, como vou dizendo, este fidalgo a um lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pariu. D. QUIXOTE: Acaba já com essa historia. SANCHO: Já vou acabando: chegado o tal lavrador a casa do fidalgo convidador, que Deus tenha a sua alma na gloria, que já morreu, e por signal dizem que tivera a morte de um anjo, mas eu me achei presente, que ti-

nha ido não sei d'onde. D. QUIXOTE: Por minha vida que acabes, se não te moerei os ossos. SANCHE: Foi o caso: que estando os dois para sentar-se á mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo que tomasse a cabeceira da mesa, o fidalgo porfiava tambem que a tomasse o lavrador, tem d'aqui, tem d'alli, até que enfadado o fidalgo disse ao lavrador: Assentai-vos, villão ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me assentar essa é a cabeceira da mesa.

Entrei por uma porta,
Sahi por outra;
Manda El-Rei,
Que me contem outra.» ¹

Este ditado novellesco ainda se repete na tradição actual do Brazil (*vid. infra*, pag. 17 e 65); o thema do conto pertence ao cyclo das facecias mais vulgarisadas na Europa. Antonio José, como Francisco Rodrigues Lobo no seculo xvii, chasqueia o ditado popular, cheio de vacillações e incongruencias; por onde se vê que é errado o processo d'aquelles que ao colligirem os contos do povo attendem principalmente ás fórmulas dialectaes, sacrificando o que é persistente, os themas tradicionaes, ao modo accidental da sua narração. Convém separar o estudo da Novellistica do da Dialectologia.

A universalidade de um certo numero de contos entre as mais separadas raças e differentes civilisações humanas, é o primeiro phenomeno que surprehende o critico. D'aqui a inferencia da sua importancia ethnica e psychologica, como documento inconsciente de um periodo emocional da vida da humanidade. É, portanto, logica a aproximação do *Conto*, tal como elle chegou até nós, dos *Mythos* mais geraes creados pela intelligencia

¹ *Operas portuguezas*, t. I, pag. 73.

primitiva, e mesmo consideral-o em grande parte como degenerações d'esses mythos quando deixaram de ser comprehendidos. Não é esta, porém, a nossa doutrina; porque a aproximação do Conto pôde fazer-se tambem da *Lenda*, estabelecendo-se uma relação intima entre estes dous productos da imaginação e das concepções subjectivas. O *Conto* é para nós um producto independente e simultaneo com a criação do *Mytho* e da *Lenda*, apropriando-se dos elementos de cada uma d'essas concepções, e conservando por isso na sua variedade umas vezes caracteres mythicos, outras vezes caracteres lendarios. É por uma tal relação que o Conto se conserva com uma tenacissima persistencia, já entre as raças atrasadas e mesmo entre os individuos mais adaptados á concepção mythica, como as crianças, já entre as pessoas em quem prepondera a memoria historica, como os velhos. A feição mythica dos Contos reconhece-se em um determinado numero de themas incidentaes que se repetem entre todos os povos; taes são as *botas de sete leguas*, mythificação do vento, a *toalha sempre com comer*, que Brueyre interpreta como sendo a nuvem, os *pômos de ouro*, ou o sol, a *menina que bota perolas quando falla*, ou a Aurora, que é a *gata borralheira* no crepusculo vespertino; alguns contos tem sido aproximados de mythos definidos, taes como o conto de *João Feijão* (Tom Puce) do mytho astronomico da Grande Ursa e do roubo dos bois por Hermes, o da *Cendrillon* do mytho de Proserpina, a sala prohibida do *Barbe-Bleu*, do mytho do thesouro de Ixion, as *botas de sete leguas* com as sandalias de ouro de Minerva, na *Odyssea*. Estas aproximações podem ser verdadeiras, mas é preciso que se não submetta tudo ao exclusivo ponto de vista mythico. Segundo a aproximação do typo lendar, o Conto apresenta outros caracteres: conserva o seu thema, modificando as circumstancias de pessoas e logares. Exemplifiquemos: Conta-se em Lisboa que Diogo Alves, assassino

célebre, vivia nos Arcos das Aguas Livres, roubando os visitantes d'aquelle Aqueducto, e precipitando-os d'aquella enorme altura; uma vez tomára uma criança nos braços para a precipitar, mas a criança vendo-se ao collo do assassino sorriu-se na sua candura, e o malvado não teve então coragem para realisar o seu crime. Esta tradição local, acha-se contada por Herodoto, (*Hist.*, liv. v, cap. xcii) em situação diversa, mas com o thema fundamental da criança que sorri para os seus assassinos e assim escapa. ¹ Ás vezes o Conto, conforme prevalece o character lendario, persiste pela sua applicação moral; nos Açores existe o conto, de que ha no céu um queijo de ouro, que ainda está por partir, e só será encetado por aquelle que sendo casado nunca se tenha arrependido. Esta tradição apparece com o mesmo intuito na Sicilia, dando logar a um proverbio. ² Se o conto de *Psyche* deriva do mytho da Aurora, o conto de *Rhodopis*, já citado por Strabão (xxi, 808) e por Eliano (*Hist. varias*, xiii, 33) persistiu á custa das suas relações lendarias. ³

D'esta dupla relação do *Conto* com o *Mytho* e a *Lenda*, assim elle se confina exclusivamente entre o povo, até o irem lá descobrir Perrault com um intuito artistico, e os Grimm com o seu espirito scientifico; ou o Conto se desenvolve litterariamente, como vêmos na Grecia

¹ Egger, *Mem. de Littérature ancienne*, pag. 290.

² « In qualche comune della provincia di Siracusa corre la credenza che a Comarano presso Schoglitti, sia un tesoro incantato il qual non potrà esser preso se non la notte dal 14 à 15 Agosto, da chi, presa moglie, non sia pentito del matrimonio; ed è volgare il proverbio :

Cu'si marita e nun si penti
Figlia la truvatura di Comarano. »

Pitré, *Antichi usi (Rivist. di Lett. popolare*, pag. 107).

³ Chassang, *Hist. du Roman*, pag. 398.

com os *Loci communes* ¹ e com pensamento philosophico, como o conto das *Parcas e da vida humana*. ² Tambem nos escriptores mais individualistas apparecem estas reminiscencias novellescas, cujas raizes se vão encontrar vivazes na tradição popular: Voltaire, descrevendo o Anjo que vive em companhia de Zadig, elabora um thema anterior que se acha no inglez por Thomaz Parnell, e já no seculo xiv em uma homilia de Alberto de Padua, indo remontar na fôrma escripta até aos fabliaux, como o affirma Littré. É já possivel coordénar todos estes elementos da mentalidade subjectiva em uma relação psychologica, de fôrma que se comprehendam como concepções de uma synthese espontanea. Vico foi o primeiro que estudou o ponto de partida de todas estas concepções na sua fôrma simples e immediata de *Tropos*. Quasi todas as palavras na sua significação não são mais do que abreviações de *tropos*; assim o *norte* (north) significa o lado da chuva; *sul*, batido do sol, *leste*, brilhar, arder; *oeste*, da casa. O *Tropo* desenvolvendo-se sob o ponto de vista da personificação anthropomorphica, apparece-nos na efflorescencia do *Mytho*. Assim nas concepções do Egypto, o sol é o menino *Horus*, as trevas são personificadas em Set, contra as quaes lucha Horus, para vingar seu pae *Osiris* ou o sol radiante. Nos mythos vedicos, a Aurora, ou o crepusculo matutino é personificada na donzella, em *Ushas*; o Firmamento é o pae, *Varuna* ou *Uranos*. A affirmação de que os themas mythicos tem uma área limitada só se póde aceitar em quanto ao seu desenvolvimento dentro de certos systemas religiosos; assim os phenomenos solares personificados, deram logar á seguinte categoria de mythos: os phenomenos diarios da *Aurora*, do *Sol* e da

¹ Ott. Müller, *Hist. de la Littérature grécque*, t. II, pag. 522.

² Tylor, *La Civilisation primitive*, t. I, pag. 403.

Noite (personificados na Donzella, a criança orphã, a recém-nascida, a enteada bonita, a rapariga feia temporariamente; no príncipe, no amante, no encantado que apparece; na velha, na madrasta ruim, na bruxa). Os phenomenos solares annuaes, de *Primavera*, de *Verão*, de *Inverno*, foram mythificados anthropopathicamente, sendo este em geral o fundo das grandes Epopéas. Esta forma organica das Litteraturas é effectivamente o desenvolvimento de *themas mythicos*, que ás vezes subsistem entre o povo na forma de *Contos*, mas deveram a sua activa elaboração e interesse ás relações lendarias de que se aproveitaram.

Vimos o que era o *Mytho*; resta-nos definir a *Lenda*: esta criação é a narração de um facto não pelo que elle teve de realidade, mas segundo a impressão subjectiva que produziu. O poder da formação lendaria é caracteristico da nossa raça árica, que o desenvolveu até chegar á veracidade historica; diz Emilio Burnouf: « todos os povos da raça árica, no Oriente e no Occidente, remontam a sua origem a personificações heroicas que nunca existiram, e a estes seres ideaes que são deuses ou symbolos, mas não pessoas reaes. » ¹ As Lendas têm tambem fórmulas definidas na sua divergencia da realidade: os *Eponymos*, como *Mena*, *Manu*, *Romulo*, *Hellen*, *Dorus*, representam uma raça ou uma civilisação; na *Toponymia*, os logares são representados como individualidades historicas, como se vê nos antigos livros hebraicos, onde o nome de *Sem* significa a *montanha*, *Heber*, o da margem de lá, ou da outra banda do rio, *Phaleg*, a divisão. A elaboração dos elementos da Lenda poderia tambem dar-se o nome de *mythificação por plausibilidade*, como indica Tylor.

Assim como se chegou a ler a imagem emblematica dos brazões, tambem a linguagem mythica tem as suas

¹ *Hist. de la Littérature grécque*, t. 1, pag. 49.

fôrmas gradativas, podendo coordenar-se na sua dependencia psychologica através dos mais inconscientes syncretismos. Todas as classificações dos Contos tradicionaes feitas sem este conhecimento prévio são de um empirismo sem base, como a de Von Hahn ou a de Baring-Gould. ¹ No presente livro não foi attendida a classificação psychologica dos Contos, não só porque a colheita é ainda diminuta, como por ser do maior interesse em uma nacionalidade incipiente, como a brazileira, determinar na sua unificação moral os elementos ethnicos que a estão constituindo.

2. — Tradições de proveniencia africana

Na época em que os Portuguezes colonisaram o Brazil, a raça negra da Africa entrava no concurso da civilisação moderna pela fôrma affrontosa da *escravidão*; esta circumstancia destoando completamente do espirito da corrente historica, influiu na degradação simultanea do negro e do branco, deixando ao futuro que hoje é o nosso presente, um dos mais difficeis problemas sociaes a resolver. Acabára a escravatura antiga, porque esta situação social era emergente do estado de guerra; entrando-se no regimen industrial e pacifico, determinado pelas grandes navegações, a *escravidão* tomou uma nova fôrma, a exploração criminosa de uma raça inferior, degradada em vez de ser tomada como cooperadora da actividade dos europeus. Foi preciso que o senso moral se elevasse para que a *escravidão* do negro se considerasse uma affronta da humanidade, lançando Filangieri o

¹ Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, apresentamos um plano racional e historico de classificação.

primeiro brado contra essa iniquidade. Comte julgou com bastante clareza esta situação social que explorava o negro como escravo: «o destino normal da escravidão não convém senão á submissão do trabalhador ao guerreiro. Emquanto a instituição antiga secundou o desenvolvimento respectivo do senhor e do servo aproximando-os, a monstruosidade moderna degrada um e outro separando-os.» ¹ Nos anexins populares conhece-se o instinto de aversão e crueldade da população branca do Brazil para com o negro:

Negro é tóco,
Quem não lhe atira é louco.

Negro é vulto,
Quando não pede, furta.

Negro quando não canta, assobia;
Deitado é lage;
Sentado é um tóco,
Correndo é um porco.

O negro tem catinga,
Tem semelhança com o diabo;
Tem o pé de bicho,
Unha de caça
E calcanhar rachado;
Quando se chama, resmunga,
Se resmunga, leva páo.

(Rio de Janeiro).

Apesar d'este barbarismo do branco, a raça negra deve considerar-se como um elemento cooperador da civilização brasileira. Diz Joaquim Nabuco: «Para nós a raça negra é um elemento de consideravel importancia nacional, estreitamente ligada por infinitas relações organicas á nossa constituição, parte integrante do povo

¹ *Système de Politique positive*, t. iv, pag. 520.

brazileiro.» ¹ O mesmo escriptor continúa com a auctoridade da sua competencia: «a parte da população nacional que descende de escravos é pelo menos tão numerosa como a parte que descende de senhores, isto quer dizer, que a raça negra nos deu um povo.» ² Ainda actualmente a população negra eleva-se ao numero de milhão e meio de almas; ³ de 1831 a 1852 o trafico transportou da Africa para as senzalas do Brazil um milhão de negros, ⁴ calculando-se a cifra annual em cincoenta mil. Era anthropologicamente impossivel, que este elemento não actuasse sobre a população branca, apesar do seu afastamento cruel. As musicas e dansas populares, como as *sambas*, *chibas*, *batuques* e *candombles*, o *vapata* e o *caruru*, são a prova da influencia ethnica do negro, no Brazil. Como é que as tradições populares e domesticas escapariam á influencia d'essa raça no seu espontaneo fetichismo? Se o branco foi severo no seu afastamento do escravo negro, este obedeceu á sua tendencia affectiva, ligou-se á nova nacionalidade de que o fizeram cooperador. Sobre este ponto escreve Joaquim Nabuco: «A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor, fallando collectivamente, nem creou entre as duas raças o odio reciproco que existe naturalmente entre oppressores e opprimidos.» ⁵ Como os factos particulares confirmam as grandes leis naturaes: a raça negra é essencialmente affectiva, e é este o character com que tem de ser trazida á cooperação com as raças superiores da historia. Augusto Comte expoz este grande principio sociologico, confirmado pelos anthropologistas: «póde-se já reconhecer que os negros são tão superiores aos bran-

¹ *O Abolicionismo*, pag. 20.

² *Ibid.*, pag. 21.

³ *Ibid.*, pag. 108.

⁴ *Ibid.*, pag. 209.

⁵ *Ibid.*, pag. 22.

cos pelo sentimento, como abaixo d'estes pela intelligencia.» ¹ No desenvolvimento da nacionalidade brazileira confirma-se este facto da cooperação sentimental; diz Joaquim Nabuco: «Alliados de coração dos Brazileiros, os escravos esperaram e saudaram a Independencia como o primeiro passo para a sua alforria, como uma promessa tacita de liberdade, que não tardaria a ser cumprida.» ² A relação ethnica do negro com a patria brazileira é vastissima, como se vê pela abundancia de *Fabulas* colhidas da tradição oral. Na Grecia a Fabula era tambem considerada como proveniente de uma civilização negroide, d'onde a sua designação de *Fabulas lybicas, ethiopicas*, e a identificação de Esopo com *Aithiops*. A publicação moderna dos *Contos dos Zulus*, por Henry Callaway, veiu esclarecer-nos sobre a evolução das fórmulas tradicionaes entre a raça negra, onde apparecem os contos do *Renard*, do *Petit-Poucet*, e a elaboração de um fetichismo que perdeu a fórmula cultural. No Brazil existe nas festas do Natal e Reis Magos, o auto rudimentar do *Bumba meu Boi*, analogo á festa do Boi Geroa, ou o *Muene-Hambo* dos Ba-Nhaneca, da Africa. ³ Muitas das fabulas africanas da população negra do Brazil são populares em Portugal, como o *Kágado e a festa no céu*, *Amiga Raposa e amigo Corvo*, o *Macaco e o Moleque de cera*, o *Macaco e o rabo*, o *Macaco e a cabaça*. No ro-

¹ *Syst. de Politique positive*, t. II, pag. 461. — Virey na *Histoire générale du Genre humain*, descreve minuciosamente este caracter affectivo do negro, que o leva até sacrificar-se pela pessoa a quem se dedica. Broc, no seu *Essai sur les Races humaines*, pag. 74, acceta tambem estas caracteristicas, que deveriam ser conhecidas pelos politicos e chefes tempóreaes. No livro *A raça negra sob o ponto de vista da Civilização de Africa*, de A. F. Nogueira, é onde pela primeira vez um ethnologista vindica com factos observados directamente a capacidade affectiva, que distingue o negro.

² *O Abolicionismo*, pag. 50 e 136 seq.

³ A. F. Nogueira, *A raça negra*, pag. 289.

manceiro portuguez é frequente a allusão á raça negra na nossa sociedade desde o seculo xv; no romance do *Conde Grifos*, se diz: «A um *pretinho* que tinha — Uma lança lhe ha dado»; no romance da *Morena*, vem: «Manda os *pretinhos* á lenha — E as moças buscar agua.» Vê-se que este elemento penetrou profundamente na sociedade portugueza, e que a sua prolongação no Brazil foi fortificada pela necessidade da exploração agricola. Assim como o cruzamento do elemento negro com o indigena produz essa mestiçagem chamada o *cafuzo*, tambem as suas tradições n'um ou n'outro ponto se encontram; a fabula da *Onça e o Bode*, (pag. 149) colligida em Sergipe, acha-se na tradição dos indigenas do Juruá, colligida sob o titulo *O Veado e a Onça*, (pag. 184) como a fabula do *Jabutí* apparece na Africa.

O elemento africano manifesta-se ainda por uma grande abundancia de superstições populares; em Portugal o preto conserva um perstigio magico, empregado na venda das cautelas das loterias, como tambem no seculo passado circularam prophecias em nome do *Pretinho do Japão*. Entre as crenças populares portuguezas existe o costume de trazer uma Oração escripta e dobrada dentro de uma pequena bolsa ao pescoço, a qual livra do raio, dos assassinos, de morrer afogado ou repentinamente, e de outros males. Em Africa a Oração é essencialmente um remedio, que os feiticeiros exploram, tal como o descrevem minuciosamente Astley e Caillié. As superstições e medicina popular relacionadas com o elemento africano, não são tão sympathicas como os Contos e Fabulas provenientes do seu fecundo fetichismo, mas são dignas de se estudar como documento da situação de uma raça violentamente degradada.

3. — Tradições das Raças selvagens do Brazil

Todos os que têm colligido tradições populares conhecem o phenomeno psychologico de desconfiança ou de medo com que os depositarios d'esses thesouros poeticos respondem ás interrogações que lhes fazem; receiam descobrir essas reminiscencias queridas, julgam-se expostos ao ludibrio dos indifferentes, tem medo ás vezes que as suas palavras se tornem sortilegios com que os persigam. Isto que observámos durante a colleccção do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* e dos *Contos tradicionaes*, repete-se com mais intensidade entre as raças selvagens. O dr. Couto de Magalhães, no seu livro *O Selvagem do Brazil*, onde colligiu as principaes tradições dos Tupi e Guarani, accentua este importante facto: « Todo aquelle que tem lidado com homens selvagens, terá conhecido por propria experiencia o quão pouco communicativos são elles em tudo quanto diz respeito ás suas idéas religiosas, suas tradições e suas lendas domesticas. Elles tem medo que o branco, o *carina*, se ria d'elles... » ¹ Para vencer esta repugnancia do povo a revelar a sua tradição, a primeira condição é mostrarmo-nos conhecedor d'ella, repetindo fragmentos que estimulem a imaginação, e assim lhe recordem os trechos conservados inconscientemente na memoria, e que familiarmente se fazem recitar de um modo espontaneo. Jacob Grimm, o grande collector das tradições populares da Allemanha, era tambem o homem que melhor conhecia o fundo poetico e nacional das raças germanicas; Cástren, o que mais conheceu os dialectos das tribus mongolicas, foi por isso quem melhor soube interrogar essas tribus e colligir-lhes as suas tradições

¹ *O Selvagem*, pag. 746.

dispersas. Com as tradições das raças selvagens do Brazil deu-se a mesma circumstancia; o dr. Couto de Magalhães, além do seu character audacioso e emprehendedor conhece os differentes dialectos da Lingua geral, e por este meio entrou na familiaridade dos que accidentalmente se destacaram da vida selvagem para o contacto da civilisação brasileira. Com o conhecimento da fórma amazonica do tupi é que o dr. Couto de Magalhães penetrou depois na investigação das lendas, confrontando-as com outras que ouvira em Matto Grosso. Em alguns logares do seu livro declara a fonte d'onde colheu as tradições: « Fui auxiliado no trabalho das lendas por um soldado do 2.º regimento de artilheria, que quasi não fallava o portuguez. »¹ A guerra do Paraguay não deixou de ter influencia no estudo das raças selvagens do Brazil; diz o dr. Couto de Magalhães, que durante essa guerra é que ouviu pela primeira vez, a bordo de um vapor no rio Paraguay, um marinheiro contar as *Historias do Jabuti*, apenas com alguns aphorismos ou anexins em lingua tupi. Viajando depois para a foz do Amazonas, parou no Afuá, ancoradouro de muitos barcos que navegam para o Ampá e Guana; ali ouviu de novo os *Contos* ou *Historias do Jabuti*. Mais tarde voltando ao Pará, colligiu das versões oraes de um marinheiro indio *mundurucú*, algumas das lendas que lhe serviram de chrestomathia para o seu livro.²

Alguns d'estes contos são populares tambem nas provincias do interior do Brazil: « Existem aqui nos corpos da côrte, escreve o dr. Couto de Magalhães, nada

¹ Op. cit., pag. 138.

² Op. cit., pag. 148-150. — Estas lendas e fabulas foram traduzidas para francez com o titulo: *Contes indiens du Brésil*, recuellis par M. le général Couto de Magalhães, et traduits par Emile Allain. Rio de Janeiro. Faro e Lino éditeurs, rua do Ouvidor n.º 74. 1883.

menos do que quarenta a cinquenta praças que fallam o tupi, e como são indigenas, todos sabem de cór algumas lendas que figuram n'esta collecção. » Essas lendas bem mereciam ser conhecidas, e pela fórma que o dr. Couto de Magalhães as introduziu no seu livro debalde se suspeitará que alli esteja archivado um tão importante documento tradicional; a fórma de traducção interlinear, sacrificando a construcção portugueza á intelligencia da construcção da phrase tupi, é necessaria para o trabalho grammatical, mas prejudica algum tanto a importancia ethnologica do monumento tradicional. Só tornando bem conhecidas as tradições das raças selvagens do Brazil é que se podem fazer comparações com as de outros povos selvagens, vindo assim a deduzir-se relações que talvez esclareçam problemas instantes da anthropologia. Por exemplo, a fabula do *Jabuti*, que vence o Veado na carreira, foi tambem achada na Africa e em Sião, e já assim a interpretação siderica d'essas Fabulas não será um esforço de critica subtil e sem realidade. Tambem na collecção de Fabulas africanas, publicadas pelo Dr. Bleek, com o titulo de *Reinche Fuchs in Africa*, encontra-se um conto dos indigenas de Madagascar (pag. xxvii) e um conto dos Dama, ramo da raça cafre, com grandes analogias com o conto popular portuguez do *Rabo de gato*, dos *Contos populares portuguezes*, n.º x, e na tradição popular da Sicilia e de Otranto. ¹ Á medida que estes resultados comparativos se forem alargando, se chegará a determinar que um grande numero de expressões mythicas da nossa linguagem, e de contos populares representam um subsolo selvagem sobre que se formaram as nossas civilisações, da mesma fórma que os ethnologistas explicam hoje já a persistencia das guerras e ainda os crimes individuaes do assassinato e do latrocínio como fórmias de recorrencia dos habi-

¹ *Contos populares portuguezes*, pag. x.

tos selvagens primitivos. Pelo desenvolvimento d'esta ordem de estudos, que já dotaram a philologia com o capitulo novo da linguagem generativa, e a ethnologia com o problema das origens da familia, é que se ha de fundar a Sciencia das Civilisações proto-historicas, sobre que se basearam as civilisações superiores no seu periodo do empirismo espontaneo. Uma d'estas civilisações proto-historicas é a das raças *Scytho-mongolicas*, nome que talvez seja preferivel para exprimir as raças turanianas, da mesma fórma que os anthropologistas propõem o nome de *Syro-Arabes* em vez de Semitas, e *Indo-Europeus* em vez de Arias. O presentimento d'estas civilisações proto-historicas, que se distinguiram por um grande saber de industria metallurgica e por conhecimentos astronomicos, como entre os accádios e kuschitas, é que leva hoje alguns espiritos suggestivos a procurarem interpretar os mythos zoologicos das raças selvagens como expressões de factos sideraes observados pela condição da sua situação geographica. O professor Hartt, que tambem colligiu algumas lendas brazilicas no Tapajós, considera-as como velhas tradições astronomicas da raça tupi; no opusculo *The Amazoniam Tortoise mythes* vem os elementos da sua interpretação siderica, que o dr. Couto de Magalhães applica ás fabulas do Jabuti. Transcreveremos as proprias palavras do illustre ethnologo brasileiro em que segue o ponto de vista do prof. Carlos Frederico Hartt: «É assim que a primeira lenda explicada pelo systema solar, parece-me offerecer no *Jabuti* o symbolo do Sol, e na *Anta* o symbolo do planeta Venus.

«Na primeira parte do mytho, o Jabuti é enterrado pela Anta. A explicação parece natural, desde que se sabe que uma certa quadra do anno Venus apparece justamente quando o sol se esconde no occidente.

«Chegado o tempo do inverno o Jabuti sâe, e, no encalço da Anta, vai successivamente encontrando-se

com diversos rastros, mas chega sempre depois que a Anta tem passado. Assim acontece com o Sol e Venus, que quando apparece de manhã, apenas o sol fulgura ella desaparece.

«O Jabuti mata finalmente a Anta. Isto é, pelo facto de estar a orbita do planeta entre nós e o sol, ha uma quadra no anno em que ella não apparece mais de madrugada para só apparecer de tarde. O primeiro enterro do Jabuti é a primeira conjuncção, aquella em que o sol se sóme no occidente para deixar Venus luzir. A morte da Anta pelo Jabuti, é a segunda conjuncção, aquella em que Venus desaparece para deixar luzir o sol.» Estas interpretações astronomicas poderiam considerar-se simplesmente engenhosas ou gratuitas, se o dr. Couto de Magalhães, que andou muitos annos entre os selvagens do Brazil, não tivesse notado os seus conhecimentos de phenomenos astronomicos. O contacto com uma civilização completa como a Quichua, que possuia uma theologia baseada no culto solar, torna plausivel esta interpretação, considerando esses conhecimentos tradicionaes do selvagem brasileiro como vestigios de uma civilização interrompida. Vamos tentar o esboço d'essa civilização rudimentar.

As raças da America do sul foram classificadas por d'Orbigny em tres grandes troncos, *Ando-Peruviana*, *Pampeana* e *Brazilio-Guaraniana*; esta divisão admittida por Prichard, condiz com um certo numero de differenciações, taes como: a *dolichocephalia* dos peruvianos caracteristica das raças da America septentrional, o desenvolvimento da grande civilização dos Quichuas ou Incas sobre as ruinas de uma civilização mais antiga, por ventura autochtone, dos Aymáras, resultando d'este longo conflicto a dispersão da raça pampeana em numerosos grupos ou hordas, que, ou não chegaram a assimilar os progressos realisados pelos Incas, permanecendo no estado selvagem, ou, se iniciaram essa cultura, re-

gressaram por effeito das luctas á selvageria primitiva. ¹ A fragmentação das raças da America do sul é um dos phenomenos que mais impressiona o anthropologista, bem como a coexistencia de civilisações completas anteriores aos tempos historicos e estados selvagens que parecem uma regressão á animalidade primitiva. Na raça Brazilio-guaraniana, a facil tendencia para a sociabilidade revela-nos que entraram nas primeiras vias de um progresso que foi interrompido por circumstancias especiaes. De facto as raças do sul caracterisam-se tambem pela sua *brachycephalia*, pela obliquidade dos olhos peculiar dos mongolios, tendo tambem numerosas analogias ethnicas com as raças nômadas da Alta Asia. No seu grande trabalho *Crania americana*, o dr. Morton traz algumas indicações bem caracteristicas para separarem as raças indigenas da America do norte das da America do sul; depois de descrever os craneos oblongos (*dolichocephalos*) do norte, diz: «As cabeças dos Caräbas, tanto das Antilhas como da terra firme, são tambem naturalmente arredondadas (*brachycephalas*) e, segundo as observações que pudemos fazer, este character persiste nas raças mais meridionaes ainda, nas nações situadas a leste dos Andes...» ² Prichard não viu o alcance d'esta differenciação cephalica estabelecida por Morton; nos modernos trabalhos anthropologicos de Paul Broca, acha-se uma distincção igual entre os povos bascos hespanhoes e francezes, o que parece fundamentar a existencia de dois typos primitivos: o basco hespanhol é *dolichocephalo*, e o basco francez é *brachycephalo*. Não admira pois que nas conquistas hespanholas da America se estabelecesse uma facil fusão do hespanhol e regres-

¹ Prichard, com o seu lamentavel biblicismo obscurece esta consideração, dizendo do indigena americano: « Não é o homem primitivo, mas o homem degenerado, que nós vemos n'elle. » *Hist. naturelle de l'Homme*, II, 266.

² Apud Prichard, *Hist. nat. de l'Homme*, II, 85.

são ao typo indigena. Na America do sul a brachycephalia tambem leva á comprehensão de analogias excepcionaes já observadas pelos anthropologistas; diz Morton: «Entre os Indios da America do norte é rarissimo vêr pronunciar-se nitidamente a obliquidade dos olhos, que é tão geral nos Malaios e Mongolios; mas Spix e Martius observaram-n'a em algumas tribus brazileiras, e Humboldt nas do Orenoco, etc.» ¹

Fallando da côr amarellada, estatura mediana, fronte depressida, olhos muitas vezes obliquos, sempre elevados no angulo exterior, das raças brazilio-guaranianas (Caribes, Tupi e Guarani), accrescenta Prichard: «Estas feições que pertencem ás grandes raças nomadas da America do sul, aproximam-se, como se vê, bastante das raças nomadas da Alta Asia.» ² Tambem Spix e Martius acharam nos Caribes uma similhaça palpavel com os Chinezes; ³ e fallando das idéas religiosas dos americanos, acrescenta Prichard: «devemos fazer notar, que ha sobre todos estes pontos uma grande analogia entre as opiniões dos Americanos e as dos Asiaticos do norte.» ⁴ Por tudo isto se pôde inferir, que foi das raças nomadas da Alta Asia que se destacaram essas migrações que entraram na Europa antes dos Indo europeus, e que se conhecem pelo typo brachycephalo do basco francez; a coincidencia da dolichocephalia do basco hespanhol com o herbére como notou Broca, revela-nos tambem o caminho por onde o turaniano da Asia entrou no sul da Europa vindo através da Africa, onde uma parte estacionou. É por isso que se torna legitima a comparação das Canções provençaes com os cantos accádicos e chinezes, ⁵ bem como com o phenomeno da persistencia da Modi-

¹ Apud Prichard. *Hist. nat. de l'Homme*, pag. 87.

² *Ibid.*, II, pag. 223.

³ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴ *Ibid.*, II, 271.

⁵ No prologo do *Cancioneiro da Vaticana*, cap. VI.

nha brasileira, ¹ e o mesmo processo leva a grandes resultados aproximando o Romanceiro peninsular ou as Aravias dos cantos historicos ou *Yaravis* do Perú. ²

D'estas rapidas considerações anthropologicas e ethnicas somos levados a tentar estabelecer uma nova divisão entre a Pre-historia e a Historia. Os anthropologistas fundaram uma divisão importante da Historia, a partir desde o typo humano troglodita até ás civilizações rudimentares, isto é, desde o desenvolvimento das condições de sociabilidade, especialmente da linguagem articulada. Depois d'este estado, a que se chama *Pre-Historia*, deve estabelecer-se como intermedio para a Historia propriamente tal, uma phase de conexão evolutiva, já presentida por Littré, a que chamaremos *Proto-Historia*: deve comprehender as civilizações rudimentares Accádica, Kuschita, Mexicana, Peruviana, Etrusca e Chinezã. Se a Pre-Historia foi fundada pelos anthropologistas, compete aos Ethnologistas o desenvolver a *Proto-Historia* pelo estudo comparativo d'essas civilizações improgressivas, produzidas principalmente nas raças turanianas ou mais propriamente Scytho-Mongolicas. Este estudo só pôde ser fundado pela contribuição da Mythographia, da Linguistica, da Ethnographia, da Chronologia, das Litteraturas tradicionaes, das Artes ornamentaes e technicas, da Psychologia comparativa e da Cosmographia; n'este vasto complexo de sciencias concretas e subsidiarias da *Proto-Historia*, as superstições populares, as fabulas ou bestiaros e os contos mythicos são mais fecundos em resultados do que as comparações anthropologicas. Vamos tentar a indicação dos contornos da *Proto-Historia*, em

¹ Nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, pag. 61 a 80.

² Nas *Epopêas da Raça mosarabe*, pag. 127 a 137; e *Theoria da Historia da Litteratura portugueza*, pag. 24.

que devem ser estudadas as tradições das raças do sul da America.

Entre as civilizações isoladas, que por esta condição material se tornaram improgressivas, occupam um lugar importantissimo depois do Egypto e da China, as duas civilizações do Mexico e Perú. É este o seu lugar na historia da humanidade; talvez tão antigas como a do Egypto, mas ainda mais isoladas pelo territorio, pela pureza da raça e por falta de estímulo de outros povos, estas devem ser estudadas antes do apparecimento das raças áricas, e sob um criterio comparativo, como o vestigio mais completo da capacidade social do elemento turaniano. O conhecimento da China data na Europa da época da invasão dos Tartaros (1240) e especialmente depois da leitura das *Viagens* de Marco Polo; as maravilhas contadas pelo atrevido viajante italiano exaltaram a imaginação de Colombo, e este ousado navegador pensando que descobria o Cathay ou a China, abordava ao continente desconhecido da America, onde existiam outras civilizações igualmente isoladas e com analogias profundas com a chinesa. Esta circumstancia casual que conduziu Colombo á descoberta da America, explica-nos tambem como o continente americano chegou a ser habitado por uma raça civilisadora, que nas suas expedições maritimas abordou inconscientemente á America pela corrente do Gulf-Stream. Essa raça primitiva é turaniana, e por isso os grãos do seu progresso, mythos, litteratura e arte, tem profundas analogias com as creações do genio chinês.

As muitas relações ethnicas entre o Mexico e a India, nos mythos, nas tradições populares, nas fórmulas symbolicas, não escaparam a sabios como Wilson, Tylor e Alexandre de Humboldt; o motivo d'essas relações foi debalde procurado em communicações historicas immediatas com as raças áricas, suppondo já a hypothese de uma migração do nordeste da Asia para o noroeste da

America, já a de uma communicacão entre os dois continentes por uma ponte de ilheus no meio do estreito de Behring. A descoberta dos monumentos cuneiformes, e a leitura dos livros accádicos, restabelecendo a civilisação turaniana, veiu derramar uma luz immensa sobre a marcha evolutiva da humanidade. Onde as civilisações turanianas foram absorvidas, como no Egypto, Chaldéa e Assyria pelas raças kuschito-semitas, ou na India pela raça árica fructificaram; no Mexico essa mesma civilisação tornou-se improgressiva por falta de estimulo social. Como ramo turaniano, a civilisação do Mexico torna-se um factó claro pela comparaçáo com as manifestações analogas dos outros ramos da mesma raça; a sua theologia é tão desenvolvida como no Egypto, os seus mythos produzem epopéas como a de *Izdubar* em Babylo-
nia, ou a do *Kalevala* na Finlandia; o seu theatro sae dos ritos liturgicos, como na India, e tambem a sociedade é submettida a uma auctoridade theocratica. Os costumes mexicanos ainda apresentam analogias com os de raças turanianas existentes; a superstição de não bolir no lume com uma faca, é turaniana, e por isso é commum aos tartaros, aos Indios Sinx da America do Norte, e aos habitantes da extremidade nordeste da Asia entre os habitantes do Kamschatcka;¹ o mesmo rito apparece referido n'uma maxima pythagorica « Não bolir no lume com uma faca. » A reconstituicáo d'essa grande civilisação *Proto-Historica* vem explicar a unidade de um certo numero de tradições entre povos que não tiveram relações entre si nas épocas historicas. A civilisação do Mexico tem a importancia de nos mostrar em um grande numero de instituicões o genio creador da raça turaniana; e ao mesmo tempo como a precocidade da sua capacidade inventiva o conduziu á esterilidade e decadencia pelo seu remotissimo isolamento, que o subtrahia a

¹ Max Müller, *Essais de Mythologie comp.*, pag. 321.

toda a pressão social. O mesmo facto se repete na vida historica da China, talvez o mais vetusto dos ramos turanianos, que estacionou no familismo pelo seu isolamento na extrema Asia.

No seu pequeno estudo sobre os *Usos e Costumes*, Max-Müller cita este, que se conserva ainda na ilha de S. Miguel: « Ha, nas tradições populares da America central, a historia de dois irmãos, que na occasião de partirem para uma perigosa viagem no paiz de Xibalba, onde seu pae morrera, plantam cada qual um canavial no meio da casa de sua avó, para que ella possa saber, vendo as canas florirem ou seccarem-se, se os seus netos são vivos ou mortos. A mesma concepção se encontra exactamente nos contos de Grimm. Quando os dois filhos de ouro querem ir vêr o mundo e deixarem seu pae, este, com tristeza lhes pergunta como poderá saber novas d'elles; responderam: — Nós vos deixaremos dois lirios de ouro. Por meio d'elles vós podereis vêr como passamos. Se estiverem viçosos, é porque nós passamos bem; se emmurhecerem, é porque estamos doentes; se cahirem ao chão, é porque somos mortos. — Grimm indica a mesma idéa nos contos indianos. Ora tal idéa é bastante extraordinaria, e muito mais ainda o encontral-a simultaneamente na India, na Germania e na America central. Se ella se encontrasse sómente nos contos indianos e germanicos, poderíamos consideral-a como uma antiga propriedade aryana; mas quando a encontramos na America central, só nos restam dois meios de sahir da difficuldade: ou é preciso admittir que houve, n'uma época recente troca de idéas entre os colonos europeus e os novelleiros indigenas da America... ou então se não existe algum elemento intelligivel e verdadeiramente humano n'esta supposta sympathia entre a vida das flôres e a dos homens. » ¹ O facto da existen-

¹ Max-Müller, *Essais de Mythologie comparée*, pag. 318.

cia simultanea na India e no Mexico de uma tal tradição, conduz a determinar a unica filiação historica possivel e confirmada hoje na sciencia. Antes da civilisação aryana existiu na Asia a civilisação *turaniana*, que lhe serviu de base de desenvolvimento; nos costumes do Mexico conservam-se tambem muitas fórmulas communs ás raças tartaras e basca, que são de origem mongoloide; além d'isso na Europa, os elementos basco, turco, magyar e finlandez são os restos da primitiva civilisação *Proto-Historica* turaniana. O costume supracitado é uma revivescencia de crenças de uma raça que foi repellida da Europa central pelas migrações indo-européas, revivescencia motivada pela tradição de origem turaniana trazida da Asia central. Max-Müller explicava estas analogias por motivos subjectivos do sentimento humano « e que não é necessario admittir uma relação historica entre os aborígenes do Guatemala e os Aryanos da India e da Germania. » ¹ Diante da descoberta dos monumentos accádicos e da reconstrucção da civilisação turaniana, a verdade está do lado da realidade historica.

Crêmos ter até aqui provado o gráo e condição de superioridade das raças selvagens do Brazil, pelas suas relações anthropologicas com a grande raça amarella. A mestiçagem com este elemento indigena deu na nacionalidade brasileira populações activas e individualidades dotadas de um grande sentimento artistico. A raça amarella, como a caracterisam os anthropologistas é essencialmente activa. A cooperação das tres grandes raças humanas, a árica pela capacidade *especulativa*, a negra pela sua superioridade *affectiva*, e a indigena pela tendencia *activa*, ² unificando-se no facto social da nacionalidade brasileira, fazem-nos augurar qual será a extra-

² Ibid., pag. 320.

¹ Comte, *Système de Politique*, t. II, pag. 462.

ordinaria grandeza da Civilização sul-americana, de que o Brazil terá a hegemonia. As tradições aqui reunidas representam o que os romanos designavam como *indole* d'essa assimilação organica, que se tornará consciente.

THEOPHILO BRAGA.

CONTOS POPULARES DO BRAZIL

Secção primeira

CONTOS DE PROVENIENCIA EUROPÊA

I

O Bicho Manjaléo

(Sergipe)

Uma vez existia um velho casado que tinha tres filhas muito bonitas; o velho era muito pobre e vivia de fazer gamellas para vender. Quando foi um dia chegou a sua porta um moço muito formoso, montado n'um bello cavallo e lhe fallou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que se não lh'a vendesse o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavalleiro, o pai da familia não quiz mais trabalhar nas gamellas, por julgar não o precisava mais de então em diante; mas a mulher instou com elle para que não largasse o seu trabalho de costume, e elle obedecia.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um ou-

tro moço, ainda mais bonito, montado n'um cavallo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar-lhe uma de suas filhas. O pai ficou muito incommodado; contou-lhe o que lhe tinha acontecido no dia antecedente, e recusou-se ao negocio. O moço o ameaçou tambem de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quiz continuar a fazer as garmellas e a mulher o aconselhou até elle continuar. Pela tarde seguinte; appareceu outro cavalleiro ainda mais bonito, e melhor montado, e, pela mesma fórma, carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A familia cá ficou muito rica; depois appareceu a velha pejada e deu á luz um filho que foi criado com muito luxo e mimo. Quando chegou o tempo do menino ir para a escola, n'um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse: «Ah! tu cuidas que teu pai foi sempre rico!... Elle hoje está assim porque vendeu tuas irmãs!...» O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas quando foi moço lá n'um dia se armou de um alfange e foi ao pai e á mãe e lhes disse que lhe contassem a historia de suas tres irmãs, senão os matava. O pai lhe teve mão, e contou o que se tinha passado antes d'elle nascer. O moço então pediu que queria sahir pelo mundo para encontrar suas irmãs, e partiu. Chegando em um caminho, viu n'uma casa tres irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Elle chegou e perguntou o que era aquillo, e para que prestavam aquellas cousas.

Os tres irmãos responderam que — aquella bota se dizia: «*Bota, me bota em tal parte!*» e a bota botava; á carapuça se dizia: «*Esconde-me, carapuça!*» e ella escondia a pessoa que ninguem a visse; e a chave abria qualquer porta.

O moço offereceu bastante dinheiro pelos objectos, os irmãos aceitaram, e elle partiu. Quando se encobriu da casa, disse: «Bota, me bota na casa de minha irmã primeira.» Quando abriu os olhos estava lá. A casa era um palacio muito ornado e rico, e o moço mandou pedir licença para entrar e fallar com a irmã, que estava feita rainha. Ella não queria apparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, depois de muita instancia, deixou o estrangeiro entrar; elle contou toda a sua historia, a irmã o acreditou, e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como podia ter chegado alli áquellas brenhas, e o irmão disse-lhe o poder da bota. Pela tarde, a rainha se poz a chorar e o irmão lhe indagou da razão, ao que ella respondeu — que seu marido era o *rei dos peixes*, e, quando vinha jantar, era muito zangado, em termos de acabar com tudo e não queria que ninguem fosse ter ao seu palacio... O moço disse-lhe que por isso não se incommodasse, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era a carapuça. Pela tarde, veiu o *rei dos peixes*, acompanhado de uma porção de outros, que o deixaram na porta do palacio e se retiraram. Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: «Aqui me fede a sangue real, aqui me fede a sangue real!...» do que a rainha o dissuadia; até que elle tomou o banho e se desencantou n'um bello moço.

Seguia-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe: «Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?» — «Tratava e venerava como a você mesma; e si está ahí appareça.»

Foi a resposta do rei. O moço appareceu, e foi muito considerado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar alli, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe indagou que prestimo tinha aquella bota, e quando soube do que valia disse: « Se eu a apanhasse ia vêr a rainha de Castella. » O moço, não querendo ficar, despediu-se, e, no acto da sahida, o cunhado lhe deu uma *escama*, e disse-lhe: « Quando vossê estiver em algum perigo, pegue n'esta escama, e diga: « Valha-me o rei dos peixes. » O moço sahiu, e, quando se encobriu do palacio, disse: « Bota, me bota em casa de minha irmã segunda; » e, quando abriu os olhos, lá estava. Era um palacio ainda mais bonito e rico do que o outro. Com alguma difficuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem. Depois de muita conversa, a sua irmã do meio se poz a chorar, dizendo que era « por estar elle alli, e, sendo seu marido *rei dos carneiros*, quando vinha jantar, era dando muitas marradas, em termos de matar tudo. »

O irmão apaziguou-a, dizendo que tinha onde se esconder. Com poucas, chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito alvo e bello na frente; este entrou e os outros voltaram. (*Segue-se uma scena em tudo semelhante á que se passou em casa do Rei dos peixes*).

Na despedida, o *rei dos carneiros* deu ao cunhado uma *lanzinha*, dizendo: « Quando estiver em perigo, diga: Valha-me o rei dos carneiros. » Tambem disse, depois de saber a virtude da bota: « Se eu pegasse esta bota, ia vêr a rainha de Castella. »

O moço foi reparando n'isto, e formou logo comsigo o plano de ir vêl-a. Sahiu, e pela mesma fórma, foi a casa de sua irmã mais moça. Era um palacio ainda mais bonito e rico do que os outros dous. (*Seguem-se as mesmas scenas que nas outras duas visitas*). Era o palacio do *rei dos pombos*, e este, na despedida, deu ao cunhado uma *penna*, com as palavras: « Quando se vir n'algum perigo, diga: « Valha-me o rei dos pombos. » Na despedida, sabendo o rei do prestimo da bota, mos-

trou também desejos de ir visitar a rainha de Castella.

Logo que o moço se viu longe de palacio, disse: « Bota, bota-me agora na terra da rainha de Castella. » Assim foi. Chegado lá, elle indagou que « era uma princeza que o pai queria casar, e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palacio que não olhasse logo para cima para vê-la na janella; mas a princeza tinha dito ao rei que só casava com o homem que passasse por ella sem levantar a vista. »

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distancia sem olhar, e a princeza casou com elle.

Depois de casados, ella indagou pela significação d'aquelles objectos que seu marido sempre trazia consigo; elle tudo lhe contou, e a princeza prestou muita attenção ao prestigio da chave.

O rei, seu pai, tinha em palacio um quarto que nunca se abria, e n'este quarto, onde era prohibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléo, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia. A moça tinha muita curiosidade de o vêr, e, aproveitando a sahida do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo: « *Aqui mesmo é quem queria!...* » e fugiu com ella para as brenhas.

Quando voltaram os caçadores, deram por falta da princeza, e ficaram muito afflictos. O rei foi ao quarto do Manjaléo, e achou-o aberto e vazio, e o novo principe conheceu a sua chave... Ao depois valeu-se de sua bota e foi ter aonde estava sua mulher. Esta quando o viu, estando ausente o Manjaléo, ficou muito alegre, e quiz ir-se embora com elle. Mas o marido o não consentiu, dizendo que ella ficasse ainda para indagar do monstro onde estava a sua *vida*, para assim dar-se cabo d'elle. O principe foi-se embora. Quando o Manja-

léo voltou conheceu que alli tinha estado *bicho homem*; a moça o dissuadiu, e quando elle se acalmou, ella lhe perguntou onde estava a sua *vida*. O monstro zangou-se muito, e disse: « Ah! tu queres saber de minha vida mais o teu marido para darem cabo de mim!... Não te digo, não... »

Passaram-se dias, sempre a moça instando. Afinal, elle foi amolar um alfange, dizendo: « Eu te digo onde está a Minha vida; mas se eu sentir qualquer incommodo, conheço que ella vai em perigo, e, antes que me matem, mato a ti primeiro, queres?! »

A princeza respondeu que sim. O Manjaléo amolou o alfange, e disse-lhe: « Minha vida está no mar; dentro d'elle ha um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar eu morro. » O bicho sahiu e foi procurar fructas; chegou o principe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléo veiu e deitou-se no collo da moça com o alfange alli perto. O principe chegou com a sua bota á praia do mar n'um instante; lá pegou na escama, que tinha, e disse: « Valha-me o *rei dos peixes!* » De repente uma multidão de peixes appareceu, indagando o que elle queria.

O principe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu: « N'este instante dei uma encontroada n'elle. » Todos os peixes foram e botaram o caixão para fóra. O principe o abriu e deu com a pedra; ahi pegou na lanzinha e disse: « Valha-me o *rei dos carneiros!* » De repente appareceram muitos carneiros e entraram a dar marra-das na pedra. O Manjaléo lá começou a sentir-se doente, e dizia: « Minha vida, princeza, corre perigo! » E pegou no alfange; a moça o foi dissuadindo e *engam-*

bellando. ¹ Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O principe pegou na penna e disse : « Valha-me o rei dos pombos ! » Chegaram muitos pombos e correram atraz da pomba até que a pegaram. O principe abriu-a e achou o ovo. Quando estava n'isto, lá o Manjaléo estava muito desfallecido, pegou no alfange e ia dando um golpe na prínceza. Foi quando cá o principe quebrou o ovo, e apagou a vela ; ahi o bicho cahiu sem ferir a moça. O principe foi ter com ella, e levou-a para palacio, onde houve muitas festas.

II

Os tres coroados

(Sergipe)

Foi um dia, havia tres moças já orphãs de pai e mãe. Uma vez, ellas estavam todas tres na sacada de seu sobrado, quando viram passar o rei. A mais velha disse : « Se eu me casasse com aquelle rei, fazia-lhe uma camisa como elle nunca viu. » A do meio disse : « Se eu me casasse com elle, lhe fazia uma ceroula como elle nunca teve. » A caçula disse : « E eu, se me casasse com elle, paria tres coroados. »

O rei ouviu perfeitamente a conversa, e, quando foi no dia seguinte, foi ter a casa das moças e lhes disse : « Apareça a moça que disse que, se se casasse commigo, paria tres coroados. » A moça appareceu, e o rei levou-a, e casou-se com ella. As irmãs ficaram com muita inveja e fingiram não tel-a. Quando a moça appareceu grávida, as irmãs metteram-se dentro do palacio, com apparencias de ajudal-a em seus trabalhos. Aproximan-

¹ Enganando.

do-se o tempo de dar a rainhá á luz, as suas irmãs se offereceram para servir-a e dispensar a parteira. Chegando o dia, ellas muniram-se de um *sapo*, uma *cobra* e um *gato*. Quando nasceram os *tres coroados*, ellas os esconderam dentro de uma boceta, e mandaram largar no mar. Apresentaram, então, ao rei os tres bichos, dizendo: «Ahi estão os *coroados* que aquella impostora pariu.» O rei ficou muito desgostoso e mandou enterrar a mulher até aos peitos, perto da escada do palacio, dando ordem a quem por alli passasse para cuspir-lhe no rosto. Assim se fez. Mas um velho pescador encontrou no mar a boceta, apanhou-a, e abriu e encontrou os tres meninos ainda vivos e muito lindinhos. Ficou muito alegre, e levou-os para casa para crear. A velha, sua mulher, se desvelou muito no trato das crianças. Quando estas cresceram a ponto de poderem ir para a escola, foram e passavam sempre pelo palacio do rei. As cunhadas d'elle viram, por vezes, passar os meninos e os conheceram.

Um dia os chamaram, e se puzeram com muitos agrados com elles, e lhes deram de presente tres fructas envenenadas, a cada um a sua.

Os meninos comeram as fructas, e viraram todos tres em pedra. Os velhos ficaram muito afflictos com aquillo, e toda a cidade fallou no caso.

Mas a velha, que era adivinha, disse ao marido: «Não tem nada; eu vou a casa do Sol buscar um remedio para as tres pedras virarem outra vez em gente.» Partiu montada a cavallo.

Depois de andar muito tempo, encontrou um rio muito grande e bonito. O rio lhe disse: «Ó minha avó, aonde vae?» A velha respondeu: «Vou a casa do Sol para elle me ensinar que remedio se deve dar a quem virou para pedra para tornar a virar para gente.» O rio lhe disse: «Pois então pergunte tambem a elle a razão porque, sendo eu um rio tão bonito, grande e fun-

do, nunca criei peixe.» A velha seguiu. Adiante encontrou um pé de fructa muito copado e bonito; mas sem uma só fructa. Ao avistar a velha, a arvore disse: «Onde vae, minha velhinha?» — «Vou a casa do Sol buscar uma mésinha para gente que virou pedra.» — «Pois pergunte a elle a razão porque, sendo eu tão grande, tão verde e tão copada, nunca dei um só fructo...» A caminheira seguiu. Depois de andar muito, passou pela casa de tres moças, todas tres solteiras e já passando da idade de casar. As moças lhe disseram: «Onde vae, minha avó?» A velha contou onde ia. Ellas lhe pediram para indagar do Sol o motivo porque, sendo ellas tão formosas, ainda se não tinham casado. A velha partiu e continuou a caminhar. Ainda depois de muito tempo é que chegou a casa da mãe do Sol. A dona da casa recebeu-a muito bem; ouviu toda a sua historia e encomendas que levava, e escondeu-a em razão de seu filho não querer extranhos em sua casa, e quando vinhá era muito zangado e queimando tudo. Quando o Sol chegou vinha desesperado e estragando tudo o que achava: «Fum... aqui me fede a sangue real!... aqui me fede a sangue real!...» — «Não é nada não, meu filho, é uma gallinha que eu matei para nós jantar.»

Assim a mãe do Sol o foi enganando, até que elle se aquietou e foi jantar. Na mesa da janta sua mãe lhe perguntou: «Meu filho, um rio muito fundo e largo porque é que não dá peixe?» — «É porque nunca matou gente.» Passou-se um pouco de tempo e a velha fez outra pergunta: «E uma arvore muito verde e copada, porque é que não dá fructa?» — «Porque tem dinheiro enterrado em baixo.» Pouco tempo depois outra pergunta: «E umas moças bonitas e ricas porque não casam?» — «Porque costumam mijar para o lado em que eu nasço.» Deixou passar mais um tempinho e perguntou: «E qual será o remedio para gente que tiver virado pedra?» Ahi o Sol enfadou-se e disse: «O que

querem dizer hoje estas perguntas?» A mãe respondeu : « Não é nada, meu filho ; eu é que ás vezes, porque vivo aqui sósinha, me ponho a imaginar estas tolices. » O Sol foi e respondeu : « O remedio é tirar da minha bocca, quando eu estiver comendo, um bocado e botar em cima da pedra. » A velha, d'ahi a pouco, fingiu um espanto, levou a mão á bocca do Sol e tirou o bocado, dizendo : « Olha, meu filho, um cisquinho na comida ! » E guardou o bocado. D'ahi a pedaço a mesma cousa : « Olha um cabello, meu filho ! » E escondeu mais um bocado. N'uma terceira vez, ella fez o mesmo e o Sol se levantou aborrecido, fallando : « Ora, minha mãe, seu de comer hoje está muito porco ; não quero mais. » Deitou-se, e no dia seguinte foi-se embora para o mundo. Sua mãe foi á velhinha, que estava escondida, e lhe contou tudo, dando os tres bocados. A velha pôz-se a caminho para traz. Passando por casa das moças, ahi dormiu, sem querer dizer a razão porque ellas não casavam. No dia seguinte, bem cedo, ella levantou-se e as moças tambem. Ellas correram logo para o logar onde costumavam urinar voltadas para o nascer do sol. A velha as reprehendeu, dizendo : « É esta a razão de vocês não casarem ; percam este costume de urinar para a banda d'onde o sol nasce. » As moças assim fizeram e logo acharam casamento. A andadeira tomou o seu caminho e foi-se embora a toda a pressa. Chegando na fructeira, pôz-se debaixo d'ella a cavar sem dizer nada ; quando puxou um grande caixão, então disse porque a fructeira não dava fructas. O pé da arvore começou logo a carregar que parecia praga. A velha seguiu. Ao chegar ao rio, elle lhe indagou do seu recado : « Logo lhe digo ; » e a velha foi passando depressa. Quando se viu bem longe, gritou : « É porque nunca matou gente. » O rio botou logo uma enchente tão grande, que por um triz não matou a velha. A final foi ella ter em casa. Sem mais demora applicou os tres bocados em cima das tres pedras, e os

meninos se desencantaram. A noticia d'estas cousas chegou aos ouvidos do rei. Elle mandou um dia convidar o velho com os tres meninos para jantarem em palacio. O velho não quiz ir, nem mandar os meninos; o rei o intimidou até que foram os meninos. Mas a velha ensinou aos meninos: « Quando vocês lá chegarem, meus filhinhos, que passarem pela escada, se ponham de joelhos e tomem a benção áquella pobre mulher que lá está enterrada, parecendo um cadaver, porque é a mãe de vocês. Na janta não queiram ir para a mesa sem que o rei mande desenterral-a, e botar tambem na mesa. Quando elle der a cada um o seu prato não comam e dêem todos tres a ella, que os ha de devorar n'um instante, pois está morta de fome. Ahi as duas moças que lá tem, que são tias de vocês, hão dizer: « Que barriga de monstro que cabe tres pratos de uma vez! » A isto vocês respondam, tirando os bonés e dizendo: « Não é de admirar que caiba tres pratos de comida, quando tres coroados! » e mostrem ao rei as cabeças. Assim foi: os meninos executaram fielmente as recommendações da velha. *(Todas as cousas se repetiram pela fôrma indicada pela velha adivinha com grande surpresa para o rei e desapontamento para as duas infames malfetoras)*. Tudo acabado, o rei, que ficou vivendo com sua mulher, que voltou á sua antiga belleza, e os seus filhinhos em palacio, perguntou-lhes o que queriam que elle fizesse ás duas damnadas. Os meninos responderam que « elle mandasse buscar quatro burros bravos e as amarasse nos rabos. » Assim fizeram, e ellas morreram lascadas ao meio.

III

O rei Andrade

(Sergipe)

Havia um rei de nome Andrade, que tinha tres filhas, e lhes disse que o que sonhassem lhe contassem todos os dias pela manhã. Uma d'ellas logo no dia seguinte, contou ao rei um sonho que foi o seguinte: « Sonhei que havia de mudar de estado n'estes poucos dias, e cinco reis haviam de me beijar a mão, e entre elles el-rei meu pai. » O rei ficou muito zangado com a filha e lhe ordenou que, se de novo sonhasse aquillo, não lhe contasse mais, senão a mandaria matar. A moça tornou a sonhar cousa semelhante, e pela manhã, apesar de lhe rogarem as irmãs, ella contou o sonho ao pai. Elle mandou matal-a, e cortar-lhe o dedo mendinho que os matadores lhe deviam trazer.

Os criados do rei levaram a princeza para um ermo, e tiveram pena de a matar; cortaram-lhe sómente o dedo, que levaram ao rei, deixando a moça nas brenhas. Ella começou a caminhar, e, muito longe, encontrou um buraco, e entrou por elle dentro, e, quanto mais entrava, mais o buraco se alargava, até que ella foi dar n'um rico palacio. Ahi ella tinha o almoço, a janta, e a cêa, sem vêr ninguem, porque o palacio era encantado. Apenas ella ouvia, de um quarto que estava fechado, fallar um papagaio. Depois de alguns dias, appareceu-lhe um lindo moço que lhe deu a chave do quarto, e disse que o abrisse e respondesse ao papagaio cousa que fizesse sentido ao que elle dissesse. O moço desapareceu. A princeza abriu a camarinha, e o papagaio, que era muito grande e bonito, e das azas douradas, ficou muito alegre, sacudindo-se todo, e disse:

« Como vem a filha
Do rei Andrade
Tão bonita,
Tão formosa,
E tão ornada! »

— Ó meu papagaio dourado,
Eu das tuas ricas pennas
Pretendo fazer um toucado.

Ahi o papagaio desencantou-se no lindo moço que d'antes lhe tinha apparecido, o qual moço mandou logo vir um padre e se casou com a princeza, mandando convidar cinco reis, que no cortejo beijaram a mão de sua noiva. No meio d'elles veio o rei Andrade. Todos os outros beijaram a mão da princeza, e, quando chegou a vez do rei Andrade, a nova rainha não lhe quiz dar a mão ; pelo que elle ficou muito injuriado, e foi queixar-se ao rei seu amigo, e dono da casa. O noivo, indo perguntar a razão d'aquillo, a moça lhe contou a sua historia, o que sabendo o rei Andrade foi pedir perdão a sua filha.

IV

O pinto pellado

(Sergipe)

Foi um dia um pinto pellado, estava pinicando n'um terreiro, achou um papelzinho e disse : « Bravo ! vou levar esta carta a rei, meu senhor. » E partiu. Chegando adiante, encontrou uma raposa, que lhe disse : « Aonde vae pinto pellado? » — « Quirrichi ; vou levar esta carta a rei, meu senhor. » — « Apois eu tambem quero ir. » — « Apois entre aqui no meu oveiro ; » respondeu o pin-

to. A raposa ¹ entrou e o pinto seguiu. Chegando mais adiante encontrou um rio, que lhe perguntou: «Aonde vae pinto pellado?» — «Quirrichi; vou levar esta carta a rei, meu senhor.» — «Eu tambem quero ir.» — «Apois entre aqui no meu oveiro.» Seguiu. Chegando adiante encontrou um espinheiro, que lhe perguntou: «Aonde vae pinto pellado?» — «Quirrichi; vou levar esta carta a rei, meu senhor.» — «Eu tambem quero ir.» — «Apois entre aqui no meu oveiro.» Seguiu, e, depois de muito andar, foi ter no palacio do rei. Entrou e entregou a carta. O rei se zangou por aquelle atrevimento do pinto lhe ir levar um papel sujo, e o mandou jogar entre as gallinhas e gallos do poleiro, muito o espancaram. Ahi o pinto largou a raposa que cahiu em cima dos gallos e gallinhas e acabou *com tudo*. O pinto largou-se para traz a toda a pressa. O rei, quando deu por falta de suas gallinhas, mandou pegar o pinto. Sahiu gente atraz d'elle. Mas o pinto quando avistou a gente, largou o rio. Foi agua por cima do tempo, e a gente não pôde passar. Arranjaram canôas, e passaram sempre; mas o pinto pellado já estava longe. A tropa avançou na carreira, e quando ia chegando perto do pinto, elle largou o espinheiro, e gerou-se no mundo aquella matta de espinhos muito grande e serrada que ninguem pôde varar. Então voltaram todos para traz, e o pinto pellado teve tempo de chegar ao seu terreiro, onde ninguem mais o incomodou.

¹ Canis vulpis.

V

Uma das de Pedro Malas-Artes

(Sergipe)

Um dia, Pedro Malas-Artes foi ter com o rei e lhe pediu tres botijas de azeite, promettendo-lhe levar em troca tres mulatas moças e bonitas. O rei aceitou o negocio. Pedro sahiu e foi ter a casa de uma velha alli pela noitinha; pediu-lhe um rancho, e que lhe botasse as botijas no poleiro das gallinhas. A velha concordou com tudo. Alta noite, Pedro Malas-Artes levantou-se, foi de de pontinha de pé ao poleiro, quebrou as botijas, derramou o azeite, lambuzando as gallinhas. De manhã muito cedo Malas-Artes acordou a velha, e pediu-lhe as botijas de azeite. A velha foi buscal-as, e, achando-as quebradas, disse: « Pedro, as gallinhas quebraram as botijas e derramaram o azeite. » — « Não quero saber d'isso, disse Pedro; quero para aqui meu azeite, senão quero tres gallinhas. » A velha ficou com medo, deu-lhe as tres gallinhas. Malas-Artes partiu e foi á noite a casa de outra velha; pediu rancho e que agasalhasse aquellas tres gallinhas entre os perús. A velha, como tola, consentiu. Alta noite, Pedro se levantou, foi ao quintal, matou as tres gallinhas, besuntando de sangue os perús. No dia seguinte, bem cedo, acordou a velha, pedindo as suas gallinhas, porque queria seguir viagem. A velha foi buscal-as e encontrou o destroço; voltou afflicta, contando a Malas-Artes. Elle fez um grande barulho até levar seis perús em troca das gallinhas. Na noite seguinte, foi ter a casa de um homem que tinha um chiqueiro de ovelhas, e pediu-lhe para passar a noite em sua casa e que lhe agasalhasse aquelles perús lá no chiqueiro das ovelhas, porque bicho com bicho se accommodavam bem. O

homem assim fez. Tarde da noite, Pedro foi ao lugar onde estavam os perús, e matou-os a todos labreando de sangue as ovelhas. Pela manhã levantou-se bem cedo e pediu ao dono da casa os seus perús. O homem indo-os buscar, achou-os mortos, e voltou muito afflicto, dizendo: « Pedro, não sabe? as ovelhas mataram os seus perús. » Ouvindo isto, Malas-Artes fez um grande espalhafato, gritando que o homem tinha morto os perús do rei e recebeu seis ovelhas pelos perús. Largou-se, indo dormir na casa de um homem que tinha um curral de bois. Ahi elle fez as mesmas artimanhas, até pegar seis bois pelas seis ovelhas. Mais adiante, elle encontrou uns vendilhões de ouro e trocou os bois por ouro. Mais adiante encontrou uns homens que iam carregando uma rêde com um defunto. Pedro perguntou quem era, disseram-lhe que era uma moça. Elle pediu para ir enterrar-a e elles deram. Logo que os homens se ausentaram, elle tirou a moça da rede, encheu-a de bastante ouro e enfeites, e foi ter com ella nas costas a casa de um homem rico que havia alli perto. Pediu rancho, e disse ás filhas do tal homem que aquella era a filha do rei que estava doente, e elle andava passeando com ella, e pediu que a fossem deitar. Foram levar a moça para uma camarinha indo Malas-Artes com ella, dizendo que só com elle ella se accommodava. Deitou a moça defunta na cama e retirou-se, dizendo ás donas da casa: « Ella custa muito a dormir, ainda chora como se fosse uma criança, quando chorar mettam-lhe a corréa. » Alta noite, Pedro foi e se escondeu debaixo da cama onde estava a morta e pôz-se a chorar como menino. As moças da casa suppondo ser a filha do rei, deram-lhe muito até ella se calar, que foi quando Pedro se calou. Depois elle escapuliu e foi para seu quarto. De manhã elle pediu a moça, que queria ir-se embora. Foram vêr a filha do rei, e nada de a poderem acordar. Afinal conheceram que estava morta, e vieram dar parte a Malas-Artes. Elle pôz

as mãos na cabeça, dizendo : « Estou perdido ; vou para a forca ; me mataram a filha do rei !... » Os donos da casa ficaram muito afflictos, e começaram a offerecer cousas pela moça, e Pedro sem querer aceitar nada, até que elle mesmo exigiu tres mulatas das mais moças e bonitas. O homem rico as deu, e Pedro disse que dava uma desculpa ao rei sobre a morte de sua filha, e lhe dava de presente as tres mulatas, para o rei não se agastar muito. Malas-Artes largou-se e foi logo para palacio, onde entregou ao rei as tres mulatas com este ditto : « Eu não disse a vossa magestade que lhe dava tres mulatas pelas tres botijas de azeite ? Ahi estão ellas. » O rei ficou muito admirado.

*Entrou por uma porta,
Sahiu por outra ;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte outra.*

VI

O Sargento verde

(Sergipe)

Havia um homem rico que tinha uma filha muito formosa ; appareceu uma vez um moço tambem muito bonito que quiz casar com ella. Contractaram o casamento. Mas Nossa Senhora, que era madrinha da noiva, lhe appareceu e disse : — « Minha filha, tu vaes te casar com o cão ; quando fôr no dia do casamento, depois da festa acabada, teu marido ha de querer te levar para casa d'elle ; tu, então, debes dizer a teu pai que só queres ir no cavallo mais magro e feio de todos, e quando chegares a um logar da estrada onde faz cruz, teu ma-

rido ha de tomar pela esquerda, tu debes tomar pela direita e mostrar-lhe o teu roزاری para elle *estourar* e sumir-se para o inferno.» ¹ Passou-se. Quando foi no dia do casamento houve muito pagode e divertimento; mas a moça sempre triste.

Quando chegou a hora da partida veiu um cavallo muito bonito e muito bem arreado para a moça se montar. Ella disse ao pai que não queria aquelle, e só o mais feio e magro. O pai se espantou muito e não quiz concordar; a final foi obrigado a fazer os gostos da filha. Partiram os noivos; quando chegaram longe da casa havia no caminho uma encruzilhada; ahi o cão quiz botar a moça adiante pelo lado esquerdo. Então a moça disse: «Vá o senhor adiante que sabe do caminho de sua casa e não eu que nunca lá fui.» O cão ahi se zangou; mas a moça tomou pela estrada da direita, mostrando-lhe o roزاری. O cão estourou, e foi cahir nas profundas, e a moça seguiu a toda a bride. ² A mais adiante, ella cortou os cabellos e vestiu-se de homem, toda de verde. Chegando a um reino, foi servir na guarda do rei com o posto de sargento. A gente toda a chamava de *Sargento verde*. O rei tomou-lhe muita amizade, tanto que quasi todas as tardes o convidava para ir passear com elle no jardim. A rainha ficou, com poucos dias, apaixonada por Sargento verde. Uma tarde, depois de jantar, tendo-o o rei convidado para passear no jardim, ao passar elle pela rainha, ella lhe disse: «Olha, Sargento verde, que lindos olhos, e que lindo corpo para divertir contigo!» O Sargento respondeu: «Não sou falso a meu rei.» A rainha despeitada levantou-lhe um aleive ao rei: «Saberá vossa real magestade que Sar-

¹ É crença popular que o diabo quando se vira em alguma pessoa ou animal, e depois se *desencanta*, dá um estouro que fede a enxofre.

² Brida.

gento verde disse que se atrevia a subir e a descer as escadas de palacio montado no seu cavallo a toda a bridade, dançando e atirando para o ár tres limas e todas tres cahirem n'um copo. » O rei ficou muito admirado e mandou chamar Sargento verde, e contou-lhe o caso. O Sargento respondeu: « Saberá rei meu senhor que eu não disse tal; mas como a rainha minha senhora disse, eu vou fazer. » Sahiu muito triste, e foi ter com o seu cavallo e lhe contou tudo; o cavallo disse que elle não se importasse, que no dia marcado fosse sem medo.

No dia marcado Sargento verde apresentou-se e andou pelas escadas a cavallo, correndo para cima e para baixo, dançando e atirando para o ár tres limas e aparando todas tres n'um copo. Houve muito *viva*, e a rainha ficou desesperada. Passaram-se dias; indo o rei passear de novo com Sargento verde no jardim, ao passar elle pela rainha, ella lhe disse: « Olha que lindos olhos e que lindo corpo para divertir comtigo! » — « Não sou falso a meu rei, » foi o que elle disse. A rainha, despeitada ainda mais, levantou-lhe outro aleive, que foi: « Saberá vossa real magestade que Sargento verde disse que era capaz de plantar na hora do almoço uma bananeira no chão do palacio, e, quando fosse na hora do jantar, estar ella deitando cachos com bananas maduras. » O rei mandou chamal-o e perguntou-lhe se elle se atrevia a tanto, e elle deu igual resposta á primeira e sahiu vexado e foi ter com o seu cavallo, que o animou muito. No dia seguinte, na hora do almoço do rei, Sargento verde levou um filho da bananeira, que na hora do jantar estava cahindo de carregado de bananas madurinhas. Houve muito *viva* e muita *saude*, e a rainha ficou ainda mais desesperada. Passados dias houve novo passeio do rei e do Sargento no jardim, e novo offercimento da rainha, e igual resposta do moço. A rainha armou-lhe novo aleive, que foi: « Saberá vossa real magestade que Sargento verde disse que se animava a

andar montado no seu cavallo no largo do palacio, por cima de duas fileiras de ovos sem quebrar um só. » (*Segue-se outra scena equal ás precedentes*). No dia seguinte o Sargento verde caminhou diante de muita gente, por cima das fileiras de ovos sem quebrar nenhum. Houve muita festa. A rainha ainda mais apaixonada ficou. Passados dias ella armou-lhe novo falso, que foi: « Saberá vossa real magestade que Sargento verde disse que se atrevia a ir buscar no fundo do mar a sua irmã a princeza encantada. » Chamado pelo rei, Sargento ficou triste; mas não negou, e foi fallar com o seu cavallo que lhe disse: « Não tem nada; muna-se minha senhora de um garrafão de azeite doce, de um punhado de sal e de uma carta de alfinetes; monte-se em mim, chegue na praia, com a sua espada corte as ondas¹ em cruz, que as aguas se hão de abrir; entre, bote a moça de garupa, e largue para traz a toda a pressa e bote sentido nas tres palavras que a moça disser no caminho. Tenha cuidado no bicho feroz que guarda a princeza, porque elle ha de perseguil-a atraz; largue-lhe o sal e a carta de alfinetes. » Chegado o dia, Sargento preparou-se e se pôz a caminho montado no seu cavallo, fez tudo como lhe disse o cavallo, servindo-se da espada para abrir, e do azeite para clarear o mar. Tirou a moça e largou-se para traz a toda a bride. Ao sahir do mar a moça disse: « Já! » e o Sargento tomou nota. Estando um pouco adiante olhou para traz e avistou o bicho que vinha damnado correndo, largou o sal e logo gerou-se no mundo um nevoeiro tamanho que o bicho não pôde romper. Continuou; adiante a moça encantada disse: « Bella! » e elle tomou nota ainda. Olhando para traz, lá vinha o bicho outra vez; largou a carta de alfinetes e gerou-se uma matta serrada de espinhos e a fera não

¹ Ondas.

pôde passar. Já perto de palacio a moça disse: « *Tudo!* » elle de novo tomou sentido, e chegaram ao fim da viagem, havendo muita alegria e muitas festas, e a rainha ainda mais perdida ficou pelo Sargento verde.

No emtanto a princeza encantada não fallava; estava muda. Com pouco a rainha levantou um quinto aleive ao Sargento, e foi dizer ao rei que elle se atrevia, segundo dissera, a dar falla á muda. O Sargento foi, como sempre, ter com o seu cavallo, que lhe disse: « Não tenha medo; na hora do almoço dê com uma corda na moça, até ella dizer qual foi a primeira palavra que disse ao sahir do mar, e o que ella quer dizer; no jantar faça o mesmo e indague pela segunda; na ceia o mesmo e indague pela terceira, e a princeza ficará fallando. »

Assim fez elle. No almoço do dia seguinte metteu a corda na princeza com as palavras: « Falle, moça! qual a palavra que disse ao sahir do mar? » A moça calada, e elle a dar-lhe, até que ella disse: « *Já!* » — « O que quer dizer? » A muito custo ella disse: « *Já* — quer dizer — já estou livre de tantos trabalhos. » No jantar houve o mesmo, e a princeza disse: « *Bella!* — quer dizer — são duas donzellas, ella e o Sargento verde que se chama Lucinda. » Na ceia o mesmo, e ella disse a ultima palavra, que quer dizer: « *Tudo!* si Lucinda fosse homem, ha muito el-rei, meu irmão, seria cornudo. » Houve muito espanto de tudo aquillo; o Sargento verde voltou aos trajos de moça; a princeza ainda ficou no palacio e fallando, e o cavallo do Sargento desencantou-se n'um lindo moço. Este se casou com a princeza desencantada; o rei se casou com Lucinda, porque a rainha morreu amarrada em dous burros bravos, por ordem de seu marido.

VII

A Princesa roubadeira

(Sergipe)

Havia um pai que tinha tres filhos ; um d'elles plantou um pé de laranjeira, outro um pé de limeira, e o terceiro um pé de limoeiro. Lá n'um dia, o filho mais velho foi ao pai e lhe disse : « Meu pai, eu já estou moço feito, quero sahir pelo mundo para ganhar a minha vida. » O pai o aconselhou para não fazer aquillo ; mas o moço instou e a final o velho lhe disse : « Pois bem, meu filho, vae, mas tu que queres — a minha benção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito ? » O moço respondeu que queria a maldição com muito dinheiro, e assim o pai fez. O moço dissé aos irmãos que quando a sua laranjeira começasse a murchar, era elle que estava em trabalhos, e lhe acudissem. Partiu. Chegando adiante, já muito cansado e com muita fome, avistou uma fumacinha ao longe e para lá se encaminhou. Era a casa de uma senhora muito rica. Pediu um agasalho e o que comer ; a senhora mandou dar-lhe de jantar. Acabada a janta, o convidou para dar um passeio em sua horta ; antes de chegar a ella tinha de passar um riachinho. Ahi a moça, que era a Princesa roubadeira, suspendeu bastante o vestido a ponto de deixar vêr um tanto das pernas. Passeavam na tal horta, que só tinha couves e mais nada. De volta, a princesa perguntou ao hospede : « Então, o que achou mais bonito na minha horta ? » Elle respondeu : « Couves. » A moça convidou-o ao depois para o jogo, no qual lhe ganhou todo o dinheiro que levava. Acabado o jogo, mandou-o prender e sustentar de couves. Lá em casa do moço a sua laranjeira começou a murchar. O irmão do meio, vendo

isto, foi ao pai e disse: « Meu pai, meu irmão está em trabalhos; eu quero ir atraz d'elle. » O pai custou muito a consentir e a final perguntou: « Tu o que queres — a minha benção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito dinheiro? » Elle quiz a maldição com muito dinheiro. O pai assim fez. O moço partiu. Depois de andar muito, já cançado e com fome, avistou ao longe uma fumacinha, e caminhou para ella. Apareceu-lhe, n'um palacio, uma linda moça, a quem elle pediu de comer e um agasalho. Ella mandou-o entrar, e servir-lhe de jantar. Depois convidou-o para dar um passeio na horta, e elle acceitou. No passar o riachinho a princeza suspendeu os vestidos, deixando vêr as pernas. De volta, ella perguntou ao hospede: « Então, o que viu de mais bonito em minha horta? » Elle respondeu: « Couves. » Lá comsigo a moça disse: Este é como o outro. Convidou-o para jogar; ganhou-lhe todo o dinheiro, e mandou-o prender e cevar de couves. Lá em casa d'elle a limeira começou a murchar, e o irmão mais moço, vendo isto, foi ao pai e disse-lhe: « Meus irmãos, que foram ganhar a vida, estão em perigo, e eu quero ir ao seu encontro. O pai observou: « Meu filho, eu já estou velho, e sendo tu meu filho unico não te vás tambem embora. » O moço insistiu, e o pai lhe fallou: « Então o que queres — minha maldição com muito dinheiro, ou minha benção com pouco? » O filho respondeu: « A benção com pouco dinheiro. » Partiu. Chegando bem longe, encontrou uma velhinha, que era Nossa Senhora, que lhe disse: « Aonde vae, meu netinho? » Ao que respondeu: « Vou ganhar a minha vida. » A velha lhe deu uma toalha, dizendo: « Quando tiveres fome, pega n'ella e diz: « Põe a mesa, toalha! » e a mesa apparecerá. Deu-lhe mais uma bolsa, dizendo: « Esta bolsa tem o mesmo prestimo. » Deu tambem uma violinha, dizendo: « Quando se acabar a toalha e a bolsa, põe-te a tocar n'ella e não has de ter fome. » O moço seguiu o seu caminho; ao

longe avistou uma fumacinha e dirigiu-se para lá. Foi ter a uma casa onde estavam presos os seus dous irmãos. Ahi descansou e jantou. A Princeza roubadeira o convidou para dar um passeio na sua horta; o moço accitou e foram. Ao passar o riachinho, a linda moça levantou os vestidos e mostrou as pernas quasi todas. O moço botou os olhos com cuidado. De volta, a princeza perguntou-lhe: «Então, o que viste mais bonito em minha horta?» — «Com licença da senhora, foram as suas pernas.» Lá comsigo disse a moça: «Este me serve.» Seguiu-se o jogo em que ella lhe ganhou todo o dinheiro e mandou-o prender. Quando chegou a hora de dar de comer aos presos, indo a negra com a comida para elle, não a quiz, dizendo: «Leve lá a sua senhora, que eu não preciso d'ella.» Pegou na toalha e foi comida muita que appareceu logo. Os presos todos, eram muitos, que andavam mortos de fome, comeram a fartar-se, e guardaram muita comida. A negra, vendo aquillo foi ter com a senhora e lhe disse: «Não sabe, minha senhora? aquelle preso de hontem tem uma toalha que basta elle pegar n'ella para apparecer logo muita comida e da melhor. Só vosmecê é que devia possuir aquella toalha, princeza minha senhora.» A princeza roubadeira disse á negra: «Vae perguntar se elle a quer vender.» A escrava foi, e o preso respondeu: «Diga á sua senhora que para ella não é nada; basta que me deixe dormir uma noite na porta do quarto d'ella da banda de fóra.» A escrava levou o recado. A senhora tomou aquillo por um grande desaforo; mas a negra lhe disse que não dêsse attenção áquillo, que não queria dizer nada, e ella ficaria com a sua toalha. — No dia seguinte, ao levar o almoço, não o quiz, e puxou pela bolsa e foi comida por cima do tempo. A negra, que via aquillo, correu e foi contar á senhora: «Não sabe, princeza minha senhora? o preso está terrivel; puxou agora por uma bolsa que só vosmecê possuindo... É melhor que a toalha.» A

ambiciosa mandou offerecer compra pela bolsa. O preso lhe mandou dizer que para ella não era nada; bastava deixal-o dormir no seu quarto da banda de dentro, junto da porta. A roubadeira ficou muito insultada, e pôz-se a rascar. Foi preciso que a escrava lhe dissesse: « Oh! Chonte! minha senhora, que mal faz? Vosmecê dorme em sua cama e aquelle tolo lá no chão. » Fez-se o negocio, e o maganão dormiu dentro do quarto da princeza. No dia seguinte, indo a negra levar o almoço, elle puxou pela viola e pôz-se a tocar, e todos os presos a dançar, e a negra largou os pratos no chão e pôz-se tambem a dançar, e demorou-se muito, a ponto da roubadeira mandar chamar a negra, admirada d'aquella demora. A preta lhe respondeu: « Minha senhora, aquelle preso está com o diabo. Tem agora uma violinha que só vosmecê possuindo... » A princeza mandou logo offerecer dinheiro por ella; o preso não quiz, dizendo: « Esta... só se ella casar commigo!... » A negra foi dar o recado. A moça arrufou-se; mas a final consentiu, e casou-se. Depois d'isto todos os presos foram soltos. Houve muita festa; eu lá estive (diz a *narradeira*) e trouxe uma panellinha de doce, que cahiu alli na la-deira.

*Entrou por uma porta,
Sahiu por um canivete;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte sete.*

VIII

O Passaro preto

(Pernambuco)

Uma vez um homem pobre tinha um passaro preto que estimava muito, e, tendo um filho muito travesso, foi

um dia o menino levar a comida ao passaro e o soltou. O passaro voou e levou o menino preso pelo bico. Depois de uma grande viagem, largou-o n'um rico palacio. Mandou pôr a mesa para o almoço, a qual appareceu bem preparada, e, tendo elle de sahir logo depois, deu ao pequeno uma chave, dizendo que só abrisse o primeiro dos quartos que havia na frente da sala, e que eram sete. O menino, logo que o *padrinho* (assim chamava ao passaro) sahiu, foi e abriu o primeiro quarto, e lá encontrou grande porção de cavallos; elle se divertiu a ponto de se esquecer de comer. No dia seguinte o passaro, antes de sahir, deu-lhe a chave do segundo quarto, e elle o abriu e encontrou uma porção de selins e arreios. Assim o passaro foi-lhe dando as diferentes chaves dos quartos até o quinto. O terceiro era cheio de moças brancas, o quarto de mulatinhas, e o quinto de espadas. Passaram-se tempos e o menino ficou moço feito, e pedia tudo ao padrinho, que lhe respondia que, se elle lhe fizesse sempre a vontade, seria dono de tudo o que alli havia. Depois de vistos os cinco quartos, o padrinho deu-lhe a sexta chave; mas lhe dizendo que não abrisse aquelle quarto, do contrario perderia tudo que elle lhe havia promettido. O moço, não se podendo conter, foi infiel, e abrindo o quarto, achou um bello rio de prata, e n'elle metteu o dedo, que ficou prateado. Pensando que o padrinho não viesse a descobrir, enrolou o dedo n'uma tirinha de panno; mas o passaro que adivinhava tudo, quando chegou, viu o dedo atado, e lhe disse: « Já sei que abriste o quarto! » ao que elle respondeu com medo: « Abri, meu padrinho, mas vosmecê não me castigue. » Disse-lhe o padrinho: « O castigo será amanhã quando de novo me desobedeceres. » Deu-lhe a chave do setimo quarto, e sahiu. O moço não se conteve, e abriu o quarto, onde havia um rio de ouro. Quando o passaro voltou deu-lhe o castigo promettido: tirou-lhe a roupa e mergulhou-o no

rio de prata, e, ao depois, no rio de ouro, e, quando acabou, deitou-o fóra de casa, dando-lhe uma varinha de condão. O moço começou a andar e foi ter a um reino. Ahi encontrou um negro velho, a quem chamou pai Gaforino, e lhe pediu que lhe cedesse a sua roupa velha e suja para encobrir a sua côr e poder entrar na cidade. O negro cedeu; mas uma princeza, que estava na janella do palacio, chegou a vêr *a elle* vestir a roupa velha do preto, e, conhecendo que elle se encaminhava para o palacio, disse ao rei que queria se casar com o peor negro que alli chegasse. O pai, ficando admirado pelo mau gosto da filha, não teve outro remedio senão mandar chamar o negro e contractar o casamento, com o que o moço disfarçado em negro ficou espantadissimo, porque não pensava que tivesse sido visto por *ninguem*. Aceitou a princeza por mulher, e, sempre muito desconfiado, não se deitava na cama com ella, e sim n'uma taboa ao pé do fogo. O rei teve tão grande desgosto, que poz-se de cama em estado de morrer. A familia então fez uma promessa á Padroeira que se o rei escapasse, mandava fazer uma festa na egreja que durasse tres dias. O medico receitou ao rei que comesse tres passaros de plumas; e tendo sabido o negro que os dous genros, que o rei tinha, haviam sahido a procurar, cada qual montado em seu cavallo, pediu á sua varinha de condão uma carruagem e um rico vestuario e tres passaros de plumas. Metteu-se na carruagem com os passaros, e sahiu; mais adiante encontrou os genros do rei. Elles perguntaram se aquelles passaros eram de pluma e se os queria vender. Respondeu que eram de pluma, mas que só os cedia se deixasse elle os ferrar a cada um n'um quarto com o seu ferro. Os moços consentiram, e voltaram para o palacio com os tres passaros, que o rei comeu e ficou bom. Seguiu-se a festa dos tres dias. O negro mandou que sua mulher fosse á egreja vêr a festa, e, occultamente, pediu á sua varinha de

condão que lhe dêsse uma linda carruagem e um vestido da côr do campo com todas as suas flôres. Assim foi, e a mulher seguiu. Depois elle pediu a mesma cousa para si e lá se apresentou com tanta rapidez que a mesma mulher não podia pensar que fosse elle. As duas irmãs casadas que a princeza tinha, com inveja, e desconfiadas, estando na egreja, diziam escarnecendo: « Com um moço assim é que tu devias ter casado e não com um negro. » Ella recebeu tudo com tristeza. No segundo dia de festa, o negro pediu á varinha de condão que fizesse apparecer uma carruagem inda mais rica e um vestido côr do mar, com todos os seus peixinhos, e para elle a mesma cousa, tudo isto sem a mulher saber; e quando voltaram todos da festa, já elle estava no palacio aqueitando fogo com sua roupa de negro. No terceiro dia pediu uma carruagem ainda mais rica e um vestido da côr do céu com todas as suas estrellas, e o mesmo para elle. N'este mesmo dia houve festa em palacio e foram convidados todos os genros do rei e mais mulheres, que se apresentaram muito ricamente vestidas. Então o preto apresentou-se na sua côr verdadeira, e nos mesmos trajos com que estava no dia em que ferrou os cunhados, por seus captivos. Elles ficaram muito espantados, e ainda mais quando o moço foi chamado para a mesa, e disse que não se *assentava* na mesma mesa com os seus captivos. Então o rei lhe perguntou quaes eram alli os seus escravos, e elle apontou para os seus dous concunhados que estavam ferados nos quartos, como el-rei podia examinar. O sogro os chamou para uma camarinha, e lá ficou convencido da realidade, sendo que as mulheres dos dous moços se atiraram da varanda do palacio abaixo, e elles as acompanharam, ficando o rei tão desgostoso, que em pouco tempo morreu, ficando o pai Gaforino senhor de todo o reino.

IX

Dona Labismina

(Sergipe)

Uma vez havia uma rainha, casada já ha muito tempo, que nunca tinha tido filhos, e tinha muita vontade de ter, tanto que uma vez disse: « Permitta Deus que seja uma cobra!... » Passados tempos appareceu grávida, e quando deu á luz foi uma menina com uma cobrinha enrolada no pescoço. Toda a familia ficou muito desgostosa; mas não se podia tirar a cobrinha do pescoço da criança. Foram crescendo ambas juntamente, e a menina tomou muita amizade pela cobrinha. Quando já mocinha, costumava ir passear á beira do mar, e lá a cobra a deixava e fugia para as ondas, mas a princezinha punha-se a chorar até que a cobra voltava, se enrolava outra vez no seu pescoço e iam ambas para palacio, onde ninguem sabia d'isso. Assim foram indo até que um dia a cobra entrou no mar e não voltou mais, porém disse á irmã que, quando se visse em perigo, chamasse por ella. A cobra tinha o nome de Labismina e a princeza o de Maria. Passados annos, cahiu doente a rainha, e morreu; mas na hora de morrer tirou do dedo uma joia e deu ao rei, dizendo: « Quando tiveres de casar outra vez, deve ser com uma princeza em que esta joia der sem ficar nem frouxa, nem apertada. » Depois de algum tempo, o rei quiz se casar e mandou experimentar a joia nos dedos das princezas de todos os reinos, e não encontrou nenhuma em que o annel coubesse pela fórma que lhe tinha recommendado a rainha. Só faltava a princeza Maria, sua filha; o rei chamou-a e botou a joia no seu dedo, e ficou muito boa. Então elle disse á filha que queria se casar com

ella; e, como palavra de rei não volta atraz, a moça ficou muito desgostosa e vivia chorando. Foi ter com Labismina na praia do mar; gritou por ella, e a cobra veio. Maria contou-lhe o caso, e a cobra respondeu: « Não tenha medo; diga ao rei que só casa com elle, se elle lhe der um vestido da côr do campo com todas as suas flôres. » Assim fez a princeza, e o rei ficou muito massado; mas disse que iria procurar. Levou n'isto muito tempo, até que afinal sempre conseguiu. Ahi a princeza tornou a ficar muito triste, e foi ter com a irmã, que lhe disse: « Diga que só casa com elle se lhe der um vestido da côr do mar com todos os seus peixes. » A princeza assim fez, e o rei ainda mais aborrecido ficou. Levou muito tempo a procurar até que arranjou. A moça foi ter outra vez com a Dona Labismina, que lhe disse: « Diga que só casa, se elle lhe der um vestido da côr do céu com todas as suas estrellas. » Ella assim disse ao pai, que ficou desesperado; mas prometeu arranjar. Levou n'isto ainda mais tempo do que das duas outras vezes, até que conseguiu. A princeza, quando o pai lhe deu o ultimo vestido, viu-se perdida e correu para o mar, onde embarcou n'um navio que Dona Labismina tinha preparado, durante o tempo que o rei andou arranjando os vestidos. Labismina recommendou á irmã que seguisse n'aquelle navio, e saltasse no reino onde elle parasse, que n'essa terra ella encontraria casamento com um principe, e que na hora de casar, chamasse por ella tres vezes, que ella se desencantaria n'uma princeza tambem. Maria seguiu. No reino em que o navio parou ella saltou em terra. Não tendo de que viver, foi pedir um emprego á rainha, que a encarregou de guardar e criar as gallinhas do rei. Passados tempos, houve tres dias de festa na cidade. Todos de palacio iam á festa, e a criadeira de gallinhas ficava. Mas logo no primeiro dia, depois que todos sahiram, ella se penteou, vestiu o seu vestido de côr do campo com todas

as suas flôres e pediu a Labismina uma bella carruagem e foi tambem á festa. Todos ficaram muito esbabacados de vêr moça tão bonita e rica, e ninguem sabia quem era. O principe, filho do rei, ficou logo muito apaixonado por ella. Antes de acabar-se a festa, a moça partiu e metteu-se na sua roupinha velha, e foi cuidar das gallinhas. O principe, quando chegou a palacio, disse á rainha: « Viu, minha mãe, que moça bonita appareceu hoje na festa? Quem me dera casar com ella! Só parecia a criadeira de gallinhas. » — « Não digas isto, meu filho; aquella pobre tinha roupa tão fina e rica? Vai vêr como ella está lá em baixo porca e *esmolambada*. » O principe foi onde estava a criada e lhe disse: « Ó criadeira de gallinhas, eu hoje vi na festa uma moça que só se parecia comtigo... » — O *chente*, principe, meu senhor, quer *mangar* commigo... Quem sou eu? » No outro dia, nova festa, e a criadeira de gallinhas foi ás escondidas com o seu vestido de côr de mar com todos os seus peixes, e n'uma carruagem ainda mais rica. Ainda mais apaixonado ficou o principe sem saber de quem. No terceiro dia a mesma cousa, e a criadeira de gallinhas levou o vestido côr de céu com todas as suas estrellas. O principe ficou tão enthusiasmado que foi se pôr ao pé d'ella e lhe atirou no collo uma joia que ella guardou. Chegando a palacio, o principe cahiu doente de paixão e foi para cama. Não queria tomar nem um caldo; a rainha rogava a todas as pessoas para lhe levarem algum caldo, para vêr se elle acceitava, e era mesmo que nada. Afinal só faltava a criadeira de gallinhas, e a rainha mandou-a chamar para levar o caldo ao principe. Ella respondeu: « Ora dá-se! rainha, minha senhora, quer caçoar commigo?! Quem sou eu para principe, meu senhor, acceitar um caldo da minha mão? O que eu posso fazer é preparar um caldo para mandar a elle. »

A rainha concordou, e a criada preparou o caldo, e botou dentro da chicara a joia que o principe lhe tinha

dado na egreja. Quando elle metteu a colher e viu a joia, pulou da cama contente e dizendo que estava bom, e queria se casar com aquella moça que servia de criadeira de gallinhas. Mandaram-na chamar, e, quando ella veiu, já foi prompta, como quando ia á festa. Houve muita alegria e muito banquete, e a princeza Maria se casou com o principe; mas se esqueceu de chamar pelo nome de Labismina, que não se desencantou, e, por isso, ainda hoje o mar dá urros e se enfurece ás vezes.

X

A Raposinha

(Sergipe)

Foi um dia, sahiu um principe a correr terras atraz de arranjar um remedio para seu pai que estava cego. Depois de muito andar, o principe passou por uma cidade e viu uns homens estarem dando de cacete n'um defunto. Chegou perto e perguntou porque faziam aquillo. Responderam-lhe que aquelle homem tinha-lhes ficado a dever, e que por isso estava apanhando, depois de morto, segundo o costume da terra. O principe, que ouvia isto, pegou e pagou todas as dividas do defunto e o mandou enterrar. Seguiu sua viagem. Adiante encontrou uma raposinha, que lhe disse: «Aonde vai, meu principe honrado?» O moço respondeu: «Ando caçando uma mésinha para meu pai que ficou cego.» A raposinha então lhe disse: «Para isto só ha agora um remedio, que é botar nos olhos do rei um pouquinho de *sujidade* de um papagaio do *reino dos papagaios*. Meu principe, vá ao *reino dos papagaios*, entre, á meia noite, no lugar onde elles estão, deixe os papa-

gaios bonitos e falladores que estão em gaiolas muito ricas, e pegue n'um papagaio triste e velho que está lá n'um canto, n'uma gaiola de pau, velha e feia.» O príncipe seguiu. Quando chegou no *reino dos papagaios*, ficou esbabacado de vêr tantas e tão ricas gaiolas de diamantes, de ouro e de prata; nem procurou o papagaio velho e sujo que estava lá n'um canto; agarrou na gaiola mais bonita que viu, e partiu para traz. Quando ia sahindo o papagaio deu um grito, acordaram os guardas, e o perseguiram, até pegal-o. «O que queres com este papagaio?! Has de morrer,» disseram os guardas. O príncipe, com muito medo, lhes contou a historia de seu pai; então elles disseram: «Pois bem; só te damos o papagaio se tu fores ao *reino das espadas*, e trouxeres de lá uma espada.» O moço, muito triste, aceitou e partiu. Chegando adiante lhe appareceu a mesma raposinha, e lhe disse: «Então, meu príncipe honrado, o que tem, que vai tão triste?» O moço lhe contou o que lhe tinha acontecido; e a raposa respondeu: «Eu não lhe disse!? Você para que foi pegar n'um papagaio bonito, deixando o velho e feio? Apois bem; vá ao *reino das espadas*; entre á meia noite. Você lá ha de vêr muitas espadas de todas as qualidades, de ouro, de brilhante e de prata, não pegue em nenhuma. Lá n'um canto tem uma espada velha e enferrujada; pegue n'essa.» O moço seguiu. Quando chegou ao *reino das espadas*, ficou esbabacado, vendo tantas espadas e tão ricas. De teimoso, disse: «Ora tanta espada rica, e eu hei de pegar n'uma ferrugenta!» Pegou logo na mais bonita que viu. Quando ia sahindo, a espada deu um *trinco* tão forte que os guardas acordaram, pegaram o moço e o quizeram levar ao rei. O príncipe contou então a sua historia, e os guardas, com pena, disseram: «Nós só lhe damos uma espada se você fôr ao *reino dos cavallos* e trazer de lá um cavallo.» O moço seguiu muito desapontado. Adiante n'uma encruzilhada encontrou a rapo-

sinha: « Aonde vai, meu principe honrado? » O moço contou tudo. « Ah! eu não lhe disse!? Para que não seguiu o meu conselho? Vá no *reino dos cavallos*, e entre á meia noite. Você lá ha de encontrar muitos cavallos gordos e de todas as côres, todos aparelhados, não pegue em nenhum. Lá n'um canto está um cavallo velho e feio, pegue n'esse. » O moço seguiu. Quando entrou no *reino dos cavallos* cahiu-lhe o queixo no chão: « Ora tantos cavallos bonitos, e eu hei de ficar com um diabo velho e magro! » E pegou n'um dos mais gordos e lindos. O cavallo deu um rincho tão grande que os guardas acordaram e prenderam o principe. Elle, com muito susto, contou toda a sua historia. Os guardas responderam: « Apois sim; nós lhe damos um cavallo se você fôr furtar a filha do rei. » Ahi o moço disse: « Então me dêem um cavallo para ir montado. » Elles concederam. O moço seguiu; quando ia adiante, lhe appareceu outra vez a raposinha: « Onde vai, meu principe honrado? » Elle contou tudo. A raposa disse: « Pois veja: eu sou a alma d'aquelle homem que estava apanhando de cacete depois de morto e de que você pagou as dividas; ando-lhe protegendo, mas você não quer fazer caso dos meus conselhos, e, por isso, tem andado sempre em perigo... Vá montado n'este cavallo; chegue á meia noite no palacio do rei, pegue a moça e bote na garupa, largue a redea a toda a brida; passe pelo *reino dos cavallos* para lhe darem o seu, pelo das *espadas* para lhe darem a sua, e pelo dos *papagaios* para levar tambem o seu, e vá voando para casa de seu pai, que elle vai mal. Nunca entre por *varedas*, nem preste ouvidos a ninguem até á casa. Adeus, que é esta a ultima vez que lhe appareço. »

O principe partiu. Chegando no palacio, furtou a moça; chegando no *reino dos cavallos*, recebeu o seu; no das *espadas*, a sua, e no dos *papagaios*, o seu. Seguiu sempre na carreira. Adiante encontrou uns moços que

andavam á sua procura, e eram seus irmãos que vinham buscar novas d'elle. Os irmãos, quando o viram com objectos tão ricos, ficaram com inveja e formaram o plano de o matar para roubal-o. — Começaram a convencel-o de que deviam deixar a estrada real e seguir por uns atalhos para os ladrões não lhe fazerem mal vendendo-o com aquellas cousas tão bellas e ricas. Elle cahiu na esparrella, e os irmãos o tiraram de dentro de uma gruta no matto onde elle tinha ido beber agua. Tomaram-lhe a moça, o cavallo, a espada e o papagaio. Largaram-se para a casa muito alegres, pensando que o irmão estava morto. Mas tudo aquillo chegando a palacio, entrou a marear-se, e a ficar estragado. A moça não quiz mais comer nem fallar; metteu a cabeça debaixo da aza e não quiz mais fallar; a espada ficou enferrujada, e o cavallo começou a emmagrecer. Quando o moço estava quasi a morrer na furna, appareceu a raposinha, que o tirou para fóra, e o botou outra vez no caminho. Elle seguiu e chegou até ao palacio de seu pai. Quando já ia chegando a espada deu um *trinco*, e começou logo a brilhar, o papagaio voou e foi cahir-lhe no hombro, a moça deu uma gargalhada e fallou, e o cavallo engordou de repente. O principe entrou e foi logo botando um pouco de sujudade do papagaio nos olhos do pai, que ficou logo vendo, e muito alegre. O principe se casou com a princeza que tinha furtado, e os seus irmãos foram castigados por causa de sua falsidade.

XI

O homem pequeno

(Sergipe)

Uma vez um príncipe sahiu a caçar com outros companheiros, e enterraram-se n'uma matta. O príncipe, que se chamava D. João, adiantou-se muito dos companheiros e se perdeu. Ao depois de muito andar, avistou um muro muito alto, que parecia uma montanha, e para lá se dirigiu. Quando lá chegou conheceu que estava n'uma terra estranha, pertencente a uma familia de gigantes. O dono da casa era um gigante enorme, que quasi dava com a cabeça nas nuvens; tinha mulher tambem gigante, e uma filha gigante de nome Guimara.

Quando o dono da casa viu a D. João gritou logo: « Oh! homem pequeno, o que anda fazendo? » O príncipe contou-lhe a sua historia, e então o gigante disse: « Pois bem; fique aqui como um criado. » O príncipe lá ficou, e, passados tempos, Guimara se apaixonou por elle. O gigante, que desconfiou da cousa, chamou um dia o príncipe, e lhe disse: « Oh! homem pequeno, tu disseste que te *astrevias* a *derrubar* n'uma só noite o muro das minhas terras e a levantar um palacio? » Não senhor, meu amo; mas, como vossemecê manda, eu obedeço. » O moço sahiu por alli vexado de sua vida, e foi ter occultamente com Guimara, que lhe disse: « Não é nada; eu vou e faço tudo. » Assim foi: Guimara, que era encantada, deitou abaixo o muro, e alevantou um palacio que dar-se podia. No outro dia o gigante foi vêr bem cedo a obra e ficou admirado. « Oh! homem pequeno? » — « Inhô! » — « Foste tu que fizeste esta obra ou foi Guimara? » — « Senhor, fui eu, não foi Guimara; se meus olhos viram Guimara, e Guimara viu a mim, mau fim te-

nha eu a Guimara, e Guimara mau fim tenha a mim. » Passou-se. Depois de alguns dias, o gigante que andava com vontade de matar o homem pequeno, lhe alevantou outro aleive : « Oh ! homem pequeno, tu disseste que te atrevias a fazer da Ilha dos bichos bravos um jardim cheio de flôres de todas as qualidades, e com um cano a deitar, a despejar agua, tudo n'uma noite ? » — « Senhor, eu não disse isto, mas como vossemecê ordena eu irei fazer. » Sahi d'alli mais morto do que vivo, e foi ter com Guimara, que lhe disse : « Não tem nada ; eu hoje hei de fazer tudo de noite. » Assim foi. De noite ella fugiu de seu quarto, e, com o homem pequeno, trabalhou toda a noite, de maneira que no outro dia lá estava o jardim cheio de flôres, e com um cano a jorrar agua ; era uma obra que dar-se podia. O gigante, dono da casa, foi vêr a obra e ficou muito espantado, e, então, formou o plano de ir á noite ao quarto de Guimara e ao do homem pequeno para os matar. A moça, que era adivinha, communicou isto a D. João, e convidou-o para fugir, deixando nas camas em seu logar duas bananeiras cobertas com os lençoes para enganar ao pai.

Alta noite fugiram montados no melhor cavallo da estrebaria, o qual caminhava cem leguas de cada passada. O pai quando os foi matar, os não encontrou, e disse o caso á mulher que lhe aconselhou que partisse atraz montado no outro cavallo que caminhava cem leguas de cada passada, e seguisse a toda a brida. O gigante partiu, e, quando ia chegando perto dos fugitivos, Guimara se virou riacho e D. João n'um negro velho, o cavallo n'um pé de arvore, a sella n'uma leira de cebolas, e a espingarda, que levavam, n'um beija-flôr. O gigante, quando chegou ao riacho, se dirigiu ao negro velho, que estava tomando banho : Oh ! meu negro velho, você viu passar aqui um moço com uma moça ? » O negro não prestava attenção, *mergulhava* n'agua, e quando alevantava a cabeça, dizia : — « Plantei estas ce-

bolas, não sei se me darão boas!... » Assim muitas vezes, até que o gigante se massou e se dirigiu ao beija-flôr, que voou-lhe em cima, querendo furar-lhe os olhos. O gigante desesperou e voltou para casa. Chegando lá contou a historia á velha sua mulher, que lhe disse : « Como você é tolo, marido ! O riacho é Guimara, o negro velho o homem pequeno, a leira de cebola a sella, o pé de arvore o cavallo, e o beija-flôr a espingarda. Corra para traz e vá pegal-os. »

O gigante tornou a partir como um damnado até chegar perto d'elles, que se haviam desencantado e seguido a toda a pressa. Quando elles avistaram o gigante, a moça se transformou n'uma igreja, D. João n'um padre, a sella n'um altar, a espingarda no missal, e o cavallo n'um sino. O gigante entrou pela igreja a dentro, dizendo : « Oh ! seu padre, o senhor viu passar por aqui um moço com uma moça ? » O padre, que fingia estar dizendo missa, respondeu :

« Sou um padre ermitão,
Devoto da Conceição,
Não ouço o que me diz, não...
Dominus vobiscum. »

Assim muitas vezes, até que o gigante se aborreceu e volta para traz desesperado. Chegando em casa contou a historia á mulher, que lhe disse : « Oh ! marido, você é muito tolo ! Corra já, volte, que a igreja é Guimara, o padre é o homem pequeno, o missal a espingarda, o altar a sella, o sino o cavallo. » Elles lá se desencantaram e seguiram á toda a pressa ; mas o gigante de cá partiu como um feroz ; ia botando serras abaixo, e, quando estava, de novo, quasi a pegal-os, Guimara largou no ar um punhado de cinza e gerou-se no mundo uma neblina tal que o gigante não pôde seguir e voltou. Depois d'isto os fugitivos chegaram ao reino de D. João. Guima-

ra, então, lhe pediu que, quando entrasse em casa, para não se esquecer d'ella por uma vez, não beijasse a mão de sua tia. O principe prometteu; mas quando entrou em palacio a primeira pessoa que lhe appareceu foi sua tia, a quem elle beijou a mão, e se esqueceu, por uma vez, de Guimara, que o tinha salvado da morte. A moça lá perdeu na terra estranha o encanto, e ficou pequena como as outras, mas sempre triste.

XII

Dona Pinta

(Sergipe)

Uma vez havia um rei que tinha seu palacio defronte de uma casa onde morava um velho que tinha tres filhas bonitas. A mais bonita de todas chamava-se Dona Pinta e o rei se apaixonou por ella.

Uma vez estando elle na varanda a querer namoral-a, ella, que estava brincando com um gatinho arribou-lhe o rabinho, e mostrou-lhe o *boeiro*. . . O rei ficou muito zangado e quiz arranjar um meio de entender-se com a moça livremente para vingar-se. Mandou chamar o pobre do velho e lhe disse que precisava que elle fosse vencer umas guerras. O velho se desculpou muito, e disse que ia fallar com suas filhas para vêr o que ellas diziam. D. Pinta lhe disse que promettesse ao rei ir, mas pedisse uma espera de alguns dias. Esta espera era para dar tempo a ella para fazer um alçapão na casa.

Passados os dias, o velho seguiu para as guerras, deixando a cada uma das filhas uma rosa, dizendo: « Quando eu voltar, cada uma ha de me apresentar a sua rosa

aberta e fresca, que é o signal de sua virgindade ; aquella cuja rosa estiver murcha terá o meu castigo. »

Depois que o velho sahiu, o rei appareceu na sua casa, e D. Pinta o recebeu. Deixou-o na sala conversando com as irmãs, e foi para a sala de traz, e escondeu-se no seu subterraneo. O rei cançou de esperar, e, ficando tarde, foi-se embora muito zangado. No dia seguinte tornou a vir, e D. Pinta fez o mesmo ; no terceiro dia a mesma cousa. Ahi fez mal ás duas suas irmãs, que appareceram pejadas, e cujas rosas ficaram murchas. O rei cada vez foi tomando mais raiva de D. Pinta, ao passo que mais se accendia o seu desejo, quanto mais ella o enganava.

Um dia ella se vestiu de moleque, e foi buscar favas na horta do rei, o qual a viu, mas não a conheceu, e, quando o soube, ainda mais desesperado ficou. Passou-se tempos e sempre o rei a ajuando.

Uma vez ella foi buscar lenha e o rei a encontrou no matto. Ahi ella disse : « Oh ! como vem rei meu senhor tão cançado e tão suado ! deite-se aqui, rei meu senhor ! » E sentou-se no capim, fez collo e o rei deitou-se, e ella se poz a catar-lhe piolhos. Foi indo, foi indo até que o rei pegou no somno. Ahi ella, bem devagarinho, levantou-se, botou a cabeça do rei n'uma trouxa que fez com o chale, e largou-se, foi-se embora a toda a pressa. Quando o rei acordou, que olhou em roda e não viu ninguem, ficou desesperado da vida. Passou-se. As irmãs de D. Pinta ficaram em ponto de dar á luz e deram. Ella, com medo de que o pai descobrisse a falta das irmãs, resolveu-se a ir engeitar os meninos no palacio do proprio rei.

Um dia, antes do pae chegar das guerras, preparou-se de negra com taboleiro na cabeça e os dous meninos dentro, fingindo eram flôres, e foi vender no palacio. O rei, sem saber quem era, foi vêr as flôres, e, quando descobriu o taboleiro, deu com os seus dous filhinhos. A negra disse : « Ahi ficam que são seus !... » E largou-

se de escada abaixo e foi-se embora. O rei então conheceu tudo, e dizia: « D. Pinta, D. Pinta!... um dia eu hei de vingar-me. »

Tempos depois, chegou o pai das tres moças das guerras. As duas filhas deshonoradas ficaram mais mortas do que vivas para irem tomar a benção ao pai, porque não tinham mais a sua rosa viva! D. Pinta as valeu, dizendo a uma d'ellas: « Tome a minha rosa, mana, vá primeiro você, e ao depois vá *fulana*, e depois eu. » Assim fizeram, e enganaram o velho que de nada soube.

Depois d'isto, andava o rei uma vez passeando embarcado no mar e encontrou D. Pinta n'um bote tambem passeando. Ella, quando o avistou, o convidou para ir para o seu barco, e passearem juntos. Na occasião do rei entrar, ella o atirou no lodo da maré e elle ficou todo emporcalhado. Ficou vendendo azeite ás canadas, e procurando um meio de se vingar. Não achando nenhum, fez o plano de a pedir em casamento, e matal-a depois de casados. Fez o pedido, e a moça não aceitou. Afinal tanto instou que a moça disse ao pai: « Está bom, meu pai, diga á elle que eu o aceito, mas ha de me dar seis mezes de espera. » O velho foi dizer ao rei que a filha aceitava, mas pedia uma espera. Isto era tempo que D. Pinta pedia para poder preparar uma boneca, e parecida com ella, para enganar ao rei.

No fim de seis mezes não estava prompta ainda a boneca, e o rei tendo mandado marcar o dia do casamento, D. Pinta respondeu que só se casaria se o rei mandasse fazer um palacio novo. O rei concordou, e mandou fazer o palacio. Quando já estava a obra quasi prompta, D. Pinta não tinha ainda a boneca preparada, e, então, uma noite foi ao palacio velho ás escondidas, furtou a roupa do rei, metteu-se n'ella e foi ter com o mestre da obra, e fingindo que era o rei, e muito zangado dizia: « Isto não é obra; quero já que me botem tudo abaixo e façam tudo de novo. » Isto era de noite; o mestre

da obra mandou logo chamar todos os trabalhadores e deitaram o palacio abaixo para levantar outro de novo. Afinal ficou prompta a boneca de D. Pinta, e tambem o palacio do rei. Marcou-se o dia do casamento. D. Pinta, quando foi para o quarto de dormir, levou a sua boneca, que era toda o retrato d'ella: botou-a assentada na cama com um favo de mel no seio, e se escondeu debaixo da cama, pegando n'um cordãosinho que a boneca tinha e que a fazia mover com a cabeça. O rei depois entrou, e dirigiu-se á boneca, pensando que era D. Pinta, e dizia: « D. Pinta, tu te alembras quando teu pai foi para a guerra que eu fui tres dias á tua casa, e tu, p'ra caçoares commigo, te mettias lá p'ra dentro, e não me apparecias mais?... » A boneca bolia com a cabeça. Assim foi o rei repetindo todas as pirraças que a moça lhe tinha feito, e no fim cravou-lhe um punhal no seio. O mel espirrou e foi tocar nos beiços do rei, que, sentindo a doçura, disse: « Ah! minha mulher, si depois de morta estás tão dôce, que fará quando eras viva! » E poz-se a chorar. Ahi D. Pinta pulou de baixo e apresentou-se: « Aqui estou, meu amor! » Fizeram as pazes e ficaram vivendo muito bem.

XIII

O principe cornudo

(Sergipe)

Uma vez um rei teve um filho e mandou vêr que sina o menino tinha trazido. A cigana leu a sorte e disse que o principe tinha trazido a sina de ser cornudo. O rei ficou muito desgostoso, e mandou fazer uma torre onde o menino foi encerrado, e alli foi creado, com ordem de nunca sahir d'alli, nem entrar lá mulher nenhu-

ma. O principe cresceu, e, quando se poz moço feito, uma vez perguntou ao pai por que razão elle vivia alli preso. O rei lhe respondeu: « Por nada, meu filho. » Quando foi uma vez o principe pediu ao pai para ir ouvir missa. O rei respondeu: « Pois bem; tu irás commigo ouvir missa, mas ha de ser com a condição de nunca olhares para traz por causa de umas diabinhas. » O moço prometteu e foram. Na volta o rei lhe perguntou: « Então, meu filho, o que viste de mais bonito na missa? » — « Foi o altar, meu pai. » Passou-se.

Outra vez o principe pediu ao rei para ir ouvir missa. O rei consentiu; mas o moço não pôde se conter, e olhou para traz e ficou embebido todo o tempo, olhando para as diabinhas que eram as moças. Chegando em casa, o rei lhe perguntou: « Então, o que viste de mais bonito na missa? » O moço respondeu: « Foram as diabinhas. » O rei ficou pensativo, e mandou preparar um navio para o filho ir viajar; mas com a condição de nunca saltar em terra senão n'um reino onde não houvesse noticias de seu reino nem de sua familia. O moço seguiu.

Chegando muito longe, n'um reino onde não havia mais noticias da terra d'elle, mandou dous criados á terra comprar mantimentos. Os dous criados partiram; mas quando lá chegaram, ficaram-se esbabacados, vendo um leilão em que se tinha de arrematar um papagaio muito fallador, e que privava os homens de serem cornudos. O lanço já estava muito alto, e nada de se entregar o papagaio.

O principe poz-se a esperar e nada dos criados voltarem. Mandou um outro atraz d'elles, que tambem lá se ficou. Mandou segundo, e nada! Afinal foi elle mesmo, e, conhecendo o motivo da demora, arrematou o papagaio e foi para bordo. Seguiu viagem. Depois foi ter a um reino onde se casou. Desde então o papagaio nunca mais fallou; mettia a cabeça debaixo de uma aza, e vivia alli triste na gaiola. O principe lhe queria muito bem.

Uma vez teve de ir vencer umas guerras e recommendou muito á princeza o seu papagaio, e ao papagaio a sua mulher. Partiu.

A princeza tratava muito bem do papagaio e sempre elle triste. Ella nunca chegava á sacada; mas uma vez chegou por acaso e ia passando um moço que a viu e ficou logo muito apaixonado por ella, e voltou para casa muito triste. Uma velha, que costumava ir pedir esmola ao moço, o achando muito triste, lhe perguntou o que era. Elle respondeu que era por ter visto a mulher do principe, que o tinha deixado doente. A velha disse: « Oh! chente! meu netinho! tudo fôra isso!... Eu vou ter com ella e arranjo um modo d'ella lhe fallar. » Largou-se para palacio e foi convidar a princeza para ser madrinha de um baptisado. A moça se desculpou muito, dizendo que não podia ir, porque o principe não estava em casa. Mas a velha tanto importunou que a princeza prometeu: « Pois sim; vou amanhã de tarde. »

Quando foi no dia seguinte pela tarde, a velha chegou; a princeza se apromptou, e já ia sahindo. Quando passou por baixo da gaiola do papagaio, elle tirou a cabeça de baixo da aza, deu uma gargalhada e disse: « Onde vai, princeza minha senhora, tão bandarranona? Princeza minha senhora, quer ouvir uma historia de seu papagaio? » — « Pois não, meu papagaio! » Então elle disse: « Oh! criadas, vão buscar a cadeira e os travesseiros para princeza, minha senhora, se assentar e se recostar para ouvir uma historia de seu papagaio. » A velha ficou fumando de raiva, e o papagaio começou:

« Uma vez havia um rei que tinha só uma filha, a quem deu ordem que, quando lhe fosse tomar a benção, fosse sempre muito bem prompta, e com as suas joias. Assim fazia a princeza: todas as manhãs, para tomar a benção ao rei, se preparava como si fosse a uma festa. O pai tinha-lhe dito que, no dia em que ella se apresentasse sem os seus adornos, a mandaria prender n'uma

torre. Aconteceu, que um principe, que estava para casar lá no seu reino, andava viajando, e, passando pelo reino da princeza, a viu na sacada do palacio, e ficou muito apaixonado por ella.

O principe não achou nunca um meio de fallar com a princeza; mas sabendo do costume que ella tinha de se apresentar para comprimentar ao pai, virou-se n'um passaro, e n'um dia em que ella estava botando as suas joias, entrou pela janella e agarrou uma d'ellas pelo bico e fugiu. — A moça lhe disse: « Me dê a minha joia. » — « Só se casar commigo », respondeu o passaro, e voou. — No outro dia a mesma cousa; no outro o mesmo e assim todos os dias, até que só restava uma joia á princeza para tomar a benção ao pai. O passaro veio e arrancou tambem aquella. A moça seguiu atraz d'elle pedindo o adereço, e o passaro voando... e dizendo: « Só si casar commigo. A moça respondia sempre que não, até que entraram por uma igreja a dentro, isto já muito longe da casa de seu pai. Ahi ainda ella pediu a joia, e o passaro respondeu: « Só si casar commigo. » A princeza disse: « Só si aquelle Santo Christo abaixar o braço e nos casar elle mesmo. » Mal ella acabara de fallar, a imagem abria os olhos, e abençoava o casamento. Ahi o passaro se desencantou n'um bello principe. Seguiram d'alli todos dous. Adiante foram descansar em casa de uma velha, onde a moça pegou no somno. O principe entrou a maginar e a ficar triste, porque já tinha dado a sua palavra de casar com uma outra princeza de outro reino. Deu muito dinheiro á velha, dizendo que quando a moça acordasse, procurando por elle, ella não contasse para que banda elle tinha ido e largou-se n'uma carruagem. A moça, quando acordou e não achou o marido, ficou muito desgostosa e entrou a chorar. A velha alcoviteira a enganou por muito tempo, passeando com ella pelo jardim; mas não havia nada que a consolasse, até que a mesma velha se viu deses-

perada e lhe disse para que banda o principe tinha tomado. A moça poz-se como uma desesperada a caminhar atraz do marido. Adiante encontrou um carvoeiro muito porco e rasgado, trocou com elle a sua roupa e seguiu. Adiante mais encontrou o carro que ia com o principe, que parou e lhe perguntou: « Oh! meu carvoeiro, você passou em casa de uma velha? » — « Sim, senhor. » — « Viu lá uma moça? » — « Sim, senhor » — « O que fazia ella? » — « Chorava e se lastimava, dizendo: Oh principe ingrato, que te foste e me deixaste!... » O principe, que ouviu isto, ficou com muita pena, e botou o carvoeiro no carro. Todo o caminho foi-lhe perguntando a mesma cousa, e sempre o carvoeiro respondendo o mesmo. Assim foram andando até á terra do principe e sempre elle com o carvoeiro. Chegado o dia de seu novo casamento, sempre elle triste e perguntando a mesma cousa ao carvoeiro. Toda a familia ficou muito desgostosa d'aquillo, e a noiva com muito ciume; mas não tinham o que fazer, porque o principe disse que não podia viver sem o seu carvoeiro. Feito o casamento, quando foram se deitar, o principe, com grande espanto de todos, levou tambem para o quarto o seu carvoeiro. Deitou-se no meio, poz a noiva de um lado e o carvoeiro de outro, e entre ambos o seu alfange. Pegou no somno. O carvoeiro, que o viu dormindo, pegou no alfange e se matou; o principe, que o vê morto, diz: « Meu carvoeiro morto, eu tambem. » E se matou. A moça, que vê isto, diz: « Meu marido morto, eu tambem. » E se matou. No outro dia encontraram aquelle destroço, e foram fazer o enterro. Quando iam estando os corpos na sepultura, chegou um beija-flôr e escreveu nas testas dos tres: « Ninguem desfaça o que Deus fizer... » e deu vida ao principe e ao carvoeiro que se revelou como princeza e ficou vivendo com o seu marido. » O papagaio, quando acabou de contar esta historia, disse á princeza: « Agora, princeza minha senhora, já é tarde, e deixe-se de ba-

otizados de velha. » A alcoviteira ficou desesperada com o papagaio, e disse ás criadas que o botassem lá para o terreiro. Ellas o botaram, mas elle gritou tanto, até que o trouxeram de novo.

No outro dia veio a velha outra vez para levar a moça para o baptisado.

A princeza se preparou, e, quando ia sahindo, passou por baixo da gaiola do papagaio, que deu uma gargalhada: « Como vae princeza, minha senhora, tão bandarranona! Princeza, minha senhora, quer ouvir uma historia do seu papagaio? » — « Pois não, meu papagaio! » — « Oh, criadas, vão buscar a cadeira e a almofada para princeza minha senhora se sentar, se recostar para ouvir uma historia do seu papagaio. » Elle começou:

« Uma vez havia n'uma cidade dous ourives: o ourives do ouro e o ourives da prata. O ourives do ouro era casado e sua mulher muito bonita, nunca apparecia na janella. — Tendo elle de fazer uma viagem, apostou com o ourives da prata que elle não era capaz de vêr nunca a sua mulher, e se não fosse verdade perderia todo o seu ouro; e se o ourives da prata perdesse tinha de lhe dar toda a sua prata. Feita a aposta, o ourives do ouro seguiu para sua viagem.

Foram-se passando os dias e nunca o ourives da prata pôde vêr a mulher do companheiro. Estava vendo perder a aposta, quando, indo uma velha lhe pedir uma esmola, e o vendo triste lhe perguntou o que era, e lhe contou o caso. A velha lhe disse: « Oh! chente, meu netinho, não é nada; eu vou passar esta noite na casa d'ella, e tomo-lhe bem as feições, vejo-lhe bem até os signaes de seu corpo e lhe venho contar. » O ourives aceitou. Quando foi de noite a velha bateu na porta da mulher do ourives do ouro. Vieram-lhe abrir a porta, e ella disse que queria fallar a sua filhinha que ella tinha creado em seus braços. A moça ficou muito

admirada d'aquillo, porque nem era d'aquella terra, mas sempre appareceu e a velha lhe disse: « Oh! minha netinha, depois que te peguei n'estes meus braços nunca mais te vi! Hoje soube que teu marido andava de viagem e vim passar a noite contigo para te fazer companhia. » A moça, sem desconfiar nada, aceitou; a velha foi dormir no quarto d'ella. — Fingiu que estava dormindo, e, quando a moça tomou seu banho, botou-lhe os olhos em cima, mirando bem o seu corpo para lhe descobrir algum signal.

A moça tinha um segredo no corpo, que vinha a ser um fio de cabello bem preto, que, sahindo de um signalzinho na côxa, lhe rodeava toda ella e vinha morrer no mesmo signalzinho. No outro dia largou-se a velha, e contou tudo ao ourives da prata: « Olhe, é uma moça assim, assim... tem um signal em tal parte, assim, assim... »

Quando o ourives do ouro chegou, o da prata lhe contou como era a sua mulher e até lhe revelou o segredo do cabello da côxa; ganhou a aposta. Acabada esta segunda historia, disse o papagaio: « Agora, princeza minha senhora, já é tarde, e deixemos de baptisados de velha. » A alcoviteira sahiu desesperada, desconjurando do papagaio, e mandou-o pôr no lugar mais porco do palacio. No dia seguinte a mesma impertinencia da velha, querendo levar a moça para baptisado. O papagaio, quando a princeza ia sahindo, tornou a dar uma gargalhada, e convidou a sua senhora para ouvir outra historia. A historia era:

« Uma vez havia um rei e uma rainha; estavam um dia n'uma janella do palacio e viram ao longe um bichinho. O rei disse que era um coelho, e a rainha que era uma lebre: e é, não é, pegaram uma aposta que quem ganhasse matava um ao outro. Mandaram depressa vêr por um criado que bicho era, e o criado voltou dizendo que era um coelho. O rei foi quem ganhou a aposta;

mas teve pena de matar a rainha, e mandou fazer um caixão, botou-a dentro d'elle e mandou largar no mar.

A rainha, que estava grávida, deu á luz um menino, que por ter nascido no mar e se ter alimentado dos goivinhos das pedras, se chamou o *principe Lodo*. A rainha e o principesinho foram dar n'uma tarde, onde um pescador os encontrou e levou para sua casa. Por lá elles contavam a sua historia. O rei pensando que a rainha já tinha morrido, já se havia casado outra vez; mas ouvindo falar d'aquelle principe, meio desconfiado mandou-o chamar para ouvir-o. O pescador deu duas folhinhas ao principe, e lhe disse: « Quando lá chegar conte a sua historia direitinha ao rei, e quando elle se fôr zangando diga: Esta historia era meu bisavô que contava a meu avô, meu avô a meu pai, meu pai a mim e eu agora a conto a Vossa Magestade; e cheire esta folhinha que você ficará bem velhinho, e, quando elle for melhorando, cheire esta que tornará a ficar mocinho. » O principe *Lodo*, chegando a palacio, o rei lhe pediu para contar a sua historia. O principe lhe contou e fez tudo o que o pescador lhe ensinou; cheirou a folha e ficou velhinho com a cabeça branca como uma pasta de algodão ¹.....

.....
Acabada esta terceira historia, a velha foi-se embora porque já era tarde, e acabou-se a *função* do baptisado; porque o principe no dia seguinte voltou das guerras, que se tinham acabado. Ahi o papagaio, que era um anjo, voou para os céos.

¹ Não nos foi possível conseguir o final d'este ultimo e bello conto do papagaio, que por vezes ouvimos integralmente em Sergipe narrado no seio de nossa familia. Pedimos desculpa por semelhantes lacunas, promettendo um dia, talvez, suppril-as.

XIV

A moura torta

(Pernambuco)

Uma vez havia um pai que tinha tres filhos, e, não tendo outra cousa que lhes dar, deu a cada um uma melancia, quando elles quizeram sahir de casa para ganhar a sua vida. O pai lhes tinha recommendado que não abrissem as fructas senão em logar onde houvesse agua. O mais velho dos moços quando foi vêr o que dava a sua sina, estando ainda perto da casa, não se conteve e abriu a sua melancia. Pulou de dentro uma moça muito bonita dizendo: « Dai-me agua, ou dai-me leite. » O rapaz não achava nem uma cousa nem outra, a moça cahiu para traz e morreu.

O irmão do meio, quando chegou a sua vez, se achando não muito longe de casa, abriu tambem a sua melancia, e sahiu de dentro uma moça ainda mais bonita do que a outra; pediu agua ou leite, e o rapaz não achando nem uma cousa nem outra, ella cahiu para traz e morreu.

Quando o caçula partiu para ganhar a sua vida foi mais esperto e só abriu a sua melancia perto de uma fonte. No abril-a pulou de dentro uma moça ainda mais bonita do que as duas primeiras, e foi dizendo: « Quero agua ou leite. » O moço foi á fonte, trouxe agua e ella beben a se fartar. Mas a moça estava núa, e então o rapaz *disse a ella* que subisse n'um pé de arvore que havia alli perto da fonte, em quanto elle ia buscar a roupa para ella. A moça subiu e se escondeu nas ramagens. Veio uma moura torta buscar agua, e, vendo na agua o retrato de uma moça tão bonita, pensou que fosse o seu

e pôz-se a dizer : « Que desaforo ! pois eu sendo uma moça tão bonita, andar carregando agua !... »

Atirou com o pote no chão e *arrebentou-o*. Chegando em casa sem agua e nem pote levou um repellão muito forte, e a senhora mandou-a buscar agua outra vez ; mas na fonte fez o mesmo, e quebrou o outro pote. Terceira vez fez o mesmo, e a moça não se podendo conter deu uma gargalhada.

A moura torta, espantada, olhou para cima e disse : « Ah ! é você, minha netinha !... Deixe *eu* lhe catar um piolho. » E foi logo trepando pela arvore arriba, e foi catar a cabeça da moça. *Infincou-lhe* um alfinete, e a moça virou n'uma pombinha e *avoou* ! A moura torta então ficou no lugar d'ella. O moço, quando chegou, achou aquella mudança tamanha e estranhou ; mas a moura torta lhe disse : « O que quer ? foi o sol que me queimou !... Você custou tanto a vir me buscar ! »

Partiram para o palacio, aonde se casou. A pombinha então costumava a voar por perto do palacio, e se punha no jardim a dizer : « Jardineiro, jardineiro, como vae rei, meu senhor, com a sua moura torta ? » E fugia. Até que o jardineiro contou ao rei, que, meio desconfiado, mandou armar um laço de diamante para prendel-a, mas a pombinha não cahiu. Mandou armar um de ouro, e nada ; um de prata, e nada ; afinal um de visco, e ella cahiu. Foram leval-a que muito a apreciou. Passados tempos, a moura torta fingiu-se pejada e pôz mattos abaixo para comer a pombinha. No dia em que deviam botal-a na panella, o rei, com pena, se pôz a catal-a, e encontrou-lhe aquelle carocinho na cabecinha, e pensando ser uma pulga, foi puxando e sahiu o alfinete e pulou lá aquella moça linda como os amores. O rei conheceu a sua bella princeza. Casaram-se, e a moura torta morreu amarrada nos rabos de dous burros bravos, lascada pelo meio.

XV

Maria Borrallheira

(Sergipe)

Havia um homem viuvo que tinha uma filha chamada Maria; a menina, quando ia para a escola, passava por casa de uma viuva, que tinha duas filhas. A viuva costumava sempre chamar a pequena e agradal-a muito. Depois de algum tempo começou a lhe dizer que fallasse e rogasse a seu pai para casar com ella. A menina pegou e fallou ao pai para casar com a viuva, porque « ella era muito boa e agradavel. »

O pai respondeu: « Minha filha, ella hoje te dá papinhas; amanhã te dará de fel. » Mas a menina sempre vinha com os mesmos pedidos, até que o pai contractou o casamento com a viuva. Nos primeiros tempos ainda ella agradava á pequena, e, ao depois, começou a maltratal-a.

Tudo o que havia de mais aborrecido e trabalhoso no tracto da casa era a orphã que fazia. Depois de mochinha era ella que ia á fonte buscar agua, e ao matto buscar lenha; era quem accendia o fogo, e vivia muito suja no borrarho. D'ahi lhe veio o nome de Maria Borrallheira. Uma vez para judicial-a a madrasta lhe deu uma tarefa muito grande de algodão para fiar e lhe disse que n'aquelle dia devia ficar prompta. Maria tinha uma vaquinha, que sua mãe lhe tinha deixado; vendo-se assim tão atarefada, correu e foi ter com a vaquinha e lhe contou, chorando, os seus trabalhos.

A vaquinha lhe disse: « Não tem nada; traga o algodão que eu engulo, e quando botar fóra é fiado e prompto em novellos. » Assim foi. Em quanto a vaquinha engulia o algodão, Maria estava brincando. Quando foi de

tarde, a vaquinha deitou para fóra aquella porção de novellos tão alvos e bonitos!... Maria, muito contente, botou-os no cesto e levou-os para casa. A madrasta ficou muito admirada, e no dia seguinte lhe deu uma tarefa ainda maior. Maria foi ter com a sua vaquinha, e ella fez o mesmo que da outra vez. No outro dia a madrasta deu á mocinha uma grande tarefa de renda para fazer; a vaquinha, como sempre, foi que a salvou, engolindo as linhas e botando para fóra a renda prompta e muito alva e bonita. A madrasta ainda mais admirada ficou.

D'outra vez mandou *ella* buscar um cesto cheio d'agua. Maria Borrallheira sahiu muito triste para a fonte, e foi ter com a vaquinha que lhe encheu o cesto, que ella levou para casa. D'ahi por diante a madrasta de Maria começou a desconfiar, e mandou as suas duas filhas espiarem a moça. Ellas descobriram que era a vaquinha que fazia tudo para a Borrallheira. D'ahi a tempos a mulher se fingiu pejada e com antôjos e desejou comer a vaquinha de Maria. O marido não quiz consentir; mas por fim teve de ceder á vontade da mulher que era uma tarasca desesperada.

Maria Borrallheira foi e contou á vacca o que ia acontecer; ella disse que não tivesse medo, que, quando fosse o dia de a matarem, Maria se offerecesse para ir lavar o fato; que dentro d'elle havia de encontrar uma varinha, que lhe havia de dar tudo o que ella pedisse; e que depois de lavado o fato, largasse a gamella pela corrente abaixo e a fosse acompanhando; que mais adiante havia de encontrar um velhinho muito chagado e com fome; lavasse-lhe as feridas e a roupa, e lhe dêsse de comer, que mais adiante havia de encontrar uma casinha com uns gatos e cachorrinhos muito magros e com fome, e a casinha muito suja, varesse o cisco e dêsse de comer aos bichos, e depois de tudo isso voltasse para casa. Assim mesmo foi.

No dia que a madrasta de Maria quiz que se matasse a vaquinha, a moça se offereceu para ir lavar o fato no rio. A madrasta lhe disse com desprezo: « Ô chente! quem havia de ir se não tu, porca? » Morta a vacca, a Borrallheira seguiu com o fato para o rio; lá achou nas tripas a varinha de condão, e guardou-a. Depois de lavado o fato botou-o na gamella e largou-a pela correnteza abaixo, e a foi acompanhando. Adiante encontrou um velhinho muito chagado e morto de fome e sujo. Lavou-lhe as feridas, e a roupa, e deu-lhe de comer. Este velhinho era Nosso Senhor. Seguiu com a gamella. Mais adiante encontrou uma casinha muito suja e desarrumada, e com os cachorros e gatos e gallinhas muito magros e mortos de fome. Maria Borrallheira deu de comer aos bichos, varreu a casa, arrumou todos os trastes e escondeu-se atraz da porta. D'ahi a pouco chegaram as donas da casa, que eram tres velhas *tatas*.¹

Quando viram aquelle beneficio, a mais moça disse: « Manas, faiemos; faiemos, manas: permitta a Deus que quem tanto bem nos fez lhe appareçam uns chapins de ouro nos pés. » A do meio disse: « Manas, faiemos, manas; permitta a Deus que quem tanto bem nos fez lhe nasça uma estrella de ouro na testa. » A mais velha disse: « Faiemos, manas: permitta a Deus que quem tanto bem nos fez, quando fallar lhe sáiam faiscas de ouro da bocca. » Maria, que estava atraz da porta, appareceu já toda formosa com os chapins de ouro nos pés, e estrella de ouro na testa, e quando fallava sahiam-lhe da bocca faiscas de ouro. Amarrou um lenço na cabeça, fingindo doença, para esconder a estrella, e tirou os chapins dos pés, e foi-se embora para casa. Quando lá chegou, entregou o fato e foi para o seu borrarho. Passados alguns dias, as filhas da madrasta lhe viram a estrella e perceberam as faiscas de ouro que lhe sahiam

¹ Gagás, tartamudas.

da bocca, e foram contar á mãe. Ella ficou com muita inveja, e disse ás filhas que indagassem da Borrallheira o que é que se devia fazer para se ficar assim.

Ellas perguntaram e Maria disse: « É muito facil; vocês peçam para irem tambem uma vez lavar o fato de uma vacca no rio; depois de lavado botem a gamella com elle pela correnteza abaixo e vão acompanhando; quando encontrarem um velhinho muito feridento, mettam-lhe o pão, e dêem muito; mais adiante, quando encontrarem uma casa com uns cachorros e gatos muito magros, emporcalhem a casa, desarrumem tudo, dêem nos bichos todos, e escondam-se atraz da porta, e deixem estar que, quando vocês sahirem, hão de vir com chapins e estrellas de ouro. » Assim foi.

As moças contaram á mãe, e ella lhes deu um fato para irem lavar no rio. As moças fizeram tudo como Maria Borrallheira lhes tinha ensinado. Deram muito no velhinho, emporcalharam a casa e deram muito nos bichos das velhas, e se esconderam atraz da porta. Quando as donas da casa chegaram e viram aquelle destroço, a mais moça disse: « Manas, faiemos, manas: permitta a Deus que quem tanto mal nos fez lhe appareçam cascos de cavallo nos pés. » A do meio disse: « Permitta Deus que quem tanto mal nos fez lhe nasça um rabo de cavallo na testa. » A terceira disse: « Permitta Deus que quem tanto mal nos fez, quando fallar lhe saia *porqueira* de cavallo pela bocca. » As duas moças, quando sahiram de detraz da porta já vinham preparadas com seus enfeites. Quando fallaram ainda mais sujaram a casa das velhinhas. Largaram-se para casa, e quando a mãe as viu ficou muito triste. — Passou-se. Quando foi depois, houve tres dias de festa na cidade, e todos de casa iam á igreja, menos a Borrallheira que ficava na cinza. Mas, depois de todos sahirem, ella logo no primeiro dia pegou na sua varinha de condão e disse: « Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me

um vestido da côr do campo com todas as suas flôres. » De repente appareceu o vestido. Maria pediu tambem uma linda carruagem. Apromptou-se e seguiu. Quando entrou na igreja, todos ficaram pasmados, e sem saber quem seria aquella moça tão bonita e tão rica. Ahi *uma* das filhas da madраста disse á mãe : « Olhe, minha mãe, parecia Maria. » A mãe botou-lhe o lenço na bocca por causa da sujidade que estava sahindo, mandando que ella se calasse, que as visinhas já estavam percebendo. Acabada a festa, quando chegaram em casa, Maria já *estava lá valha*,¹ mettida no borralho. A mãe lhes disse : « Olhem, minhas filhas, aquella porca alli está, não era ella, não ; onde ia ella achar uma roupa tão rica ? » No outro dia foram todas para a festa e Maria ficou ; mas quando todas se ausentaram, ella pegou na varinha de condão e disse : « Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido de côr do mar com todos os seus peixes, e uma carruagem ainda mais rica e bella, que a primeira. » Appareceu logo tudo, e ella se apromptou e seguiu. Quando lá chegou, o povo ficou *esbabacado* por tão linda e rica moça, e o filho do rei ficou morto por ella. Botou-se cerco para a pegar na volta, e nada de a poderem pegar. Quando as outras pessoas chegaram em casa, Maria já lá estava mettida no seu borralho. Ahi uma das moças lhe disse : « Hoje vi uma moça na igreja que se parecia comtigo, Maria ! » Ella respondeu : « Eu !... quem sou eu para ir á festa ?... Uma pobre cozinheira ! » No terceiro dia, a mesma cousa ; Maria então pediu um vestido da côr do céu com todas as suas estrellas, e uma carruagem ainda mais rica. Assim foi, e apresentou-se na festa. Na volta o rei tinha mandado pôr um cerco muito apertado para agarral-a ; porém ella escapoliu, e na carreira lhe cahiu um chapim do pé, que o principe apa-

¹ Já estava ha muito.

nhou. Depois o rei mandou correr toda a cidade para vêr se achava-se a dona d'aquelle chapim, e o outro seu companheiro. Experimentou-se o chapim nos pés de todas as moças e nada. Afinal só faltavam ir á casa de Maria Borrallheira. Lá foram. A dona da casa apresentou as filhas que tinha; ellas, com seus cascos de cavallo, quasi machucaram o chapim todo, e os guardas gritaram: « Virgem Nossa Senhora! Deixem, deixem!... » Perguntaram si não havia alli mais ninguem. A dona da casa respondeu: « Não, ahi tem sómente uma pobre cozinheira, porca, que não vale a pena mandar chamar. » Os encarregados da ordem do rei respondem que a ordem era para todas as moças sem excepção e chamaram pela Borrallheira. Ella veio lá de dentro toda prompta como no ultimo dia da festa; vinha encantando tudo; foi mettendo o pésinho no chapim e mostrando o outro. Houve muita alegria e festas; a madrasta teve um ataque e cahiu para traz, e Maria foi para palacio e casou com o filho do rei.

XVI

A Madrasta

(Sergipe)

Havia um homem viuvo que tinha duas filhas pequenas, e casou-se pela segunda vez. A mulher era muito má para as meninas; mandava-as como escravas fazer todo o serviço e dava-lhes muito.

Perto de casa havia uma figueira que estava dando figos, e a madrasta mandava as enteadas botar sentido aos figos por causa dos passarinhos.

Alli passavam as crianças dias inteiros, espantando-os e cantando:

Xô, xô, passarinho,
Ahi não toques teu biquinho,
Vae-te embora p'ra teu ninho... »

Quando acontecia apparecer qualquer figo picado, a madraستا castigava as meninas. Assim foram passando sempre maltratadas. Quando foi uma vez, o pai das meninas fez uma viagem, e a mulher mandou-as enterrar vivas. Quando o homem chegou, a mulher lhe disse que as suas filhas tinham cahido doentes e lhe tinham dado grande trabalho, e tomado muitas mészinas, mas sempre tinham morrido. O pai ficou muito desgostoso.

Aconteceu que nas covas das duas meninas, e dos cabellos d'ellas, nasceu um capinzal muito verde e bonito, e quando dava o vento o capinzal dizia:

« Xô, xô, passarinho,
Ahi não toques teu biquinho,
Vai-te embora p'ra teu ninho... »

Andando o capinheiro da casa a cortar capim para os cavallos, deu com aquelle capinzal muito bonito, mas teve medo de o cortar, por ouvir aquellas palavras. Correndo foi contar ao senhor.

O senhor não o quiz acreditar, e mandou-o cortar aquelle mesmo capim, porque estava muito grande e verde. O negro foi cortar o capim, e quando metteu a fouce ouviu aquella voz sahir de baixo da terra e cantando:

« Capinheiro de meu pai,
Não me cortes os cabellos;
Minha mãe me penteava,
Minha madraستا me enterrou
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou. »

O negro, que ouviu isto, correu para casa assombreado, e foi contar ao senhor que o não quiz acreditar, até que o negro instou tanto que elle mesmo veio, e mandando o negro metter a fouce, tambem ouviu a cantiga do fundo da terra. Então mandou cavar n'aquelle lugar e encontrou as suas duas filhas ainda vivas por milagre de Nossa Senhora, que era madrinha d'ellas. Quando chegaram em casa acharam a mulher morta por castigo.

XVII

O Papagaio do Limo Verde

(Sergipe)

Uma vez havia, n'um lugar retirado d'uma cidade, uma velha que tinha tres filhas: uma de um só olho, outra de dous, e outra de tres. Perto da casa da velha havia uma outra casa, onde morava uma moça muito bonita. Por esta moça namorou-se o principe real do reino do Limo Verde, que a visitava todas as noites, e lhe estava dando muitas riquezas. A velha visinha entrou a desconfiar d'aquellas riquezas, e, uma vez por outra, ia á casa da moça para ver se pilhava alguma cousa, e nada...

Uma vez sua filha mais velha, que tinha tres olhos, lhe disse: «Minha mãe, me deixe ir passar a noite na casa da visinha que eu descubro o segredo.» A velha concordou, e a moça dos tres olhos foi. Chegando lá disfarçou: «Ó visinha, ha muito tempo que não lhe vejo; vim hoje passar a noite com você.» — «Pois não, visinha! a casa está ás ordens,» respondeu a bella namorada. Quando foi na hora de irem dormir, a dona da casa deu á sua companheira, em lugar de chá, uma dormideira. A moça dos tres olhos ferrou no somno como uma pedra; roncou toda a noite e não viu nada.

O principe real do Limo Verde veio, como de costume, encantado n'um grande e lindo papagaio; foi chegando e batendo com as azas na janella do quarto; a namorada abriu-a, e elle foi dizendo: «Dai-me sangue, dai-me leite, ou dai-me agua!» A moça apresentou-lhe um banho n'uma grande bacia; o papagaio cahiu dentro da agua á se arrufar e bater com as azas; cada pingo d'agua que lhe cahia das pennas era um diamante, e assim é que a moça ia ficando cada vez mais rica. O papagaio, no banho, desencantou-se n'um lindo principe, que passou a noite com a sua namorada. De madrugada tornou a virar em papagaio, bateu azas e foi-se embora. A mulher dos tres olhos não viu nada; voltou para casa e disse á mãe que tudo eram boatos falsos, e que na casa da vizinha não havia novidade.

D'ahi a tempos a irmã de dous olhos se offereceu para ir passar tambem uma noite na casa da vizinha; foi e chupou da dormideira, pegou no somno, e veio o papagaio, e ella nada viu. Voltou para casa sem descobrir o segredo. Passados dias, a moça de um só olho se offereceu á mãe, dizendo: «Agora, minha mãe, minhas irmãs já foram, e eu quero tambem ir descobrir o segredo.» As irmãs caçoaram muito d'ella: «Quando nós, que temos mais olhos do que tu, não vimos nada, quanto mais tu, que tens um só!...» Emfim a velha consentiu, e a sua filha de um só olho foi. Chegando lá, fez muita festa á rica vizinha, e, quando foi a hora da ceia, fingiu que bebia a dormideira, e derramou-a no seio. Deitou-se e fingiu que estava dormindo. Lá para alta noite chegou o grande e bonito papagaio, batendo com as azas na janella; a dona da casa abriu, e elle se desencantou n'um moço muito formoso, e, como das outras vezes, dentro da bacia do banho ficou muito ouro e muitos brilhantes que a namorada guardou. A sujeitinha de um olho só via tudo caladinha. No outro dia bem cedinho largou-se para casa e contou tudo á mãe. No dia seguinte a ve-

ha foi quem veio passar a noite na casa da moça. Quando entrou para o quarto de dormir disfarçou e collocou umas navalhas bem afiadas na janella por onde tinha de entrar o papagaio. Elle, quando veio se cortou todas as navalhas e disse para a namorada: « Ah! Maria ingrata, nunca mais me verás; só se mandares fazer uma roupa toda de bronze e andares até ella se acabar... » Bateu azas, e voou. A moça, que não esperava por aquillo, ficou muito desgostosa, e logo comprehendeu a razão das visitas d'aquella gente á sua casa. Mandou fazer uma roupa toda de bronze, e com chapéo, sapatos e bastão tambem de bronze, e largou-se pelo mundo a procurar o reino do Limo Verde. Depois de muito andar, sem ninguem lhe dar noticia, foi ter a casa do pai da Lua. Lá chegando disse a que ia. O pai da Lua a recebeu muito bem, lhe disse que só sua filha lhe poderia dar noticia de tal terra, que elle não sabia; mas que ella, quando vinha para casa, era muito aborrecida e zangada com todos, que portanto a peregrina se escondesse bem escondida. Assim foi. Quando ella chegou, veio muito enloada, dizendo: « Aqui me fede a sangue real! » O pai a enganou, dizendo: « Não, minha filha, aqui não veio ninguem, foi um frango que eu matei para nós cearmos. »

A Lua tomou banho e se desencantou n'uma princeza muito formosa e foi para a mesa cear. Ahi o pai disse: « Minha filha, se aqui viesse uma peregrina indagar por uma terra, tu o que fazias? » — « Mandava entrar e tratava muito bem, e se está ahi appareça. » A moça appareceu e disse a sua historia. A Lua lhe respondeu que andára muitas terras; mas que d'aquella nunca tinha ouvido nem fallar; mas o Sol havia de saber. A moça se despediu, e, na sahida, a Lua lhe deu de presente uma almofadinha de fazer rendas toda de ouro, com os bilros de ouro, alfinetes de ouro *et cetra* tudo de ouro. A moça seguiu. Ao depois de muito andar, e estando já com os vestidos de bronze quasi acabados,

chegou á casa da mãe do Sol. Entrou e disse ao que ia. A mãe do Sol a tratou muito bem; disse que não sabia onde era aquella terra; mas seu filho havia de saber, porque andava muito; o que tinha era que quando vinha para casa era muito zangado, queimando tudo, e que ella se escondesse bem. Assim foi. Quando o Sol veio, foi aquelle *quenturão* de acabar tudo, e dizendo: «Aqui me fede a sangue real, aqui me fede a sangue real!» — A mãe o enganou dizendo que tinha sido uma gallinha que tinha preparado para o jantar. O Sol tomou seu banho e se desencantou n'um bello principe. Na mesa a mãe lhe disse: «Meu filho, se aqui viesse uma peregrina, perguntando por uma terra, tu o que fazias?» — «Mandava entrar e tratava muito bem.» A moça appareceu e disse o que queria. O Sol lhe respondeu que nunca tinha ouvido fallar em semelhante terra, que só o Vento Grande poderia saber d'ella, porque andava mais do que elle. — A moça se despediu, e, na saída, o Sol lhe deu uma gallinha de ouro, com uma ninhada de pintos todos de ouro, e vivos e andando. A moça seguiu viagem e foi ter, depois de muito trabalho, á casa do pai do Vento Grande. Lá chegando disse ao que ia, e o velho pai do Vento Grande respondeu que não sabia; mas que seu filho havia de saber, o que tinha era que, quando vinha, era como doido, botando tudo abaixo, e que a moça se amarrasse bem n'um esteio da casa. Assim ella fez. O Vento Grande quando veio chegando era aquelle *zoadão*, que fazia medo, botando muros e telhados abaixo, e dizendo: «Aqui me fede a sangue real!» — «Não é nada, meu filho, foi um capão para nossa ceia.» Assim o velho foi enganando até que elle tomou o banho e se desencantou n'um moço muito bello. Na mesa o pai lhe disse: «Se aqui viesse uma peregrina, tu o que fazias?» — «Mandava entrar e tratava bem.» A moça appareceu e disse o que queria. O Vento Grande respondeu: «Ô chente! ainda ago-

a passei por lá; é perto. Monte-se amanhã na minha *cacunda*, e, onde avistar um pé de arvore muito grande e *copudo* na frente de um palacio muito rico, agarre-se nos galhos, deixe-me passar que é ahí. » No dia seguinte, quando o Vento Grande partiu, a moça montouhe na *cacunda* e seguiram.

Depois de muito voar por muitas terras e reinos, avistou o pé de arvore na frente d'um grande palacio; o Vento logo de longe foi dizendo: « É alli; agarre-se nos galhos, sinão eu a levo para o fim do mundo. » Assim a moça fez; agarrou-se n'um galho da arvore, e o Vento seguiu. Ella desceu e pôz-se em baixo da arvore, *imaginando* um meio de entrar no palacio para vêr o principe, ou ter noticias d'elle. — Com pouco chegaram tres rolinhas e se puzeram a conversar nos galhos da arvore. Disse uma d'ellas: « Manas, não sabem? O principe real do Limo Verde está muito mal; talvez não escape. » Disse outra: « E o que será bom para elle? » Respondeu a terceira: « Allí não ha mais remedio; as feridas que elle recebeu na guerra são tres e não saram; só se pegarem á nós tres, nos tirarem os coraçãoezinhos, torrarem e moerem, e deitarem o pó nas feridas. » A moça ouviu toda a conversa das rolas; armou um laço e pegou todas tres; matou-as, tirou os corações, torrou-os e fez um pósinho e guardou. — Lá no reino vinha-se espalhado a noticia de que o principe estava á morte de umas feridas recebidas n'umas guerras. Não achando um meio de entrar no palacio, a peregrina tirou para fóra a almofada de ouro, e se pôz a fazer renda. Veiu passando uma criada do palacio, viu e foi dizer á rainha, mãe do principe: « Não sabe, rainha minha senhora, allí fóra está uma peregrina com uma almofada de ouro, com *birros*¹ de ouro, fazendo renda

¹ Não é o chapéo dos cardeaes, nem o *byrrho coleoptero*, uma transformação de *bilro*, o bilro conhecidissimo.

tambem de ouro, cousa mais linda que dar-se pôde Só *vosmecé* possuindo... » A rainha mandou perguntar á peregrina quanto queria pela almofada. A moça respondeu : « Para ella não é nada; basta me deixar dormir uma noite no quarto do principe que está doente. » A criada foi dar a resposta; mas a rainha ficou muito insultada e não quiz. Mas a criada lhe disse : « O que tem, rainha minha senhora? o principe meu senhor está tão mal que nem conhece mais ninguem; que mais faz que aquella tola durma lá no quarto no chão? » A rainha concordou; foi a almofada de ouro para palacio, e a peregrina dormiu no quarto do doente. Logo nesta primeira noite ella lavou bem as feridas que o principe tinha no peito, e botou n'ellas o pó dos corações das rolinhas; mas o principe ainda não *deu cor da si*, e não a conheceu. No dia seguinte a moça foi outra vez para debaixo da arvore, e puxou para fóra a gallinha de ouro com os pintinhos, que se puzeram a andar. A criada veio passando e viu. Correu logo para palacio e disse : « Ó rainha minha senhora, a peregrina está com uma gallinha de ouro com uma ninhada de pintos, tudo vivinho e andando... Que cousa bonita! Só rainha minha senhora, possuindo... » A rainha mandou propor negocio. A moça disse que não era nada; bastava deixar *ella* dormir mais duas noites no quarto do principe. A rainha não queria; mas a criada arranjou tudo, e a moça foi dormir no quarto do principe, e deu a gallinha e os pintos de ouro. Na segunda noite que ella dormiu em palacio, a moça continuou o tratamento, e ahí o principe foi melhorando e já a ia conhecendo. Na terceira noite acabou o curativo e o principe ficou bom. Depois que ficou de todo com saude, sahiu do quarto e apresentou á rainha e ao rei a peregrina como sua noiva, e assim se desmanchou o casamento que já lhe tinham arranjado com uma princeza visinha. Houve muita festa na cidade e no palacio... *E eu* (isto diz por sua

conta o narrador popular) *trouxe de lá uma panellinha de doce para lhe dar* (referindo-se à pessoa a quem contou a historia), *mas a lama era tanta que alli na ladeira dos Quiabos escorreguei e cahi e lá foi-se o doce.*

*Entrou por uma porta,
Sahiu por um pé de pato ;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte quatro.*

XVIII

João Gurumete

(Pernambuco)

Havia um sapateiro muito tolo que tinha um discipulo, que o aconselhava. Uma vez o sapateiro, botando um caco com gomma para esfriar, cahiram n'elle sete moscas, que ficaram presas e morreram. O discipulo, vendo aquillo, aconselhou ao mestre que escrevesse em letras grandes na cópa de seu chapéo: *João Gurumete que de um golpe matou sete.* Assim elle fez.

O povo quando viu aquillo ficou pensando que o sapateiro era um homem muito valente. Aconteceu que appareceu um bicho bravo, que andava acabando tudo, comendo a gente. Era um bicho de sete cabeças e sete linguas; todos os dias elle vinha buscar sua porção de gente, e, de sete em sete, já tinha acabado os meninos da cidade e estava devorando as donzellas. O rei mandou suas tropas acabar com o bicho, mas nada puderam fazer. Foram dizer ao rei que havia na cidade um homem muito destemido que só d'um *golpe* tinha matado sete, e que só elle é que podia dar cabo do bicho. O rei mandou chamar o João Gurumete e o mandou acabar com aquella fera. O sapateiro ficou muito assustado

mas não deu a entender ao rei, e disse que ia matar o monstro. Sahindo da presença do rei, foi ter com o discípulo, quasi chorando, que o valesse, que d'esta feita elle morreria. O discípulo lhe disse: « Não tem nada; lá onde se encontra o bicho ha uma igreja velha; você corra, quando o avistar, e entre pela igreja a dentro, e saia por um buraco que tem no fundo, e deixe estar que o bicho ha de entrar tambem, e então você feche a porta, e elle fica preso lá dentro e morre de fome, e está acabada a historia. » João Gurumete ficou muito contente e partiu; muita gente o acompanhou para vêr a morte do monstro. Quando o Gurumete avistou o bicho metteu-se no mundo largo n'uma desfilada e entrou pela igreja a dentro. O *bicho-fera* o acompanhou e entrou tambem. O sapateiro sahiu pelo buraco que havia no fundo da igreja, e o bicho, por ser muito grande, não pôde passar por alli. O povo que estava da banda de fóra fechou a porta, e o animal morreu lá dentro de fome. João, então, cortou-lhe as sete cabeças e foi levar ao rei, que lhe deu o titulo de conde e muito dinheiro. Passou-se.

Quando foi de outra vez appareceram tres gigantes muito grandes e temiveis que estavam assolando tudo, matando e roubando, e ninguem podia dar cabo d'elles. Avisaram ao rei que só o Gurumete era capaz de acabar com aquella peste. O rei mandou-o chamar e lhe encarregou de livrar a cidade de tanto flagello. O sapateiro d'esta vez sahiu mais morto do que vivo, e foi ter com o seu discípulo, dizendo: « Agora sim, estou perdido; aquelle bicho sempre era bicho e foi facil o enganar; mas estes gigantes são gente, e como eu hei de acabar com elles? D'esta eu me vou... » O discípulo lhe disse: « Não tem nada; vá escondido; antes dos gigantes chegarem, trepe-se n'um pé de arvore, onde elles costumam comer e descansar, e amarre lá em cima tres pedras muito grandes que correspondam á cabeça de cada um.

Quando elles estiverem dormindo, corte a corda de uma pedra e deixe cahir a pedra em cima da cabeça do primeiro; depois a outra, e depois a outra, e deixe estar.» João Gurumete partiu; chegando na tal arvore muito grande, avistou logo as tres covas, que já havia no chão, feitas pelo peso dos corpos dos gigantes, por alli dormirem. Pegou em tres pedras muito pesadas e amarrou lá em cima em tres galhos da arvore, que correspondiam ás cabeças dos tres gigantes, e trepou-se tambem lá muito quietinho e escondido nas folhas. Quando os gigantes vinham chegando foi aquelle *zoadão*, e o Gurumete teve tanto medo que quasi roda de cima em baixo. Os gigantes lá chegaram, e quasi batiam com as cabeças onde estava o mestre sapateiro. Alli comeram e beberam a rachar; ficaram muito tontos, se deitaram e pegaram no somno. Ahi o João cortou a corda de uma das pedras que cahiu bem em cima da cabeça de um d'elles, que acordou e disse: « Má está a historia; vocês já começam com as brincadeiras, já estão me dando *cocorotes* ¹. Tornaram a pegar no somno. Ahi o Gurumete pegou e cortou as cordas de outra pedra, que bateu na cabeça de outro gigante, e elle pensando tambem que era algum *cocorote* dado por um dos camaradas, zangou-se muito, e disse que se a cousa continuasse elle ia ás vias de facto. Fizeram muita algazarra e tornaram a pegar no somno. D'ahi a pedaço o sapateiro largou a derradeira pedra, que bateu na cabeça do terceiro. Elles não tiveram mais duvida, não, bateram mão nos alfanques e avançaram um para o outro, e brigaram até ficarem todos tres estendidos no chão. João Gurumete desceu, cortou as cabeças dos tres e levou-as para mostrar ao rei.

¹ Assim chama-se a pancada dada na cabeça com os dedos fechados e com força; é differente do *cafuné*, que é um estalo doce dado com as unhas na cabeça.

Houve muitas festas; o conde Gurumete recebeu o titulo de general e muito dinheiro, e ficou muito rico. Passou-se.

D'ahi a tempos sahiram umas guerras para o rei vencer, e as tropas do rei estavam já quasi acabadas e morto o general *Lacaio*, em quem os soldados tinham mais animo. O rei ficou muito desanimado, e os conselheiros lhe disseram que não havia remedio senão chamar o general conde João Gurumete, *que de um golpe matou sete*. O rei mandou-o chamar para ir vencer as guerras, e então lhe havia de dar sua filha em casamento. D'esta feita o sapateiro quasi cae para traz de medo. Foi ter com o discipulo e disse: « O bicho e os gigantes eram tolos, e agora as guerras com ferro e fogo... Valha-me Deus! » O antigo discipulo o animou, dizendo: « Vista-se com a *fardamenta* do general Lacaio, monte-se no seu cavallo e deixe estar o resto. »

O Gurumete partiu; lá no acampamento dos soldados não sabiam ainda da morte do general Lacaio, porque os enganavam dizendo que elle tinha ido á côrte fallar com o rei. Gurumete metteu-se na fardamenta de Lacaio, montou-se bem armado no cavallo d'elle, e avançou p'r'a frente. O cavallo disparou, e o sapateiro, que não sabia montar, ia cahindo e poz-se a gritar: « Lá cáio, lá cáio, lá cáio!... » Os soldados, que ouviram isto, supuzeram que era seu antigo general, avançaram com força e derrotaram os inimigos. Assim acabaram-se as guerras, ficando Gurumete por vencedor, e casou-se com a filha do rei. Na noite do casamento houve uma grande festa, e o antigo sapateiro bebeu de mais, e quando foi se deitar, cahiu na cama como um porco roncando, e pôz-se a sonhar alto: « Puxa mais este ponto, bate esta sola, encera a linha, olha a tripeça! » A princeza ficou muito espantada e desgostosa e queixou-se ao pai no outro dia que estava casada com um sapateiro, tanto que elle tinha sonhado toda a noite com os objectos de

sua tenda. O rei mandou ficar tropa á espreita e disse á filha : « Se elle esta noite sonhar como hontem, me avisa que elle será preso e morto. » O discipulo de Gurumete soube d'isto e o avisou : « Olhe que você está p'ra levar a carepa, se esta noite sonhar com cousas da tenda, como na noite passada ; não beba hoje nada ; e quando fôr p'r'a cama finja que está dormindo e sonhando com uma guerra, grite aos soldados, pegue na espada, risque pelas paredes, e deixe estar. » Assim fez.

Na cama fingiu que dormia, poz-se a gritar, commandando as tropas, pegou na espada e quasi feriu a princeza que teve um grande susto. O rei, que ouviu isto, ficou muito satisfeito e reprehendeu a filha, dizendo : « Estás casada com um grande homem, um valente guerreiro, e me andas com historias de sapateiro ! não me repitas outra. » D'ahi por diante Gurumete dormiu em paz, sonhando sempre com suas solas e sapatos.

XIX

Manoel da Bengala

(Sergipe)

Uma vez um rei teve um filho que nasceu logo muito grande e robusto. No fim de oito dias já o menino comia um boi inteiro. O rei ficou muito assustado e mandou chamar os conselheiros para lhe dizerem o que se havia de fazer, pois aquelle filho lhe acabava com toda a fortuna. Os conselheiros foram da opinião que o rei mandasse o filho procurar a sua vida. O principe pediu que lhe mandasse fazer uma bengala de ferro muito grossa e pesada, um machado e uma fouce tambem grandes e pesadas, e partiu.

Chegando a casa de um *senhor de engenho*, pediu

serviço, e o dono da casa o aceitou. Foi o moço derrubar uma roça e deitou com tres ou quatro fouçadas quasi todas as mattas do engenho em baixo. O dono ficou muito assustado, e não o quiz mais no seu serviço. Além d'isto, na hora de jantar, o principe não quiz o comer que lhe deram por não chegar nem para o buraco de um dente, e pediu um boi e um alqueire de farinha. O senhor do engenho, pensando que elle não podesse comer tudo, mandou dar-lhe para o experimentar, e ainda mais espantado ficou quando o viu devorar tudo, e o despediu.

Voltou o principe para o palacio de seu pai. Ahi esteve alguns dias, até que o rei mandou de novo reunir os conselheiros, que foram de opinião que o rei mandasse o principe pegar seis leões bravos nas mattas. Isto era para vêr se os leões davam cabo d'elle. O moço pediu um carro e uma junta de bois. Chegando nas mattas dos leões passou lá seis dias. Em cada dia matava um boi do carro e pegava um leão, botava no lugar, e o amansava. Depois cortou umas arvores muito grandes e botou no carro e largou-se para traz. Quando o rei o viu foi aquelle *zoadão* que parecia que queria vir tudo abaixo. Era o barulho das arvores e dos leões que vinham com Manoel da Bengala. Assim se ficou chamando o principe, por causa da bengala de ferro. Afinal o rei ordenou-lhe que ganhasse o mundo e não lhe voltasse mais em casa. O principe partiu.

Chegando adiante viu um homem passando um rio cheio, mas sem se molhar, e disse: « Adeus, Passa-vão. » — « Adeus, Manoel da Bengala. » — « Passa-vão, você quer andar na minha companhia? » — « Quero. » — « Apois então me passe para banda de lá. » Passa-vão o passou e seguiram juntos. Mais adiante encontraram um homem cortando muito cipó e emendando para fazer um laço, e Manoel da Bengala disse: « Adeus, Aranca-serra. » — « Adeus, Manoel da Bengala. » — « Ar-

ranca-serra, você quer andar commigo?... » — «Apois não, Manoel da Bengala!» — «Entonce vamos.» E partiram.

Cada dia um dos tres ia buscar comida para todos. Quando foi uma vez, Passa-vão foi buscar mantimento e encontrou no caminho um moleque muito preto, de carapuça de latão, que lhe pediu fogo para o cachimbo. Passa-vão não quiz dar, e o moleque trepou-lhe o cachimbo na cabeça e o derrubou no chão, como morto. D'ahi a muito tempo é que elle veio a si, voltou e contou aos companheiros o que lhe tinha acontecido. Arranca-serra disse: «Ora, Passa-vão, você é muito mofino; amanhã quem vai sou eu.» Assim foi. Quando andava por longe, appareceu-lhe aquelle moleque da cabeça de latão, que lhe pediu fogo para o cachimbo. Elle não quiz dar, e travaram lucta; o moleque arrumou-lhe com o cachimbo na cabeça e o deitou por terra. D'ahi a muito tempo é que elle deu accordo de si e voltou para os outros. Manoel da Bengala o debicou muito, chamando-o de mofino, e no dia seguinte quando foi buscar mantimento foi elle. Lá bem longe encontrou o moleque da cabeça de latão, que lhe disse: «Como vai, Manoel da Bengala?» «Vou bem; você como está?» — «Bom; muito obrigado, Manoel da Bengala, você me dá fogo para o meu cachimbo?» — «Não te dou, moleque; sae-te d'aqui.» E meteu-lhe a bengala e o moleque meteu-lhe o cachimbo. Travaram uma briga desesperada. Afinal Manoel da Bengala arrumou-lhe uma cacetada na cabeça, e arrancou-lhe a carapuça de latão. O moleque, então, dizia: «Manoel da Bengala, me dê minha carapuça.» — «Não te dou, moleque.» E assim foram andando, até que Manoel da Bengala lhe disse: «Só te dou a carapuça se me deres as tres princezas que tu tens presas.» Ahi o moleque, que era o cão, respondeu: «Isto não, porque não são minhas.» E foram andando até que o moleque entrou por um buraco a dentro, e Manoel da Bengala enfiou

atrás. Lá dentro foram dar n'um palácio muito rico, onde havia um engenho em que estavam trabalhando muitas pessoas. Era o inferno. E sempre o moleque a pedir a carapuça de latão, e o príncipe a pedir as princezas. O cão, que conheceu que não podia com a vida d'elle, deu-lhe as moças; mas o príncipe lhe disse: « Agora só lhe dou a carapuça si me botar lá fóra no meu caminho. » O moleque não quiz e elle metteu-lhe a bengala. Afinal consentiu. Mas os companheiros, que tinham ficado da banda de fóra do buraco, logo que viram sahir as tres moças que o cão tinha levado para fóra, fugiram com ellas, querendo enganar a Manoel da Bengala, que as queria para casar com uma, e dar aos outros a cada um a sua. Quando elle chegou fóra, deu a carapuça de latão ao demonio, e este sumiu-se. Elle procurou as moças, não as encontrou, e ficou desapontado. Os dous companheiros de Manoel da Bengala tinham ido com ellas, que eram princezas, para as entregar ao rei, seu pai, e dizerem que elles é que as tinham salvado, e por isso deviam se casar com ellas. O rei ficou muito alegre com a chegada das filhas que não via ha muito tempo, mas as moças muito tristes e a chorar, dizendo ao pai que não tinham sido aquelles que as tinham salvado. Manoel da Bengala tinha tres lenços que as moças lhe tinham dado; pegou n'um d'elles e disse: « Avôa e vai cair no collo de tua dona. » O lenço virou-se n'um papagaio e voou e foi cair no collo da princeza mais velha e lá virou-se no lenço outra vez. A princeza ficou muito contente e disse: « Eu só me caso com o dono d'este lenço. » Manoel da Bengala pegou no outro lenço e disse: « Avôa e vai cair no collo de tua dona. » O lenço virou-se n'um papagaio e foi cair no collo da princeza do meio. Ella ficou muito contente e disse: « Eu só me caso com o dono d'este lenço. » Manoel da Bengala então pegou no terceiro lenço e disse: « Avôa e bota-me na casa das tres princezas. » De repente lá se achou. Houve muita alegria; elle se casou com a mais bonita das

moças, e os outros dous foram expulsos, depois de muito castigados, e as duas princezas se casaram com outros principes.

XX

Chico Ramela

(Sergipe)

Uma vez um homem tinha tres filhos. Cada um por sua vez sahiu para ganhar a sua vida, indo primeiro o mais velho e ao depois os outros dous. O primeiro tinha um pé de lorangeira e disse: « Quando o meu pé de lorangeira começar a murchar, me acudam, que eu estou em perigo. » Elle ganhou o mundo e foi dar na casa de uma princeza, que tinha duas irmãs parecidas com ella. Lá chegando, pediu *rancho* e lhe foi dado; mas na hora da ceia a moça pegou com elle uma aposta, dizendo que quem comesse mais seria senhor do outro. O moço concordou e puzeram-se na mesa. A moça comeu muito e, quando não pôde mais, pediu licença para ir lá dentro, e mandou uma de suas irmãs a substituir. Esta veiu e começou a comer, e o moço, que a não tinha visto, a tomou pela primeira. Afinal elle não pôde mais e arriou, e ficou por captivo. Lá em sua casa entrou a murchar o seu pé de lorangeira, e o irmão do meio foi ao pai e disse: « Meu pai, meu irmão mais velho está em perigo e eu quero ir em soccorro d'elle. » — « Pois bem, vai; mas tu o que queres — minha maldição com muito dinheiro, ou minha benção com pouco? » — « A maldição com muito. » O moço partiu, e, ao sahir, disse: « Quando o meu pé de limeira começar a murchar me acudam que eu estou em perigo. » Sahiu e andou muito. Foi ter justamente em casa da princeza onde se achava pre-

so o seu irmão. Lá pediu *rancho*, e na hora da janta lhe aconteceu o mesmo que ao outro, ficou também preso, mas não sabia um do outro. Lá em sua casa entrou a murchar o seu pé de limeira. O irmão caçula foi ao pai e pediu para ir em procura de seus dous irmãos. O pai fez a pergunta que havia feito ao outro, e elle respondeu pedindo a benção. Seguiu Chico Ramela, assim era o seu nome, adiante encontrou uma velhinha que era Nossa Senhora a sua madrinha, que lhe ensinou onde estavam seus irmãos, e o que costumava a princeza fazer para prender a quem lá ia, e disse que elle aceitasse a aposta, mas não deixando a moça se levantar da mesa. Lá chegando, elle executou tudo o que a velhinha lhe aconselhou e ganhou a aposta; mas não quiz a princeza por sua captiva, se contentando em soltar todos os presos que lá se achavam. Os irmãos ficaram muito satisfeitos e seguiram todos tres juntos.

Mais adiante os dous mais velhos se revoltaram contra o caçula e lhe fizeram a traição de lhe tomarem tudo que levava e o captivarem. Compraram cavallos e seguiram levando a Chico Ramela por escravo. Foram dar n'um reino onde uns bichos ferozes vinham todas as noites estragar e devorar as hortas e jardins do rei, e não havia quem pudesse dar cabo d'elles. Os dous irmãos de Chico Ramela se foram offerecer para matar os taes animaes, e nada puderam fazer. Afinal o Chico foi-se offerecer e foi aceito. Foi dormir nas hortas do rei, munido de uma viola, que poz-se a tocar para não pegar no somno. Lá p'r'a terça noite elle ouviu aquelle *zoadão* que vinha acabando tudo. Eram os animaes ferozes. Eram tres cavallos encantados. Chegaram ás hortas do rei e não puderam entrar porque o moço se apresentou em frente d'elles. Cada um pediu por sua vez uma folha de couve, que o moço deu. Então o primeiro cavallo disse: « Quando se achar em algum perigo, diga: Valha-me o meu cavallo baio encerado das crinas pre-

tas.» E partiu. O outro disse: « Quando se ache n'algum perigo, diga: Valha-me o meu cavallo *lazão* da estrella branca.» Partiu. O terceiro disse: « Quando se achar n'algum perigo diga: Valha-me o meu cavallo ruço-pombo das canas pretas.» E sumiu-se. No dia seguinte appareceram os jardins e hortas do rei perfeitinhas, e Chico Ramela com muito dinheiro e seus irmãos fugidos e corridos de vergonha.

Tempos depois, a filha do rei declarou que só se casava com o moço que, montado a cavallo, em toda a desfilada, subisse as sete escadarias do palacio e lhe tirasse o cravo que ella tinha no cabello. Marcou-se o dia para esta cerimonia e nenhum pôde conseguir lá chegar. Então Chico Ramela disse: « Valha-me o meu cavallo baio encerado das crinas pretas.» De repente lhe appareceu aquelle cavallo todo arreiado de prata que fazia inveja a todos, e elle partiu a toda a *bride*. Chegando a palacio o cavallo galgou tres escadarias e voltou. Todos ficaram muito admirados porque foi o cavallo mais bonito que appareceu e o cavalleiro que chegou mais alto. No dia seguinte tambem ninguem nada conseguiu, e Chico Ramela disse: « Valha-me o meu cavallo *lazão* da estrella branca!» Appareceu o cavallo todo arreiado de ouro e o moço partiu. Galgou cinco escadarias e voltou. Todos ficaram ainda mais espantados e a princeza já se sentia apaixonada. No terceiro dia a mesma cousa, e ninguem conseguiu chegar onde estava a princeza. Então Chico Ramela disse: « Valha-me o meu cavallo ruço-pombo das canas pretas!» Appareceu aquelle cavallo lindo de fazer medo, todo arreiado de diamantes. Houve bravos geraes; o moço passou pela princeza em toda a desfilada, o cavallo trepou as sete escadarias, fez uma mesura, e o moço tirou o cravo dos cabellos da moça. Teve logar o casamento; houve muitas festas, e os irmãos do Chico desapareceram envergonhados.

XXI

A Sapa casada ¹

(Sergipe)

Uma vez havia um homem que tinha tres filhos. O mais velho d'elles lá n'um dia foi ao pai e disse: « Meu pai, eu já estou moço feito, vossa mercê já está velho, e por isso eu quero ir ganhar a minha vida. » — « Pois bem, meu filho; mas tu o que queres — a minha benção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito? » O moço respondeu: « A sua maldição com muito. » Assim foi, e o moço partiu. Depois de andar muitas terras e passando sempre contrariedades casou-se. Um anno depois o seu irmão do meio foi ao pai e lhe disse que tambem queria ir ganhar a sua vida. O pai lhe fez a mesma pergunta que ao primeiro, e o moço respondeu como elle e partiu. Depois tambem de muito viajar e soffrer, casou-se. D'ahi a um anno o irmão caçula tambem pediu ao pai para ir ganhar a sua vida. O pae perguntou-lhe se queria a benção com pouco dinheiro, ou a maldição com muito. O moço quiz a benção, e seguiu caminho. Depois de andar algum tempo ouviu uma voz muito bonita, estando elle a descansar perto de uma lagôa. O moço ficou muito maravilhado e disse que se casaria com a dona d'aquella voz, fosse lá ella quem fosse. De repente elle se viu n'um palacio muito rico e appareceu-lhe uma sapa para casar com elle. O moço casou-se, mas ficou muito triste. Ora, passando algum tempo, elle e os irmãos tinham de ir visitar a familia, pois isso mesmo tinham contractado com os paes. N'um certo

¹ O sapo ordinario é o *Bufo cinereus*, o sapo d'agua *Pelobates fuscus*.

dia todos tres tinham que se apresentar. Todos tinham que levar presentes mandados por suas mulheres, e o rapaz mais moço, casado com a sapa, andava muito afflicto sem ter o que levar. A sapa lhe disse que lhe dêsse linhas que ella queria apromptar umas rendas para mandar á sogra. O moço deu uma gargalhada e atirou-lhe as linhas na agua. A sapa gritou todo o dia dentro da lagôa, formando muita espuma e o moço desesperado. Mas, quando foi no dia, appareceu-lhe uma renda tão linda como elle nunca tinha visto. O moço partiu. Houve muita alegria lá na casa dos paes, e o presente mais bonito foi o levado pelo caçula, pelo que os irmãos ficaram com muita inveja. Despediram-se os moços para voltar para suas casas, e os paes lhes pediram para no dia tal voltarem, levando cada um sua mulher. Ahi os dous filhos mais velhos ficaram mais contentes, porque já rosnava por lá que o caçula tinha-se casado com uma sapa. O mais moço nada disse, e andava em casa muito triste, pensando na vergonha por que ia passar se apresentando com uma sapa por mulher. Quando foi no dia da viagem a sapa pulou para fóra da lagôa com um rancho enorme de sapos e sapinhos, e poz-se a caminho com o moço, elle a cavallo e ella n'um carro de boi com seu acompanhamento. O moço ia muito triste. Mas, quando se aproximaram da casa, a sapa se desencantou e virou-se n'uma princeza, a cousa mais bonita que dar-se podia, e todos os sapinhos n'uma grande porção de criados e criadas. Foi uma festa muito grande, e as duas mulheres dos outros moços de inveja e vergonha cahiram para traz, e morreram.

XXII

Cova da Linda Flôr

(Rio de Janeiro)

Houve n'outro tempo um rei que tinha o habito de jogar, e todos com quem jogava perdiam. Uma vez convidou a um outro rei para jogar, e, no dia marcado, este se apresentou; mas perdeu todas as mãos do jogo, até que se desenganou e despediu-se para se ir embora. O dono da casa, que o desejava matar, marcou-lhe um outro dia para ir a palacio, o que era seu costume fazer com todos com quem jogava.

O outro foi avisado d'isto, e dirigiu-se a um ermitão para lhe aconselhar o que havia de fazer para evitar a morte. Este, não sabendo o conselho que lhe havia de dar, mandou que fosse ter com outro segundo seu irmão, que ainda o enviou para terceiro. Este ultimo aconselhou ao rei que se puzesse debaixo de uma arvore, que lhe indicou, e que tivesse cuidado nos passaros que n'ella se assentassem, afim de apanhar um escripto que um d'elles levaria no bico e largaria no chão, e que elle seguisse o que o tal escripto ensinasse. Assim fez. Encaminhou-se á arvore indicada, sentou-se debaixo, e d'ahi a uma hora vieram chegando os passaros, até que tambem chegou um que tinha o peito amarello que trazia o escripto, e o largou. O rei apanhou o papel, e leu as seguintes palavras: « O rei com quem jogaste tem tres filhas encantadas, que hão de ir se lavar no rio, virando-se em tres patas. Põe-te escondido na beira do rio até que ellas cheguem; depois que ellas tirarem a roupa para se banharem, debes apanhar a roupa da ultima que se despir e esconder-te com ella. Depois do banho as princezas hão de procurar a sua roupa, e a mais moça, não encontrando a sua, ha de ficar muito afflicta e promet-

ter livrar de todo o mal a quem lh'a restituir.» Assim fez. Seguindo para a beira do rio, se escondeu até que chegaram as tres princezas irmãs; tiraram todas tres as suas roupas, puzeram-se nuas, viraram-se em tres patas e atiraram-se ao rio. Depois que se fartaram de banhar-se sahiram da agua para se vestirem e tornarem para o palacio. As duas que tinham roupa vestiram-se; a mais moça, como faltasse a sua para fazer o mesmo, ficou desesperada por não poder seguir suas irmãs. Como desconfiasse que lhe tinham escondido a roupa, e não enxergando pessoa alguma, pediu a quem lh'a tivesse tirado que lh'a entregasse; porém o rei se fez surdo e não appareceu. Pediu a princeza pela segunda vez e nada; pediu pela terceira, promettendo a quem lh'a entregasse de livrar do mal que tivesse de lhe acontecer. Então sahio o rei do esconderijo onde estava e dirigiu-se para a princeza, dizendo: «Aqui está a vossa roupa que eu tinha escondido afim de me livrar, por vossos conselhos, da morte que vosso pai me quer dar.» A moça respondeu: «Tenho por costume cumprir o que prometto, e d'isto não me afasto; meu nome é *Cova da Linda Flôr*; hoje é o dia que tendes de ir á casa do rei meu pai; chegando lá batei na porta, ella vos será aberta; assubireis até chegardes á porta da sala, a qual achareis tambem fechada; batei, por dentro vos abrirão, ao abrir encostai-vos na parede para vos esconder a dita porta; não vos assusteis com um foguetão que ha de sahir da sala, que é para dar fim á vossa vida; passando o foguetão, entrai na sala e fallai com o rei, meu pae.» Assim fez. Quando o rei julgava que o foguetão tinha dado cabo do outro, foi que este se apresentou em sua frente. Ficou o pai das princezas muito massado por ser aquelle o primeiro que tinha escapado d'aquelle trama. ¹ Orde-

¹ O povo faz de *trama* masculino; é o que se dá com *ta-pa*, palavras que os dictionarios dão como genero feminino.

nou-lhe então que fizesse amanhecer o seu palacio no meio do mar, sob pena de perder a vida. O rei jurado recolheu-se ao seu aposento no palacio muito triste e pensativo, temendo perder a vida no dia seguinte. Dirigindo-se então a princeza para onde estava elle, perguntou-lhe a causa da sua tristeza. Respondeu que tinha de perder a vida no dia seguinte, si não fizesse apparecer o palacio no meio do mar, conforme seu pai lhe tinha ordenado. Ella lhe prometeu que d'essa vez ainda não morreria; que dormisse descansado, que quando amanhecesse estaria no meio do mar. O que tudo aconteceu com admiração de todos. Como o pai da Cova da Linda Flôr não pudesse d'esta segunda vez matar o rei, seu companheiro, ordenou-lhe que dêsse conta d'um anel que sua mulher tinha perdido no mar, com pena de perder a vida no dia seguinte. Retirou-se o hospede ao seu aposento outra vez triste e pensativo; o que sabendo a princeza, para lá se dirigiu e perguntou-lhe o motivo. «Tenho de morrer amanhã si não der conta de um anel que a rainha vossa mãe perdeu no mar.» A moça prometeu-lhe que estivesse descansado, que tinha de achar o anel. Deu então ao rei uma varinha, indicando-lhe uma lage que havia no mar, que, quando amanhecesse, se dirigisse á dita lage e batesse com a varinha, que havia de começar a sahir os peixes que estavam no fundo da lage, que havia de vêr um de papo amarello, que o agarasse e o abrisse que dentro encontraria o anel. Assim foi. Tudo se passou como a princeza ensinou; arranjado o anel o rei foi leval-o ao outro que logo o reconheceu e percebeu que isto eram artes da Cova da Linda Flôr, e resolveu acabar tambem com ella. Porém a moça adivinhando isto foi ter ao aposento do seu protegido e lhe disse que fosse á estrebaria de seu pai, que lá encontraria tres cavallos, um muito gordo e grande que andava como a agua, outro mais abaixo na figura que andava como o vento, e outro ainda

mais abaixo que andava como o pensamento, que elle pegasse n'este e viesse para fugirem ambos. Indo o rei á estrebaria, não encontrou o que lhe disse a moça e pegou no cavallo do meio, que andava como o vento, o que desagradou bastante á princeza. Como já fosse perto do dia, montaram-se ambos no cavallo, e fugiram.

Amanhecendo, o rei achou falta de sua filha e indo ao quarto do outro rei, tambem o não encontrou, indo tambem á estrebaria não encontrou o cavallo que andava como o vento. Mandou apparelhar o cavallo que andava como o pensamento, e seguiu atraz dos fugitivos. Quando os estava para alcançar, a princeza fez virar o cavallo em que fugia n'um estaleiro, a sella n'um tóro de pau, o freio n'uma serra, o rei em cima do estaleiro e ella em baixo, ambos com a serra na mão a serrar. Chegando o rei, perguntou se tinham visto passar um homem com uma moça na garupa. A resposta que teve foi: « Serra, serra, serrador. Eu tambem sei serrar. » Cançado de perguntar e sem ter uma resposta, o rei voltou desapontado. Chegando contou á rainha o que tinha encontrado, ao que ella disse: « És muito innocente; o estaleiro é o cavallo, o tóro a sella, o freio a serra, e os dous eram o rei e a nossa filha. » O rei volta para vêr se os pegava; no caminho já não encontrou mais os serradores. Seguiu, e quando já estava a pegar os fugitivos, estes se viraram n'uma ermida, dentro d'ella um altar, no altar uma imagem, ao pé do altar um ermitão rezando em um rosario. Perguntando-lhe o rei si tinha visto passar um homem com uma moça na garupa, a resposta do frade era: « Padre nosso, Ave Maria. » Cançado o rei de perguntar, voltou de redea, e foi-se embora. Chegando á casa contou á rainha o acontecido, ao que esta respondeu: « És muito tolo; a ermida era o cavallo, o altar a sella, a imagem a princeza, o ermitão o rei, que voltes quanto antes. » O rei partiu, e pelo caminho não encontrou mais ermida, nem ermitão. Depois

de muito andar encontrou uma roseira com uma rosa, perguntou á mamangaba se tinha visto passar por alli um homem a cavallo com uma moça na garupa. A mamangaba voou em torno da rosa; assim uma segunda vez. Na terceira pergunta ella voou em cima do rei e deu-lhe uma ferroada. O rei voltou desapontado, contou á rainha o que se tinha passado, e ella lhe respondeu: « És ainda muito tolo; a roseira era a sella, a rosa nossa filha, o cercado o cavallo, a mamangaba o rei, portanto volta quanto antes. » O rei não quiz voltar, e a rainha de zangada pediu a Deus que o rei fugitivo fosse ingrato com sua filha e a desprezasse. Assim aconteceu. Depois que estiveram residindo n'uma cidade por algum tempo se separaram, e o rei esqueceu de todo a Cova da Linda Flôr.

Então elle contractou casamento com outra princeza, e quinze dias antes do casamento mandou fazer annuncios para se apresentarem as pessoas que melhores doces soubessem fazer. Entre as que se apresentaram appareceu uma moça que se encarregou de fazer um casal de pombas que fallassem, com a condição de serem postas em cima de uma mesa diante de todo o povo na vespera do casamento. O rei concordou e no dia marcado mandou chamar todo o povo da cidade para presenciar aquella *fonção*¹. Estando todos presentes, disse a pomba para o pombo: « Pombo, não te alembras quando o rei, meu pai, te convidou para jogar, para procurar um meio de te matar, e tu para te livrares escondeste a minha roupa, quando fui me banhar no rio, e eu te prometti livrar de todo o perigo si me desses a roupa? Pombo, não te alembras quando meu pai te chamou ao seu palacio para te tirar a vida, e te salvaste por meus conselhos? Não te alembras quando elle te ordenou que fizesses amanhecer seu palacio no meio do mar, e depois que lhe des-

¹ Função.

ses conta de um anel que minha mãe tinha perdido também no mar, sob pena de perderes a vida, o que tudo conseguiste por meus conselhos? Não te lembras quando fugimos, para escapar da morte, no cavallo que corria tanto como o vento, e, sendo perseguido por meu pai, nos salvamos por meus encantos? Não te lembras que isto aconteceu por tres vezes, que na ultima nos viramos n'uma roseira com uma rosa, e uma mamangaba, que tudo fiz para te salvar a vida, e tu ingrato me esqueceste e vaes-te casar com outra? O pombo ia alevantando a cabeça á *porporção* que o rei se ia lembrando do que se tinha passado com elle, e o rei desfez o tracto do casamento e recebeu por mulher aquella que o tinha livrado da morte.

XXIII

João mais Maria

(Rio de Janeiro e Sergipe)

Uma vez houve um homem e uma mulher que tinham tantos filhos que resolveram deitar fóra um casal para se verem mais desobrigados. N'um bello dia o pai disse a João e Maria que se apromptassem para irem com elle tirar mel no matto. Os dous meninos se apromptaram e seguiram com o pai, que desejava mettel-os na matta e deixal-os lá ficar. Depois de muito andar, e quando já estava bem embrenhado, o pai disse aos filhos: « Agora esperem aqui, que eu vou alli, e quando eu gritar vocês se dirijam para o lado do grito. » Depois de andar um bom pedaço, o pai gritou e retirou-se para traz, em busca de sua casa. As crianças ouvindo o grito, se dirijiram n'aquella direcção, mas não encontraram mais ao

pai, e se perderam. Chegando a noite alli pousaram; no dia seguinte desenganados que não achavam o pai, tratou João de trepar em uma das arvores mais altas, que estavam n'um outeiro afim de vêr se descobria alguma casa. De cima da arvore descobriu muito longe uma fumacinha. Para lá se dirigiram; depois de muito andar descobriram uma casa velha, e o menino se aproximou, para explorar, deixando a irmã escondida. Chegando João á casa encontrou uma mulher velha, quasi cega, que fazia bolos de milho. João fez um espetinho e furtou alguns bolos, que comeu e levou tambem para sua irmã. Como a velha não enxergava bem, quando sentia o movimento do menino lhe tirando os bolos, suppunha que era o gato, e dizia: « Chipe, gato, minha gato, não me furte meus bolinhos! » No dia seguinte João voltou á mesma casa para tirar bolos para si e para Maria. Ouvindo a velha o reboliço dizia: « Chipe, gato, minha gato, me come meus bolinhos! » João muniu-se de bolos e se retirou. No dia seguinte quiz ir só, e Maria tanto insistiu que tambem foi. Logo que chegaram á casa tratou o menino de tirar alguns bolos dos que a velha acabava de fazer. A velha, que ouviu o rumor, disse pela terceira vez: « Chipe, gato, minha gato, não me furtos meus bolinhos! » Maria não pôde-se conter e desatou uma gargalhada. A velha ficou sarapantada e conheceu que eram os dous meninos, e então disse: « Ah! meus netinhos, eram vocês! Venham cá, morem aqui comigo. » Os dous meninos ficaram. Mas o que a velha queria era engordal-os para comel-os ao depois. De tempos a tempos a velha lhes pedia o dedo grande para vêr se já estavam gordos; mas os meninos lhe davam um rabinho de lagartixa que tinham pegado. A velha achava o rabinho muito magrinho, e dizia: « Ainda estão muito magrinhos! » Assim muitas vezes, até que os meninos perderam o rabinho da lagartixa e não tiveram volta senão mostrarem os proprios dedos. A velha os

achando gordos, e os querendo comer mandou-os fazer lenha para uma fogueira, para dançarem em roda. O fim da rabujenta era empurrar os dous meninos dentro do tacho de agua fervendo e os matar. Os meninos foram buscar lenha, e quando vinham de volta toparam com Nossa Senhora que lhes disse: « Aquella velha é feiticeira e quer dar cabo de vós; portanto quando ella mandar fazer a fogueira, fazei-a; assim que vos mandar dançar, dizei-lhe: Minha avósinha, vossemecê dance primeiro para nós sabermos como havemos de dançar. Quando ella estiver dançando empurrai-a na fogueira, e correi. Trepai-vos na arvore que tem perto da casa; quando der um estouro é a cabeça da velha que arrebitou. D'ella têm de sahir tres cães ferozes, que vos hão de devorar; por isso tomai tres pães. Quando sahir o primeiro cão chamai-o *Turco*, e atirai um pão; quando sahir o segundo chamai-o *Leão*, e atirai outro pão; quando sahir o terceiro gritai *Facão*, e atirai o ultimo pão. E serão tres guardas que vos acompanharão. » Assim fizeram. Prompta a fogueira, e a velha os mandando dançar, pediram para ella dançar primeiro para lhes ensinar, no que cahiu a velha, e quando estava muito concha nos seus tregeitos, os dous pequenos atiraram-na na fogueira. Treparam-se depois na arvore á espera de arrebitar a cabeça da feiticeira e sahirem os tres cães. Aconteceu tudo como lhes tinha ensinado Nossa Senhora, desceram da arvore e tomaram conta da casa como sua, e ficaram alguns annos com os tres cães como guardas. Ao depois Maria se namorou de um homem, e tentaram os dous dar cabo de João, o que não podiam conseguir por causa dos tres cachorros que nunca o desamparavam. Combinaram então em Maria pedir ao irmão que lhe deixasse um dia ficar com os tres bichos por ter ella medo de ficar sósinha, quando elle ia para o serviço. João consentiu e cá os malvados taparam os ouvidos dos cachorros com cera para quando chamados, o

não ouvirem. Depois do que partiu o camarada de Maria a encontrar João para o matar, levando uma espingarda carregada. Quando o avistou disse: « Reza o *acto de contrição* que vaes morrer. » João, que se viu perdido, pediu tempo para dar tres gritos; o sujeito lhe respondeu: « Póde dar cem. » Trepou-se o moço n'uma arvore e gritou: « Turco, Leão, Facão!... » Lá os cachorros abalaram as cabeças. Tornou o moço a gritar e os animaes despedaçaram as correntes, que os prendiam; tornou a gritar, e elles se apresentaram diante d'elle e devoraram aquelle que o queria matar. Voltando para casa disse João a sua irmã: « Visto me atraçoares, fica-te ahí só, que vou pelo mundo ganhar a minha vida. » E seguiu com os seus tres guardas, até que chegou a uma terra que tinha um monstro de sete cabeças, que tinha de comer uma pessoa por dia, e que lhe tinha de levar fóra da cidade para elle não se lançar sobre ella. Quando João chegou n'esse ponto, topou com uma princeza em quem tinha cahido a sorte para ser lançada ao bicho. Perguntou-lhe o moço a causa porque estava alli. Respondeu que lhe tinha cahido a sorte de ser n'aquelle dia devorada pelo monstro de sete cabeças que alli tinha de vir e que elle se retirasse para não ser tambem devorado; que o rei seu pai tinha decretado que quem matasse o bicho casaria com ella, mas que não havia ninguem que se atrevesse a isso.

O moço então disse que queria vêr o tal monstro, e, como estava com somno, deitou a cabeça no collo da princeza e adormeceu. Quando foi d'ahi a pouco, apresentou-se a fera. A princeza, logo que a avistou, poz-se a chorar e cahiu uma lagrima no rosto do moço, e elle acordou; a princeza lhe pediu que se retirasse, mas elle não o quiz, e, quando o bicho se aproximou, mandou o moço seu cachorro *Turco* se lançar sobre elle. Houve grande lucta, e estando já cançado o *Turco*, mandou o *Leão*, que quasi matou a féra, finalmente mandou o *Fa-*

cão, que acabou de a matar. João puxou por sua espada e cortou as sete pontas das linguas do monstro, e seguiu, bem como a princeza, que foi para o palacio de seu pai. Passando um preto velho e aleijado por onde estava o bicho morto, cortou-lhe os sete cotócos das linguas e levou-os ao rei, dizendo que elle é que tinha morto o monstro.

O rei pensando ser verdade, mandou apromptar a princeza para casar com o negro, apesar da moça lhe dizer que não tinha sido aquelle que tinha dado cabo do monstro e a livrado da morte. Chegando o dia do casamento, mandou o rei apromptar a mesa para o almoço, e, quando botaram no prato para o negro, entrou o cão *Turco* e o arrebatou da mão do preto. Quando a princeza viu o cão ficou muito alegre, e disse que era aquelle um dos que tinham morto o bicho, e que seu dono é que tinha cortado as sete pontas das linguas com a sua espada. Veio segundo prato para o negro, e entrou o cão *Leão* e o arrebatou, e a princeza disse o mesmo ao pai. Então o rei mandou um criado seguir o cão para saber d'onde era, e quem era o seu senhor, e que o trouxesse á palacio. O moço, que recebeu o recado, partiu logo a ter com o rei. Quando a princeza o viu, disse logo que era aquelle, que realmente puxou um lenço e mostrou as sete pontas das linguas. O rei mandou buscar quatro burros bravos e mandou amarrar n'elles o preto, que morreu despedaçado, e João casou com a princeza.

XXIV

A protecção do diabo

(Rio de Janeiro)

Houve um rei que tinha um filho; quando este chegou á idade de dezoito annos, sua mãe mandou vêr a sua sina, e lhe responderam que seu filho tinha de morrer enforcado. Desde esse dia sua mãe não pôde ter mais alegria. O principe, logo que notou a tristeza de sua mãe, perguntou-lhe qual era o motivo d'ella. Sua mãe não lhe quiz dizer; mas o moço incommodado por esse mysterio, tambem cahiu em tristeza. No segundo dia tornou a indagar da rainha, e nada d'ella lhe querer dizer; no terceiro dia o mesmo. Porém tanto o principe insistiu, que ella se viu obrigada a declarar a causa de sua tristeza, que era por sua triste sina de seu filho morrer enforcado. O principe não se atemorizou, e disse á sua mãe que por isso se não incomodasse, porque morrer d'isto ou d'aquillo, de molestia ou enforcado, tudo era morrer; e portanto lhe dêsse licença para ir elle correr mundo para não morrer aonde tinha nascido, para evitar a seus paes maior dôr. Com custo a rainha lhe concedeu licença, e o moço foi ter com o rei que tambem a custo lhe quiz dar.

O principe se apromptou para seguir, e, na despedida, seu pai lhe deu uma grande somma de dinheiro para sua viagem. Depois de ter o moço corrido algumas cidades e reinos, chegou a um lugar onde havia uma capella de São Miguel, com sua imagem e a figura do diabo, tudo já muito arruinado. Ahi parou o principe a fim de mandar concertar a capella e as imagens.

Mandou chamar operarios e se pôz á testa da obra.

Depois que concluiu, e restando um pouco de tinta, deixando o pintor por pintar a figura do diabo, veio elle dar parte ao principe que tinha concluido o trabalho, e que tinha ficado um resto de tinta por não ter pintado o diabo. O principe examinou a obra e ordenou que se pintasse tambem o demonio, e, deixando tudo prompto, retirou-se. Depois de ter corrido outras terras, foi dar á casa de uma velha, pedindo-lhe licença para ahi pernoitar. Depois que a velha lhe destinou um quarto, o principe pôz-se a contar o dinheiro que lhe restava, o que vendo a velha foi dar parte á auctoridade, dizendo que um ladrão a estava roubando em sua casa. A auctoridade com uma escolta se dirigiu á casa da velha, prendeu ao principe, e o conduziu para a cadêa para ser processado, o que aconteceu, sendo elle condemnado á pena ultima. Chegando o dia de a cumprir, sahiu o moço da prisão no meio de uma escolta para ser conduzido á forca. São Miguel, que estava na capella que o principe tinha mandado concertar, perguntou ao demonio: « Então tu agora não estás mais bonito? » Respondeu o diabo que sim. « E não sabes quem concertou esta capella e nos enfeitou? » Respondeu que o principe, que tinha passado por alli. « Pois este principe está em caminho conduzido por uma escolta para ser enforcado, e cumprir a sentença a que foi condemnado injustamente, e deves ir defendel-o. » O diabo montou n'um fogoso cavallo, dirigiu-se á casa da velha, conduziu-a á justiça, onde ella declarou toda a maquinação que tinha feito para ficar com o dinheiro do principe. O rei, sabendo do occorrido por intermedio do diabo, passou ordem para ser solto o principe e conduzido á sua presença, sendo o diabo o portador da ordem. Partiu o demonio no seu cavallo e apenas teve tempo de chegar, pois o principe já estava quasi no acto de ser enforcado. Apresentou a ordem de soltura, e, livre o principe, o levou ao palacio do rei. Este interrogou ao principe para saber quem era e d'on-

de vinha; ao que elle respondeu justamente quem era, e que tinha sahido da terra de seus paes para não morrer enforcado perto d'elles, pois essa era a sina que tinha trazido. O rei obrigou a velha a restituir o dinheiro do principe, e mandou-a levar para a prisão até chegar o dia de ser sentenciada pelo crime que tinha cometido.

O principe, depois que se viu livre e embolsado de seu dinheiro, indo caminhando por uma estrada encontrou-se com um fidalgo montado n'um fogoso cavallo, o qual fidalgo lhe perguntou para onde ia, ao que respondeu que andava em terra estranha e não sabia onde iria pernoitar. E foram andando justamente pelo caminho que ia dar á capella que o principe tinha mandado concertar. Elle pelo caminho foi contando ao fidalgo o que lhe tinha acontecido, e como se tinha livrado d'aquella vez, mas que a sua sina era de morrer enforcado. Então lhe disse o fidalgo: « Não sabeis quem vos defendeu? » Respondeu o principe que não. « Pois sabei que fui eu, que sou a figura do diabo que estava na capella de São Miguel, que vós mandastes concertar, e tambem pintar a mim. Me dizendo o santo o aperto em que vós estaveis, montei a cavallo, e ainda cheguei a tempo de vos salvar. Podeis voltar para vossa terra, porque a vossa sina está desmanchada, indo a velha ser enforcada em vosso logar. »

Desappareceu o diabo, que foi para a sua moradia na capella, onde tambem foi o principe fazer sua oração. Depois voltou para a sua patria, onde seus paes o receberam com grande contentamento.

XXV

A Fonte das tres comadres

(Sergipe)

Havia um rei que cegou. Depois de ter empregado todos os recursos da medicina, deixou de usar de remedios, e já estava desenganado de que nunca mais chegaria a recobrar a vista. Mas uma vez foi uma velhinha a palacio pedir uma esmola, e, sabendo que o rei estava cego, pediu para fallar com elle para lhe ensinar um remedio. O rei mandou-a entrar, e então ella disse: « Saberá vossa real magestade, que só existe uma cousa no mundo que lhe possa fazer voltar a vista, e vem a ser: banhar os olhos com agua tirada da *Fonte das tres comadres*. Mas é muito difficil ir-se a esta fonte que fica no reino mais longe que ha d'aqui. Quem fôr buscar a agua deve-se entender com uma velha que existe perto da fonte, e ella é quem deve indicar se o dragão está acordado ou dormindo. O dragão é um monstro que guarda a fonte que fica atraz de umas montanhas. » O rei deu uma quantia á velha e a despediu.

Mandou preparar uma esquadra prompta de tudo e enviou o seu filho mais velho para ir buscar a agua, dando-lhe um anno para estar de volta, não devendo elle saltar em parte alguma para se não distrahir.

O moço partiu. Depois de andar muito, foi aportar a um reino muito rico, saltou para terra e namorou-se lá das festas e das moças, dispendeu tudo quanto levava, contrahiu dividas, e, passado o anno, não voltou para casa de seu pai. O rei ficou muito massado e mandou preparar nova esquadra e enviou seu filho do meio para buscar a agua da *Fonte das tres comadres*. O moço

partiu, e, depois de muito andar, foi ter justamente ao reino em que estava já arrazado seu irmão mais velho. Metteu-se lá também no pagode e nas festas, pôz fóra tudo que levava, e, no fim de um anno, também não voltou. O rei ficou muito desgostoso. Então seu filho mais moço, que ainda era menino, se lhe apresentou e disse: « Agora quero eu ir, meu pai, e lhe garanto que hei de trazer a agua ! » O rei mangou com elle, dizendo: « Se teus irmãos, que eram homens, nada conseguiram, o que farás tu ? » Mas o principesinho insistiu, e a rainha aconselhou ao rei para mandal-o, dizendo: « Muitas vezes d'onde não se espera, d'ahi é que vem. » O rei annuiu, e mandou preparar uma esquadra e enviou o principe pequeno. Depois de muito navegar, o mocinho foi dar á terra onde estavam presos por dividas os seus irmãos; pagou as dividas d'elles, que foram soltos. O quizeram dissuadir de continuar a viagem, e o convidando para alli ficar com elles; mas o menino não quiz e continuou a sua derrota. Depois de ainda muito navegar, o principe chegou ao logar indicado pela velha. Desembarcou sósinho, levando uma garrafa, e foi ter a casa da velha, vizinha da fonte, a qual, quando o viu, ficou muito admirada, dizendo: « Ó meu netinho, o que veio cá fazer?! Isto é um perigo; você talvez não escape. O monstro, que guarda a fonte que fica alli entre aquellas montanhas, é uma princeza encantada que tudo devora. Você procure uma occasião em que ella esteja dormindo para poder chegar, e repare bem que quando a fera está com os olhos abertos é que está dormindo, e quando está com elles fechados é que está acordada. » O principe tomou suas precauções e partiu. Chegando lá na fonte avistou a fera com os olhos abertos. Estava dormindo. O mocinho se aproximou e começou a encher sua garrafa. Quando já se ia retirando, a fera acordou e lançou-se sobre elle. « Quem te mandou vir a meus reinos, mortal atrevido? » dizia o monstro; e o moço ia-se

defendendo com sua espada até que feriu a fera, e com o sangue ella se desencantou e então disse: « Eu devo-me casar com aquelle que me desencantou; dou-te um anno para vires-me buscar para casar, senão eu te irei vêr. » A fera era uma princeza, a cousa mais linda que se podia. Em signal para ser o principe conhecido quando viesse, a princeza lhe deu uma de suas camisas.

O principe partiu de volta para a terra de seus paes; quando chegou ao reino onde estavam seus irmãos, os levou para bordo para voltarem para seu paiz. Os outros principes seguiram com elle. O menino tinha guardado a sua garrafa no seu bahú, e os irmãos queriam rouba-la para lhe fazer mal e se apresentarem ao pai como tendo sido elles que tinham alcançado a agua da *Fonte das tres comadres*. Para isto propuzeram ao pequeno dar-se um banquete a bordo da esquadra a toda officialidade, em commemoração a ter elle conseguido arranjar o remedio para o rei. O pequeno consentiu, e no banquete os seus irmãos, de proposito, propuzeram muitas saudes, com o fim de o embriagarem e poderem roubar-lhe a garrafa do bahú. O pequeno de facto bebeu de mais e ficou ebrio; os manos então tiraram-lhe a chave do bahú, que elle trazia comsigo, abriram-no e tiraram a garrafa d'agua, e botaram outra no lugar cheia de agua do mar.

Quando a esquadra se apresentou na terra do rei, todos ficaram muito satisfeitos, sendo o principe menino recebido com muitas festas; mas quando foi botar a agua nos olhos do rei, este desesperou com o ardor, e então os seus dous outros filhos, dizendo que o pequeno era um impostor, e que elles é que tinham trazido a verdadeira agua, deitaram d'ella nos olhos do pai, o qual sentiu logo o mundo se clarear e ficou vendo, como d'antes. Houve grandes festas no palacio e o principe mais moço foi mandado matar. Mas os matadores tive-

ram pena de o matar e deixaram-no n'umas brenhas, cortando-lhe apenas um dedo, que levaram ao rei. O menino foi dar á casa de um roceiro, que o tomou como seu escravo, e muito o maltratava. Passado um anno, chegou o tempo em que elle tinha de voltar para se ir casar, segundo tinha promettido á princeza da *Fonte das tres comadres*, e, não apparecendo, ella mandou apparelhar uma esquadra muito forte, e partiu para o reino do moço principe. Chegando lá mandou á terra um parlamentar avisar ao rei para lhe mandar o principe, que ha um anno tinha ido a seus reinos buscar um remedio, e que lhe tinha promettido casamento, isto sob pena de mandar fazer fogo sobre a cidade. O rei ficou muito agoniado, e o mais velho de seus filhos se apresentou a bordo dizendo que era elle. Chegando a bordo a princeza lhe disse : « Homem atrevido, que é do signal de nosso reconhecimento? » Elle, que nada tinha, nada respondeu e vòltou para terra muito enfiado. Nova intimação para terra, e então foi o segundo filho do rei, mas o mesmo lhe aconteceu. A princeza mandou accender os morrões, e mandou nova intimação á terra. O rei ficou afflictissimo, suppondo que tudo se ia acabar, porque seu ultimo filho tinha sido morto por sua ordem. Ahi os dous encarregados de o matar declararam que o tinham deixado com vida, cortando-lhe apenas um dedo. Então, mais que depressa, se mandaram commissarios por toda a parte procurando o principe, e dando os signaes d'elle, e promettendo um premio a quem o trouxesse. O roceiro, que o tinha em casa, ficou mais morto do que vivo, quando soube que elle era filho do rei ; botou-o logo nas costas e o levou a palacio chorando.

O principe foi logo lavado e preparado com sua roupa, que a rainha tinha guardado, e que já lhe estava um pouco apertada e curta. O prazo que a princeza tinha concedido, já estava a expirar, e já se iam accen-

endo os morrões para bombardear a cidade, quando o príncipe fez signal de que já ia. Chegando á esquadra, foi logo reconhecido pela princeza, que lhe exigiu o signal do reconhecimento e elle lh'o apresentou. Então seguiu com ella, com quem se casou e foi governar um dos mais ricos reinos do mundo. Descoberta assim a palhanga dos dous filhos mais velhos do rei, foram elles amarrados ás caudas de cavallos bravos, e morreram despedaçados.

XXVI

O Passaro Sonoro

(Sergipe)

Uma vez havia um homem muito rico que tinha um filho meio bobo. O rapaz mostrando pouca aptidão para a vida, o pai mandou-o educar, mas tudo debalde. Depois o pai, para vêr si sempre o melhorava, o enviou pelo mundo a correr terras para aprender. O moço partiu munido de bastante dinheiro. Depois de viajar algum tempo, o moço foi dar a uma cidade onde estava em leilão um passaro, e já muito crescida era a quantia por que estava elle a ser arrematado. O rapaz lançou uma quantia ainda maior e o arrematou porque lhe disseram, por ter elle perguntado, que a grande vantagem e habilidade d'aquelle passaro era que, quando cantava, todos que o ouviam adormeciam.

Seguiu o nosso rapaz com o seu passaro. Chegando a uma cidade encontrou outro leilão, já n'outra terra, onde estava-se vendendo um besouro que ia dando muito dinheiro. O moço chegou-se a um dos do leilão e perguntou: «Mas qual é a vantagem d'este besouro?»

« Hum ! A vantagem d'este besouro é muito grande ; que elle faz tudo que se lhe manda fazer e sem ser visto, e é capaz de arrombar uma porta. » O moço arrematou o besouro e seguiu. Chegando já n'outro paiz, viu outro leilão onde estava para ser arrematado um rato. O moço perguntou tambem ahi que vantagem tinha aquelle rato, ao que lhe responderam que era a de fazer tudo que se mandava, e era até capaz de arrombar dez paredes. O rapaz arrematou e seguiu.

Chegando adiante foi ter a um reino, e passando pela frente de um palacio onde estava uma princeza, viu muita gente na rua a fazer caretas e tregeitos, e *visages* de toda a qualidade ; então elle perguntou o que vinha a ser aquillo. Responderam-lhe que aquelle era o palacio do rei, e aquella a princeza real, a qual desde menina nunca se tinha rido, de fórma que o rei tinha dito que aquelle homem que a fizesse rir se casaria com ella, e que por isso é que estava alli todo aquelle povo a fazer *gatimonhas* para fazer rir a princeza, e nada d'ella rir-se. Depois que isto ouviu, o moço, sem se importar com aquella gente, se aproximou de umas arvores que havia defronte do palacio e apeou-se de seu cavallo, e dependurou a gaiola de seu passaro n'um galho de uma das arvores. Feito o que, elle, indo descansar, disse : « Agora, mestre rato vá buscar agua para o cavallo, e mestre besouro vá buscar capim. » Os bichinhos partiram logo para fazer a sua obrigação, e, quando a princeza viu o besouro trezendo capim para o cavallo, desandou n'uma gostosa gargalhada. Ficaram todos maravilhados, e toca a dizer uma : « Quem fez a princeza rir-se fui eu ! » Outro : « Não ! fui eu ! » O rei então se dirigiu a sua filha e lhe perguntou quem é que a tinha feito dar aquella gargalhada. Ella, então, disse que tinha sido aquelle homem que estava alli debaixo da arvore com uma gaiola e uns outros animaes. Immediatamente o rei mandou chamar á sua presença o

tal viajante e lhe communicou que elle tinha de casar-se com a princeza.

O sujeito ficou muito espantado porque não esperava por aquillo ; mas como palavra de rei não volta atraz, elle teve sempre de casar-se com a princeza. Na noite do casamento elle mostrou-se muito acanhado e enfiado, e, desconfiando a princeza que era aquillo pouco caso que elle fazia d'ella, no dia seguinte queixou-se ao pai, dizendo que ella se tinha enganado, e não era aquelle o homem que a tinha feito rir-se, e sim um outro. Annullou-se o casamento com aquelle e fez-se com este outro. Quando porém foi de noite, o nosso moço, que tinha voltado para debaixo de sua arvore, calculando a hora justamente em que os noivos deviam ir para o quarto, disse : « Canta, *Sonoro!* » O passaro abriu o bico e a princeza ferrou logo no somno, e o noivo, e o rei, e guardas de palacio, e todos que passavam.

Depois d'isto disse o moço : « Agora besouro vá ao quarto dos noivos, e desarrume tudo o que lá encontrar, rompa as roupas, e faça um desaguizado dos diabos. » O besouro, si bem lhe tinha recommendado o seu amo, ainda melhor o fez ; desarrumou tudo, que foi uma lastima.

No dia seguinte a moça acordou, e vendo aquella desordem, ficou desesperada, e foi queixar-se ao pai, pedindo para desmanchar o casamento. O rei ficou aborrecido com aquillo, e disse-lhe que tivesse paciencia e esperasse mais alguns dias até vêr. Mas na noite seguinte o *Sonoro* cantou de novo, e tudo adormeceu. Foi então o rato o encarregado de ir escangalhar o quarto dos noivos. Si o besouro fez bem, o rato ainda fez melhor. No dia seguinte a princeza amanheceu comendo brazas e o noivo, coitado, tão enfiado ! Ahi não houve mais duvida ; a princeza exigiu que quera o seu primeiro marido, que era o verdadeiro, o qual foi chamado, e ficaram casados, ficando o moço mais desembaraçado, e não tendo mais de que se queixar a princeza.

XXVII

Barceloz

(Pernambuco)

Em uma noite chuvosa de fazer horror estavam tres fadas cumprindo o seu fado no jardim que ficava ao lado da casa de Barceloz, namorador das flôres em botão, no que levava as noites todas velando. Como eram, por esse motivo, as fadas privadas de cumprir com sua missão n'aquelle logar, combinaram encantar a Barceloz na occasião em que estivesse namorando o bogari. Appareceram n'essa noite tenebrosa as tres fadas, e na occasião em que chegou o moço á janella puzeram-se a julgal-o. Dizia a primeira: « Este, que nos tem atrapalhado, ha de sete annos não fallar, e tendo esta flôr para seu sustento. » A segunda disse: « N'este tempo ha de tornar-se em matto virgem, não vindo alma viva n'estes ermos durante os sete annos. » A terceira disse: « Só ha de ser desencantado pela filha da peregrina, que está cumprindo a mesma pena. » Ditas estas palavras Barceloz encantou-se, a casa e todos que n'ella existiam. Quando Barceloz estava com seis annos de encanto a *Nympha*, filha da *Peregrina*, completou os sete, e seguiu o mesmo destino de sua mãe, retirando-se em direcção ao *Reino da torre de ouro*.

Anoitecendo-lhe no meio do caminho, e sendo noite escura e chuvosa, ella, como mulher, teve medo de ficar nas mattas medonhas, e continuou a andar, a vêr se encontrava alguma casa. Perdendo a esperança de a encontrar procurou uma arvore bem *copuda* e agasalhou-se debaixo á espera do sol. Alta noite chegaram as fadas, e então disse a primeira: « Fademos, manas, fademos; no *Reino da torre de ouro* tem de haver uma

grande festa, e tem-se de fazer uma escolha para desencantarem a matta que foi Barceloz, o *Campo Negro*, e a *Bella das Bellas*. Estes tres reinos tem de ser desencantados pelas tres *Peregrinas*. *Nympha* desencanta a *Barceloz*, a *Morena* desencanta a *Bella das Bellas*, e *Nandy* o *Campo Negro*. » *Nympha* que ahi estava ouviu toda a conversa, pôz-se quieta e assustada.

Ao romper do dia pôz-se em caminho, e chegou tremula de fome á beira de um rio, onde estava uma velha lavando roupa. A velha disse: « Minha netinha, o que faz você por aqui? Como é tão bonitinha! Eu quero leval-a para minha casa: quer morar commigo? » A moça respondeu: « Não posso ficar morando, posso ficar uns dias para descansar da viagem. » — « Eu, disse a velha, só quero ter o gosto de te vêr em minha casa. » Seguiram ambas. Chegando ellas á casa, tiniam todas as cousas como se fossem *repiques de sinos*, e a *Peregrina* ficou pasmada de ouvir tanto rumor em sua chegada. A velha respondeu: « Isto é meu filho que te desconheceu. » A velha apresentou a *Peregrina* ao filho, e este perguntou-lhe para onde ia. « Vou, respondeu a moça, ao *Reino da torre de ouro*; vou desencantar a um infeliz que está encantado no *Reino das Mattas*. » Disse então o monstro: « Ainda este anno lá não chegarás, e podes ir descansada que não has de desencantar a *Barceloz*; pois só um beija-flôr que elle tem a beijar o bogari dar-te-ha cabo da pelle, e tambem uma serpente ao pé da janella, que só o vêl-a faz horror; mas como minha mãi muito te quer, eu te vou dar alguns esclarecimentos. Leva este bogari e esta bola de vidro; acharás por estes dois objectos avultada quantia, que não debes aceitar. O rei tambem ha de querer compral-os; tambem lh'o não vendas. Ao chegares a *Barceloz* deve ser ao meio-dia, hora em que o beija-flôr foi á fonte, e a serpente dorme; põe a flôr na bocca de *Barceloz*, e a bola na bocca da serpente, e espera que venha o beija-flôr; na che-

gada d'elle tira a flôr do ramo e guarda. Quando o passarinho beijar a flôr que está na bocca de Barceloz, o passarinho cae, e a serpente acorda e quer morder, mas quebra os dentes na bola. Barceloz então se desencanta, apparece o palacete, e debes tirar do dedo do moço um annel que debes guardar para quando fores chamada pelo rei, e elle ha de servir de signal para casares com o moço, vencendo as invejosas.» Assim fez a Nympha. Depois de tudo acabado, foi ella ter á presença do rei. Todos os sabios duvidaram que essa tivesse tanto animo. Ella mostrou o annel, que todos reconheceram. De repente chegou outra mulher, dizendo que ella é que tinha desencantado a Barceloz, e a Nympha foi condemnada á morte; mas foi livre por não ter a outra apresentado prova alguma; foi então aquella condemnada á morte, casou-se Nympha com Barceloz, havendo *muita festa p'r'a festa.*

XXVIII

Tres comedores

(Pernambuco)

Andavam tres irmãos que desejavam se desenganar qual d'elles comia mais. Todos aquelles que já uma vez lhes tinham dado agasalho não os queriam mais aceitar em casa. Indo elles ter á casa de um lavrador, pediram *rancho* que lhes foi dado, e depois pediram o que cear. O dono da casa perguntou o que elles queriam para cear, e responderam: « Um boi, dous porcos, e tres carneiros. » Ficou o lavrador admirado e perguntou: « E só para a ceia tudo isto? » Responderam: « Ora! mal chega para o buraco de um dente! » O lavrador deu-lhes a

ceia pedida, e elles a devoraram, e pediram mais o caldo que tinha ficado nas panellas. Vendo o lavrador que estes hospedes em poucos dias o deixariam sem uma só cabeça de criação no cercado, foi a toda a pressa á presença do rei e lhe disse: « Saiba rei meu senhor, que tenho na minha casa tres mecanicos que disseram que eram capazes de devorar toda a comida que rei meu senhor dá por dia a seus soldados. » Logo o rei mandou buscá-los com a condição de si não comessem morresse, e si comessem ganharem uma grande riqueza. Apresentaram-se os tres comilões, e o rei duvidou de tudo, e lhes perguntou se era verdade o que tinham dito ao lavrador, ao que elles responderam: « Saberá vossa real magestade que tal cousa não dissemos; mas se rei nosso senhor quer, assim seja. » Ordenou o rei que no outro dia se fizessem comidas para mais mil soldados, e foi a ordem cumprida. Foram os homens para o quartel acompanhados do rei e conselheiros. Todos se puzeram rezando em tenção dos homens, porque os suppunham mortos. Dentro em meia hora acabaram elles com toda a comida que havia, e disse um para o rei: « Saiba rei meu senhor, que se tem de nos dar a ceia seja em maior porção que esta do jantar. » O rei ordenou que se matassem dez porcos, cinco bois e doze carneiros para a ceia. Perguntou então qual d'elles comia mais: respondeu o mais moço que ainda não se sabia, mas que desconfiava ser elle. O rei mandou matar trinta bois, dando dez a cada um, e o mais moço achou pouco e mediu quinze, por ser o que elle costumava comer quando tinha pouca fome; o rei lh'os deu, e tudo foi devorado. Acabado isto, o rei lhes perguntou o que é que elles desejavam. Todos responderam: « Dinheiro que nos negue para comermos toda a nossa vida. » — « Seja feita a vossa vontade; abi tendes a renda de treze cidades, e o gado de todo o meu reino. » Assim fallou o rei, ao que elles responderam: « Foi nossa felicidade

achar quem nos dêsse de comer ; apesar de que tudo ainda é pouco ! »

XXIX

A rainha que sahiu do mar

(Rio de Janeiro)

Houve um rei que desejava se casar com a moça mais bonita que houvesse no seu reino. Já se tinham corrido todas as casas, e chamado todos os paes de familia para apresentarem suas filhas, e nenhuma tinha agradado ao rei. Faziam oito dias que tinha assentado praça um recruta *abobado* n'um batalhão, e n'este dia tinham de ser apresentadas as filhas de um lavrador que eram as unicas moças que o rei ainda não tinha visto, e n'este dia tinham de ir á missa os batalhões. Logo que entrou na igreja o batalhão em que tinha assentado praça o tal *abobado*, pôz-se este a chorar, o que vendo o commandante do batalhão lhe perguntou o que tinha. Respondeu elle « que nada soffria, mas que tendo visto aquella imagem (*apontando para uma imagem muito formosa que havia na igreja*) tinha ficado com saudades de sua irmã, que muito se parecia com aquella santa. » Ficaram todos duvidosos e zombando do pobre soldado ; mas chegando aquillo aos ouvidos do rei, este mandou chamar o rapaz e lhe indagou da verdade, ao que elle respondeu ser exacto ter uma irmã muito formosa e parecida com a imagem que havia na igreja. Perguntando o rei onde morava ella, respondeu « Nas gargantas do *Monte Escarpado*, a dez mil leguas por terra e cinco mil por mar. » O rei mandou logo preparar uma esquadra e enviar uma deputação ao pa

d'aquella moça, pedindo-a em casamento. O recruta também foi com a commissão. Logo que chegaram ao *Monte Escarpado* avistaram a moça na janella e ficaram todos esbabacados de vêr tanta belleza junta. O almirante entregou ao pai da moça a carta do rei, e o velho enviou a sua filha. Chegando a esquadra na volta do *Monte Escarpado*, o mar era muito forte, e a gente saltou para terra, indo com a moça ter a casa de uma velha, que alli morava. A velha, que era um desmanchaprizes, indagou para onde iam e de onde vinham, e sabendo de tudo convidou a moça para ir dar um passeio pela horta e lá atirou com ella dentro de um poço. Ora já sendo de noite, quando tiveram os da esquadra de embarcar não deram por falta da moça, porque a velha pôz em lugar d'ella a sua filha, que era um monstro de feia. Quando os navios largaram e se fizeram ao largo, a velha foi ao poço, tirou a moça para fóra, cortou-lhe os cabellos, furou-lhe os olhos, e botou-a n'um caixão e atirou no mar. Foi o caixão parar ao reino primeiro que os navios. Um pescador o achou e levou para casa, e julgando ter dinheiro, pôz-se a gabar-se, dizendo que tinha dinheiro para combater com o rei. Foi chamado o pescador e confessou ter achado um caixão cheio de dinheiro, e foi um guarda do palacio para examinar o caso. Aberto o caixão deram com a moça dentro, ficando todos penalizados com aquillo por verem uma moça tão bonita com os olhos furados e os cabellos cortados. Voltou o guarda para palacio, fazendo conduzir a moça. Quando lá chegou, já tinha também chegado a commissão com a filha da velha. O almirante, muito triste, disse ao rei: « Não fui como vim ; fui alegre e volto triste ; mas me sujeito á pena que rei, meu senhor, me quizer dar. » O rei respondeu : « Nada tenho a fazer, senão casar-me com esta feia mulher, que me chegou. » Houve o casamento, mas o rei se conservou sempre triste e vestido de lucto. Apresentando-se-lhe a

moça dos olhos furados, ainda mais triste ficou o rei. Sendo ella reconhecida por seu irmão e pelos da commissão, mandou o rei buscar a velha em cuja casa estiveram de passagem. A velha negou tudo e até desconheceu a sua propria filha. O rei reconhecendo que os traços da velha eram os mesmos da moça com quem se tinha casado, despediu esta e mandou furar os olhos da velha e cortar-lhe os cabellos. Logo que isto fizeram, os olhos da moça, que foi achada no mar, tornaram a ficar perfeitos e cresceram-lhe os cabellos. Houve então o novo casamento com a rainha, que veio do mar, sendo n'elle jogada a velha.

XXX

A mãe falsa ao filho

(Rio de Janeiro)

Havia um homem de força e de coragem, de nome Pedro, que retirou-se para a roça com sua mulher chamada Maria. Foram viver nos ermos, sustentando-se com caças do matto. Lá nos ermos nasceu-lhes um filho que se chamou João. Quando o menino tinha sete annos de idade morreu seu pai. Vendo o rapazinho que a vida dos ermos era rustica, pediu a sua mãe para se retirarem para a cidade, com o que concordou a mãe. Juntaram os seus bens, que consistiam n'um cavallo, uma espingarda e um facão, e entraram na cidade já pela noitinha. Correu o João toda a cidade e não encontrou ninguem; bateu em todas as portas e ninguem lhe respondeu. Foi ter a um sobrado, que foi o unico que achou aberto, entrou, fallou e ninguem lhe respondeu. Subiu a escada, correu toda a casa e não viu viva alma.

Havia um unico quarto que estava fechado, estando todos os mais abertos. Então ahi se arranchou com sua mãe e passaram a noite. No dia seguinte não viu ninguém na cidade, nem sentiu movimento algum, e, não tendo o que comer, foi para o matto caçar, conforme usava o seu pai. Quando elle estava no matto, apresentou-se á sua mãe no sobrado um gigante, dizendo-lhe que a havia de matar por ter ella se apoderado d'aquella casa sem a sua licença; mas que, por ser ella mulher, não a mataria com a condição de viverem juntos. A mulher lhe respondeu que tinha um filho na sua companhia. O gigante lhe disse: « O teu filho eu o como. » — « O senhor não póde com meu filho. » — « Então não é elle um homem! » — « Sim, é um homem. » — « Como não poderei eu com elle, si pude com todo o povo d'esta cidade, e acabei com todo elle? » — « O senhor não póde com meu filho, que tem muita força. » — « Pois se não posso com elle, aqui tens uma boa fórmula de lhe dar fim: Quando elle chegar, tu deves te fingir de doente, gritando com uma dôr nos olhos, e que tu sabes que o unico remedio que existe para este mal é a banha de uma serpente que ha no matto; ora não podendo elle com a serpente, ella lhe dará cabo da pelle. » Chegando o filho da caçada, assim fez a mulher, como lhe ensinou o gigante. O moço então voltou para as mattas. No caminho encontrou um velho que lhe perguntou aonde ia. Respondeu que matar a serpente para tirar a banha para deitar nos olhos de sua mãe que estava doente. O velho lhe disse: « Não vás lá, que não podes com a serpente. » — « Como é para minha mãe, hei de ir, aconteça o que acontecer », respondeu o mocinho. O velho lhe disse: « Pois vai, que serás feliz. » Foi elle e matou a serpente e tirou a banha. Na volta passou por casa do mesmo velho, que o reteve para jantar. Quando estava o mocinho jantando o velho mandou matar uma gallinha e tirar a banha e trocar pela banha da serpen-

te. Assim fez a moça que o velho creava em casa. O João seguiu, e deitou o remedio nos olhos de sua mãe, que não tendo nada, nada soffreu. O gigante, no dia seguinte, ficou admirado, e estando o João na caça, disse á mulher: « É verdade; esse teu filho é homem. Amanhã, quando elle vier, faze o mesmo, e dize-lhe que n'estas mattas ha um porco-espinho, cuja banha é o remedio que te póde servir; elle, que não póde com o porco-espinho, morrerá, e ficaremos livres d'elle. » Tudo fingiu a mulher, e o filho lá voltou para as mattas a matar o porco espinho. Tornou a passar por casa do velho, que lhe fez outra recommendação, a que elle resistiu. « Vai, disse o velho, e serás feliz. » Foi e matou o porco-espinho. Tornou a passar por casa do velho que o reteve para jantar. Mandou matar outra gallinha e trocou a banha do porco-espinho pela banha da gallinha. João seguiu para a cidade e botou a banha nos olhos de sua mãe, que nada tinha. No dia seguinte, indo elle para a caça, appareceu o gigante e ficou ainda mais admirado da valentia do rapaz e disse á Maria: « Agora tu pégas estas cordas, e dize-lhe que elle não é capaz de as arrebenatar. » Assim fez a mulher. Chegando o filho, ella lhe disse: « Tu és um homem, que nem mesmo teu pai fazia o que tu fazes; mas tu não és capaz de quebrar estas cordas em te enleando com ellas. » João aceitou a proposta; a mãe o enleiou, e elle forcejou e quebrou as cordas. A mãe lhe disse: « És homem como trinta! » João seguiu para a caça no dia seguinte. Veio o gigante, e, sabendo do acontecido, ficou ainda mais pasmado. « Amanhã, disse o gigante, diz-lhe que elle não é capaz de quebrar estas correntes. » Assim fez Maria, quando seu filho veio. « Isto não, minha mãe, correntes não posso quebrar. » — « Tu pódes, meu filho, experimenta. » — « Vosmecê quer, vamos vêr. ». A mulher enrolou o filho com as correntes; elle forcejou e não as pôde quebrar. Ahi appareceu o gigante armado

de um facão e se arrojou as menino para o matar. Póde matar, disse João, só quero que me cumpra tres pedidos que lhe quero fazer. » — « Cumprirei vinte, quando mais tres. » Os pedidos de João eram : Não quero que faça uso dos objectos que meu pai deixou, nem do cavallo, nem da espingarda, nem do facão; quando me matar não me estrague o corpo e parta-me em cinco partes; bote-me dentro de dous jacás no cavallo com a espingarda e o facão. » Assim cumpriu o gigante. O cavallo seguiu desordenadamente e foi ter a casa do velho. Chegou a moça na janella e conhecendo que era o cavallo de João, chamou o velho. Este chegou e disse : « Minha filha, o que alli vês é João que vem morto dentro dos jacás; traz-me para aqui o cavallo, que quero dar vida ao nosso João. » O velho pediu a banha de serpente, e juntou os differentes pedaços do corpo de João, que logo sarou. « Não sentes cousa alguma, nem te falta nada? » perguntou o velho. Respondeu João : « Falta-me a vista. » O velho pediu a banha do porco-espinho, e untou com ella os olhos do rapaz, que logo recobrou a vista. « Péga nas tuas armas, disse então o velho, e vai a casa de tua mãe e faz o mesmo ou peor. » João partiu; lá chegando encontrou a mãe dormindo com o gigante; poz o seu facão nos peitos do monstro e o matou. A mãe se lhe atirou aos pés, pedindo que a não matasse; e elle a fez levantar-se dizendo-lhe que a não offendia, por ser sua mãe. Volta á casa do velho, contou-lhe o que tinha feito, salvando sua mãe. O velho louvou a sua acção, e disse que era o seu *anjo da guarda* que o tinha vindo defender. Desappareceu, subindo para o céu, e João se casou com a moça que elle tinha creado.

XXXI

Historia de João

(Pernambuco)

Houve um homem que teve um filho chamado João; morrendo o pai o filho herdou um gato, um cachorro, tres braças de terra e tres pés de bananeiras. João deu o cachorro ao visinho, vendeu as bananeiras e as terras, e comprou uma viola. Foi tocar no pastorador das ovelhas do rei; quando o pastor chegava, elle se escondia, e nunca o pastor podia vêr quem tocava a viola. As ovelhas já muito acostumadas com o som da viola, não queriam mais se recolher ao curral, e quando o vaquejador as perseguia ellas se mettiam pelo matto, e cada dia desaparecia uma cabeça. João as ia ajuntando e exercitando ao som da viola todas as manhãs e tardes, e acostumando-as com o gato seu companheiro. O rei vendo as suas ovelhas sumidas, e pensando ser desmazelo do pastor, o despediu. Vindo João á feira fazer compras para levar para o matto, viu um criado do rei procurando um homem ou menino que quizesse ser pastejador de suas ovelhas. Logo que o criado viu a João se agradou d'elle e disse: « Amarello, queres tu servir ao rei como seu pastor? » Respondeu João: « Que qualidade de rei é este que não caça e pasta no matto e precisa de ser pastorado? Esse rei é de penna, pello ou cabello? » O criado insultou-se, e disse-lhe: « Como te chamas? » João respondeu: « O Menino Ditoso. » O criado tomou-lhe o nome e largou-se para o palacio, e contou ao rei o que se tinha passado. Logo o rei mandou buscar o Ditoso debaixo de prisão. Chegou João com a sua viola e o gato mettido n'um sacco, e disse :

« Deus vos salve, rei senhor,
N'esta sua monarchia !
Salve a mim primeiramente
E depois a companhia. »

Disse o rei: « Saibas que estás com sentença de morte, se não deres conta de todas as ovelhas que fugiram do rebanho. » Respondeu o Ditoso: « Eu sei lá quantas ovelhas faltam no rebanho! » Disse o rei: « Fugiram mil e quero todas aqui. » Retirou-se o João bem fresco; foi para o matto e deitou-se a dormir, e o gato foi caçar rolas para o jantar. Chegando a tarde, acordou o Ditoso e viu que nada ainda tinha feito, e poz-se a tocar viola. Logo se reuniram todas as ovelhas, que eram duas mil e trezentas. Elle foi tocando a viola e seguindo para o palacio do rei, e as ovelhas foram acompanhando. O rei ficou espantado de vêr tantas ovelhas, e disse-lhe: « Como pudeste ajuntar tantas ovelhas? » Respondeu: « Achei-as á tôa. » — « Serão minhas todas? » perguntou o rei. « Quem sabe não sou eu; veja-se as conhece, eu trouxe as que encontrei. » — « Tu agora tomarás conta do rebanho, que agora és meu pastor. » No outro dia, antes do sol sahir, o Ditoso pediu que batessem na porta do rei e dissessem que era tempo de seguirem para o matto. O rei acorda e chega á janella e diz: « Vai, Ditoso, pastorar. » O Ditoso respondeu: « Não posso sahir sem rei, senhor, seguir no meio do rebanho, visto ser eu seu pastor, como disse. » — « És o pastor das ovelhas do rei, » disse este. « Agora sim, respondeu João, já me convenço de que o rei, meu senhor, não é de lâ, nem de penna ou pello; é rei de cabello. »

N'isto seguiu com o gato e as ovelhas para o matto.

XXXII

O Sarjatario

(Sergipe)

Havia um pescador que tinha mulher e uma filha, e costumava pescar sempre n'um rio que ficava a pouca distancia de sua casa. Ora uma vez o pescador foi á pesca, e largou por muitas vezes a tarrafa na agua, e não tirou nem um peixe. Já desapontado, e depois de ter corrido os poços mais apropriados á pesca e sem encontrar nada, ia-se retirando para casa muito triste. Ao pôr-se a caminho, ouviu uma voz que lhe dizia: « Si me deres a primeira cousa que avistares quando chegares em tua casa, eu te darei muito peixe. » O homem poz-se a considerar comsigo mesmo, e dizia: « Ora, senhor, quando eu chego em casa, a primeira cousa que me apparece é a minha cachorrinha de balaios; não faz mal; posso dal-a. » Virou-se para o lado de onde vinha a voz, e disse alto: « Pois bem; aceito. » A voz respondeu: « Pois pesca alli. » O pescador mettu a tarrafa, e quando tirou vinha se rasgando de peixe. A voz lhe disse: « Sabbado a estas horas vem me trazer a primeira cousa que has de vêr ao chegares á tua casa. » O homem retirou-se. Ao avistar a sua casa, a primeira cousa que viu foi a sua filha, que, já estando inquieta por causa da sua demora, estava só pondo o olho no caminho, a vêr si o descobria. O homem ficou muito triste, e entrou em casa com ar fechado, e atirou o peixe para um lado e não deu nem uma palavra.

A mulher e a filha se admiraram d'aquillo, e perguntaram qual a razão d'aquella tristeza. Depois de muito instado, o pescador confessou a verdade. A moça

o não desanimou e disse: « Não tenho medo, meu pai; si vossemecê deu a sua palavra de honra, eu irei. » A moça tinha um cavallo com quem consultava tudo, e foi falar com elle e lhe contou o occorrido. O cavallo disse: « Não tem nada; monte-se em mim no sabbado, e faça o que eu vou lhe dizer: quando chegarmos á beira do rio, e depois de seu pai se despedir da senhora, a tal voz, que é de um bicho muito feio, ha de dizer: « Adeus, siá Maria Gomes! » e a senhora ha de responder: « Adeus, seu *Sarjatario!* » Elle ha de dizer: « Muito me admira, siá Maria Gomes, da senhora não me conhecer e por meu nome tratar. » Ao que a senhora ha de responder: « Oh! seu *Sarjatario*, muito me admiro do senhor não me conhecer e por meu nome tratar. » Elle ha de dizer: « Está bom, está bom! Caminhe, caminhe! » Hão de seguir e passar por umas campinas muito extensas e depois por umas mattas muito altas e cerradas de fazer medo. Lá no fim das mattas ha um grande muro, que tem um portão, e o *Sarjatario* ha de mandar a senhora abrir a porta e entrar adiante. A senhora não cáia n'essa e diga: Não, seu *Sarjatario*, vá o senhor adiante que sabe os quatro cantos de sua casa. » Elle ha de abrir a porta e entrar; n'isso a senhora passe a mão na chave, dê a volta e tranque a porta e deixe o bicho lá preso, e deixe o resto por minha conta. » Assim foi. No dia aprazado, a moça montou no seu cavallo Bufanim e seguiu. Na beira do rio avistou aquelle bicho-homem de barbas muito compridas e cabellos enormes da fôrma de sambambaias, e fez tudo que o cavallo lhe ensinou. Depois que fechou o monstro lá dentro do muro, ella partiu no Bufanim, voando como o vento. Depois de muito andarem, e de já não ouvirem mais os urros que o *Sarjatario* ficou dando, e quando já estavam muito longe, foram dar n'um reino. Ahi o Bufanim aconselhou a moça que se disfarçasse em homem. Assim fez a moça; entrou para a cidade, alugou uma casa e passava por

um moço. Tomou muitas relações e tudo quanto fazia era sempre com os conselhos do Bufanim. Passados alguns tempos — o moço agora não é mais ella, é elle — foi apresentado ao rei, que era solteiro, por um de seus amigos. O rei gostou muito do moço e sempre o convidava para ir passar dias em palacio. O Bufanim recomendou-lhe todo o cuidado para não ser descoberto. Ora, a mãe do rei começou a dizer ao filho: « Aquelle teu amigo não é homem, é mulher. » Ao que respondeu o rei: « Lá vem minha mãe com as historias d'ella... qual, minha mãe! é homem e bem homem! » A rainha respondia: « Está bom, vamos para diante. » Um dia a rainha disse ao rei: Meu filho, se tu queres vêr si teu amigo é mulher ou não, convida-o para dares com elle um passeio pela cidade, e leva-o aos estabelecimentos de roupas e modas, e has de vêr como elle se ha de agradar justamente dos objectos pertencentes ás senhoras. » O rei ficou certo de o fazer, e convidou de facto o moço para um passeio, ao que elle accedeu. Foi ter com Bufanim e o cavallo lhe disse: « Estamos perdidos!... agora se descobre o segredo... Emfim, veja bem o que vai fazer: quando entrar nas lojas de roupas e modas com o rei, nunca se agrada de objecto algum de senhora, sempre dos de homem. Quando o rei lhe mostrar um bello vestido, mostre-lhe um bonito córte de calças, e assim por diante. » Assim foi; no dia aprazado para o passeio, o rei percorreu com elle toda a cidade entrando nas lojas mais importantes, e nunca pôde pilhar nada. Largou-se para palacio e disse á velha rainha: « Eu não disse, minha mãe? o rapaz é homem e bem homem; não se agradou de objecto algum que não fosse de homem! » A velha respondeu: « Isto é de proposito para não ser descoberto; mas elle é mulher; si tu queres vêr convida o para ir dar um passeio nas tuas fazendas com outros teus amigos, e lá convida-o para tomar um banho e has de vêr que elle não ha de que-

er.» O rei convidou o moço para irem um certo dia
s fazendas e tomarem um banho, e o moço aceitou.
foi ter o moço com Bufanim e lhe contou o caso. Bu-
anim disse: «Eh!... está tudo perdido! Emfim, fa-
a o que eu lhe vou dizer: Chegando lá nos tanques do
rei não faça cerimonia, vá tirando a sua roupa como os
outros; quando a senhora já estiver de ceroulas e ca-
nisa eu me solto e entro a dar couces e patadas nos
outros cavallos; os criados do rei hão de correr pa-
a me pegar, e eu hei de machucar alguns, até que a
enhora diga que só a senhora é capaz de me pegar.
Corra atraz de mim até ficar cançada e suada e depois
ueira tomar o banho; o rei, vendo isto, não ha de con-
entir, e assim a senhora escapa do banho.» Assim foi;
o dia marcado deu-se tudo tal e qual, e o moço esca-
pou do banho com instancias do rei. Chegando este a
palacio disse: «Ora minha mãe, o rapaz é homem; ia já
e pondo nú e queria tomar banho á força apesar de
suado.» — «Mas suado porque, meu filho?» — «Por
ter corrido atraz de seu cavallo,» disse o rei. «Isto é
ele proposito, respondeu a rainha; si tu queres vêr,
continuou ella, si elle é mulher ou não, convida-o para
vir passar uma noite contigo ajudando-te a copiar a tua
correspondencia; elle não ha de aguentar a noite inte-
ra acordado, e quando elle pegar no somno, desabo-
tôa-lhe a camisa e has de vêr os seios de mulher.» O
rei convidou o amigo para passar uma noite em pala-
cio ajudando a copiar a sua correspondencia. O moço
consultou com o Bufanim, que lhe respondeu: «D'esta
a senhora não escapa. Emfim faça tudo por não dor-
mir, sinão é descoberta com toda a certeza.» Na
noite marcada, o moço se apresentou e começou o tra-
balho. O rei dictava e elle escrevia. Foram indo, foram
indo e nada de ninguem dormir. Mas lá para quatro ho-
ras da madrugada o moço cochilou e pegou no somno.
Ahi o rei veiu devagarinho e desabotoou-lhe a camisa

e pegou nos seios, que alli estavam durinhos e guardadinhos... O rei quando lhes botou a mão em cima foi dizendo: «Oh! senhora dona!» Ahi appareceu logo a mãe do rei e deu á moça roupas de mulher, e ella muito envergonhada, pediu muitas desculpas ao rei, que logo a pediu em casamento. Depois de casados o Bufanim conservou-se sempre em poder da moça. Passados alguns mezes a nova rainha appareceu pejada e o rei teve que seguir para a guerra e levou o Bufanim. Na despedida o cavallo disse á rainha: «Quando se achar em algum perigo grite por mim tres vezes, que eu lhe hei de apparecer.» Depois de estar o rei na guerra já algum tempo, a rainha deu á luz dous meninos a cousa mais linda que dar-se podia. A velha mãe do rei ficou muito contente, e escreveu ao filho dizendo que sua nora tinha dado á luz dous principes, que estavam muito fortes, e eram muito bellos, e mandou levar a carta por um soldado, recommendando-lhe muito cuidado. O soldado por caiporismo, foi, depois de muitos dias de viagem, pernoitar na casa do *Sarjatario*, que se fingiu de tolo, e perguntou que novidades havia. O soldado lhe contou que não sabia de nada, mas que levava uma carta para o rei. O *Sarjatario*, quando o soldado pegou no somno, foi á sua mala, tirou a carta, e botou lá outra imitando a letra, e dizendo que a rainha tinha dado á luz dous *sapinhos*, e que a côrte estava coberta de lucto. O soldado seguiu viagem e entregou a carta ao rei, que ficou muito afflicto, mas que mandou em resposta á mãe, — que *sapinhos ou não*, fossem elles muito bem tratados. O soldado seguiu com a resposta, e, ainda por caiporismo, foi pedir rancho na casa do *Sarjatario*. De novo este monstro foi á mala do soldado e tirou a carta e botou outra no lugar, imitando a letra do rei, e dizendo que a sua mãe mandasse pôr a sua mulher e os dous meninos na *Montanha das feras*. O soldado seguiu, e, quando a rainha velha leu a resposta,

ficou muito agonisada e mandou reunir os conselheiros para lhe dizerem se devia executar aquella ordem terrivel. Todos ficaram muito afflictos, mas responderam que a palavra de rei não volta atraz, e por isso devia ser cumprida a ordem. Assim se fez, e a rainha teve de seguir com seus dous filhinhos para a *Montanha das feras*. As pessoas que as foram levar, retiraram-se, e a rainha com seus filhos viram-se sósinhos. Mas as feras bravias que alli havia não as offenderam. Eis que de repente appareceu aos olhos da rainha aquelle monstro horrivel e medonho, era o *Sarjatario*! « Agora vim me vingar, senhora Maria Gomes. Vamos a vêr quem póde mais, » disse o monstro. A rainha ficou muito aterrorisada e pediu compaixão, mas o *Sarjatario* a nada se moveu. A rainha, convencida de que ia morrer, pediu para dar tres gritos. « Póde dar cem ou mil! » respondeu o *Sarjatario*. Então ella gritou: « Bufanim, ó Bufanim! » Isto tres vezes. No fim do terceiro grito o Bufanim apresentou-se. O *Sarjatario*, quando o avistou, deu um pulo para o lado, e poz-se em distancia. Então o cavallo disse á moça: « Eu vou ter uma grande lucta com aquelle monstro e vou morrer; mas elle tambem ha de morrer. Eu peço sómente que arrume uma grande fogueira e deite n'ella o corpo do monstro; o meu corpo deixe-o ahi ao tempo para os urubús o comerem. » Dito isto atirou-se ao *Sarjatario* e começou a briga. A lucta foi furibunda, e os dous cahiram mortos, cada qual para seu lado. A moça fez o que o Bufanim lhe tinha dito, e largou na fogueira o cadaver do *Sarjatario* e deixou exposto ao ar o do cavallo. Depois de muito chorar, e abraçar o pobre cavallo, ella foi seguindo por uma grande campina que alli havia. Depois de muito andar, avistou muito ao longe uma casa. Ao chegar perto, reconheceu um palacio grande e muito ornado. Entrou e não viu ninguem. Á hora de comer viu apparecer uma mesa muito preparada, e ella sentou-se e comeu, appa-

recendo sómente umas *mãos* que lhe indicavam os objectos, mas sem a moça vêr ninguem, nem ouvir fallar. Tambem as *mãos* apresentavam comida para as criancinhas. Á noite appareceram luzes accesas e camas para se deitarem. Assim passou a moça muitos mezes, até que o rei, voltando da campanha, e não encontrando a mulher, e sabendo de tudo ficou desesperado, e quiz tambem ir para a *Montanha das feras*; viu alguns ossos pelo chão e signal de fogo, mas reconheceu que não eram ossos de gente humana. Poz-se a andar pela campina, e seguiu na mesma direcção que tinha levado a rainha. No cabo de muito andar foi ter ao mesmo palacio, e avistou uma moça na janella, ao mesmo tempo que um dos meninos, que n'este tempo já fallavam, gritou: «Olhe, mamãi, lá vem papai!» — «Ah! quem dera que fosse teu pai!» — «É elle mesmo,» respondeu o rei. Muita foi a alegria e satisfação de todos, que voltaram para a cidade e viveram felizes ainda muitos annos.

XXXIII

Tres irmãos

(Pernambuco)

Um homem teve tres filhos que lhe pediram para aprender cada um o seu officio. João aprendeu a ferreiro, José a carpinteiro e Joaquim a barbeiro. João e José pediram depois ao pai para irem ganhar a sua vida, e lhe pediram a benção. Joaquim tambem pediu para ir ganhar a sua vida, e em vez de benção pediu a sua herança.

Quando este sahio deu uma topada que despegou uma unha do pé, e disse : « Diabo te leve, portada do inferno ! » O pai respondeu : « N'elle entrarás, maldito. » O filho partiu para se encontrar com os irmãos ; andou mais de um mez e não os encontrou. Desenganando-se de os não encontrar deixou-se ficar n'uma cidade, e, por ser noite, foi dormir na guarda do thesouro. N'esta noite entraram quatro ladrões para roubarem o thesouro e Joaquim foi preso com elles. Não tendo Joaquim pessoa que o conhecesse, escreveu ao pai, que não lhe respondeu.

O ferreiro da cadêa mandou procurar um official do officio e João se apresentou. Tomou parte na tenda e passou a contramestre, e depois a mestre. Precisou-se tambem de um carpinteiro e apresentou-se José. No dia em que este se apresentou na cadêa, sahia Joaquim escoltado para a forca. Os dous irmãos foram-se empenhar com o rei e a rainha para o soltarem. O rei respondeu : « Minha palavra não torna atraz. » Partiram-se os irmãos sem esperança. Os quatro ladrões tinham sido absolvidos e toda a culpa recahia sobre Joaquim. Quando estava elle já para ser enforcado, chegou um cavalleiro, ordenando que suspendessem os trabalhos, e entrou pelo palacio adentro e disse ao rei : « Venho para que attendas ao pedido que te fizeram os irmãos d'aquelle padecente ; isto já quanto antes, senão morrerás tu e ficará elle salvo e com a corôa. » N'um abrir e fechar de olhos, deu o cavalleiro, que era o demonio, tres estouros, e morreu o rei, ficando Joaquim com a corôa. João e José ficaram como vassallos do irmão. O boato de tal grandeza chegou aos ouvidos do pai de Joaquim, que correu e foi pedir perdão ao filho pelo que lhe tinha dito, quando sahira elle de casa. Joaquim respondeu-lhe : « Eu passei por muitos maus trances e quem me salvou foi o diabo ; quem ha de valer a vossemecê dos mesmos trances será minha mãe :

Quero agora que me mostre
traste que des que nasci
nunca, nunca eu conheci !
Para a sua salvação
quero me diga a final
onde foi ella parar...»

Respondeu o velho: « Rei senhor, filho meu, tua mãe eu a matei por ter dado á luz tres filhos de uma vez ; eu te criei com leite de uma vacca que está em poder do rei das Columnas no campo das Feras. » O rei disse : « Quero minha mãe e a vacca que me amamentou, e isto sem demora. »

Retirou-se o velho muito triste ; encontrou um cavalleiro que lhe perguntou o que tinha, ao que o velho respondeu que nada soffria, mas sentia ir morrer por vontade de seu filho ; « porque para livrar-me é preciso dar-lhe conta de minha mulher e de uma vacca ; a mulher matei-a e a vacca vendi-a. Não tenho remedio ; estou perdido, » respondeu o cavalleiro : « Não digas tal ; tudo isto tem remedio. Quando acabares de percorrer os tres rios d'este reinado, *has de achares* o que procuras ; os rios distam uns dos outros mil leguas. » Tratou o velho de seguir viagem. No cabo de quinhentos dias chegou ao primeiro rio. Ficou na margem do rio, por o não poder atravessar, e á noite deitou-se debaixo de um arvoredo. Á meia noite chegaram os diabinhos para fazerem suas visagens ; no mesmo instante o velho acorda e põe-se a escutar. Pergunta o diabo mais velho : « Ó capênga, diz-me o que fizeste ? » Respondeu o capênga : « No reino das Tres Columnas eu fiz uma mulher conceber tres filhos de uma só vez ; porque sabia que o marido a havia de matar. » Os diferentes diabinhos foram contando as suas façanhas : « Eu fiz o marquez da Bruma queimar as librés dos seus criados ; eu tenho a filha da condessa escondida no Valle do Sultão ; eu fiz a princeza namorar o estribeiro do rei ; eu fiz a rainha

breve vender a corôa. » Cada diabo dava uma resposta d'essas. Findou-se a sessão. O velho levantou-se e pôz-se a viajar. No fim de quinhentos dias chegou ao segundo rio, e ahi na margem deitou-se a dormir. Á meia noite começaram as fadas a chegar para fazer seu ajuntamento. Disse a fada mais velha: « Fademnos, manas, o que fizeram? » Começaram as fadas a dar as suas respostas: « Eu fiz um rei desherdar do throno a princeza; eu fiz o reino das Maravilhas encantar-se, só o desencantará o João ferreiro, que é vassallo do irmão; eu encantei a cidade de Ambar, só a desencanta o José carpinteiro; eu encantei o reino das Tres Columnas, só o desencantará Jorge, pai dos tres felizes, que todos tres são de ser reis, depois que o pai andar mil e quinhentos dias; terá de passar tres dias debaixo d'agua e ser comido pela serpente; depois de tudo isto será feliz. » O velho só por ouvir isto já estava mais morto do que vivo, por vêr que tinha de passar tantos trabalhos. Pôz-se a caminho sem descansar. Estando muito fatigado, deitou-se n'um capão de mato e pegou no somno. Então ouviu uma voz que lhe dizia: « Levanta-te, segue tua viagem senão serás victima de uma serpente. » O velho acordou e pôz-se a correr; mas já era tarde, e foi engolido vivo por uma serpente. No ventre da serpente esteve o Jorge 496 dias, quando ella entrou n'um rio e levou tres dias no fundo como se fosse peixe. Depois foi dar á costa nas mattas encantadas do reino das Tres Columnas, e ahi morreu, sahindo para fóra o velho ainda vivo, mas muito magro e abatido. Pegou no somno e ouviu uma voz que dizia: « Levanta-te, acompanha-me, péga estas chaves, abre aquella porta, e vai abrindo quantas fôres achando; has de vêr dentro de uma bola de vidro um cabello, dentro de uma caixa uma pedra e dentro de uma gaveta uma espada. Amola esta espada até ficar bem afiada e corta o cabello nos ares. Se o não cortares de uma só cutilada, todos as bichos ferozes virão

sobre ti e te devorarão. Se cortares de uma só vez serás feliz.» Jorge seguiu tremendo e medroso; abre as portas e encontra os objectos: amolou a espada um dia inteiro. Depois deu o golpe no cabello e o cortou, enchendo a casa de sangue, tantos pingos quantos soldados. Achou sua mulher e a sua vacca. Houve muitas festas, mandando Jorge todos adorar a vacca. Ficou bem com seu filho, e foram todos felizes.

XXXIV

A formiga e a neve

(Sergipe)

Uma vez uma formiga foi ao campo e ficou presa n'um pouco de neve. Então ella disse á neve: «Ó neve, tu és tão valente que o meu pé prendes?» A neve respondeu: «Eu sou valente, mas o sol me derrete.» Ella foi ao sol e disse: «Ó sol, tu és tão valente que derretes a neve, a neve que meu pé prende?» O sol respondeu: «Eu sou valente, mas a nuvem me esconde.» Ella foi á nuvem e disse: «Ó nuvem, tu és tão valente que escondes o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?» A nuvem respondeu: «Eu sou valente, mas o vento me desmancha.» Ella foi ao vento: «Ó vento, tu és tão valente que desmanchas a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?» — «Sou valente, mas a parede me faz parar.» Vai á parede: «Ó parede, tu és tão valente que páras o vento, o vento que desmancha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?» — «Sou valente, mas o rato me fura.» Foi ao rato: «Ó rato, tu és tão valente que furas a parede, a parede que pára

o vento, o vento que desmacha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende? » — « Sou valente, mas o gato me come. » Vai ao gato : « Ó gato, tu és tão valente que comes o rato, o rato que fura a parede, a parede que pára o vento, o vento que desmancha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende? » — « Sou valente, mas o cachorro me bate. » Vai ao cachorro : « Tu és tão valente que bates no gato, que come o rato, que fura a parede, que pára o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende? » — « Sou valente, mas a onça me devora. » Vai á onça : « Tu és tão valente que devoras o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que pára o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende? » — « Eu sou valente, mas o homem me mata. » Vai ao homem : « Ó homem, tu és tão valente que matas a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que pára o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende? » — « Eu sou valente, mas Deus me acaba. » Foi a Deus : « Ó Deus, tu és tão valente que acabas o homem, que mata a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que pára o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende? » Deus respondeu : « Formiga, vai furtar. » Por isso é que a formiga vive sempre activa e furtando.

XXXV

O matuto João

(Pernambuco)

Havia um homem de nome Manoel, casou-se com uma mulher chamada Maria e tiveram um filho que se chamou João. Os paes, por serem muito pobres, não lhe ensinaram a lêr; porém João era muito activo. Um dia sahiu de casa com uma cachorrinha que sua avó lhe tinha dado e foi passear. No caminho soube que no *Reino das tres princezas* havia grande festa e um casamento, dentro de quinze dias, com uma das filhas do rei, si alguém decifrasse uma adivinhação. Já muitos homens tinham morrido na força por não poderem decifrar a adivinhação.

João, chamado *o amarello*, voltou para casa e disse ao pai que ia pelo mundo a fóra ganhar a sua vida. O pai consentiu e a mãe lhe preparou um pão muito grande e envenenado e arrumou-o na trouxa. João partiu com a sua cachorrinha. Não sabendo bem os caminhos, perdeu-se nas montanhas, e, depois de andar muito errado, deu n'uma campina já de noite. Ahi dormiu. No dia seguinte passou elle um rio, que tinha tido uma grande enchente e onde viu um cavallo morto, e os *urubús* já lhe estavam dando cabo. Como havia correnteza, as aguas puxavam o cavallo de rio á baixo. João fez reparo n'aquillo e seguiu seu caminho.

O sol já pendia quando elle sentou-se debaixo de um pé de arvore para comer o seu pão, e n'isto deu-lhe o coração aviso que não comesse sem experimentar em sua cachorrinha. Logo que elle deu do pão á cachorrinha, ella expirou. Muito sentido com isto, elle pegou-a nos hombros, e os *urubús* começaram a atrapalhal-o. Pa-

ra vêr-se livre, elle enterrou a cachorra, mas os *urubús* a desenterraram, a comeram e morreram. — João pegou nos *urubús* e pôz nas costas e seguiu. Chegou a uma estalagem, e, não vendo ninguem, entrou pela porta a dentro. Lá no fundo avistou sete homens todos armados de espingardas. Estavam sem comer ha tres dias e logo que viram o João avançaram para elle e lhe tomaram os *urubús*. João largou-se á toda pressa e deixou-se atraz; mas vendo que o não seguiam voltou e achou-os todos mortos. Escolheu das sete espingardas a melhor e largou-se. Chegando adiante, encontrou uma grande campina; já morto de fome e sêde, sentou-se debaixo de um arvoredó. N'isto vòo do capim grosso uma *yampupé*.¹ O tiro errou e foi dar n'uma rolinha que estava entre as folhas. João apanhou a rola e a depennou; mas não achou com que fizesse fogo para assal-a. Tinha alli uma *santa-cruz* e tirou d'ella uma lasca e fez fogo, assou a rola e comeu; mas tinha muita sêde e, não achando agua, pegou um cavallo, que andava alli pastando, montou n'elle e pôz-se a correr até o cavallo ficar bem suado — a ponto de correr o suor e elle aparar e beber. Seguiu sua viagem e passou n'um campo e viu uma cova onde havia uma caveira; fallou-lhe e notou que a caveira tambem lhe fallava. Mais adiante encontrou um burro amarrado debaixo d'uma arvore a cavar com os pés e conheceu que o burro cavava uma botija de dinheiro. Seguiu e foi ter ao palacio do rei e levar a sua adivinhação á princeza, certo de que ella não acertaria. Apresentou-se o João e disse que era pretendente á mão da princeza; pois ella era incapaz de decifrar a sua adivinhação. Riram-se muito d'elle. « Ora! disseram, quando outros homens sabios não sahiram-se bem, tu que és um pobre *matuto* e *amarello* é que has de ca-

¹ Grande ave, maior que a *yambú*; é uma especie de perdiz.

sar com a filha do rei ! » O *matuto* insistiu e foi fallar ao rei. O rei lhe disse : « Sabes tu a quanto te arriscas ? » João respondeu que a tudo estava disposto. Chamada a princeza e muito confiada em si e debicando o rapaz, manda-lhe que proponha a sua adivinhação. O *matuto* assim fallou :

« Sahi de casa com massa e pita ;
 A massa matou a pita,
 A pita matou tres,
 Os tres mataram sete,
 Dos sete escolhi a melhor :
 Atirei no que vi
 E matei o que não vi,
 Com madeira santa
 Assei e comi ;
 Bebi agua sem ser dos céos,
 Vi o morto carregando os vivos,
 Os mortos conversando os vivos ;
 O que o homem não sabe,
 Sabia o jumento :
 Ouça tudo isto para seu tormento. »

A princeza mandou repetir, e não foi capaz de decifrar. E casou com o João.

 XXXVI

O irmão caçula

(Pernambuco)

Havia um homem que tinha tres filhos ; João o mais velho, o outro Manoel e o caçula José. Todos elles se revoltaram contra o pai. Fugiram João e Manoel e ficou José. O pai o botou á procura dos irmãos. José ganhou o mundo e foi ter a casa de uma velha, que lhe disse : « Meu netinho, você o que anda fazendo por estas altu-

ras? » — « Minha avó, respondeu elle, venho buscar meus irmãos que fugiram de casa de meu pai e elle quer que eu os descubra. » — « Pois dorme, meu netinho, que eu os farei te acompanhar. » No outro dia a velha, depois de lhe dar o que comer, lhe disse que elle fosse ao *Reino das tres pombas*, onde encontraria os dous irmãos; porque havia alli uma grande festa para se tirar por sorte quem devia desencantar as tres pombas, que estão dentro do mar. « Leva, disse a velha, esta vara e esta esponja com muito cuidado que ninguem veja; porque teus irmãos te hão de calumniar ao rei, dizendo que tu te gabaste de ir ao fundo do mar quebrar a pedra e desencantar as tres princezas. O rei te ha de chamar, e tu debes sustentar que sim. Vai então á praia do mar e atira n'elle a esponja; a esponja ha de boiar e seguir, tu debes acompanhal-a; vai com a varinha e toca na pedra, que se partirá pelo meio; te ha de apparecer uma serpente, toca com a varinha n'ella e ella ha de adormecer; entra pela pedra a dentro e tira de lá uma caixa; toca com a vara na caixa que ha de se abrir, tira de dentro um ovo; este ovo tem tres gemas; quando o quebrares dá a clara á serpente. » José foi e fez tudo quanto a velha lhe ensinou. Chegando ao reino viu lá a grande festa: por estar mal prompto os irmãos fingiram que o não conheciam, e trataram de intrigal-o, dizendo ao rei que elle se atrevia a desencantar as princezas. O rei o mandou chamar e lhe perguntou. « Saberá, rei meu senhor, que eu não disse tal; mas si rei meu senhor assim o ordena, eu estou prompto. » Todos ficaram admirados e duvidavam. No outro dia apresentou-se elle para seguir, e o rei mandou pôr navios á sua disposição; elle disse que os não precisava, porque iria a nado. Todos acharam impossivel ir nadando até á pedra. Mas o José largou no mar a esponja e seguiu com ella até á pedra. Bateu n'ella com a varinha e ella se abriu; appareceu a serpente; bateu tambem n'ella

e ella adormeceu; bateu na caixa e ella se abriu; tirou o ovo e partiu; botou a clara na bocca da serpente e as tres gemas no chapéo e largou-se para traz. Chegando na praia bateu com a varinha nas tres gemas, que se transformaram nas tres moças mais bonitas do mundo. Chegando a palacio todos se admiraram da sua coragem. Ainda lhé levantaram os irmãos novo aleive, dizendo que o José tinha dito que era capaz de ir buscar no mar a propria serpente. Elle foi, fez o mesmo com a esponja e a varinha e trouxe a serpente. Como ainda quizessem mangar com elle, tocou com a vara em todos a começar pelo proprio rei e os fez adormecer. Mandou então agarrar os irmãos e leval-os a seu pai. O rei, quando voltou a si, mandou casar o José com a mais bonita das princezas; elle tocou com a vara em todos os presentes e os fez adormecer; mandou buscar o pai e os irmãos; casou estes com as outras duas princezas, e ficaram todos vivendo juntos.

XXXVII

A mulher e a filha bonita

(Rio de Janeiro)

Uma vez havia uma mulher viuva que tinha uma filha muito bonita, e a mulher tambem era muito bella e tinha inveja da filha.

Um dia passando em casa d'ella uns viandantes, a mulher lhes disse: « Os senhores já viram uma cara mais formosa do que a minha? » Elles responderam: « É muito bella; mas a sua filha ainda é mais. » A mulher ficou desesperada e foi tomando odio á filha.

D'outra vez passaram por lá outros caminheiros e ella lhes fez a mesma pergunta e teve a mesma respos-

sta. Ficou ainda mais desesperada e mandou trancar a mocinha n'um quarto para não ser vista por ninguém. A menina soffria tudo com muita paciencia e nada dizia.

No quarto em que ella estava tinha uma janellinha que dava para o caminho, e uma vez que ella se animou a abril-a vinham passando uns viajeiros e a viram.

Elles chegaram á casa e a mãe da mocinha lhes disse: « Os senhores já viram uma cara tão bonita como a minha? » Elles responderam: « É bonita; mas a da moça, que está presa no quarto, ainda é mais. » A mulher ficou desesperada e ordenou a um negro velho da casa que levasse a filha para os matos e lá a matasse. O negro levou a rapariga; mas chegando nas brenhas teve pena de a matar e deixou-a lá ficar e cortou a ponta da lingua de uma cachorrinha e levou á senhora, dizendo que tinha matado a moça. A mulher acreditou. A mocinha poz-se a andar por aquella mata a fóra e já sendo tarde trepou n'uma grande arvore e muito ao longe avistou uma fumacinha. Desceu e dirigiu-se para lá n'aquella direcção. Depois de muito andar, lá chegou.

Era um grande palacio; porém não tinha gente e estava muito sujo. A moça arrumou tudo, varreu toda a casa, limpou os trastes e pôz-se lá á espera. Este palacio era do *Rei dos ladrões*. Quando foi mais tarde a moça viu elle chegar com a sua grande tropa, teve muito medo e se escondeu. Os ladrões ficaram muito gratos e procurando toda a casa a encontraram. A moça encantou a todos os ladrões pela sua belleza, e já elles queriam brigar para vêr quem a tinha de possuir e sem chegar a um accordo. Então o *Rei dos ladrões* propoz que a moça ficasse em casa morando com elles; mas que todos a tratassem e venerassem como si fosse uma irmã. Assim fizeram, e a mocinha ficou alli descaçada. Correram os tempos e chegou aos ouvidos da mãe que a filha estava viva e muito bem, porque estava muito rica.

A mãe mandou chamar uma feiticeira e lhe pediu que procurasse a sua filha e lhe dêsse fim. A feiticeira aceitou a proposta e largou-se para a casa dos ladrões. Lá chegando á hora em que a moça estava sósinha lhe fez grande festa dizendo: « Oh! minha netinha, ha que tempo não te vejo! tu mamaste n'estes meus peitos! Trago-te aqui um presente de pobre; não achei nada para trazer e trago sómente este parzinho de sapatos. » A moça por delicadeza aceitou os sapatos e logo que os calçou cahiu p'ra traz como morta. A velha raspou-se ás carreiras. Quando os ladrões chegaram acharam a moça morta e ficaram muito tristes. Pegaram n'ella, botaram n'um bonito carro e mais muito dinheiro e uma recommendação que quem a encontrasse que a enterresse no sagrado, porque elles não podiam ir á cidade enterral-a.

Um filho do rei, que andava caçando, encontrou o carro e abriu o caixão, e vendo a moça, ficou tão namorado que em lugar de a enterrar, a levou para o palacio e a guardou no seu quarto com toda a riqueza que encontrou.

E a moça sempre a dormir e o principe quasi doido de paixão. Não deixava ninguem ir ao seu quarto; mas uma vez, estando elle fóra, a princeza sua irmã teve curiosidade de ir ao quarto vêr o que era que lá havia.

Chegou, abriu o caixão e viu a moça e achou tão bonita e estranhou que ella estivesse com uns sapatos tão feios de couro. Puxou os sapatos e a moça suspirou e sentou-se pedindo agua.

A princeza deu-lhe agua, tornou a calçar-lhe os sapatos, e a moça adormeceu de novo.

Quando o principe veio, a irmã lhe disse: « Si me deres aquelle dinheiro que encontraste, eu descubro um segredo que ha em teu quarto. » O principe concordou e a princeza desencantou a moça. Houve uma grande festa e o principe casou-se com a linda moça. No fim

dos nove mezes ella deu á luz dous meninos, a coisa mais linda que dar-se podia. Mas veio servir de parteira justamente a feiticeira que tinha-lhe dado os sapatos, e, em lugar dos dous meninos, aprêsentou um *sapo* e uma *gia*. O principe andava ausente n'umas guerras e o pai lhe mandou dar parte do acontecido. O principe mandou dizer ao pai que matasse a mulher; mas o rei teve pena e sómente lhe cortou um dos peitos e a expulsou da casa.

A moça sahiu pelo mundo fóra; tendo muita sêde chegou a uma fonte e bebeu agua; passou agua no peito e o peito tornou a crescer. Ahi, ella seguiu viagem e foi ter á casa de um gigante e tomou um rancho lá com os seus dous filhos, porque os filhos a feiticeira lhe entregou. Muito tempo depois, andando o principe em caçadas, passou por casa do gigante e viu os dous meninos e tomou por elles muita affeição. N'outros dias continuou as suas caçadas e sempre passava pela casa do gigante, até que um dia viu a sua mulher. Muito se arrependeu do que tinha feito e tornou a viver com ella, mandando matar a feiticeira.

XXXVIII

O Careca

(Pernambuco)

Uma vez havia um homem casado que tinha uma enorme quantidade de filhos e cada vez a mulher paria mais. O homem, para sustentar tão grande familia, fez-se pescador.

Morava perto d'um rio, pescava alli e ia sustentando a filharada. Uma vez, estando a mulher gravida e já

no nono mez, o pescador foi ao rio pescar e mettu a tarrafa e nada. Metteu para outro lado, e nada, nem uma *piabinha*. O pescador já ia sahindo muito triste quando ouviu uma voz, que dizia do fundo da agua: « Si me déres o que de novo encontrares em casa, eu te darei muito peixe. » O homem pensou lá comsigo — o que pôde haver de novo é um cachorrinho, porque eu tenho em casa uma cadella para parir — e não se lembrou da mulher. Então o pescador disse que sim, que aceitava o negocio. « Pois então pesca p'ra alli. » O pescador metteu a tarrafa e tirou peixe como o diabo. Chegando em casa, um filho foi-lhe logo dizendo: « Papai, minha mãi pariu. » O homem entrou no quarto e viu seu filhinho. Era um menino. Disse á mulher que na beira do rio tinha uma cabocla que havia dado á luz e a criança tinha morrido e que por isso elle levava aquelle filho para a cabocla criar. A mulher custou a consentir, mas por fim cedeu. O pescador levou a criança e chegando ao rio atirou-a n'agua no lugar d'onde tinha sahido a voz. O menino lá no fundo d'agua foi dar n'um palacio muito rico; ahi foi criado até rapazinho, mas nunca via ninguem.

Uma vez lhe appareceu um homem e disse-lhe: « Eu sou teu pai; tenho de fazer uma viagem de quinze dias; fica aqui com estas chaves (e deu-lhe um maço de chaves), mas não abras porta nenhuma, senão, quando eu voltar, morres. » O rapaz ficou e cumpriu fielmente a recommendação. No fim de quinze dias chegou o pai e lhe disse: « Então, está tudo direito? » O rapaz disse que sim. Passaram-se mais quinze dias; no fim d'elles o homem disse: « Vou fazer nova viagem de mais quinze dias, fica ahi com as chaves e não me bulas em nada. » O rapaz ficou, mas d'esta vez não se pôde conter; pegou n'uma chave e abriu um quarto; dentro havia tres enormes caldeiras, uma fervendo ouro, outra fervendo prata e outra fervendo cobre. Elle metteu o dedo

na de ouro e sahio com o dedo dourado. Limpava, limpava, e nada de sahir o ouro.

Rasgou uma tirinha de panno e amarrou no dedo. Abriu outro quarto e viu tres cavallos muito gordos, um preto, um branco e um castanho; os cavallos em lugar de capim tinham carne para comer. Abriu outro quarto e encontrou um leão muito grande e gordo, que em lugar de carne tinha capim para comer. Abriu outro quarto e viu uma mesa muito grande cheia de gavetas; n'uma tinha uma porção de papeisinhos brancos dobrados, n'outra uma porção de papeisinhos azues dobrados, n'outra uma porção de armas: espingardas, espadas, etc. O rapaz não quiz bolir em nada e tornou a fechar tudo. No fim de quinze dias chegou o pai: « Então? está tudo direitinho? » — « Tudo, não boli em nada. » De tudo quanto o rapaz tinha visto, o que lhe dava mais com o pau na paciencia era a carne para os cavallos comerem e o capim para o leão. Elle fez o plano de trocar. No fim de quinze dias, o pai tornou a fazer viagem. O rapaz, logo que se viu sósinho, foi ao quarto dos cavallos e abriu, foi pegando na carne para tirar, e um cavallo disse: « Não faça isto, não bula em nada, senão morre, seu pai *lhe* mata. Agora, si quizer sahir d'aqui vá ao quarto onde tem a mesa, tire dous papeis, um azul e outro branco, tire boa roupa e se vista, tire boas armas e se arme, monte-se em um de nós, vá puxando outro, e quando seu pai chegar ha de seguil-o; quando o estiver péga não péga, largue um dos papeis; depois largue o outro e deixe o resto por minha conta. » O rapaz fez tudo *tintim por tintim*.

O cavallo lhe recommendou tambem que elle mettesse a cabeça na caldeira de ouro e dourasse os cabellos. O rapaz dourou os cabellos, apromptou-se, armouse, pegou dous papeis e metheu no bolso; montou no cavallo castanho e foi puxando o branco; para mais incommodar o pai tirou o capim do leão e deu ao ca-

vallo preto, que ficou e pegou na carne e deu ao leão.

Seguiu viagem a toda a pressa. No fim de quinze dias, o homem chegando ao palacio e vendo tudo desarranjado ficou damnado; montou no cavallo preto e seguiu atraz do rapaz.

Depois de muito andar, avistou-o; ahi o cavallo em que ia o moço lhe disse que largasse o papelzinho branco; o moço largou e gerou-se uma neblina tão espessa que não se via nada; mas o cavallo preto era muito bom e conseguiu romper a neblina depois de muito custo; mas já o rapaz ia longe. Depois de muito andar, o pai já o ia avistando, quando elle soltou o outro papel e gerou-se um espinhal tão cerrado que ninguem podia atravessar. O homem disse ao cavallo preto: «Eu te desencanto, si me passares esta mata de espinhos.» O cavallo respondeu: «Tire-me os arreios e vá montado em osso, que eu passarei.» O homem tirou os arreios e montou em osso. Quando o cavallo se viu no meio do espinhal atirou-o no chão e lá deixou-o e seguiu para diante. O homem lá morreu e o cavallo encontrou-se com os outros e seguiram todos tres. O rapaz já tinha cançado o cavallo castanho e montou-se no branco. Foram seguindo; depois de muito andar, chegaram perto de uma cidade; ahi os cavallos disseram: «Agora nós ficamos aqui encantados n'esta pedra e o senhor deixe tambem aqui suas armas e roupas; siga para a cidade; alli adiante encontrará um boi morto, abra, tire a bexiga, sobre e bote na cabeça para esconder os cabellos dourados. Vá e siga a sua vida; quando precisar de alguma cousa venha aqui na pedra e nos peça.» O rapaz seguiu, encontrou o boi morto, abriu, tirou a bexiga, botou na cabeça e entrou na cidade.

Adiante encontrou um palacio, bateu na porta e appareceu-lhe o velho jardineiro e perguntou-lhe o que queria. O rapaz respondeu que queria um emprego para ganhar a sua vida. O jardineiro teve pena d'elle e

o empregou como seu ajudante. Era isto na casa do rei. O jardineiro perguntou ao rapaz por seu nome. Elle respondeu que não tinha nome. « Pois fica-se chamando o *Careca*. » Passaram-se muitos tempos e o *Careca* ia vivendo em paz.

Uma vez pôz-se debaixo de umas laranjeiras e tirou a bexiga da cabeça para vêr os seus cabellos, e a filha mais moça do rei, que estava na janella, viu os cabellos dourados e ficou apaixonada pelo *Careca*. O jardineiro tinha o costume de levar todas as manhãs um ramallete para cada uma das filhas do rei, que eram tres. No dia seguinte, elle foi levar os ramalhetes e a princeza mais moça lhe disse: « De amanhã em diante quero que o *Careca* traga o meu ramallete. » O rei e as irmãs da princeza caçoaram muito; mas a moça insistiu e o *Careca* todos os dias lhe ia levar o ramallete. Passaram-se tempos e houve ahi no reino umas grandes cavalhadas. O *Careca*, sabendo d'ellas, e indo todos e elle não, disse ao jardineiro que queria ir á casa do ferreiro para mandar fazer uma *faquinha*. *

O jardineiro consentiu. Depois que todos sahiram, o *Careca* tambem sahiu e foi ter á pedra e contou aos cavallos o que havia. Sahiu o cavallo castanho todo arreiado, o moço apromptou-se, tomou uma lança, soltou os cabellos e apresentou-se nas cavalhadas. Fez a corrida, tirou a argolinha e offereceu á filha mais moça do rei; ella lhe deu uma fita verde que elle amarrou na lança. Todos ficaram admirados d'aquelle lindissimo moço; mas não sabiam quem era elle.

O rapaz sahiu a toda a pressa e ninguem mais o viu. Quando o rei e as princezas chegaram em casa, já lá se achava o *Careca* na sua roupa do costume. O jardineiro contou-lhe então tudo, fallou na boniteza das cavalhadas e no moço de cabello dourado que tinha apparecido e que ninguem sabia quem era; mas que, si no dia seguinte elle voltasse, seria preso, porque o rei

ia mandar collocar tropa para o prender, quando elle quizesse voltar e desaparecer.

No dia seguinte pela manhã foi o *Careca* levar suas flôres á princeza caçula e ella estava doentia de paixão, tendo umas desconfianças de que elle fosse o mesmo moço que appareceu nas cavalhadas. Á tarde houve novas cavalhadas, e o *Careca* disse ao jardineiro que ia de novo vêr a faquinha, porque o ferreiro não tinha ainda lhe dado, distrahido com as festas. Largou-se para a pedra e fez apparecer o cavallo branco e arreios ainda mais ricos do que os primeiros; soltou a cabelleira, apromptou-se e partiu para as cavalhadas.

Havia mais povo ainda do que nas primeiras e lá estava a tropa para prendel-o quando elle quizesse voltar. Ainda mais espantados ficaram do que na primeira vez. Quando deu-se o signal para a corrida o moço partiu, tirou a argolinha e deu á princeza mais moça; ella lhe deu uma fita encarnada, que elle amarrou na lança, e partiu a galope. A tropa cercou-o, mas elle saltou por cima e foi-se. Quando todos chegaram á palacio, já o *Careca* lá estava na fôrma do costume. A princeza mais moça começava a definhar; no dia seguinte tornou a pilhar o *Careca* debaixo de um caramanchão mirando os proprios cabellos, que eram dourados e compridos; ficou a princeza mais alegre e teve certeza de que aquelle era o mesmo moço das cavalhadas. Na tarde d'este dia houve outra cavalhada, que era a terceira e ultima. Todos foram e o *Careca* tornou a sahir desculpando-se com a faquinha. Foi á pedra e fez apparecer o cavallo preto, e arreios lindissimos.

Partiu, e, chegando ao ponto das cavalhadas, encontrou muito reforço de tropas para o prender. Não teve medo. Na hora da corrida avançou, tirou a argolinha e offereceu á princeza da sua escolha e partiu a galope. Fecharam quadrado para o prender, mas o cavallo voou por cima e perdeu-se na corrida, que ninguem mais o

viu. Quando o rei chegou á palacio já estava lá o *Careca* muito a seu gosto.

Nunca ninguem desconfiou que o *Careca* era o moço rico das corridas, senão a princeza mais moça. Ora, ahí n'esse reino costumava de tempos a tempos apparecer uma fera que tudo devastava, comia muita gente e ninguem podia dar cabo d'ella. O rei tinha dito que quem matasse a fera havia de casar com a princeza mais velha. Ninguem se atrevia. O *Careca*, sabendo d'isto, foi ter á pedra e contou aos cavallos. Sahiu o cavallo preto e disse-lhe que se montasse n'elle, amarrasse-lhe no peito um grande espelho e avançasse contra a fera, porque esta, vendo o seu retrato no espelho, havia de suppôr que era outra fera, ficaria atrapalhada e o moço a poderia então matar. Assim fez o rapaz; matou a fera, e cortou-lhe as sete pontas das sete linguas. Ninguem viu isto.

No dia seguinte appareceu a fera morta e botou-se editaes para vêr quem a tinha morto. Ninguem appareceu: então o rei julgou-se dispensado quanto á sua filha mais velha, e decidiu-se a casar todas tres quanto antes e no mesmo dia.

Mandou procurar principes, mas a caçula declarou que só se casaria com o *Careca*. O rei ficou muito desgostoso, mas não teve outro remedio. O rei ordenou que quera dar um banquete no dia do casamento todo de passaros caçados pelos futuros genros. Todos os tres sahiram a caçar, cada um para o seu lado. Nenhum matou nada a não ser o *Careca*, que foi ter á pedra e os cavallos lhe deram aves a valer. Um dos noivos o encontrou, e sem o conhecer pediu para que lh'as vendesse. O *Careca* consentiu, com a condição de lhe passar elle uma declaração em como lh'as havia comprado. O principe aceitou e passou a declaração. O *Careca* guardou. Afinal chegou o dia do casamento. Todos se apresentaram muito bem promptos e o *Careca* humildemente vestido.

No jantar houve muita alegria, mas o *Careca* lá para um canto. No fim de tudo o rei disse que antes de todos se despedirem, queria que cada um dos genros contasse uma historia. O marido da princeza mais velha levantou-se e disse: « O que tenho a contar é que quem matou aquelle *bicho*, que a todos fazia medo, fui eu, e não disse ha mais tempo, porque queria me casar com a princeza por escolha natural e não porque tivesse a promessa do casamento por matar a fera. » E mostrou os cotocos das linguas. Levantou-se o marido da segunda princeza e disse: « Eu o que tenho a dizer é que quem caçou todos estes passaros para esta festa fui eu. »

Então, levantou-se tambem o *Careca* e disse: « A minha historia é que os dous genros do rei mentiram; quem matou a fera fui eu, e aqui está a prova; estas é que são as pontas das linguas e aquelles são os cotocos das linguas. Quem fez a caçada fui eu, e a prova é esta declaração que aqui tenho e que podem lér. Além d'isto o moço que embasbacou a todos nas corridas fui eu, e a prova são as fitas que aqui tenho. » Ahi elle tirou a bexiga da cabeça e todos o reconheceram. Ficaram os dous principes muito envergonhados, e a princeza mais moça quasi doida de contentamento.

XXXIX

A combuca de ouro e os marimbondos

(Pernambuco)

Havia dous homens, um rico e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro. Foi o compadre pobre a casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a peor terra que tinha. Logo que o pobre teve o *sim*,

foi para a casa dizer á mulher, e foram ambos vêr o terreno. Chegando lá nas matas, o marido viu uma *combuca* de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quiz levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas mattas havia aquella riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quiz que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a vêr a grande riqueza. Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; metteu-a n'uma *mochila* e tomou o caminho do *mocambo* do pobre, e logo que o avistou foi gritando: « Ó compadre, fecha as portas, e deixa sómente uma banda da janella aberta! » O compadre assim fez, e o rico chegando perto da janella, atirou a casa de *marimbondos* dentro da casa do amigo, e gritou: « Fecha a janella, compadre! » Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar. O ricaço gritava então: « Ó compadre, abra a porta! » Ao que o outro respondia: « Deixeme-me, que os marimbondos estão-me matando! » E assim ficou o pobre rico, e o rico ridiculo.

XL

A Mãe d'Agua

(Rio de Janeiro)

Foi uma vez havia uma princeza, que era filha de uma fada e do rei da Lua. A fada ordenou que a princeza fosse a rainha de todas as aguas da terra, e governasse todos os mares e rios. A *Mãe d'Agua*, assim se ficou chamando a princeza, era muito bonita, e muitos principes se apaixonaram por ella. Mas foi o filho do Sol

que veio a se casar com ella, ao depois de ter vencido todos os seus rivaes em combate. Quando se deu o casamento houve muitas festas e danças e banquetes, que duraram sete dias e sete noites. As festas foram na casa do rei da Lua; acabadas ellas os noivos partiram para a casa do Sol. Ahi a princeza *Mãi d'Agua* disse ao seu marido que desejava passar com elle todo o anno, excepto tres mezes que havia de passar com sua mãe. O principe consentiu, porque fazia em tudo a vontade de sua mulher. Todos os annos a *Mãi d'Agua* ia passar com sua mãe debaixo do mar n'um rico palacio de ouro e de brilhantes os tres mezes do contracto. No cabo de muito tempo a nova rainha deu á luz um principe. Quando a princeza teve de ir de novo visitar a fada, sua mãe quiz levar o principesinho, mas o rei não consentiu; e tanto rogou e pediu, que a rainha partiu sósinha, recommendando ao marido que tivesse muito cuidado no filho. Chegando no palacio da fada, a princeza a não encontrou porque ella estava mudada em flôr. A moça desesperada começou a correr mundo, procurando á sua mãe. Então ella perguntou aos peixes dos rios, ás areias do mar, ás conchas das praias por sua mãe, e ninguem lhe respondia. Tanto soffreu e se lastimou que a final o rei das Fadas teve pena d'ella e perdoou á sua mãe, que se desencantou. Ambas, mãe e filha se largaram á toda a pressa para a casa do rei filho do Sol. Mas tinha-se já passado tanto tempo que o rei, vendo que sua esposa não vinha mais, ficou muito desesperado. Correu então o boato que a rainha tinha-se apaixonado por um principe estrangeiro e tinha por isso deixado de voltar. O rei, visto isto, se casou com outra princeza, que começou logo a maltratar muito o principesinho, botando-o na cozinha como um negro. Quando a rainha ia chegando a primeira pessoa que viu foi seu filho todo maltratado e sujo, e logo o conheceu e soube de tudo. Ella fugiu então com elle para o fundo das aguas, e por sua

ordem ellas começaram a subir, até cobrirem o palacio, o rei, a rainha e todos os embusteiros da côrte. Nunca mais ninguem a viu, porque quem a vê fica logo encantado e cae n'agua e se afoga ¹.

XLI

O preguiçoso

(Pernambuco)

Havia um homem muito preguiçoso que nada fazia. Um dia veio um velho e pediu-lhe *rancho* em casa; o velho cançou-se de lhe bater na porta e nada do homem se animar a levantar-se para abrir a porta. A final desenganado, o velho pediu á dona da casa que lhe guardasse alli uma toalha que levava, mas que a não abrisse. O velho seguiu seu caminho. Mulher guardou a toalha, mas teve curiosidade e abriu-a. Apareceu logo uma grande mesa com tudo quanto é de bom e melhor de que a mulher se regalou. Ella escondeu a toalha, e, quando o velho veio procurar a toalha, a mulher deu-lhe outra em vez da sua. Chegando o velho em sua casa, mandou a toalha se estender e a toalha quieta. O velho calou-se e no outro dia foi á casa do preguiçoso e deixou lá ficar uma cabra pedindo-lhe que a guardassem até a sua volta, mas que tivessem o cuidado de não lhe dizer: « Berra, cabra! » O velho retirou-se. A mulher foi e disse: « Ora, isto é mysterio; aqui temos novidade! Berra, cabra! » Entrou a cabra a berrar e começou a cahir muito dinheiro de ouro e prata da bocca da cabra. Logo que a mulher viu isto, trocou a cabra

¹ O snr. José de Alencar publicou este conto no seu *Tronco do Ipê*. Nós cotejamos sua lição com outras que ouvimos.

por outra, e quando o velho veio sahiu enganado. Chegando em casa mandou a cabra berrar, e nada, e nada! Conheceu que estava enganado e calou-se. Chegou por fim um trabalhador do velho e lhe pediu ao amo o seu jornal. Respondeu o velho: « Meu filho, eu não tenho mais dinheiro; mas dou-te um cacete, que aqui tenho, que te ha de fazer feliz. »

O rapaz recebeu o cacete e seguiu. Foi ter justamente na casa do preguiçoso; pediu rancho e deu o cacete para guardar. A mulher trocou o cacete por outro, e no dia seguinte o moço disse: « Dê-me o meu cacete, que me quero ir. » O cacete entrou a dar bordoadas de criar bichos no marido e na mulher. Puzeram-se elles a gritar, e o rapaz ficou admirado de vêr aquella virtude do cacete.

A mulher afflicta gritou: « Meu senhor, mande seu cacete parar, que eu lhe dou o que me deu o velho para guardar. » O moço disse: « Pára, cacete, e tudo p'ra cá! » O cacete parou, e a mulher entregou ao rapaz a toalha e a cabra. O moço tudo recebeu e voltou para casa do seu amo, e lhe contou o que se tinha dado com elle na casa do preguiçoso. O velho então lhe disse: « Esta toalha e esta cabra têm virtude; quando tiveres fome, estende esta toalha, e te ha de apparecer comida da melhor; e esta cabra quando berra bota dinheiro pela bocca. » O rapaz ganhou o mundo com seus tres presentes.

XLII

A mulher dengosa

(Pernambuco)

Era uma vez um homem casado com uma mulher muito dengosa, que fingia não querer comer nada dian-

e do marido. O marido foi reparando n'aquellas affectações da mulher, e quando foi n'um dia elle lhe disse que ia fazer uma viagem de muitos dias. Sahiu, e em vez de partir para longe, escondeu-se por detraz da cozinha, n'um coxo.

A mulher, quando se viu sósinha, disse para a negra: « Ó negra, faz ahi uma *tapioca* bem *grossa*, que eu quero almoçar. » A negra fez e a mulher *bateu* ¹ tudo, que nem deixou farello. Mais tarde ella disse á negra: « Ó negra, me mata ahi um capão e me ensopa bem *ensopado* para eu jantar. » A negra preparou o capão, e a mulher devorou todo elle e nem deixou farello. Mais tarde a mulher mandou fazer uns *beijúis* ² muito *fininhos* para merendar. A negra os apromptou e ella os comeu. Depois já de noite ella disse á negra: « Ó negra, prepara-me ahi umas *macacheiras* bem *enxutas* para eu ceiar. » A negra preparou as *macacheiras* ³ e a mulher ceou com café. N'isto cahiu um pé d'agua muito forte. A negra estava tirando os pratos da mesa, quando o dono da casa foi entrando pela porta a dentro. A mulher foi vendo o marido e dizendo: « Oh! marido, com esta chuva tão grossa você veio tão enxuto?! » Ao que elle respondeu: « Si a chuva fosse tão *grossa* como a *tapioca* que vós almoçastes, eu viria tão *ensopado* como o capão que vós jantastes; mas como ella foi *fina* como os *beijús* que vós merendastes, eu vim tão *enxuto* como a *macacheira* que vós ceastes. » A mulher teve uma grande vergonha e deixou-se de *dengos*.

¹ Por *comeu*.

² Em Pernambuco a *tapioca* é o *beijú* de polvilho da mandioca, e o *beijú* é o da massa da mesma.

³ O mesmo que *aipim* em Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro: *Manihot aypi*.

Auto' mo Haia de M uarida

Um
fichos
pode n
vinhan
ultimo
ca se
lou, e
do se
que nã
bre ve

B.

1

ra, et

Secção segunda

FABULAS DE ORIGEM AFRICANA

I

O kágado e a festa no céu ¹

(Sergipe)

Uma vez houve tres dias de festa no céu; todos os bichos foram, mas nos dous primeiros dias o kágado não pôde ir, por andar muito devagar. Quando os outros vinham de volta, elle ainda ia no meio do caminho. No ultimo dia, elle, mostrando grande vontade de ir, a garça se offereceu para leval-o nas costas. O kágado aceitou, e montou-se; mas a malvada ia sempre perguntando se elle ainda via terra, e quando o kágado disse que não avistava mais terra, ella o largou no ar, e o pobre veio rolando e dizendo:

« Léo, léo, léo,
Si eu d'esta escapar
Nunca mais bôdas ao céu. »

E tambem: « Arredem-se, pedras, páos, senão vos

¹ O kágado é a *Emys europæa*, *Emys tuctaria*, *Emys ar-*
ran, etc.

quebrareis. » As pedras e páos se afastaram, e elle cahiu, porém todo arrebetado. Deus teve pena e ajuntou os pedacinhos, e deu-lhe de novo a vida em paga da grande vontade que elle teve de ir ao céo. Por isso é que o kágado tem o casco em fôrma de remendos.

II

O kágado e a fructa

(Sergipe)

Diz que foi um dia, havia no matto uma fructa que todos os bichos tinham vontade de comer; mas era prohibido comer a tal fructa sem primeiro saber o nome d'ella. Todos os animaes iam a casa de uma mulher que morava nas paragens onde estava o pé de fructa, perguntavam a ella o nome, e voltavam para comer; mas quando chegavam lá não se lembravam mais do nome. Assim aconteceu com todos os bichos que iam e voltavam, e nada de acertar com o nome. Faltava sómente amigo kágado; os outros foram chamar elle para ir por sua vez. Alguns caçoavam muito, dizendo: « Quando os outros não acertaram, quanto mais elle! » Amigo kágado partiu munido de uma violinha; quando chegou na casa da mulher perguntou o nome da fructa. Ella disse: « *Boyóyó-boyóyó quízama-quízú; boyóyó-boyóyó-quízama-quízú.* » Mas a mulher, depois que cada bicho ia-se retirando já em alguma distancia, punha-se de lá a bradar: « Ó amigo tal, o nome não é esse, não! » E dizia outros nomes; o bicho se atrapalhava, e quando chegava ao pé de fructa não sabia mais o nome. Com o kágado não foi assim, porque elle deu de mão á sua violinha, e pôz-se a cantar o nome até ao lugar da arvore, e venceu a todos. Mas amiga onça, que já lá estava á sua espera, disse-lhe: « Ami-

Logo kágado, você como não pôde trepar, deixe que eu trepe para tirar as fructas, e você em paga me dá algumas.» O kágado consentiu; ella encheu o seu sacco e largou-se sem lhe dar nenbuma. O kágado, muito zangado, largou-se a traz. Chegando os dous a um rio elle disse á onça: «Amiga onça, aqui você me dê o sacco para eu passar, que sou melhor nadador, e você passa depois.» A onça concordou, mas o sabido, quando se viu da outra banda, sumiu-se, ficando a onça lograda. Esta formou o plano de o matar; elle soube e metteu-se debaixo de uma traiz grande de arvore onde ella costumava descansar. Ahi chegada, pôz-se ella a gritar: «Amigo kágado, amigo kágado!» O sabido respondia alli de pertinho: «Ôi!» A onça olhava de uma banda e d'outra e não via ninguem. Ficou muito espantada, e pensou que era o seu trazeiro que respondia. Pôz-se de novo a gritar, e sempre o kágado respondendo: «Ôi!» e ella: «Cala a bocca, oveiro!» e sempre a cousa para diante. Amigo macaco veiu passando, e a onça lhe contou o caso da desobediencia de seu trazeiro e lhe pediu que o açoitasse. O macaco tanto executou a obra que a matou. Deu-se então o kágado por satisfeito.

III

O kágado e o teyú

(Sergipe)

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teyú queria casar com ella, e amigo kágado tambem. O kágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teyú para nada valia, e que até era o seu cavallo. O teyú, logo que soube d'isto, foi ter tambem á casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar

o kágado para alli para dar-lhe muita pancada á vista de todos, e partiu. O kágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teyú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o kágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sahir *de pé* n'aquelle dia. O teyú teimou muito: « Então, disse o kágado, você me leve montado nas suas costas. » — « Pois sim, respondeu o teyú; mas ha de ser até longe da porta da amiga onça. » — « Pois bem; mas você ha de deixar eu botar o meu *caquinho* de sella: porque assim em osso é muito feio. » E teyú se massou muito, e disse: « Não que eu não sou seu cavallo! » — « Não é por ser meu cavallo, mas é muito feio. » Afinal o teyú consentiu. « Agora, disse o kágado, deixe botar minha *brida*. » Novo barulho do teyú, e novos pedidos e desculpas do kágado, até que conseguiu pôr a brida no teyú e munir-se do mangoal, esporas, etc. Partiram; quando chegaram em lugar não muito longe de casa da onça, o teyú pediu ao kágado que descesse e tirasse os arreios, se não era muito feio para elle ser visto servindo de cavallo. O kágado respondeu que elle tivesse paciencia e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incommodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teyú até á porta da casa da onça, onde elle metteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: « Olá, eu não disse que o teyú era meu cavallo?! venham vêr! » Houve muita risada; e o kágado victorioso disse á filha da onça: « Ande, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar. » Assim aconteceu com grande vergonha para o teyú.

IV

O kágado e o jacaré ¹

(Sergipe)

O kágado tinha uma gaita em que tocava com grande admiração de todos os outros animaes, e o jacaré tinha muita inveja. Uma vez elle foi esperar o kágado no logar que este costumava ir beber agua, e pôz-se do lado de fóra da fonte deitado. Quando o kágado chegou o saudou, dizendo: « Oh! amigo jacaré, como vai? » — Estou apanhando sol, amigo kágado. » O kágado bebeu sua agua e pôz-se a tocar a gaita, e o jacaré disse: « Amigo kágado, me empresta esta gaita para eu experimental-a. » O kágado deu, e o jacaré pulou com ella dentro d'agua, e foi-se. O kágado ficou muito zangado, e foi-se embora. Passados dias, elle foi a um cortiço, engoliu muitas abelhas e foi-se pôr no logar aonde o jacaré costumava apanhar sol, escondeu-se nas folhas com o rabo para cima. Labreou o trazeiro bem de mel, e, de vez em quando, largava uma abelha: « *zum.* » O jacaré, vendo aquillo, suppôz ser algum cortiço, e metteu o dedo; o kágado apertou-o e disse: « Só o largo quando me der conta da minha gaita. » E foi arrochando cada vez mais. O jacaré abriu a bocca no mundo e pôz-se a gritar:

« Ó Gonçalo,
 Meu filho mais velho,
 A gaita do kágado...
 Tango-lê-rê...
 A gaita do kágado...
 Tango-lê-rê... »

O rapaz de lá ouvia mal, e dizia: « O quê, meu pai?... a camisa? » O jacaré, vexado, gritava com mais força:

¹ *Aligator Selerops.*

« Não, Gonçalo,
 Meu filho mais velho,
 A gaita do kágado...
 Tango-lê-rê...
 A gaita do kágado...
 Tango-lê-rê... »

O Gonçalo : « O quê, meu pai? As calças? » O jacaré tornava a repetir a cantilena, e, só depois de muita massada e quando o seu dedo estava tóra não tóra, é que o Gonçalo veiu com a gaita, que o jacaré deu ao kágado. Só depois da entrega este largou-lhe o dedo.

V

O kágado e a fonte

(Sergipe)

Uma feita, o kágado intrigou-se com o homem, o teyú e a onça por causa de um casamento com a filha da onça. Havia uma fonte onde todos os bichos costumavam ir beber; o kágado lá chegou, botou dentro d'ella uma boa porção de sapinhos e lhes deu ordem que, quando viesse alli algum bicho beber, elles cantassem :

« Turi, turi...
 Quebrar-lhes as pernas,
 Furar-lhes os olhos... »

Feito isto, o kágado foi-se embora.

Chegou o macaco para beber, ouviu aquillo e ficou com muito medo e foi-se, e espalhou o caso. Outros bichos vieram e todos se retiraram com medo. Veiu o teyú, a mesma cousa; veiu a onça, o mesmo. Afinal o homem veiu e tambem fugiu com medo. Faltava o kágado; foram chamal-o. Elle disse que estava prompto a ir, mas acompanhado de todos os outros, e munido de sua gaita

e tocando. Chegando a certa distancia mandou os outros esperar, avançou, chegou junto á beira da fonte, deu ordem aos sapinhos para se calarem; elles obedeceram. O kágado encheu seu pote e retirou-se victorioso com grande espanto de todos os outros animaes e casou-se com a filha da onça.

VI

A onça e o bode

(Sergipe)

Uma vez a onça quiz fazer uma casa; foi a um logar, roçou o matto para alli fazer a sua casa. O bode, que tambem andava com vontade de fazer uma casa, foi procurar um logar, e, chegando no que a onça tinha roçado, disse: « Bravo! que bello logar para levantar a minha casa! » O bode cortou logo umas forquilhas e infincou n'aquelle logar, e foi-se embora. No dia seguinte a onça lá chegando, e vendo as forquilhas infincadas, disse: « Oh! quem me está ajudando?! Bravo, é Deus que está me ajudando! » Botou logo as travessas nas forquilhas, e a cumieira, e foi-se. O bode quando veiu de novo, admirou-se e disse: « Oh! quem está me ajudando?! É Deus que está me protegendo. » Botou logo os caibros na casa, e foi-se. Vindo a onça, ainda mais se espantou, e botou as ripas e os enchimentos e retirou-se. O bode veiu, e envarou a casa e foi-se. A onça veiu e cobriu. O bode veiu e tapou. Assim foram, cada um por sua vez, e apromptaram a casa. Acabada ella, veiu a onça, fez a sua cama e metteu-se dentro. Logo depois chegou o bode, e, vendo a outra, disse: « Não, amiga, esta casa é minha, porque fui eu quem infinquei as forquilhas, botei

os caibros, envarei, e tapei. » — « Não, amigo, respondeu a onça, a casa é minha, porque fui eu que rocei o logar, botei as travéssas, a cumieira, as ripas, os enchimentos, e o sapé. »

Depois de alguma questão, a onça, que estava com vontade de comer o bode, disse: « Mas não haja briga, amigo bode, nós dois podemos ficar morando na casa. » O bode aceitou, mas com muito medo. O bode armou a sua rede bem longe do *giráu* da onça. No outro dia a onça disse: « Amigo bode, quando você me *vêr frangir* o couro da testa, eu estou com raiva, tome sentido! » — « Eu, amiga onça, quando você me *vêr* balançar as minhas barbinhas alli nas goteiras edar um espirro, você fuja, que eu não estou de caçoada. » Depois a onça sahiu, dizendo que ia buscar de comer. Lá, por longe de casa, pegou um grande bode, e para fazer medo ao seu companheiro, matou-o, e entrou com elle pela casa a dentro. Atirou-o no chão e disse: « Está amigo bode, esfole e trate para *nós* comer. » O bode, quando viu aquillo, disse lá comsigo: « Quando este, que era tão grande, você matou, quanto mais a mim! » No outro dia elle disse á onça: « Agora, amiga onça, quem vai buscar de comer sou eu. » E largou-se. Chegando longe, avistou uma onça bem grande e gorda, disfarçou e pôz-se a tirar cipós no mato. A onça veiu chegando, e vendo aquillo, disse: « Amigo bode, para que tanto cipó? » — « *Fum!* Para que?! O negocio é sério, trate de si... O mundo está para acabar, e é com diluvio... » — « O que está dizendo, amigo bode? » — « É verdade; e você, se quiser escapar, venha se amarrar, que eu já me vou. » A onça foi, e escolheu um páo bem alto e grosso, e pediu ao bode para que a amarrasse. O bode enlinhou-a perfeitamente, e, quando a viu bem segura, metteu-lhe o cacetete como terra, até matal-a. Depois arrastou-a, chegou em casa, largou-a no chão, dizendo: « Está; si quiser esfole e trate. »

A onça ficou espantada e com medo. *Ambos dois* temiam um ao outro.

N'um dia o bode poz-se junto das biqueiras, tomando fresco; olhou para a onça, e ella estava com o couro da testa *frangido*. Elle teve receio e abalou as barbas, e largou um espirro. A onça pulou do *mundéu* e largou na carreira, o bode tambem abriu o panno. Ainda hoje correm cada um para o seu lado.

VII

A onça, o veado e o macaco

(Sergipe)

Uma vez, amiga onça convidou amigo veado para ir comer leite em casa de um compadre, e amigo veado aceitou. No caminho tinham de passar um riacho, e a onça enganou o veado, dizendo que elle era muito raso, e não tivesse medo. O veado metteu o peito e quasi morreu afogado. A onça passou por um logar mais raso e não teve nada. Seguiram. Adiante encontraram umas bananeiras, e a onça disse ao veado: « Amigo veado, vamos comer bananas; você suba, coma as verdes, que são as melhores, e me atire as maduras. » Assim fez amigo veado, e não pôde comer nenhuma, e a onça encheu a pança. Seguiram; adiante encontraram uns trabalhadores *capinando* uma roça. A onça disse ao veado: « Amigo veado, quem passa por aquelles trabalhadores deve dizer: — Diabo leve a quem trabalha. » Assim foi; quando o veado passou pelos homens gritou: « Diabo leve a quem trabalha! » Os trabalhadores largaram-lhe os cachôrros, e quasi o pegaram. A onça, quando passou, disse: « Deus ajude a quem trabalha. » Os homens gostaram d'aquillo, e a deixaram passar. Adiante encontra-

ram uma cobrinha de coral, e a onça disse: « Amigo veado, olhe que linda pulseira para você levar á sua filha! » O veado foi apanhar a cobra, e levou uma dentada; pôz-se a queixar-se da onça, e ella lhe respondeu: « Quem manda você ser tolo! ? »

Afinal chegaram á casa do compadre da onça; já era tarde e foram dormir. O veado armou sua redinha n'um canto e ferrou no somno. Alta noite, a onça se levantou devagarzinho de pontinha de pé, abriu a porta, foi ao curral das ovelhas, sangrou uma das mais gordas, aparou o sangue n'uma cuia, comeu a carne, voltou para casa, largou a cuia de sangue em cima do veado para o sujar, e foi-se deitar. Quando foi de para manhã o dono da casa se alevantou, foi ao curral e achou uma ovelha de menos. Foi vêr se tinha sido a onça, e ella lhe respondeu: « Eu não, meu compadre, só si foi amigo veado, veja bem que eu estou limpa. » O homem foi á rede do veado e achou-o todo sujo de sangue. « Ah! foi você seu ladrão?! » Metteu-lhe o cacete até o matar. A onça comeu bastante leite e foi-se embora.

Passados tempos, ella tomou um capote emprestado ao macaco e o convidou para ir comer leite em casa do mesmo compadre. O macaco aceitou e partiram. Chegando adiante, encontraram o riacho, e a onça disse: « Amigo macaco, o riacho é raso, e você passe adiante e por alli. » O macaco respondeu: « Ah! você pensa que eu sou como o veado que você enganou?! passe adiante se quizer, senão eu volto... » A onça, que viu isto, passou adiante. Quando chegaram nas bananeiras, ella disse: « Amigo macaco, vamos comer bananas; você coma as verdes, que são as melhores, e me atire as maduras. » — « Vamos, » disse o macaco, e foi logo se atrependo. Comeu as maduras e atirou as verdes para a onça. Ella ficou desesperada, e dizia: « Amigo macaco, amigo macaco!... Eu te boto a unha!... » — « Eu vou-me embora si você péga com historias. » Assim respondia o macaco

e foram seguindo. Quando passaram pelos trabalhadores, a onça disse: « Amigo macaco, quem passa por aquelles homens deve dizer: — Diabo leve a quem trabalha; porque alli elles estão obrigados. » O macaco, quando passou, disse: « Deus ajude a quem trabalha. » Os trabalhadores ficaram satisfeitos, e o deixaram passar. A onça passou tambem. Adiante avistou uma cobrinha de corál, e disse ao macaco: « Olhe, amigo, que lindo collar para sua filha! apanhe e leve. » — « Pegue você! » E não quiz o macaco pegar. Afinal chegaram á casa do compadre da onça e foram-se deitar porque já era tarde. O macaco, de sabido, armou sua rêde bem alto, deitou-se e fingiu que estava dormindo. A onça, bem tarde, sahiu de pontinha de pé, foi ao chiqueiro das ovelhas, sangrou a mais bonita, comeu a carne, e foi com a cuia de sangue para derramar no macaco. Elle que estava vendo tudo, deu-lhe com o pé, e o sangue cahiu todo em riba da onça. Quando foi de para manhã, o dono da casa foi ao curral, e achou uma ovelha de menos, e disse: « Sempre que a malvada d'esta comadre dorme aqui, falta-me uma criação! » Largou-se para casa, e já encontrou o macaco de pé e apontando para a onça, que fingia que estava dormindo. O homem a viu toda suja de sangue, e disse: « Ah! é você, sua diaba! » Deu-lhe um tiro e a matou. O macaco comeu muito leite, e foi-se embora muito satisfeito. ¹

¹ Os animaes d'este conto são: a onça — *Felis onça*, o veado — *Cervus elaphus*, *Cervus dama*, o macaco *Cebus appella*, a cobra coral — *Coluber Corallinus*.

VIII

O macaco e a cotia

(Pernambuco)

O macaco foi dançar em casa da cotia ; a cotia, de sabida, mandou o macaco tocar, dando-lhe uma rabeça. A cotia começou a dançar, e, no virar á roda, deu uma *embigada* na parede e partiu o rabo. Todos os que tinham rabo ficaram vendo isto, com medo de dançar. Então o priá disse : « Ora, vocês estão com medo de dançar ! mandem tocar, e vão vêr obra ! » O macaco ficou logo desconfiado e trepou-se n'um banco e pôz-se a tocar para o priá dançar. O priá deu umas voltas e foi dar sua *embigada* no mestre macaco, que não teve outro geito senão entrar tambem na dança das cotias e dos outros animaes, e todos lhe pisaram no rabo. Então elle disse : « Não danço mais, porque compadre priá e compadre sapo não devem dançar pisando no rabo dos outros, porque elles não tem rabo p'ra n'elle se pisar. » Pulou para cima da janella e de lá tocava sem ser incomodado.

IX

O urubú e o sapo

(Pernambuco)

O urubú e o sapo foram convidados para uma festa no céu. O urubú, para debicar o sapo, foi a casa d'elle e lhe disse : « Então, compadre sapo, já sei que tem de ir ao céu, e eu quero ir em sua companhia. » —

« Pois não! disse o sapo, eu hei de ir, comtanto que você leve a sua viola. » — « Não tem duvida, mas você ha-de levar o seu pandeiro, » respondeu o urubú. O urubú se retirou, ficando de voltar no dia marcado para a viagem. N'esse dia se apresentou em casa do sapo, e este o recebeu muito bem, mandando-o entrar para vêr sua comadre e os afillhados. E quando o urubú estava entretido com a sapa e os sapinhos, o sapo velho entrou-lhe na viola, e disse-lhe de longe: « Eu, como ando um pouco de vagar, compadre, vou indo adiante. » E deixou-se ficar bem quietinho dentro da viola. O urubú, d'ahi a pedaço, se despediu da comadre e dos afillhados, e agarrou na viola e largou-se para o céu. Lá chegando, lhe perguntaram logo pelo sapo, ao que elle respondeu: « Ora! nem esse moço vem cá; quando lá em baixo elle não anda ligeiro, quanto mais voar! » Deixou a viola e foi comer, que já eram horas.

Estando todos reunidos nos *comes e bebes*, pulou, sem ser visto, o sapo de dentro da viola, dizendo: « Eu aqui estou! » Todos se admiraram de vêr o sapo n'aquellas alturas. Entraram a dançar e brincar. Acabado o *samba*, foram todos se retirando, e o sapo, vendo o urubú distrahido, entrou-lhe outra vez dentro da viola. Despediu-se o urubú e largou-se para terra. Chegando a certa altura, o sapo mexeu-se dentro da viola e o urubú virou-a de bocca para baixo, e o sapo despenhou-se lá de cima, e vinha gritando: « Arreda pedra, senão te quebras!... » O urubú: « Qual?! qual?! compadre sapo bem sabe voar!... » O sapo cahiu e ralou-se todo; por isso é que elle é meio foveiro.

X

Amiga raposa e amigo corvo

(Pernambuco)

Amiga raposa convidou amigo corvo para fazerem uma viagem. A raposa convidou o *gambá* para seu companheiro, e o corvo convidou o *caracará*. Partiram. Chegando no meio dos montes, veio a noite e foram pedir rancho na casa da amiga onça. A onça andava por fóra atraz de um rebanho de carneiros, e chegou a casa muito tarde, trazendo um grande carneiro morto. Os hospedes, que se achavam em casa, ficaram com medo.

Disse a raposa: « Compadre corvo, as coisas não estão boas. » Disse o caracará: « Ora, esta é boa, não temos de que temer; mas você, comadre raposa, é que deve estar em *ieta*, sem ter onde se *metta*! » A raposa deu uma gargalhada e disse: « Serei eu peor do que compadre cachorro? » O caracará: « Commigo ninguem pôde; não corro por terra, porque não córto bem o chão; mas córto o vento. Você, amiga raposa, e compadre gambá, é que têm de se vêr hoje; quando ella pegou em compadre carneiro, que é maior de que vocês, quanto mais! » Chegou a hora da ceia. — A onça convidou os seus hospedes para cearem. Só a raposa é que pôde comer, por causa do feitio do prato.

A onça fez mais mingão e espalhou n'uma pedra, e a raposa tornou a lamber. Depois o corvo disse: « Comadre onça, eu não acho boa esta moda: quem lambe come, quem penica com fome fica! » Foram todos dormir. O corvo disse para o caracará: « Nós não havemos de ficar com fome. » Quando a onça pegou no somno, o corvo agarrou nos filhos da onça, e os devorou com o bico; o caracará fez o mesmo. Safaram-se, deixando a ra-

raposa e o gambá dormindo. Quando a onça acordou, procurou os filhos e só viu os ossos, e investiu para a raposa, que escapou-se e foi ao encontro de seus companheiros de viagem e os encontrou na casa do macaco. A raposa : « Agora é occasião de vingar-me do que vocês me fizeram. » Mas como era hora de jantar ella esperou. No fim do jantar viu um cachorro, teve medo e despediu-se. Foram o corvo e o caracará para a casa do gallo e a raposa já lá estava, esperando pela ceia.

Chegada a hora, foram todos cear. O gallo espalhou milho por toda a casa e disse :

« Venham de bico
Que me despico :
Quem tem focinho
Nem um tico. »

A raposa meia desconfiada :

« Façam o que quizer,
Durmão vocês, é que se quer. »

Foram todos dormir, e a raposa foi convidar mais amigas para virem dar cabo de seus inimigos de pennas. Deram cabo de todos, só deixando o gambá, por ser muito fedorento.

XI

Amiga folhagem

(Sergipe)

Uma vez o macaco intrigou-se com a onça, não se sabe bem o motivo. A onça andava sempre a vêr se pegava o macaco ; mas o macaco, muito *arteiro*, sempre escapava d'ella. Ora, houve um tempo em que todos

os rios e fontes do mundo seccaram, e a onça ficou contente, porque suppunha que d'esta vez o macaco lhe não escaparia. Largou-se e foi esperal-o no logar unico em que havia agua, e que estava servindo de *bebedouro* a todos os bichos. — O macaco foi beber agua e por um *triz* que não morreu. Mas sempre escapou-se, e ficou com muito medo. Então elle engenhou um meio de escapar da onça, e foi o seguinte: Encontrou um viajante que levava umas cabaças de mel de *urucú*; apodeitou-se de uma d'ellas, e *lambusou-se* bem no mel e depois se cobriu todo de folhas bem verdinhas e largou-se pelo mundo a fazer *estrepolias*. Logo chegou aos ouvidos de todos os bichos que tinha apparecido um bicho novo, a que chamavam *amiga folhagem*. Assim o macaco bebeu agua, e escapou. N'essa occasião a onça lhe perguntou quem era, e elle respondeu:

« Eu sou a folharada,
Sempre que vier beber
Tenho de ser transformada. »

E realmente as folhas lhe foram cahindo da pelle e tambem o pêllo. Foi então o macaco á fonte; lhe perguntaram quem era; elle respondeu:

« O tronco da folharada;
Todas vezes que aqui bebe
É transformada...
Desde que n'esta casa bati
Nunca mais agua bebi... »

Houve muita gargalhada, e o macaco ficou bebendo agua desassombrado.

XII

A raposa e o tucano

(Sergipe)

A raposa entendeu que devia andar debicando o tucano. Uma vez o convidou para jantar em casa d'ella. O tucano foi. A raposa fez mingão para o jantar e espalhou em cima de uma pedra, e o pobre tucano nada pôde comer, e até machucou muito o seu grande bico. O tucano procurou um meio de vingar-se. D'ahi a tempos foi á casa da raposa e lhe disse: « Comadre, você outro dia me obsequiou tanto, dando-me aquelle jantar; agora é chegada a minha vez de lhe pagar na mesma moeda: venho convidal-a para ir jantar commigo. Vammos-nos embora, que o petisco está bom. » A raposa aceitou o convite e foram-se ambos. Ora, o tucano preparou tambem mingão e botou dentro de um jarro de pescoço estreito. O tucano mettia o bico e quando tirava vinha-se regalando. A raposa nada comeu, lambendo apenas algum pingo que cahia fóra do jarro. Acabado o jantar disse: « Isto, comadre, é para você não querer-se fazer mais sabida do que os outros. »

XIII

O macaco e a cabaça

(Sergipe)

O macaco se intrigou com a onça e andava com medo d'ella. Ora havia uma festa em certa parte, e o macaco para lá ir tinha que passar em casa da onça. Então decidiu um meio de ir á festa sem ser visto pela onça.

Então metteu-se dentro de uma cabaça grande e dava certo impulso e assim andava.

Passando em casa do kágado, este acreditou ser um bicho novo. Conversaram, e despediu-se o macaco. Na sahida disse :

« Anda, cabaça,
Que nunca andaste.
Sexta, sabbado,
Domingo, segunda...
Mas, como quizeram,
Em bicho viraste.»

Assim foi andando e passou por casa da onça, e viu a festa e nada soffreu.

XIV

O macaco e o coelho

(Pernambuco)

O macaco e o coelho fizeram um contracto para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veiu o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas.

Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingar-se.

Estando o macaco descuidado assentado n'uma pedra, veiu o coelho devagarzinho, arrumou-lhe uma paulada no rabo, e o macaco sarapantado gritou e subiu por uma arvore acima a guinchar. Então o coelho ficou com medo e disse :

Por via das duyidas,
Quero me acautelar;
Por baixo das folhas
Tenho de morar.

XV

O macaco e o moleque de cera

(Sergipe)

Morava em certo logar uma velha que tinha uma porção bonita de bananeiras. Quando ellas estavam carregadas de cachos maduros a velha não podia subir para tiral-os. Então appareceu um macaco e se offereceu para ir tirar as bananas. Trepou-se nas bananeiras e entrou a comer as bananas maduras e a atirar as verdes para a velha. Esta ficou desesperada, e procurava um meio de se vingar do macaco, mas sempre ficava lograda. Afinal lembrou-se de fazer um moleque grande de cera, fingindo um negrote. Depois de preparado o moleque, ella encheu um taboleiro de bananas bem amarellinhas e botou na cabeça do moleque, fingindo que estava vendendo. Vem o macaco e pede uma banana ao moleque, e o moleque calado.

O macaco: « Moleque, me dá uma banana senão te arrumo um tapa! » E o moleque calado... O macaco desandou-lhe a mão e ficou com a mão grudada na cera.

O macaco: « Moleque, solta a minha mão senão te dou outro tapa! » E o moleque calado... O macaco trepou-lhe a outra e ficou com ella grudada na cera.

O macaco:

« Moleque! moleque! solta as minhas duas mãos e me dá uma banana, senão te arrumo um pontapé!... » E o moleque calado... O macaco desandou-lhe um pé e ficou com elle grudado na cera.

O macaco:

« Moleque dos diabos, solta minhas duas mãos e meu pé, e me dá uma banana senão te arrumo o outro pé!... » E o moleque calado... O macaco arrumou-lhe o outro pé e ficou com elle preso.

O macaco :

« Moleque das *confundas*, larga as minhas duas mãos e meus dois pés, e dá-me uma banana senão dou-te uma *embigada*! » E o moleque calado... O macaco deu-lhe uma *embigada* e ficou com a barriga presa.

Ahi chegou a velha e o agarrou e matou e esfolou e picou e cozinhou e comeu. Depois, quando teve de *ir ao mato*, deitou para fóra aquella porção de macaquinhos, que sahiam saltando e gritando: « *Ecô, eu vi o tubi da velha!* »

XVI

O macaco e o rabo

(Sergipe)

Um macaco uma vez pensou em fazer fortuna. Para isto foi-se collocar por onde tinha de passar um carreiro com seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as *rodeiras* do carro. O carreiro, vendo isto, disse: « Macaco, tira teu rabo do caminho, que eu quero passar. » — « Não tiro, » respondeu o macaco. O carreiro tangeu os bois, e o carro passou por cima do rabo do macaco, e cortou-o fóra. O macaco, então, fez um barulho muito grande: « Eu quero meu rabo, ou então me dê uma navalha... » O carreiro lhe deu a navalha, e o macaco sahiu muito alegre a gritar: « Perdi meu rabo! ganhei uma navalha!... *Tinglin, tinglin*, que vou p'ra Angola!... » Seguiu. Chegando adiante encontrou um negro velho fazendo cestas e cortando os cipós com o dente.

O macaco:

« Oh! amigo velho, coitado de você!... Ora está cortando os cipós com o dente! tome esta navalha. » O ne-

o negro aceitou, e, quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O macaco abriu a bocca ao mundo e poz-se a gritar: « Eu quero minha navalha! ou então me dê um cesto! » O negro velho lhe deu um cesto e elle sahio muito contente gritando: « Perdi meu rabo ganhei uma navalha, perdi minha navalha ganhei um cesto... *Tinglin, tinglin*, que vou p'ra Angola! » Seguiu. Chegando adiante encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia. « Ora minha sinhá fazendo pão e botando na saia! Aqui está um cesto. » A mulher aceitou, e, quando foi botando os pães dentro, cahiu o fundo do cesto. O macaco abriu a bocca no mundo e poz-se a gritar: « Eu quero o meu cesto, quero o meu cesto, sinão me dê um pão! » A mulher deu-lhe o pão, e elle sahio muito contente a dizer: « Perdi meu rabo ganhei uma navalha, perdi minha navalha ganhei um cesto, perdi meu cesto ganhei um pão!... O meu pão eu vou comer! *Tinglin, tinglin*, que vou p'ra Angola!... » E foi comendo o pão.

XVII

O macaco e o rabo

(Versão de Pernambuco)

Uma occasião achavam-se na beira de uma estrada um macaco e uma cotia e vinha passando na mesma estrada um carro de bois cantando. O macaco disse para a cotia: « Tira o teu rabo da estrada, sinão o carro passa e corta. » Embebido n'esta conversa, não reparou o macaco que elle é que corria o maior risco, e veiu o carro e passou em riba do rabo d'elle e cortou. Estava um gato escondido dentro de uma moita, saltou no pedaço do rabo do macaco e correu. Correu tambem o macaco

atrás, pedindo o seu pedaço de rabo. O gato disse : « Só te dou, si me deres leite. » — « Onde tiro leite ? » disse o macaco. Respondeu o gato : « Pede á vacca. » O macaco foi á vacca e disse : « Vacca, dá-me leite para dar ao gato, para o gato dar-me o meu rabo. » — « Não dou ; só si me deres capim, » disse a vacca. « D'onde tiro capim ? » — « Pede á velha. » — « Velha, dá-me capim para eu dar á vacca, para a vacca dar-me leite, o leite para o gato para me dar o meu rabo. » — « Não dou ; só si me deres uns sapatos. » — « D'onde tiro sapatos ? » — « Pede ao sapateiro. » — « Sapateiro, dá-me sapatos para eu dar á velha, para a velha me dar capim para eu dar á vacca, para a vacca me dar leite para eu dar ao gato, para o gato me dar meu rabo. » — « Não dou ; só si me deres sêda. » — « D'onde tiro sêda ? » — « Pede ao porco. » — « Porco, dá-me sêda para eu dar ao sapateiro, para me dar sapatos para dar á velha, para me dar capim para dar á vacca, para me dar leite para dar ao gato, para me dar o meu rabo. » — « Não dou, só si me deres chuva. » — « D'onde tiro chuva ? » — « Pede ás nuvens. » — « Nuvens, dai-me chuva para o porco, para dar-me sêda para o sapateiro, para dar-me sapatos para dar á velha, para me dar capim para dar á vacca, para dar-me leite para dar ao gato, para dar meu rabo. . . » — « Não dou ; só si me deres fogo. » — « D'onde tiro fogo ? » — « Pede ás pedras. » — « Pedras, dai-me fogo para as nuvens, para chuva para o porco, para sêda para o sapateiro, para sapatos para a velha, para capim para a vacca, para leite para o gato, para me dar meu rabo. » — « Não dou ; só si me deres rios. » — « D'onde tiro rios ? » — « Pede ás fontes. » — « Fontes, dai-me rios, os rios ser para as pedras, as pedras me dar fogo, o fogo ser para as nuvens, as nuvens me dar chuvas, as chuvas ser para o porco, o porco me dar sêda, a sêda ser para o sapateiro, o sapateiro fazer os sapatos, os sapatos ser para a velha, a velha me dar capim, o capim ser

para a vacca, a vacca me dar o leite, o leite ser para o gato, o gato me dar meu rabo.» Alcançou o macaco todos os pedidos; o gato bebeu o leite, entregou o rabo; o macaco não quiz mais, porque o rabo estava podre.

XVIII

A onça e o boi

(Pernambuco)

Havia uma onça que morava em uma serra, e só descia lá de cima para fazer *carneação*. Um dia, quando descia, encontrou um boi, e ficou logo com vontade de o atacar traiçoeiramente. Então disse a onça ao boi: « Compadre, você como bom mateiro, não me dará noticia de um companheiro seu, que vivia aqui n'este *carasco*, e que era meu amigo, e que ha muitos dias não o vejo? » — « Hontem estive com elle no *bebedouro*, e creio que elle está lá me esperando; si você quer, amiga onça, vamos juntos até lá. » Assim fallou o boi. A onça respondeu: « N'esta não cáio eu, que estou com fome, e por lá não ha carneiro, que se possa pegar, além de que lá fico perto do meu inimigo. » — « Quem é seu inimigo? » perguntou o boi. « É um lavrador, que tem cara de matar trinta onças, que fará a mim sósinha, e lá não tem arvoredos de que possa me valer. »

O boi: « Mas você, comadre onça, si teme é porque alguma coisa fez; quem não deve não teme. »

A onça: « Compadre, não se lembra quando eu peguei aquelle bezerro n'aquella *mainada*? Correram atraz de mim tres amigos cachorros, que um d'elles era *damnado*; só de gritos me trazia atordoada. Só descansei quando pude me trepar n'uma arvore, a vêr se punha as

unhas nos *moleques*. Mas qual?! Fugiam para traz com o diabo!! »

O boi : « Então, comadre onça, você só é *gente* tendo arvoredos? Vamos cá para o limpo. »

A onça : « Mas o compadre está me puxando para o *limpo*; parece que está desconfiado! » Assim uma procura o mato e outro o *largo*, até que se ausentaram desconfiando um do outro.

XIX

A onça e o gato

(Pernambuco)

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para vêr quem pulava mais. Chegando á fonte encontraram lá o calango, e então disse a onça para o gato : « Compadre, vamos vêr quem de um só pulo pula o camarada calango. » « Vamos, » disse o gato. « Só você pulando adiante, » disse a onça. O gato pulou em cima do calango, a onça pulou em cima do gato. Então, o gato, pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse : « Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou... » O gato respondeu : « Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes. »

Secção terceira

MYTHOS E FABULAS DE ORIGEM TUPI

(Colligidos pelo Dr. Couto de Magalhães)

I

Um Genesis selvagem

(Sertão do Brazil)

Como a noite appareceu

Durante o principio não havia noite; dia sómente.
A noite está adormecida no fundo da agua.
Não havia animaes; todas as cousas fallavam.
Da filha da Cobra-Grande, contam se casára com um

joven.

Este joven tinha tres vassallos fieis.

Em um dia chamou os tres vassallos; disse-lhes:

— Ide passear; minha mulher não quer dormir commigo.

Os vassallos foram-se. Então elle chamou sua mulher para dormir com elle.

Sua mulher respondeu: — « Ainda não é noite.

— Não ha noite; dia ha sómente.

— « Meu pai tem noite. Dormir se queres commigo, manda-a buscar pelo rio.

Elle chamou os tres vassallos; sua mulher mandou-os a casa de seu pai para irem buscar um caroço de tucumã.

Quando elles chegaram a casa da Cobra-Grande, esta deu-lhes um caroço de tucumã, fechado perfeitamente e disse:

«Aqui está; levae; eia, não abraes! Se o abrides vos perdereis.

Os vassallos foram-se; ouviram barulho dentro do caroço de tucumã: ten! ten! ten! ten! ten, ten!

Era o barulho dos grillos, e dos sapinhos com elles, os quaes cantam durante a noite.

Quando os vassallos estavam já longe, um d'elles disse aos seus companheiros:

«O que é este barulho? Vamos vêr?

O piloto disse: — Não; de contrario nos perderemos. Remae, vamos embora.

Elles se foram. Estavam ouvindo o barulho; não sabiam o que era aquelle barulho. Elles estavam muitissimo longe já, quando elles se ajuntaram no meio da canôa para abrir o caroço da tucumã, para vêr o que estava dentro d'elle.

Um accendeu fogo; elles derreteram o breu que estava fechando a porta do caroço de tucumã.

Quando elles abriram, eis repentinamente noite densa já.

Então o piloto disse: — Perdemos-nos! A moça em sua casa sabe já que nós abrimos este caroço de tucumã.

Elles seguiram viagem.

A moça em sua casa disse a seu marido:

— «Elles soltaram a noite. Agora vamos esperar a manhã.

Então todas as cousas, que estavam espalhadas pelo bosque, metamorphosearam-se em animaes, em passaros.

Todas as cousas, que estavam espalhadas pelo rio,

metamorphosearam-se em patos, em peixes; o paneiro virou-se em onça.

O pescador virou-se com sua canôa em pato; sua cabeça em cabeça de pato, seu remo em pernas de pato; a canôa em corpo de pato.

Quando a filha da Cobra-Grande viu a estrella d'alva, disse a seu marido já:

— «Vem a manhã; eu vou dividir a noite do dia.

Então ella enrolou o fio, e disse:

— «Tu Jucubim serás, para cantar quando vier a manhã.

Assim fez o Jucubim, branqueou a cabeça d'elle com tabatinga, avermelhou suas pernas com urucú, e disse a elle:

— «Cantarás para todo o sempre, quando vier a manhã.

Depois ella enrolou o fio; disse:

— «Tu Inambú serás.

Tomou cinza, poz sobre elle; disse:

— «Tu Inambú serás, para cantar á tarde, á noite, á meia noite, noite alta e na madrugada.

De então para cá os passaros cantaram em tempos proprios quando vem a manhã, para alegrar o dia.

Quando os tres vassallos chegaram, disse-lhes o moço:

— Vós não fostes fieis! Vós soltastes a noite. Vós fizestes todas as cousas perderem-se; por isso vos mudareis em macaquinhos para todo o sempre; andareis pelos galhos das arvores, trepados sobre elles. ¹

¹ Ap. Dr. Couto de Magalhães, *O Selvagem do Brazil*, I, p. 162-171. Curso de lingua *tupi*.

II

Fabulas do Jabuti

(Rio Negro)

I

Jabuti e a Anta do Mato

Gente Jabuti é boa, não é gente má. Estava debaixo do taperebá ajuntando sua comida. A Anta do Mato chegou ahi, e disse-lhe:

— Retire-se d'aqui, Jabuti; retire-se d'aqui.

Jabuti respondeu a ella:

« Eu d'aqui não me retiro, porque eu estou debaixo da arvore da fructa de minua.

— Retira-te, Jabuti, senão eu calco-te.

« Calca... para tu vêres se só tu és macho.

Anta, Jurupari, (espírito do mal) calcou o coitado Jabuti; a Anta foi-se embora.

Jabuti disse assim:

« Deixa estar, Jurupari! quando vier o tempo da chuva, eu saio, vou-te no encalço, até onde te encontrar; então receberás o troco.

Veiu o tempo da chuva, para o Jabuti sahir, e foi-se embora atraz do grande Jurupari. Encontrou-se com o rasto da Anta. Jabuti perguntou-lhe:

« Quanto tempo ha que teu senhor te deixou?

O rasto respondeu:

— « Já me deixou ha muito.

Jabuti sahiu alli depois de uma lua; encontrou-se com outro rasto. Jabuti perguntou:

« Teu senhor ainda está longe?

O rasto respondeu :

— « Quando tu andares dois dias te encontrarás com elle.

« Estou aborrecido de procurar ; ella foi de vez.

O rasto perguntou :

— « Por que razão a procuras tanto agora ?

Jabuti respondeu :

« Para nada. Eu quero conversar com ella.

O rasto fallou :

— « Então tu vás ao rio pequeno ; lá acharás meu pai grande.

Jabuti assim fallou :

« Então eu ainda vou.

Elle chega ao rio pequeno ; perguntou assim :

« Rio, que é do teu senhor ?

Rio respondeu :

— Não sei.

Jabuti fallou ao rio :

« Por que razão assim me fallas tão bem ?

O rio respondeu :

— Eu fallo assim bem, porque eu sei o que meu pai fez a você.

Jabuti fallou :

« Deixe estar ; eu hei de a achar. Então agora, rio, vou-me do pé de você ; quando o avistares, eu estarei com o cadaver de teu pai.

Rio respondeu :

— Não bulas com meu pai. Deixa-o dormir.

Jabuti fallou :

« Agora, com certeza alegro-me bastante ; rio, vou-me embora.

Rio respondeu :

— Ah, jabuti, você, póde ser querereres te enterrar segunda vez.

Jabuti fallou :

« Não estou no mundo para fazer de pedra ; agora

eu vou vêr se ha mais valente do que eu ; adeus, rio, vou-me.

Jabuti foi-se embora ; na margem do pequeno rio encontrou a Anta. Jabuti fallou-lhe assim :

« Eu encontrei-te ou não ? Agora nos veremos. Segundo dizem eu sou macho.

Pulou para diante da Anta, sobre os escrotos da Anta.

Então fallou : O fogo, dizem, queima tudo.

O Jabuti pulou com valentia sobre os escrotos da Anta.

A Anta fallou assim :

— Pelo bom Tupan, Jabuti, deixa meu escroto.

« Eu não deixo, porque eu quero vêr a tua valentia.

A Anta fallou :

— Então, estou desfallecendo.

A Anta levantou-se, correu para o pequeno rio ; no fim de dois dias a Anta morreu.

Jabuti então fallou :

« Eu matei ou não a você ? Agora eu vou procurar meus parentes para o virem comer.

II

O Jabuti e a Onça

O Jabuti gritou :

« Meus parentes, meus parentes, acudam !

A Onça ouviu, foi para lá ; perguntou :

— O que estás tu gritando, Jabuti ?

O Jabuti respondeu :

« Eu estou chamando estes meus parentes, para virem comer a minha caça, a Anta.

A Onça disse :

— Tu queres que eu parta a Anta ?

Jabuti disse :

« Quero, quero ; tu separas uma banda para ti, outra para mim.

A Onça disse :

— Então vá apanhar lenha.

O Jabuti partiu, e a Onça carregou com a caça e fugiu.

Quando chegou o Jabuti apenas encontrou as fezes, ralhou com a onça ; disse :

« Deixa estar ! algum dia eu me encontrarei contigo.

III

Jabuti e o Veado

(Tambem popular em Minas Geraes)

O pequeno Jabuti foi procurar seus parentes, e encontrou-se com o Veado.

O Veado perguntou-lhe : — Para onde é que tu vás ?

Jabuti respondeu : — « Eu vou chamar meus parentes, para virem procurar a minha caçada grande, a Anta.

O veado fallou assim : — Então você matou a Anta ? Vá, chame toda a gente ; quanto a mim eu fico aqui ; eu quero vê-los.

Jabuti assim fallou : — « Então eu já me vou ; d'aqui mesmo quero esperar que a Anta apodreça, tirar-lhe o osso para fazer uma gaita. Está bom, Veado, eu parto.

O Veado fallou assim : — Tu mataste a Anta ; agora eu quero experimentar a correr contigo á compita.

Jabuti respondeu : — Então, espere você por mim aqui ; vou vêr por onde hei de correr.

O Veado fallou : — Quando tu correres por o outro lado, tu responderás quando eu gritar.

Jabuti fallou : — « Cá vou indo.

O Veado fallou-lhe : — Agora nada de demoras... Eu quero vêr a tua valentia.

Jabuti fallou assim : — « Espera um pouquinho ; deixa-me chegar á outra banda.

Logo que chegou alli, chamou todos os seus parentes. Postou-os a todos pela margem do pequeno rio para responderem ao Veado tolo. Depois fallou assim :

— « Ó Veado ! você já está prompto ?

O Veado respondeu : — Eu já estou prompto.

Jabuti perguntou : — « Quem é que vai na dianteira ?

O Veado, riu-se e disse : — Tu vás mais adiante, Jabuti miseravel.

O Jabuti não correu ; enganou o Veado e foi collocar-se mais adiante.

O Veado estava seguro confiando nas suas pernas.

O parente de Jabuti gritou pelo Veado. O Veado respondeu para quem lhe ficava atraz. Assim o Veado fallou : — Eis-me que vou aqui, Tartaruga do mato !

O Veado correu, correu, correu, depois gritou : — Jabuti !

Outro parente do Jabuti respondeu sempre de diante. O Veado disse : — Eis-me que vou, ó macho.

O Veado correu, correu, correu e gritou : — Jabuti !

O Jabuti sempre de diante respondeu.

O Veado disse : — Eu ainda vou beber agua.

Então o Veado ficou calado.

O Jabuti gritou, gritou, gritou... Ninguem lhe respondeu.

Disse então : — « Aquelle macho, por ventura morreu. Deixa-me ir vê-lo.

O Jabuti disse aos seus companheiros :

— Eu vou sorrateiro para espreital-o.

O Jabuti, quando sahio na margem do rio, disse assim : — Nem sequer cheguei a suar.

Então chamou pelo Veado : — Veado !

O Veado não deu resposta.

Quando os companheiros do Jabuti olharam para o feado, disseram : — Verdadeiramente, já está morto.

O Jabuti disse : — « Vamos-lhe tirar o osso.

Os outros perguntaram-lhe : — Para que é que tu o queres ?

O Jabuti respondeu : — « Para eu assoprar por elle e tocar em qualquer tempo.

Agora vou-me d'aqui embora, e até algum dia. ¹

IV

O Jabuti encontra-se com os Macacos

O Jabutisinho andou, andou, andou o espaço de dois dias ; encontrou-se com os Macacos que estavam em cima da arvore da fructa, e disse ao Macaco :

— Macaco ! atira-me alguma fructa para eu comer.

O Macaco respondeu :

— Tropa ! Você por acaso não é macho ?

Disse o Jabuti : — « Em verdade eu sou macho ; eu não quero subir, porque estou cansado.

Disse o Macaco : — Sómente o que eu posso fazer a você é il-o buscar d'ahi debaixo para aqui.

Disse Jabuti : — « Você venha-me buscar.

O Macaco desceu, e pegou no Jabuti ás costas, e foi-o pôr lá em cima.

O Jabuti ficou ahi dois dias, por não poder descer.

¹ O prof. Hartt achou esta fabula na Africa, e em São. Vid. *Notes on the Tupi language*. Couto de Magalhães, op. cit., p. 154.

V

O Jabuti e outra vez a Onça

(Tradição de Tapajós)

A Onça appareceu por alli. A Onça olhou para cima, viu o coitado do Jabuti, e disse assim :

— Ó Jabuti, por onde subiste tu ?

O Jabuti respondeu : — « Por esta arvore de fructa !

A Onça, com fome, respondeu : — Desce cá para baixo.

O Jabuti assim fallou : — « Apara-me lá ; abre bem a bocca, para que eu não cáia no chão.

O Jabuti precipitou-se, e foi de encontro ao focinho da Onça ; a endiabrada morreu.

O Jabuti esperou até ella apodrecer, e depois tirou a sua fruta.

Então o Jabuti foi-se, tocando a sua fruta, e assim cantava :

— A minha fruta é do osso da Onça, ih ! ih !

VI

O Jabuti e outra Onça

(Tradição de Tapajós)

Outra Onça ouviu a cantiga, e veio ter com o Jabuti e perguntou-lhe :

— Como tocas tão bem na tua fruta !

O Jabuti respondeu : — « Eu toco assim a minha fruta : o osso do Veado é a minha fruta ; ih ! ih !

A Onça tornou : — A modo que não foi assim que eu e ouvi cantar !

O Jabuti respondeu : — « Arreda-te mais para lá um pouco ; de longe te ha de parecer mais bonito.

O Jabuti procurou um buraco, pôz-se na soleira da porta, e tocou na frauta ; ih ! ih !

Quando a Onça ouviu, correu para o agarrar. O Jabuti metteu-se pelo buraco dentro.

A Onça metteu a mão pelo buraco, e apenas lhe agarrou a perna.

O Jabuti deu uma risada, e disse : — « Pensavas que agarraste a minha perna e agarraste apenas a raiz de pão !

A Onça disse-lhe assim : — Deixa-te estar !

Largou então a perna do Jabuti.

O Jabuti, riu-se segunda vez, e disse :

— « De facto era a minha propria perna.

A grande tola da Onça esperou alli, tanto esperou, até que morreu.

VII

Jabuti e a Raposa

Dizem que o Jabuti tinha uma frauta ; um dia quando estava tocando a sua frauta, dizem que a Raposa foi ouvir o Jabuti, e lhe disse :

— Emprestas-me a tua frauta ?

« Eu não ! respondeu o Jabuti. — Para tu fugires com a minha frauta.

A Raposa disse : — Então toca, para ouvir a tua frauta.

O Jabuti tocou assim na sua frauta :

Fin, fin, fin, fin !
Culo fon, fin !

A Raposa disse : — Como tu és formosissimo com a tua fruta, Jabuti ! Empresta-me um pouquinho.

O Jabuti disse : — Péga lá ! Agora não me fujas com a minha fruta ; se tu te vás embora atiro-te ás costas com esta cera.

A Raposa tomou a fruta do Jabuti, tocou, pôz-se a dançar, e achou muitissimo bonito ; botou a fugir com a fruta.

O Jabuti quiz correr atraz da Raposa, mas não correu ; dizem que voltou para o mesmo logar onde estava ; então disse : — « Deixa estar, Raposa ! Não é preciso muito tempo para te apanhar.

O Jabuti foi pelo bosque, chegou á margem do rio, cortou madeira para fazer uma ponte para atravessar por cima ; chegou á outra margem, atrepou, cortou da arvore do mel, tirou mel do pau, voltou para traz, chegou ao caminho da Raposa, encostou a cabeça ao chão, pegou no pau do mel e untou com elle o trazeiro.

D'ahi a pouco a Raposa chegou alli, e olhou para aquella agua ; que lustrosa e bonita era aquella agua !

A Raposa disse : — « Ih... o que será isto ?

Depois metteu o dedo, lambeu, e disse : — « Hi... i...i ! isto é mel.

Outra Raposa observou : — « Que ? ! aquillo ! mel ? Qual ! Aquillo é o trazeiro do Jabuti.

A outra respondeu : — Que ! o trazeiro do Jabuti ! Como é que isso é mel ?

Com a muita sêde com que estava metteu a lingua n'elle. O Jabuti apertou o trazeiro, a Raposa gritou :

— Deixa a minha lingua, ó Jabuti !

A outra disse : — É o que te eu disse. É o trazeiro do Jabuti, como eu te disse ; tu disseste : Como que é isto é mel, então ?

O Jabuti disse então : — « Han ! han ! foi o que eu disse a você, ou não ? Cedo te apanhei. Dizem que tu, Raposa, és muito esperta ! Que é da minha fruta ?

A Raposa respondeu : — Eu não a tenho, Jabuti !

O Jabuti disse : — Tu tem-la ! traze-m'a, traze-m'a já, senão eu aperto mais.

A Raposa restituiu logo a fruta.

VIII

O Jabuti e a Raposa

(Tradição de Juruá)

Jabuti metteu-se pela sua tóca dentro, assoprou na fruta, e pôz-se a dançar :

Fin, fin, fin, fin,
Culo fon, fin, te tein,
Te tein, te tein.

Veiu a Raposa, e chamou pelo Jabuti :

— Ó Jabuti !

O Jabuti respondeu : — Uh !

A Raposa disse : — Vamos experimentar a nossa valentia ?

O Jabuti respondeu :

— « Vamos, Raposa ! quem vai adiante ?

A Raposa disse : — Tu, Jabuti !

— Está bom, Raposa ; quantos annos são precisos ?

A Raposa respondeu : — Dois annos.

Então a Raposa fechou o Jabuti no fundo da tóca ; depois que acabou de o fechar disse :

— Adeus, Jabuti, vou-me embora.

De anno em anno, vinha fallar com o Jabuti ; chegava á boca da tóca, e chamava pelo Jabuti :

— Ó Jabuti !

O Jabuti respondia : — « Ó Raposa ! já estarão amarellas as fructas do taperebá ?

A Raposa respondia : — Ainda não, Jabuti ; agora os taperebaseiros estão apenas em flôr. Adeus, Jabuti, ainda me vou d'esta feita.

Quando foi o tempo do Jabuti sahir, a Raposa veiu, chegou á bocca da tôca, e chamou.

O Jabuti perguntou : — Já estão amarellas as fructas do taperebá ?

A Raposa respondeu : — Agora, sim, Jabuti ; agora em verdade já estão ; agora sim, está em baixo da arvore o grosso d'ella.

O Jabuti sahiu e disse :

— Entra agora, Raposa !

A Raposa respondeu : — Quantos annos são precisos, Jabuti ?

O Jabuti respondeu : — Quatro annos, Raposa.

O Jabuti metteu a Raposa no fundo da tôca e foi-se embora. Um anno depois o Jabuti voltou para fallar com a Raposa, chegou á bocca da tôca e chamou :

— Ó Raposa !

A Raposa respondeu :

— Já estarão amarellos os ananazes, Jabuti ?

O Jabuti respondeu :

— « Ora ! ainda não estão, Raposa. Ainda andam agora a roçar. Eu vou-me embora ! Adeus, Raposa.

Dois annos depois, o Jabuti voltou e chamou :

— Ó Raposa !

Tudo calado. O Jabuti chamou segunda vez. Tudo calado. Só sahiam moscas do fundo da tôca.

O Jabuti abriu a bocca á toca, e disse : — Este ladrão já morreu !

O Jabuti puxou-a para fóra :

— Eu bem te tinha dito, Raposa ! Tu não eras macho para medires forças commigo !

O Jabuti deixou-a ficar e foi-se embora.

IX

O Jabuti e o Homem

(Tradição de Juruá)

Jabuti chegou ao covão, e estava assoprando na sua fruta.

As gentes que iam passando escutaram.

Um homem disse : — Eu vou apanhar aquelle Jabuti.

Chegou ao covão, chamou : — « Ó Jabuti !

O Jabuti respondeu : — Uh !

O homem disse : — Vem cá, Jabuti.

— « Pois bem, aqui estou, eu vou já.

O Jabuti sahiu, o homem agarrou-o, levou-o para casa. Quando chegou a casa metteu o Jabuti dentro de uma caixa. Logo de manhansinha, o homem disse aos seus pequeninos :

— Agora não soltem vocês o Jabuti.

E foi-se para a roça.

O Jabuti estava dentro da caixa tocando a sua fruta.

Os meninos ouviram e vieram para escutar.

O Jabuti calou-se.

Então os meninos disseram : — Assopra, Jabuti.

O Jabuti respondeu : — Vocês acham muito bonito ; como não seria se vocês me vissem dançar !

Os meninos abriram a caixa para verem o Jabuti dançar.

O Jabuti dançou pelo quarto :

Tum, tum ! tum, tum ! tum, tum !
Tum, tum ! tein !

Depois pediu aos meninos para o deixarem ir urinar.

Os meninos disseram-lhe : — « Vai, Jabuti, mas não fujas.

O Jabuti vai para traz da casa, correu e escondeu-se no meio do cerrado.

Então os meninos disseram : — O Jabuti fugiu !

Um d'elles disse : — Agora como ha de ser ? Como é que havemos dar conta a nosso pai quando elle vier ? Vamos pintar uma pedra da côr do casco do Jabuti, se não quando elle chegar açoitá-los-ha !

Assim o fizeram.

De tarde chegou o pai d'elles : — Ponham a panella ao lume, para tirarmos a casca ao Jabuti.

Elles disseram : — Já está ao lume.

O pai deitou a pedra pintada na panella pensando que era o Jabuti.

Depois disse-lhes : — Tirem vocês os pratos, para comermos o Jabuti.

Os meninos tiraram-os.

O pai tirou o Jabuti da panella, e quando o deitou no prato quebrou-o !

O pai disse aos meninos : — Vocês deixaram o Jabuti fugir ?

Elles responderam : — Não.

Quando estavam dizendo isto, o Jabuti tocou a sua fruta.

Quando o homem ouviu disse : — Eu vou-o apanhar outra vez.

Foi e chamou : — Ó Jabuti !

O Jabuti respondeu : — Uh !

O homem foi pelo cerrado abaixo á procura d'elle. Chamou :

— Vem, Jabuti !

Elle chamava de uma banda, e Jabuti respondia-lhe de traz. O homem aborreceu-se, voltou para casa, e deixou-o.

X

O Jabuti e o Gigante (Cahipora)

(Tradição do Juruá)

O Jabuti chegou ao buraco de uma arvore; estava tocando na sua fruta. Cahipora ouviu e disse:

— Ninguem pôde ser senão o Jabuti. Eu vou-o apanhar.

Chegou á bocca da tóca da arvore. O Jabuti tocou na fruta:

Fin, fin, fin,
Culo fon, fin.

Cahipora chamou: — Ó Jabuti!

O Jabuti respondeu: — Uh!

— Vem, Jabuti! Vamos experimentar forças!

O Jabuti retorquiu: — Experimentemol-as, como tu quizeres!

Cahipora foi ao mato, cortou um cipó, trouxe o cipó á beira do rio, e disse ao Jabuti:

— Experimentemos, Jabuti! tu na agua, eu em terra.

O Jabuti disse: — Bom, Cahipora!

O Jabuti saltou na agua com a corda, e foi amarrar a corda na cauda de uma balêa.

O Jabuti voltou para terra, e escondeu-se debaixo do cerrado. Cahipora puxou a corda. A balêa fez força, arrastou o Cahipora pelo pescoço até á agua. Cahipora fez força para puxar o rabo da balêa para terra. A balêa fez força e puxou Cahipora pelo pescoço até á agua.

O Jabuti debaixo do cerrado estava vendo tudo, e riu-se.

Quando já Cahipora estava cansado, disse:

— Basta, Jabuti.

O Jabuti riu-se, saltou á agua, foi desatar a corda da cauda da balêa. O Cahipora puxou a corda com elle. O Jabuti chegou a terra.

Cahipora perguntou-lhe :

— Tu estás bem cansado, Jabuti !

O Jabuti respondeu : — Não ! Não suei nada !

Cahipora disse : — Agora, com certeza, Jabuti, sei que tu és mais macho do que eu ! Vou-me embora. Até outra. ¹

III

O Veado e a Onça

I

O Veado disse : — Eu estou passando muitos trabalhos, e por isso vou procurar um sitio para fazer a minha morada.

Foi pela beira do rio, e achou um logar bom, e disse : — Ha de ser mesmo aqui !

A Onça tambem disse : — « Eu estou passando muitos trabalhos, e por isso vou procurar sitio para fazer a minha casa.

Sahiu, e chegando ao mesmo logar que o Veado escolhera, disse :

— « Que bom logar ! Vou fazer aqui a minha casa.

No dia seguinte, veiu o Veado, capinou, e roçou o logar.

No dia seguinte veiu a Onça e disse : — « Tupan me está ajudando ! » Espetou no chão as forquilhas, e armou a casa.

¹ Segundo o Dr. Couto de Magalhães, existem mais duas aventuras, que este ethnologo julga ter perdido. *Op. cit.*, p. 219.

No outro dia veio o Veado e disse : — « Tupan me está ajudando. Cobriu a casa, e fez dois abrigos, um para si e outro para Tupan.

No outro dia a Onça, achando a casa prompta, mudou-se para alli, occupou um abrigo, e pôz-se a dormir.

No outro dia veio o Veado e occupou o outro abrigo.

No outro dia acordaram, e, quando se avistaram, disse a Onça ao Veado :

— Era você que me estava ajudando ?

O Veado respondeu :

— Era eu mesmo !

A Onça disse :

— Pois bem, agora vamos morar juntos.

O Veado disse : — Vamos.

No outro dia a Onça disse :

— Eu vou caçar. Você limpe os tócos, tenha agua prompta, lenha, que eu hei de de chegar com fome !

Foi caçar ; matou um Veado muito grande, trouxe-o para casa, e disse ao seu companheiro :

— Aprompta para nós jantarmos.

O Veado apromptou, mas estava triste, não quiz comer, e de noite não dormiu com medo que a Onça o estrangulasse.

No outro dia o Veado foi caçar, encontrou-se com outra Onça grande, e depois com um Tamanduá :

Disse ao Tamanduá :

— A Onça está alli fallando mal de você !

O Tamanduá veio, achou a Onça arranhando um pau ; chegou-lhe devagarinho por detraz, deu-lhe um abraço, metteu-lhe a unha, e a Onça morreu.

O Veado levou-a para casa, e disse á sua companheira :

— Aqui está ; aprompta para nós jantarmos.

A Onça apromptou, mas não jantou, e estava triste !

Quando chegou a noite, os dois não dormiam, a Onça espiando o Veado e o Veado espiando a Onça.

À meia noite estes estavam com muito somno; a cabeça do Veado esbarrou no girão, fez: tá! A onça pensando que era o Veado que já a ia matar, deu um pulo.

O Veado assustou-se também, e ambos fugiram, um correndo para um lado, outro correndo para outro.

II

O Veado foi morar em companhia do Cachorro.

Passando muito tempo, a Onça também foi morar lá, porque o Veado já se tinha esquecido d'ella.

No outro dia foram caçar. A Onça queria pegar no Cachorro. O Cachorro, de tarde, quando voltou trouxe caça pequena, cotia, paca, tatú, e inambú.

Jantaram, e depois de jantar foram jogar.

A Onça jogava e dizia:

— O que eu cacei não pude pegar.

O Cachorro jogava e dizia:

— Quem tem perna curta não deve caçar.

Assim jogaram até que a Onça saltou no Cachorro.

O Cachorro e o Veado fugiram, a Onça seguiu atrás e quando pegou o Veado, este virou (converteu-se) em pedra.

O Cachorro atravessou um rio, e disse para a Onça:

— Agora, se me queres pegar, só se me jogares uma pedra. A Onça agarrou na pedra e jogou-a.

Quando a pedra cahiu na outra banda gritou: *mé!* e virou outra vez (transformou-se em Veado).

Foi d'ahi que se gerou a raiva do Cachorro contra a Onça.

IV

A Moça que vai procurar marido

I

A Moça e o Gambá

Uma moça disse a sua mãe : — Eu vou procurar um marido ; eu estou padecendo muita fome !

Ella foi-se ; chegou aonde haviam tres caminhos, perguntou :

— Qual será o caminho do Inajé ?

Em um caminho ella viu pennas de Inambú ; então pensou :

— Este é o caminho do Inajé.

Foi-se por elle.

No fim encontrou uma casa onde estava uma velha sentada, que estava á beira do fogo ; disse :

— Você é a mãe do Inajé ?

A velha respondeu : — « Sou eu mesma.

A moça disse : — Eu venho ter com elle para casarmos.

A velha disse : — « Meu filho é muito bravio (gente brava) ; por isso eu vou esconder você.

Mas a velha não era a mãe do Inajé ; era a mãe do Gambá.

De tarde chegou seu filho, trouxe sua caça de passaros.

A mãe apromptou-os, para elles comerem. Quando estavam comendo, a mãe perguntou-lhe :

— Se chegasse aqui um habitante d'outra terra, como que tu o tratarias ?

O Gambá respondeu : — Chamava-o para vir comer connosco.

Então a velha chamou a moça que estava escondida.

A moça comeu com elles. O Gambá estava alegre porque a moça era muito formosa.

De noite, o Gambá foi dormir com a moça; ella o repelliu de si, e disse :

— Não me quero deitar contigo, porque você é muito catinguento.

De manhã, quando a velha mandou a moça tirar lenha, a moça fugiu.

II

A Moça e o Corvo

Chegou a uma encruzilhada, seguiu por outro, chegou a uma casa em que estava uma velha e perguntou :

— Tu és a mãe do Inajé ?

A velha respondeu :

— « Sou ella mesmo !

A moça disse :

— Eu venho ter com elle para casarmos.

A velha disse :

— « Eu vou esconder você, porque meu filho é gente muito brava !

Esta velha era a mãe do Corvo.

De tarde chegou seu filho, trouxe sua caça de bichinhos pequenos ; disse á mãe :

— Eis aqui estes peixes pequenos, minha mãe.

Sua mãe apromptou a caça ; quando elles estavam comendo, ella perguntou :

— « A quem chegasse aqui vindo de outra terra que farias tu ?

O Corvo respondeu :

— Eu chamava por elle para comer comnosco.

Então sua mãe chamou a moça; o Corvo estava muito alegre, porque a moça era muito formosa.

De noite quando o Corvo se foi deitar com a moça, ella o enxotou, porque elle era muito catinguento.

Na manhã seguinte, quando a velha mandou a moça á lenha, ella fugiu.

III

A Moça e o Gavião (Inajé)

Ella chegou ao pé da encruzilhada e foi por outro caminho; chegou a uma casa e viu uma velha muito formosa e perguntou-lhe:

— Você é mãe do Inajé?

A velha respondeu: — Sou eu mesma.

A moça disse: — Venho ter com elle para casarmos.

A velha disse: — Eu vou esconder você; meu filho é gente muito brava.

De tarde quando seu filho veio da caça, trouxe muitos passaros pequenos.

Sua mãe apromptou os passaros pequenos e comeram.

Quando estavam comendo, perguntou-lhe a mãe:

— Quando aqui chegasse alguém d'outra terra, o que lhe farias?

O Inajé respondeu: — Chamo por elle para comer-mos juntos.

Então a velha chamou a moça. O Inajé ficou muito alegre, porque a moça era muito bonita. Elles dormiram juntos. No outro dia o Corvo chegou a casa do Inajé para procurar a moça.

Elles brigaram muito por causa da moça.

O Inajé quebrou a cabeça do Urubú. A mãe do Urubú aqueceu agua e lavou-lhe a cabeça; a agua estava bastante quente, por isso a sua cabeça ficou para sempre depennada.

V

Lendas ácerca da Raposa

I

A Raposa e a Onça

Não faças bem sem saber a quem.

Um dia a Raposa, estando a passear, ouviu um ronco: Û, ù, ù!

— O que será aquillo? Eu vou vêr.

A Onça avistou-a, e disse-lhe:

— « Eu fui nada dentro d'este buraco, cresci, e agora não posso sahir! Ajudas-me tu a tirar esta pedra?

A Raposa ajudou, a Onça sahiu. A Raposa perguntou-lhe:

— O que me pagas?

A Onça, que estava com fome, respondeu:

— « Agora vou-te eu comer.

Agarrou a Raposa, e perguntou-lhe:

— « Como é que se paga um beneficio?

A Raposa respondeu:

— O bem paga-se com o bem. Alli perto ha um homem que sabe tudo; vamos lá perguntar-lh'o.

Atravessaram para uma ilha; a Raposa contou ao homem, que tinha tirado a Onça do buraco, e que ella em paga d'isso a quiz comer.

A Onça disse:

— « Eu a quero comer, porque o bem se paga com o mal.

O homem disse:

— Está bom; vamos vêr a tua cova.

Foram todos tres e o homem disse á Onça:

— Entra, que eu quero vêr como tu estavas.

A Onça entrou; o homem e a Raposa rolaram a pedra, e a Onça não pôde mais sahir. O homem disse:

— Agora tu ficas sabendo que o bem se paga com o bem.

A Onça ahi ficou; os outros foram-se.

II

A Raposa e o Homem

A Raposa foi deitar-se no caminho por onde o homem tinha de passar, e fingiu-se morta.

Veiu o homem e disse:

— Coitada da Raposa!

Fez um buraco, enterrou-a e foi-se embora.

A Raposa correu pelo matto, passou adiante do homem, deitou-se no caminho e fingiu-se morta.

Quando o homem chegou, disse:

— Outra Raposa morta! Coitada!

Arredou-a do caminho, cobriu-a com folhas e seguiu adiante.

A Raposa correu outra vez pelo cerrado, deitou-se adiante no caminho e fingiu-se morta.

O homem chegou e disse:

— Quem terá morto tanta Raposa?

Arredou-a para fóra do caminho, e foi-se.

A Raposa correu, e foi fingir-se outra vez morta no caminho.

O homem chegou e disse:

— Leve o diabo tanta Raposa morta!

Agarrou-a pela ponta do rabo, e atirou-a para o meio do cerrado.

A Raposa disse então:

— « Não se deve abusar de quem nos faz bem.

III

A Raposa e a Onça

A Onça sahio do buraco e disse :

— Agora eu vou agarrar a Raposa.

Andou, e passando pelo mato ouviu um barulho :

— « *Txân, txân, txân!* »

Olhou para a Raposa, que estava tirando cipó.

A Raposa quando a viu, disse :

— « Estou perdida ; a Onça agora, quem sabe, vai-me comer.

A Raposa disse á Onça :

— « Ahi vem um vento muito forte ; ajuda-me a tirar o cipó para me amarrar n'uma arvore, senão vento me arrebatá.

— A Onça ajudou a tirar o cipó e disse á Raposa :

— Amarra-me primeiro ; como eu sou maior, o vento póde-me arrebatá antes a mim !

A Raposa disse á Onça que se abraçasse com um pão grosso ; amarrou-lhe os pés e mãos, e disse :

— Agora fica ahi, diabo, que eu cá me vou !

IV

A Onça e os Cupins

Passado tempo vieram os Cupins e começaram a fazer casa no tronco em que a Onça estava.

A Onça disse :

— Ah, Cupins ! Se vocês fossem gente, roíam logo este cipó e me soltavam.

Os Cupins disseram :

— « Se nós te soltâmos, depois tu matas-nos.

A Onça disse :

— Não mato !

Os Cupins trabalharam toda a noite, e na outra manhã a Onça estava solta. Estava com bastante fome, comeu os Cupins, e foi no encalço da Raposa.

V

A Onça varre o caminho da Raposa

Se o teu inimigo fizer algum cousa, e disser que foi para teu beneficio, estás em risco !

A Raposa com medo só andava de noite. A Onça armou um laço, limpou o caminho, e quando a Raposa chegou, ella disse :

— Eu limpei vosso caminho, por causa dos espinhos.

A Raposa desconfiou e disse :

— « Passa adiante !

Quando a Onça passou desarmou-se o laço.

A Raposa pulou para traz e fugiu.

VI

A Raposa e a Onça

O sol seccou todos os rios, e ficou só um poço com agua.

A Onça disse :

— Agora pilho eu a Raposa, porque vou fazer-lhe espéra no poço da agua.

A Raposa, quando veiu, olhou adiante e enxergou a Onça ; não pôde beber agua, e foi-se embora, pensando como beberia.

Vinha uma mulher pelo caminho com um pote de mel á cabeça.

A Raposa deitou-se no caminho e fingiu-se morta ; a mulher arredou-a e passou.

A Raposa correu pelo cerrado, sahiu-lhe adiante ao caminho, e fingiu-se morta. A mulher arredou-a e passou adiante.

A Raposa correu pelo cerrado, e mais adiante fingiu-se morta. A mulher chegou e disse :

— Se eu tivesse apanhado as outras, já tinha tres.

Arriou o pote de mel no chão, pôz a Raposa dentro do paneiro, deixou-o ahi, e voltou para trazer as outras Raposas.

Então a Raposa lambusou-se no mel, deitou-se por cima das folhas verdes, chegou ao poço, e assim bebeu agua.

Quando a Raposa entrou na agua e bebeu, as folhas se soltaram ; a Onça conheceu-a, mas quando quiz saltar-lhe a Raposa fugiu.

VII

A Raposa e a Onça

A Raposa estava outra vez com muita sêde, bateu n'um pé de soveira, lambusou-se bem na sua resina, espojou-se entre as folhas seccas, e foi para o poço.

A Onça perguntou :

— Quem és ?

— « Sou o bicho Folha-secca.

A Onça disse : — Entra na agua, sae, e depois bebe.

A Raposa entrou ; não lhe cahiram as folhas, porque a resina não se derreteu dentro d'agua ; sahiu e depois bebeu, e assim fez sempre até chegar o tempo da chuva.

VIII

A Onça disse :

— Eu vou-me fingir morta, os bichos vêm vêr se é certo; a Raposa também vem, e então eu a agarro.

Os bichos todos souberam que a Onça morreu, foram e entraram na cova d'ella, e diziam :

— A Onça já morreu; graças sejam dadas a Tupan! Já podemos passear.

A Raposa chegou, não entrou, e perguntou de fóra :

— « Ella já arrotou ?

Elles responderam : — Não !

A Raposa disse :

— « O defunto meu avô quando morreu arrotou tres vezes.

A Onça ouviu, e arrotou tres vezes.

A Raposa ouviu, riu-se e disse :

— « Quem é que já viu alguém arrotar depois de morto ?

Fugiu, e até hoje a Onça não a póde agarrar por ser a Raposa muito ladina.

VI

Apologos da Raposa

I

A filha da Raposa casa-se com o Sinimbú (Camaleão)

Contam que o Sinimbú chegou a casa da Raposa :

— Boas tardes, Raposa !

— « As mesmas; entre, assente-se; então que se faz ?

*

— Cousa alguma ; venho ter com você.

— « O que ha ?

— Porventura tu tens ainda tua filha moça ?

— « Tenho.

— Venho pedil-a para minha mulher.

A Raposa chamou a filha, e disse :

— « Queres casar com este sujeito ?

A filha respondeu : — Quero !

— « Então, dito ; casem-se.

Passados dias a Raposa chamou sua filha e disse :

— « Dize ao teu marido que eu quero comer peixe.

A moça disse-o ao marido ; elles embarcaram-se em uma canôa e foram para a outra margem. Desembarcaram, o Sinimbú mandou a mulher apanhar cipó para elle. Subiu para cima da arvore, e disse á mulher :

— Amontôa muita folha, quando tiveres muitas bota-lhe fogo.

A moça fez como o Sinimbú mandou.

Quando o fogo era já grande, disse o Sinimbú de cima :

— Lá me vou.

Pulou ao meio do fogo, mergulhou na agua, sahiu do outro lado, e gritou por sua mulher :

— Chega a canôa, é muito pesado este peixe !

Embarcaram-se com um grande tecunaré, e foram-se para casa ; alli a moça deu o peixe á Raposa.

A Raposa perguntou como seu marido apanhára o peixe :

A moça narrou-lhe como o Sinimbú o fez.

Em outro dia disse a Raposa á sua mulher :

— Vamos apanhar peixe, como o Sinimbú apanhou.

Partiram ; a velha accendeu fogo, a Raposa saltou ao meio ; não pôde passar, o fogo chamuscava-lhe a pelle ; a Raposa gritou :

— Velha, traze depressa agua senão eu morro !

A custo se pôde safar.

Quando ella chegou a casa chamou a filha e disse-lhe :

— Põe teu marido d'aqui para fóra ; não o quero aqui, fez com que eu me queimasse.

II

N. B. — A este deveriam seguir-se mais tres episodios, que o dr. Couto de Magalhães summaria :

« Tendo a moça casado de novo com uma especie grande de Martim Vaz, e dispondo este, para a péscia, do seu formidavel bico, a Raposa julgou que devia tambem pescar atirando-se de cima de uma arvore, como aquelles passaros fazem ; ella que não dispunha nem de azas nem de bico, foi mordida por um peixe, e escapou de morrer. Desfez tambem o casamento, attribuindo ao genero a desgraça, filha unicamente da sua fatuidade.

« No terceiro episodio, casou a filha com uma Mari-bondo ou Caba, que, graças ás suas azas, pôde roubar peixe secco de um varal de pescadores. A Raposa, sem attender que não tinha azas, tentou fazer a mesma cousa, resultando da sua fatuidade o perder a cauda no dente dos cães que estavam de vigia ao varal. Desfez ainda este casamento.

« No quarto e ultimo episodio fez casar sua filha com o Carrapato, o qual tendo conseguido quebrar ouriços de castanha, mandando jogal-os sobre sua cabeça, que é molle ; a Raposa entendeu que podia fazer o mesmo, e morreu com a pancada que levou sobre a cabeça. »
(*Op. cit.*, p. 264.)

VII

Conto da Velha-gulosa (Ceinci)

(Das Cachoeiras da Itaboca-Tocantis)

Contam que um moço estava pescando peixe de cima de uma mutá; veio a Velha-gulosa (Ceinci, ou Sete-Estrello) pescando igarapé com tarrafa; ella avistou a sombra do moço no fundo, cobriu-a com a rêde, mas não apanhou o moço.

Quando o moço viu aquillo, riu-se de cima do mutá. A Velha-gulosa disse:

— Ahi é que estás? desce para o chão, meu neto.

O moço respondeu:

— Eu não!

A velha disse:

— Olha que eu mandarei lá Maribondos!

Ella lançou-lh'os. O moço quebrou um ramo pequeno; matou os Maribondos.

A velha disse:

— Desce, meu neto, senão eu mando a tucandira (formiga venenosa).

O moço não desceu; ella mandou tucandiras; estas deram com elle na agua. A velha atirou acima d'elle a tarrafa, envolveu-o perfeitamente, e levou-o para casa. Quando lá chegou, deixou o moço no meio do chão e foi fazer lenha.

Atraz d'ella veio a filha, e disse:

— Esta minha mãe quando vem da caçada, conta qual é a caça que ella mata; hoje não contou... Deixame vêr o que traria.

Então desembrulhou a rêde e viu o moço. O moço disse:

— « Esconde-me.

A moça escondeu-o; untou um pilão com cera, embrulhou-o na tarrafa, e deixou-o no mesmo lugar.

Então a velha sahiu do mato, e ateou o fogo de muquem por baixo. O pilão aquecendo a cera derreteu-se; a velha aparou. O fogo queimou a tarrafa, e appareceu o pilão. Então a velha disse para a filha:

— Si me não apresentas a minha caça, mato-te.

A moça ficou com medo, mandou o moço cortar palmas de uaçaby, para fazer cestos; estes cestos transformaram-se em todos os animaes.

A velha correu atraz d'elles; quando tornou o moço mandou os cestos transformarem-se em antas, veados, porcos, em todas as caças. A Velha-gulosa comeu a todos. Quando o moço viu que a comida era pouca, fugiu; fez um matapí (cêrco de apanhar peixe) onde cahiu muito peixe. Quando chegou alli, entrou dentro do matapí. O moço aguçou um páo de marajá.

Quando a velha estava comendo peixe, elle feriu-a e fugiu. A moça disse-lhe:

— Quando tu ouvires um passaro cantar: *kan, kan, kan, kan, kan, kan*, é minha mãe, a qual não está longe para te agarrar.

O moço andou, andou, andou. Quando elle ouviu: *kan, kan*, chegou onde os Macacos estavam fazendo mel, e disse-lhes:

— Escondam-me, Macacos!

Os Macacos metteram-no dentro de um pote vazio. A velha correu, chegou, não encontrou o moço, e passou para diante.

Depois os Macacos mandaram que o moço se fosse embora. O moço andou, andou, andou; ouviu: *kan, kan, kan, kan, kan*! Elle chegou a casa do Surucucú, pediu-lhe para o esconder. O Surucucú escondeu-o.

A velha chegou, não o encontrou, foi-se.

De tarde o moço ouviu o Surucucú estar conversan-

do com a sua mulher, para fazerem um muquem, para elles comerem o moço.

Quando elles estavam fazendo o muquem, cantou um Makauãn. O moço disse :

— Ah! meu avô Makauãn! Deixa-me você que eu lhe vá fallar?

O Makauãn ouviu, veio, e perguntou :

— O que é, meu neto?

O moço respondeu :

— Ha dous surucucús, que me querem comer.

O Makauãn perguntou quantos escondrijos elles tinham.

O moço respondeu :

— Um sómente.

O Makauãn comeu os dous surucucús.

O moço passou para a banda do campo, encontrou um tainiú, que estava pescando peixe, que deitava em um naturá (cêsto de cannas). O moço pediu-lhe para o levar comsigo. Quando o tainiú acabou de pescar mandou o moço que pulasse para dentro do naturá, voou com elle, pôl-o sobre um grande galho de arvore, porque não o pôde levar mais adiante.

De cima viu o moço uma casa; desceu e foi. Chegou na beira da roça, ouviu uma mulher que estava ralhando com Cutia para não comer sua mandioca.

A mulher levou o moço para sua casa; quando lá chegou, ella perguntou d'onde é que elle vinha?

O moço narrou todas as cousas, como elle estava esperando peixe na margem do Igarapé, veio a Velha-gulosa, levou-o para casa quando ainda era menino. Agora, já velho, estava branca a sua cabeça.

A mulher lembrou-se d'elle, e conheceu que era seu filho. O moço entrou para sua casa.

NOTAS

SECÇÃO PRIMEIRA

I. **O bicho Manjaléo.** — Na tradição portugueza é mais conhecido este conto pelo titulo de *A torrê de Babilonia*. É vulgar na tradição hespanhola, italiana, franceza, sérvia e arvária. Vide *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. II, nota 46, a pag. 201. O conto algarvio intitulado *Cravo, Rosa e Jasmim*, é uma variante muito notavel do *Bicho Manjaléo*. (Op. cit., n.º 8.)

II. **Os tres coroados.** — Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, vem uma versão algarvia com o titulo *O Rei escuta* (n.ºs 39, 40); na respectiva nota enumeram-se as fontes universaes d'esta tradição, grande parte d'ellas colhidas do trabalho de Stanislão Prato sobre *Le tre Ragazze*, e do Dr. Reinhold Kœller, annotando a collecção de Schiefner. Aqui reproduzimos uma versão do Porto, colligida pelo nosso amigo Leite de

Vasconcellos, publicada pela primeira vez no nosso jornal *A Vanguarda*:

I

Era um rei que andava de noite disfarçado nos trajes para escutar pelas portas o que diziam de si. Passou por um escriptorio e ouviu vozes de mulher. Poz-se á escuta e ouviu o seguinte:

— Quem me dera casar com o cosinheiro do rei para comer bons petiscos! — disse uma d'essas vozes.

— Pois eu, disse outra, antes queria casar com o copeiro.

— Pois eu, disse a terceira, antes queria casar com o rei, e havia de ter tres filhos, dois meninos e uma menina, cada um com sua estrellinha de ouro na testa.

O rei mandou tirar o numero da porta e foi-se embora. Ao outro dia fez vir á sua presença as tres meninas, e perguntou-lhes:

— Qual das meninas disse hontem que desejava casar com o meu cosinheiro?

E a essa disse:

— Pois casará com o meu cosinheiro.

As outras duas satisfez por e'gual aos seus desejos, segundo o que lhes tinha ouvido. Como as duas primeiras julgassem que deveria ser mais feliz a terceira (que era a mais nova), começaram a sentir logo uma raiva muito grande pela irmã.

A mulher do rei achou-se grávida. Passado o tempo, teve dois meninos, cada um com sua estrellinha dourada na testa. As irmãs, aproveitando esta occasião, substituíram os meninos por dous cães, e metteram os meninos em uma condecinha e atiraram-n'os ao rio. Havia um fidalgo que gostava muito de andar a passear pelo

rio onde a condecinha ia a boiar. Vendo do seu barco esse *berço*, mandou-o tirar da agua e viu as duas formosas crianças. Ficou encantado com ellas e levou-as para o seu palacio. Elle era solteiro. Quando o rei soube que a mulher tinha parido, mandou perguntar o que tinha havido. Foi com espanto que recebeu em resposta que a rainha tinha tido dois cães. Sentiu-se muito triste, mas soffreu e esqueceu, pela muita amisade que tinha á rainha. Algum tempo depois, a rainha deu á luz uma formosa menina com uma estrellinha de ouro na testa. A menina teve o mesmo destino de seus irmãos. Cresceram os tres e foram mandados educar no palacio do fidalgo. Por fim este morreu e deixou tudo ás tres crianças. Um dia foi lá uma preta pedir esmola, mas não lh'a deram. Então a preta disse:

— Pois tambem não hão de saber onde está o Papagaio que diz tudo, a Arvore que canta, e a Fonte de ouro.

Deram-lhe depois a esmola, e a preta ensinou tudo, dizendo que haviam de encontrar um unguento preto n'uma tigela e veriam muitos cavallos e eguas saltando pelos bosques; que deveriam chegar e cortar um ramo da arvore, colher uma pinga da fonte de ouro e trazer o papagaio; que, quando viessem para baixo, ainda que ouvissem grandes estrondos ou harmonias, ou ralhos, ou quaesquer vozes, não olhassem para traz. Com o unguento deveriam untar os cavallos e eguas.

Ao outro dia, um dos irmãos partiu. Chegou lá, fez quanto a preta lhe ensinou; sómente, na volta, ouvindo gritos e ralhos, musicas e cantorias, olhou para traz: ficou immediatamente *transformado em um cavallo*.

Ao outro dia, os dous irmãos, esperando-o e vendo que não chegava, preparou-se um d'elles a partir. Teve o mesmo resultado. A menina partiu tambem. Depois de cortado o ramo da arvore, enfrascada a gotta da fonte de ouro, trazido o papagaio, e untados os cavallos e

eguas, vinha de volta, quando romperam todos esses alaridos; ella, porém, resistiu e não voltou a cabeça. Logo todos os cavalloos se transformaram em homens e todas as eguas em mulheres. Ella veiu então com os irmãos e ficaram felizes. Correu fama de que no palacio dos meninos havia um papagaio que dizia tudo, uma arvore que cantava e uma fonte de ouro.

Quando contaram ao rei que a mulher tinha tido uma cadella, elle nunca mais a quiz vêr, e mandou abrir uma cova e enterrar n'ella a rainha até á cinta, dando ordem que quem passasse lhe cuspiasse na cara. Soffria ella, coitada, aquella sorte, quando o rei, indo á caça, e sabendo das raridades que havia no palacio d'aquelles meninos, os foi visitar. Ao jantar estava o papagaio á mesa. Todas as vezes que o rei fallava, o papagaio dava uma gargalhada. Convidou o rei os meninos para jantarem outro dia no seu palacio. Elles aceitaram, mas pediram licença para levarem o seu papagaio. Chegou o dia, e os meninos foram. Passaram pela cova em que estava a rainha, e o rei empregou todos os meios para que os meninos cuspiassem na cara da pobre mulher. Elles resistiram. Ao jantar, o papagaio estava tambem á mesa, e ria-se quando o rei fallava. O rei perguntou o que aquillo era. O papagaio então disse:

— Rio-me, porque o rei está fallando com os seus filhos e não os conhece.

Depois explicou tudo, dizendo-lhe que visse se na testa lhes encontrava alguma estrella. Com effeito lá estava. Então o rei teve um certo remorso, abraçou os filhos, e mandou chamar a innocente rainha, a quem pediu perdão. As irmãs foram queimadas vivas.

II

Uma vez eram duas princezas e havia um principe

que namorava a mais bonita. A outra estava cheia de raiva e já não sabia o que fazer. Depois d'elles casarem, a princeza andava grávida. N'uma occasião em que o principe foi a França a mulher deu á luz duas crianças. A irmã poz-lhe duas cadellinhas na cama e as crianças encanastrou-as n'uma canastrinha e deitou-as ao rio. As crianças foram ter ao moinho de um padeiro, que depois as tratou bem, mas os filhos do padeiro tinham-lhes inveja pelo tratamento, e andavam-lhes sempre a bater. As crianças disseram um dia ao padeiro:

— Queremo-nos ir embora.

Depois foram sósinhas por ahi fóra. Nossa Senhora encontrou-as e perguntou-lhes se tinham pae ou mãe. Responderam-lhe que não. A Virgem disse-lhes que não comessem nada sem ella voltar. Entretanto veio o Diabo com uma garrafa de vinho e uma broa de pão, e disse:

— Haveis de comer a broa e beber o vinho, e deixar tudo inteiro.

Quando a Virgem chegou, tirou o miolo com uma navalha, mandou beber o vinho e mijar dentro. Depois deu-lhes tres pedrinhas de diferentes côres: uma vermelha, uma amarella e uma preta, e disse-lhes:

— Pegai n'estas tres pedrinhas e ide pôl-as defronte d'aquelle palacio (o do rei). Durante tres dias, vossês haveis de lá estar dentro.

Os pequenos appareceram depois dentro do palacio. Elles estavam á janella, e veio a tia e viu-os, e não sabia já como havia de os matar. Arranjou uma criada bruxa para os matar. A criada todos os dias dizia assim ao mais novo:

— Ha de ir ao jardim buscar um papagaio.

O pequeno respondia que não. O mais velho, como ouviisse isto, disse:

— Eu vou, eu vou.

E a bruxa disse:

— Pois vá o menino.

Elle foi, e tanto andou atraz do papagaio que *ficou encantado n'um leão*. Disse depois a bruxa ao outro:

— Vá buscar o tal papagaio.

Elle pegou e foi. No caminho encontrou Nossa Senhora que lhe disse:

— Leva esta lança e espeta-a no leão que está de frente, e o papagaio te apparecerá.

O rapaz assim fez, espetou a lança no leão. Appareceu-lhe logo o irmão e o papagaio. Deitaram ambos a fugir pela porta do jardim, mas ficou metade do casaco do mais novo preso na porta, rasgado. Foram ter á casa d'elles (que se tinha formado das tres pedras da Virgem), levando o papagaio, a quem ensinaram a falar. O pae, quando chegou de França, não sabia que os pequenos eram filhos, e assim que viu os cães mandou fazer um buraco ao fundo das escadas, e metter lá a mulher. Todas as pessoas que passassem, haviam de a escarrar, senão cortava-lhes a cabeça. Depois convidou os dois meninos para irem jantar com elle. Elles disseram-lhe que não iriam sem o papagaio. O rei consentiu.

No começo do jantar, a tia, que servia á mesa, deitou veneno na sopa dos meninos. O papagaio disse logo de cima da mesa:

— Não comam, meninos, que tem veneno.

Os meninos não comeram. O rei, apenas viu isto, foi á cosinha, tirou a sopa e trouxe-a. O papagaio disse:

— Agora podeis comer.

Os meninos comeram. O papagaio pediu-lhes que o soltassem, e os meninos soltaram-n'o.

Elle chegou-se ao pé do rei e disse:

— Eu queria que aquella mulher que está nas escadas viesse cá para cima, que é a mãe dos meninos.

O rei mandou-a logo buscar.

No fim do jantar o papagaio disse ao rei que chamasse a mulher que estava na cosinha. Ella veio, e o papagaio fallou-lhe assim:

— V. como se não podia vingar de outro modo, quando a princeza esteve de parto, poz-lhe duas cadelas, tirou-lhe as crianças, metteu-as n'uma canastra, foi deital-as ao rio, e V. ainda não estava satisfeita de os não poder matar, e mandou uma criada para os matar, mas não conseguiu nada. Depois, aqui ao jantar, deitou-lhes veneno na sopa; e portanto devemo-nos de vingar de V.

O principe disse ao papagaio:

— Tu que queres?

— Eu quero a pelle para fazer um tambor.

Os meninos tambem disseram:

— Nós queremos a cabeça para jogar a bola.

A mulher disse:

— Eu quero todos os ossos para fazer uma escada para subir para a cama.

Depois cumpriram-se estes desejos todos. O pae pediu aos pequenos que ficassem em casa d'elle, e os pequenos responderam que se juntariam todos, mas no palacio d'elles. Assim aconteceu. E acabou a historia.

Gubernatis, nas *Novelline di Sante Stephano di Calcinara*, traz este conto com o titulo *Il re di Napole*. Nerucci, colligiu outro conto com o titulo *Il canto e 'l sôno della Sara Sibella*.

III. **O rei Andrade.** — Este conto baseia-se em parte sobre um sonho, como o da lenda de José. A situação do buraco que conduz a um palacio encantado, onde está um principe que casa com a menina, acha-se como episodio no conto popular portuguez do *Principe das palmas verdes*. (*Contos populares port.*, pag. 102.) O conto do *Menino e a Lua* (*Contos populares*, n.º LIX) é tambem o thema obliterado por onde começa a versão brasileira.

IV. **O Pinto pellado.** — Eis a versão portugueza de Coimbra: «Era uma vez um pinto borrachudo que andava a gravetar em um monte de terra e achou lá uma bolsa de moedas, e disse: «Vou levar esta bolsa ao rei...» Poz-se a caminho com a bolsa no bico, mas como tivesse de atravessar um rio, e não podendo, disse: «Ó rio! arreda-te para eu passar.» Mas o rio continuou a correr, e elle bebeu a agua toda.

Foi mais para diante, e viu uma raposa no caminho e disse-lhe: «Deixa-me passar.» Como a raposa se não movesse, comeu-a. Foi andando e encontrou um pinheiro e disse-lhe: «Arruma-te para eu passar.» Como elle se não arrumasse, enguliu-o. Mais adiante encontrou um lobo e comeu-o; depois encontrou ainda uma coruja e fez-lhe o mesmo.

Chegado ao palacio do rei, disse que lhe queria falar, e entregou-lhe a bolsa das moedas, e o rei ordenou logo que o mettessem na capoeira das gallinhas, e que o tratassem muito bem. O borrachudo, logo que alli se viu começou a cantar:

Qui-qui-ri-qui!
Minha bolsa de moedas
Quero para aqui.

E como visse que lh'a não levavam, lançou a raposa que tinha comido, e ella comeu as gallinhas todas. Foram dar parte a el-rei do succedido, e elle ordenou que mettessem o borrachudo dentro da copeira. Cumpriram-se as ordens, mas o borrachudo continuou sempre a cantar:

Qui-qui-ri-qui!
Minha bolsa de moedas
Quero para aqui.

Depois como lhe não levassem o dinheiro, lançou o

pinheiro, e os copos da copeira foram todos quebrados. Então o rei ordenou que mettessem o borrachudo na cavallariça, e elle sempre cantando: *Qui-qui-ri-qui!* Lançou fóra o lobo, e o lobo comeu os cavallo. O rei mandou então que o mettessem no pote de azeite; mas elle lançou a coruja e ella bebeu o azeite.

Então o rei não sabendo já o que havia de fazer, mandou que aquecessem o forno e que mettessem lá o borrachudo; mas elle mesmo dentro do forno começou a gritar: *Qui-qui-ri-qui!* E foi lançando o rio que tinha bebido, e já o palacio do rei estava quasi a afundar-se quando o rei ordenou que fossem levar a bolsa de moedas ao borrachudo e o mandassem embora, antes que elle lançasse o rio todo. E lá se foi embora outra vez o borrachudo com a bolsa das moedas no bico.» (*Contos populares portuguezes*, pag. 22.)

V. **Uma das de Pedro Malas-Artes.** — Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. I, n.º 76, vem o cyclo de *Pero de Malas-Artes*, mas sem esta aventura. No *Cancioneiro geral*, de Garcia de Rezende (t. III, pag. 650, ed. Stuttgart) allude-se a este typo:

Pareceys *Pero d'Espanha*
homensinho de patranha,
de maa feyçam e maos pelos.

Nas *Operas portuguezas*, de Antonio José, t. I, pag. 73, vem o estribilho d'este conto tão frequente entre os narradores brazileiros:

Entrei por uma porta,
Sahi por outra,
Manda el-rei
Que me contem outra.

Nas *Tradições populares de Portugal*, de Leite de

Vasconcellos, a pag. 294, cita-se um outro conto popular de *Pedro de Malas-Artes* que logra uns ladrões, cujo thema se acha na fabula *O Macaco e o Moleque de cera*. Na comedia de Antonio José, *Os encantos de Merlim*, ha uma referencia a este cyclo tradicional: «me fez a mim *Pedro de Malas-Artes*, ensinando-me em paga de o servir em Paris a magica branca, ou negra magica.»

VI. **O sargento verde.** — Na tradição portugueza, é conhecido pelo titulo da *Afilhada de Santo Antonio*. Vid. *Contos populares portuguezes*, n.º XIX, pag. 43.

VII. **A Princeza roubadeira.** — Ha uma versão portugueza de Coimbra intitulada *Os dous irmãos*. (*Contos populares portuguezes*, n.º XVIII.) A lorangeira plantada para se conhecer da sorte do irmão ausente é um elemento mythico commum á tradição da Allemanha, das ilhas dos Açores, e do Mexico. A versão brazileira confunde varios themas novellescos, como o da toalha e da bolsa.

VIII. **O passaro preto.** — Este conto apresenta o thema do *Aprendiz do Mago* (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 11); a transformação no preto com quem a princeza quer casar, é o thema do *Conde de Paris*, da versão de Coimbra. (*Contos populares portuguezes*, n.º XLIII.) Vid. tambem a variante no conto do *Caraca*, n.º VIII, da presente collecção.

IX. **D. Labismina.** — Pertence este conto ao cyclo da *Gata Borralheira* ou da *Cenerentola*, estudado por Henry Chasles Coste. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXI, vem o Conto da versão de Ourilhe, intitulado *Pelle de Cavallo*, que se aproxima das situações finaes do conto brazileiro. Sobre a extensão d'este cyclo, vid. *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 19, no-

ta. Gubernatis, na sua *Storia delle Novelline popolari*, t. I, pag. 9 a 34 traz um estudo sobre a formação e sentido mythico das Novellas da *Cenerentola*.

X. **A Raposinha.** — É uma variante notavel dos contos do cyclo do *Morto agradecido*, estudado por Köhler, na *Germania*, vol. III, pag. 199; por Benfey, no *Orient und Occident*, vol. I, pag. 322, e vol. II, pag. 174, vol. III, pag. 93. Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, n.º XIX, traz um conto do morto agradecido. Pedroso (*Positivismo*, t. II, pag. 456) cita uma versão popular do conto do *Morto agradecido*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, (t. I, pag. 187) o conto do *Marques del Sol* baseia-se sobre a situação do morto a quem o mancebo paga as dividas.

XI. **O homem pequeno.** — Na tradição portugueza ha o conto *O principe que foi correr sua ventura*, analogo á versão brazileira. (*Contos tradicionaes*, n.º 32, e nota correspondente.)

XII. **D. Pinta.** — Este conto apresenta na tradição portugueza duas versões *A da varanda* e a *Maria Sabida*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.ºs 28 e 33.) É tambem frequente o nome de *D. Vintes* e *D. Esvintola*, na tradição portugueza.

XIII. **O Principe cornudo.** — Fórma um cyclo de *Contos do Papagaio*. Na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, t. I, pag. 156, vem este conto *El Papagayo del Cuento*, colhido em Zafra, provincia de Badajoz.

XIV. **A Moura torta.** — Pertence ao cyclo das tres *Cidras do Amor*. Sobre a universalidade d'este conto veja-se os *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. II,

pag. 197, onde se indicam as principaes collecções europeas.

XV. **Maria Borrallheira.** — Na tradição portugueza (Algarve) é conhecido este conto sob o titulo *O sapatinho de setim e A Madrasta*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.^{os} 19 e 20, e notas correspondentes.) No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, pag. 364, colligiu o dr. Alvares Rodrigues de Azevedo este conto em fôrma metrificada, com o titulo *A Gata Borrallheira*. Gubernatis, no *Florilegio delle Novelline popolari*, pag. 5 a 68, traz as versões principaes da *Cenerentola* entre todos os povos.

XVI. **A Madrasta.** — Na tradição popular do Algarve, é conhecido este conto com o titulo *O figuinho da figueira*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. 1, pag. 60.)

XVII. **O Papagaio do Limo verde.** — Este conto é corrente na tradição portugueza, com o titulo *A Paraboinha de ouro*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.^o 31.) Em Santa Juana, do Chile, este conto foi colligido com o titulo *El Principe Jalma* (*Bibliotheca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, pag. 126.)

XVIII. **João Gurumete.** — Na tradição portugueza, (Porto) onde tem menos episodios, é conhecido o conto pelo titulo de *D. Caio*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.^o 79 e nota correspondente.) No Chile é conhecido pelo titulo de *D. Juan Bolondron*, mata-siete de *un trompon*:

«Has de saber para contar, e entender para saber, que era um pobre sapateiro chamado João Bolondrão. Um dia, que estava sentado no seu banco tomando um pires de leite, cahiram algumas gottas de leite no ban-

co, ajuntaram-se muitas moscas, elle pregou-lhes um safanão e matou sete. Poz-se então a gritar:

— Sou muito valente, e d'aqui em diante hei-de-me chamar Dom João Bolondrão, Mata-sete de um safanão.

Havia nos arredores da cidade um bosque, e n'elle um javali, que fazia muito mal aos habitantes, tendo já devorado muitos. O rei tinha enviado muita gente para o caçar, mas todos fugiam com medo, e engulia alguns, porque era muito feroz. Chegou um dia aos ouvidos do rei, que havia em sua cidade um homem que se chamava Dom João Bolondrão, Mata-sete de um safanão.

— Ah, disse elle, deve ser um valente; mandem-no vir á minha presença para o conhecer.

Effectivamente trouxeram-o, e quando o viu o rei disse: — Homem, tens um nome de valentão; sempre é verdade que matas sete de um safanão? — Sim, real senhor. — Pois bem, disse o rei; tenho uma filha galante, que te darei se matares o javali que tantos estragos faz na cidade. Tens coragem para isso? — Sim, real senhor. — Pois bem, se o não matares mando-te cortar a cabeça. Fique isso para amanhã, e vem cá escolher as armas que achares melhores.

No dia seguinte, Dom João Bolondrão, preparou-se bem, e com as melhores armas que julgou escolher, e tremendo como canas verdes, foi atacar o monstro. Este achava-se então mais furioso, porque havia já tres dias que não comia homem nenhum. Dom João poz-se a matutar o que faria, de que modo mataria a fera, pois o mais provavel era matal-o a elle, e se escapava d'elle do rei não escaparia. De mais a mais nunca tinha pegado em outras armas senão nas sovelas e tirapé. Depressa chegou ao bosque fóra da cidade, e immediatamente a fera que alli se acoutava, cheirou-lhe a gente, sahiu do bosque com os olhos coruscantes, os cerdos eriçados, com a fúria da fome. Quando Dom João Bo-

londrão viu-o vir para elle, pernas para que te quero, e fugiu na direcção do palacio, e o javali atraz d'elle, qual mais correria. D. João conseguiu chegar ao palacio e metteu-se detraz da porta da rua. A fera entrou seguindo-o no encalço, e foi ter a um outro pateo onde estava a guarda. Os soldados que tinham ouvido o ruido, estavam de escopetas promptas, e descarregaram ao mesmo tempo; o javali cahiu morto. D. João Bolondrão, que apparecera para vêr o que succedia, e ouvindo os gritos dos soldados, sahiu do escondrijo de espada em punho, e pôz-se a desafiar os guardas por lhe terem tirado a sua preza, e depois foi direito ao rei, que tambem vinha vêr que arruido era aquelle no palacio.

— Então, que é isto, D. João? — Que ha de ser, real senhor? eu não sómente queria matar o javali senão trazel-o vivo para o mostrar, e esses soldados das duzias mataram-m'o cobardemente.

— És bem valente, D. João, e bem mereces por esposa a princeza minha filha.

Em seguida foi morar para o palacio com muita pompa, e dentro em poucos dias fizeram-se as bodas. Como já lhe tinha passado o susto da fera, e tudo ficou tranquillo e feliz, não pôde deixar de pensar nas misérias de sua vida passada e comparal-a com o presente, e por effeito d'isto sonhou uma noite com o officio; como tinha o costume de sonhar alto, gritou para a mulher:

— Olha lá, dá-me cá as fôrmas, o tira-pé e o côco da massa.

A princeza tendo acordado com estes gritos, ficou muito triste, cuidando que talvez seu pae a casára com um sapateiro, e no dia seguinte foi dizer ao rei:

— Pae e senhor, por ventura me tendes casado com um sapateiro, pois em sonhos meu marido pede as fôrmas, o tira-pé e o côco da massa; peço-vos que averigueis isto.

O rei mandou logo chamar á sua presença D. João Bolondrão, Mata-sete de um safanão, e disse-lhe: — Homem, dar-se-ha caso de tu seres sapateiro? e terias o atrevimento de casares com minha filha? — Real senhor, disse D. João, a senhora princeza, como estava dormindo, com certeza não percebeu o que eu dizia. Eu sonhava que me estava divertindo com a fera que trouxe captiva a vossa magestade; dizia-lhe que tinha os focinhos de fôrma, os queixos de tira-pé e as unhas de massa. — Ora vejam o que são as mulheres! disse o rei. Não vês, filha, com que bagatellas te desanda o miolo. Vão-se embora socegados, e não me venham cá com queixas um do outro.

E assim succedeu; viveram felizes muitos annos, tiveram muitos filhos, e acabou-se o conto.

(*Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, pag. 121.)

XIX. **Manoel da Bengala.** — Na tradição portugueza, é conhecido este conto pelo titulo *A bengala de dezenove quintaes*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 47 e nota correspondente). Pertence ao cyclo das lendas populares de *Gargantua*.

XX. **Chico Ramela.** — Max Müller, nos *Ensaios de Mythologia comparada*, pag. 318 (trad. franceza) cita contos allemães e americanos dos irmãos que se ausentam, deixando uma arvore que indica a sua situação. O thema dos cavallos-fadas é muito frequente.

XXI. **A sapa casada.** — O thema d'este conto acha-se na tradição portugueza, no conto *A noiva formosa*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 29, e nota correspondente.) Gubernatis, no *Florilegio delle Novelline popolari*, traz *La Ranochiella*, da collecção de Nerucci.

XXII. **Cova da Linda-Flôr.** — Na tradição portugueza é intitulado *O principe que foi correr sua ventura*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 32, e nota respectiva.) Machado y Alvarez, no *Folk Lore andaluz*, pag. 457, traz uma versão hespanhola com o titulo *Las trez Marias*.

XXIII. **João e mais Maria.** — Este conto é formado pelo syncretismo de dois themas o dos *Meninos perdidos* (*Contos populares portuguezes*, n.º XXVIII), e *A Bicha de sete cabeças* (*ibid.*, n.º XLIX.) Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 52, traz o titulo de *O Afilhado de Santo Antonio*. Nas *Tradições populares de Portugal*, pag. 274, Leite de Vasconcellos traz uma versão d'este conto, de Cabeceiras de Basto.

XXIV. **A protecção do Diabo.** — Este conto corresponde ao anexim vulgar: «É bom estar bem ainda que seja com o diabo.» O outro anexim: «Ninguem pôde fugir á sua sina» é o thema de muitos contos populares. Não encontramos este na tradição portugueza.

XXV. **A fonte das tres Comadres.** — Não a encontramos na tradição portugueza, visto que os seus themas se reproduzem em outras situações. Na tradição popular de Sevilha voga este conto com o titulo *La Flor de Lililá*, publicado pelo nosso amigo Alejandro Guichot, na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, pag. 196. Eil-o:

«Era um rei, que tinha tres filhos; deu-lhe uma doença de olhos, e consultados todos os medicos, nenhum o poz bom; chegou um, e disse que era preciso trazer a *Flor de Lililá*, que estava d'alli muito longe. O rei deu ordem para que fosse muita tropa á busca da tal flôr; porém o filho mais velho disse que não era preciso, que elle iria sósinho; o pae não queria, porém

tanto teimou, até que partiu sósinho no seu cavallo. Começou a viajar, e ao cabo de muito tempo viu uma casinha no meio do campo. Logo que chegou alli, appareceu-lhe uma velhinha, que lhe disse: — Para onde ides por estes sitios tão ruins, onde não ha senão lobos? Andaes passeando? Pois filho, ide com Deus. » Ora a velhinha era Nossa Senhora.

O mancebo andava a bom andar, mas não via senão montes, sem encontrar a flôr no seu caminho. Ao cabo de muito tempo perdeu-se. O pae vendo que elle se demorava, tanto se entristeceu que o irmão do meio resolveu-se a ir á procura do seu irmão, mesmo contra vontade do rei. Sahiu no seu cavallo, encontrou uma velhinha como acontecera a seu irmão, a quem veiu a achar por fim. Os dous irmãos não faziam mais do que embrenhar-se por veredas, e perderam-se. Como ambos tardassem, o mais moço decidiu-se a ir á busca dos irmãos. Chegou á mesma choupaninha, e disse-lhe a velha: — Para onde ides por estes caminhos tão maus? — Ai boa velha, não viste passar por aqui meus irmãos, que andam á procura da *Flor de Lililá* para curar a meu pae que está cego? — Meu filho, teus irmãos são muito maus, e já os lobos os terão comido. Vês aquelle monte, e aquella erva? apanha-a que é essa que tu procuras.

O rapaz foi correndo para apanhal-a, e ao regressar todo contente, viu vir dois cavallos com dois homens, que eram seus irmãos. Estes, cheios de atrevimento tiraram-lhe a flôr, perguntaram-lhe qual era o melhor caminho e o mataram. Chegaram a palacio, e perguntando-lhes o pae pelo irmão mais moço disseram que não sabiam d'elle. O rei applicou a flôr, e ficou completamente bom. No mesmo sitio em que enterraram o irmão nasceu uma fonte de agua clara; passando por alli um pastor de ovelhas, viu alvejar uma canella de criança, poz-se a beber por ella e o osso a cantar:

Pastorsinho, não me toques,
Nem me deixes de tocar;
Mataram-me os meus irmãos
Pela Flor do Lililá.

O pastor tirou o osso, e levou-o consigo para contal-o por toda a parte. Assim andou por muitas povoações, ganhando muito dinheiro, até que chegou aos ouvidos do rei, que o mandou ir ao palacio. O pastor tocou a flauta, e ella cantou sempre o mesmo; o rei quiz tambem tocar, e a flauta dizia:

Pae querido, não me toques
Nem me deixes de tocar,
Mataram-me os meus irmãos
Pela Flor do Lililá.

O rei mandou chamar o filho mais velho e obrigou-o a tocar tambem no osso da canella; e o osso dizia:

Irmão perro, não me toques
Nem me deixes de tocar,
Mataste-me tu e o outro
Pela Flor do Lililá.

O rei chamou o outro irmão e succedeu o mesmo. Viram-se obrigados a confessar a verdade, e o pae mandou-os matar. O pastor ficou no palacio para sempre, e eu fui e vim e não me deram nada.»

Este conto é commum á tradição da Europa; a versão portugueza (*Contos tradicionais do Povo portuguez*, n.º 54) é extremamente deturpada, comtudo pelas suas relações com a versão brazileira é que se vê, comparando-a com a hespanhola, como esta ultima está mais bem conservada. As fortes comparativas e interpretações mythicas d'este conto acham-se nos *Contos tradicionais*, t. II, pag. 204. — Este thema da cegueira do rei apparece no conto n.º x da presente collecção intitua-

lado *A Raposinha*, que pôde considerar-se como uma variante d'este.

XXVI. **O passaro sonoro.** — *Themas communs a muitos outros contos, porém combinados com certa originalidade.*

XXVII. **Barcelloz.** — Conto evidentemente elaborado por influencia culta sobre fragmentos de *themas populares.*

XXVIII. **Tres comedores.** — É uma facecia que se relaciona com a tradição popular de *Gargantua*; na lingua portugueza do seculo XIV, como se vê pelos *Ineditos de Alcobaça*, de Frei Fortunato de S. Boaventura, a gula era denominada *Gargantuice*. Paul Sébillot colligiu alguns contos populares do cyclo de *Gargantua*, ao qual ligamos o *Manoel da Bengala*.

XXIX. **A rainha que sahiu do mar.** — Na tradição portugueza repete-se este conto com o titulo *Cabellos de ouro*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 22.) Na tradição chilena (*Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, pag. 137) intitula-se *El Culebroncito*.

XXX. **A mãe falsa ao filho.** — Este conto acha-se muito mais desenvolvido na tradição portugueza (*Abrantes*) e é conhecido pelo titulo *A princeza abandonada*. (*Contos populares portuguezes*, n.º LX.)

XXXI. **Historia de João.** — Versão sobre o thema de uma flauta magica, e apresenta certa novidade.

XXXII. **O Sarjatario.** — Este conto é formado pelo syncretismo de diversos *themas tradicionaes*; a primeira

parte, analoga á lenda da filha de Jephté, acha-se no conto da versão de Coimbra, *O Colhereiro* (*Contos populares portuguezes*, n.º xxvi); a segunda parte, provém da mesma parte do romance metrificado *A donzella que vae á guerra*, que pertence a um cyclo extensissimo; a ultima parte é uma reminiscencia do conto das *Cunhadas do rei* (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 39).

XXXIII. **Tres irmãos.** — Confusão de differentes themas tradicionaes, taes como o da protecção do diabo, o odio pelo nascimento de gemeos, e ainda o roubo do thesouro, em que o irmão não póde ser salvo. O conto acha-se immensamente deturpado.

XXXIV. **A Formiga e a Neve.** — É um conto de accumulção, na sua fórma primitiva. Na *Revue des Cours litteraires*, t. I, pag. 291-292, vem este conto na sua fórma provençal, publicado por Philarete Chasles: « Un coon l'y avie uno cigalo eme uno pauro fourmigueto que s'en anavom faire une voyage á Jerusalem, rescountroun un rivoulet; lou rivoulet ero gelat; la cigola lo vouret, la pauro fourmigueto vouguet passar; lou geou se roumpet et coupet la cambo à la pauro fourmigueto :

— O geou, que tu siest fouert
De coupar la cambeto
A la pauro fourmigueto,
Que s'enavano faire uno voyage à Jerusalem.

Lou geou diguet: « Es ben plus fouert
Lou souleou que me fonde!
— O souleou, que tu siest fouert
De fondre geou;
Geou de coupar cambeto
A la pauro fourmigueto,
Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

Le souleou diguet : « Es ben plus fouert
 Lou nivou que me tapo.
 — O nivou, que tu siest fouert
 De tapar souleou,
 Souleou de foundre geou,
 Geou de coupar la cambeto
 A la pauro fourmigueto,
 Que s'enavano faire un vovage à Jerusalem.

Lou nivou diguet : « Es bien plus fouert
 Lou vent que me coucho.
 — O vent, que tu siest fouert
 De couchar nivou,
 Nivou de tapar souleou,
 Souleou de foundre geou,
 Geou de coupar la cambeto
 A la pauro fourmigueto,
 Que s'enavano faire un vovage à Jerusalem.

Lou vent diguet : « Es ben plus fouert
 La paret que m'arresto.
 — O paret, que tu siest fouert
 D'arrestar vent,
 Vent de couchar nivou,
 Nivou de tapar souleou,
 Souleou de foundre geou,
 Geou de coupar la cambeto
 A la pauro fourmigueto,
 Que s'enavano faire un vovage à Jerusalem.

La paret diguet : « Es ben plus fouert
 Lou rat que me tranco.
 — O rat, que tu siest fouert
 De trancar paret,
 Paret d'arrestar vent,
 Vent de couchar nivou,
 Nivou de tapar souleou,
 Souleou de foundre geou,
 Geou de coupar la cambeto
 A la pauro fourmigueto,
 Que s'enavano faire un vovage à Jerusalem.

Lou rat diguet : « Es ben plus fouert
 Lou cat que me mangeo.
 — O cat, que tu siest fouert
 De mangear rat,
 Rat de trancar paret,
 Paret d'arrestar vent.

.....

« Mai l'amitie sieguet la plus fouerto; doon tempo de la rioto la cigalo carguet la pauro fourmigueto et la menet faire un voyage à Jerusalem. » Nos *Trovadores Galecio-portuguezes*, vem uma versão popular d'este conto, de Coimbra, a pag. 245, e reproduzida nos *Contos populares portuguezes*, pag. 5. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, do dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, pag. 467, vem a *Lenga-lenga da Formiga*, ainda em fôrma poetica :

La formiga vai á serra,
 E seu pé na neve prende.
 — Oh neve, tu és tão forte,
 Que meu pé em ti se prende?
 « Eu, formiga, são tão forte,
 Que a luz do sol me derrete.
 — Oh sol, e tu és tão forte
 Que derretes fria neve;
 La neve que meu pé prende?
 « Eu, formiga, são tão forte,
 Que qualquer nuvem me tapa.
 — Oh nuvem, tu és tão forte
 Que tapas la luz do sol;
 Lo sol que derrete neve;
 La neve que meu pé prende?
 « Eu, formiga, sou tão forte,
 Que qualquer vento me espalha.
 — Oh vento, tu és tão forte
 Que espalhas la negra nuvem;
 La nuvem que tapa sol;
 Lo sol que derrete neve;
 La neve que meu pé prende?

« Eu, formiga, são tão forte
Que qualquer muro me véda.

— Oh muro.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer rato me fura.

— Oh rato.....

« Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer gato me mata.

— Oh gato.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que um cãesinho me mata.

— Oh cãesinho.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que um pausinho me bate.

— Oh pausinho.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer lume me queima.

— Oh lume.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer agua me apaga.

— Oh agua.....

« Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer cabra me bebe.

— Oh cabra.....

« Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer faca me mata.

— Oh faca, tu és tão forte,

Que matas ligeira cabra ;

La cabra, que bebe l'agua ;

La agua, que apaga lume ;

Lo lume, que queima páo,

Lo páo, que bate no cão ;

Lo cão, que mata lo gato ;

Lo gato, que come o rato ;

Lo rato, que fura muro ;

Lo muro, que véda vento ;

Lo vento, que espalha nuvem ;

La nuvem, que tapa sol ;

Lo sol, que derrete neve,

La neve, que meu pé prende ?

« Eu, formiga, sou tão forte

Que n'um aí perdi meu córte.

Del-lo alto té lo fundo

Nada é forte n'este mundo.

Nos *Contos de Pomigliano*, colligidos por Vittorio Imbriani, ha este kirie do pão que bate no Mico, do fogo que queima o pão, da agua que apaga o fogo. (*Rev. des Deux Mondes*, de 1 de nov. de 1877, pag. 138.)

XXXV. **O Matuto João.** — Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 56, vem uma versão do Minho, e em a nota correspondente noticia de tres versões hespanhola, franceza e italiana. Ha uma outra versão hespanhola na *Enciclopedia*, 3.º anno, pag. 24 a 27, de 1880; a italiana intitula-se *Soldatino*, publicada no *Archivio per le studio delle Tradizioni popolari*, de Pitré e Salomone Marino, pag. 35-69. Na versão brazileira ha uma particularidade que merece reparo, é a da *Caveira que falla*, vulgar nas superstições do Minho. No seu *Estudo sobre as Almas do outro mundo*, traz Consiglieri Pedroso esta tradição: «Uma noite passava um homem pelo adro de uma igreja e viu n'elle uma caveira. O homem era destemido e disse para ella: — Olha que te não tenho medo. — Pois se me não tens medo, leva-me para tua casa, retrucou a caveira. — Levo, levo, disse o homem; e pegou na caveira, e levou-a para casa e pôl-a sobre a porta do forno. A mulher pediu-lhe por quantos santos havia, que lhe tirasse aquillo d'alli; mas o marido não se importou; recommendou-lhe que não lhe bulisse nem andasse assustada, porque se algum mal pudesse vir da caveira, não era para a mulher, mas para elle. Apesar d'isso a mulher andava transida de susto e lembrou-se de defumar a cosinha. Foi buscar alecrim e poz-se a queimal-o, quando a caveira começou a rir e a desatar ás gargalhadas. — Tu porque te ris? perguntou-lhe a mulher. — É porque quando tu começaste a fazer os defumadouros, eram tantos os diabos aos trambolhões pela porta fóra, que eu não pude deixar de rir. Mas eu ainda cá fico.» (*Positivismo*, t. iv, pag. 396.) Gubernatis, no *Florilegio delle Novelline popolari*, traz este con-

to com o titulo *L'indovinello e gli Animali riconoscenti*, pag. 313.

XXXVI. **O irmão Caçula.** — O thema principal liga-se ao do conto do *Bicho Manjaléo*, com reminiscencias populares da lenda de José.

XXXVII. **A mulher e a filha bonita.** — Na tradição portugueza (Ourilhe) existe este conto com o titulo *Os sapatinhos encantados*. (*Contos populares portuguezes*, n.º xxxv.) Gubernatis, nas *Novelline di Santo Stephano di Calcinaia*, traz este conto com o titulo *La crudel matrigna*.

XXXVIII. **O Careca.** — É uma variante muito apreciavel do conto *O passaro preto*, n.º viii da presente collecção.

XXXIX. **A combuca e o ouro dos maribondos.** — Esta tradição acha-se tambem em Portugal, no conto *O thesouro enterrado*. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 124).

XL. **A Mãe d'Agua.** — Este conto com um evidente character mythico, é um pouco analogo ao de Proserpina; comtudo parece-nos uma transição das tradições indigenas no seu syncretismo com o elemento europeu. Decharme, na sua *Mythologie de la Grèce antique*, pag. 362, explica este mylho: « O rapto de Coré, e a dôr de Demeter, a permanencia de Persephone junto de Hades, e seu regresso á luz, não significam outra cousa para nós senão o desaparecimento das flores e dos fructos, o triste aspecto do sólo durante o inverno, a permanencia das sementes no seio da terra, sua germinação e floração estival. »

XLI. **O priguiçoso.** — É uma variante do conto da *Cacheira*; nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, vem uma versão sob o n.º 49, e em nota respectiva os documentos da sua universalidade. Nas *Operas do Judeu* (t. I, pag. 273) ha uma referencia a esta tradição.

XLII. **A mulher dengosa.** — Esta facecia apparece na tradição portugueza, com o titulo *A mulher gulosa*, (*Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 83.)

SECÇÃO SEGUNDA

I. **O Kagado e a festa no céo.** — Na tradição portugueza (Ourilhe) encontra-se esta fabula: «a raposa juntou-se e mais a garça para fazerem um caldo de farinha; a garça fez o caldo n'uma almotolia; metteno o bico e bebeu tudo, porque a raposa não podia beber-o pela almotolia. Depois a garça disse-lhe: — Tu já me convidaste para a tua boda; agora vou-te eu convidar para uma boda que ha no céo. — Eu como hei de ir? — Vaes nas minhas azas.

Foi; a garça assim que estava mais enfadada disse-lhe: — Tem-te, comadre, em quanto eu *escupo* em mão.

Larga a raposa, e esta quando vinha a cahir dizia:

Isto vai de déo em déo,
Se d'esta escapo
Não torno a bodas do céo.

Estava da banda de baixo um penedó grande, e ella disse: — Arreda-te, lage, que te parto! N'isto cahiu sobre a fraga e arrebentou.» (*Contos populares portuguezes*, n.º VII, *fine.*) Vid. tambem a fabula IX, da presente collecção na sua parte final, e a fabula XII.

XIII. **O Macaco e a cabaça.** — Esta fabula acha-se como um episodio na tradição portugueza (Coimbra): «A velha contou-lhe o encontro que tinha tido com os lobos, e o homem deu-lhe uma grande cabaça, e disse-lhe que se mettesse dentro d'ella, que assim iria ter a casa sem que os lobos a vissem. A velha metteu-se na cabaça, e esta começou a correr, a correr, até que encontrou um lobo que lhe perguntou: — Oh cabaça, viste por ahi uma velha?»

Não vi velha, nem velhinha,
Não vi velha, nem velhão;
Corre, corre cabacinha,
Corre, corre cabação.

Mais adiante outro lobo... (*segue-se a mesma parlenda.*) A velha, julgando que já estava longe dos lobos, deitou a cabeça de fóra da cabaça, mas os lobos que a seguiam saltaram-lhe em cima e comeram-na.» (*Contos populares portuguezes*, n.º VI.)

XV. **O Macaco e o Moleque de cera.** — Eis um conto de Cabeceiras de Basto, em que vem a situação da presente fabula: «Era uma vez Pedro de Malas-Artes e foi ter a uma serra aonde havia uma casa de ladrões, e depois elle pediu soccorro, que era um triste barbeiro que andava a fazer barbas, e depois elles fugiram todos d'elle, e só ficou um resolvido a guardar o jantar, e depois Pedro Malas-Artes disse assim: — Oh meu senhor!

tral-a barba tão grande! eu faço-la.» O ladrão afastou-se e elle fez-la barba, e depois dixe-le que le botasse a lingua de fóra, e cortou-la e comeu o jantar; depois o ladrom começou a fugir pelo monte abaixo e dizia: *Explorae por mi!* porque não podia dizer esperae. E os outros cada vez fugiam mais. Depois elles foram fazer o jantar para outra serra. O Pedro Malas-Artes subiu para cima de um pinheiro na serra, e levou para lá uma cancella velha e elles estavam por baixo a fazer o jantar; assim que estava o jantar feito, elles descobriram as pannels e elle mijou por cima d'elles, e depois dizem elles: — Este molhinho vem do céu, ha de ser gostoso. O Pedro Malas-Artes fez então asua vida sobre as pannels e elles dixeram que a marmelada era boa; depois elle botou-le a cancella velha pol-a cabeça abaixo, e elles disseram assim: — Ora sempre isto agora foi de mais; se vem ahi o céu velho, logo vem-no novo, vamos fugir.» Depois olharam para cima do pinheiro, e dixeram: — Ai que elle é o Pedro Malas-Artes! vamos a fugir!» Foram para a beira de um rio e fizeram um homem de visgo. D'ahi a poucos dias elle passou por lá: — Ora para que estará este homem aqui? Deixa-me dar-le um ponta-pé. Deu-le o ponta-pé e ficou lá com o pé; deu-le outro ponta-pé, e ficou lá com o outro pé; deu-le com os braços, ficou lá tambem; emfim, ficou lá todo. Depois esteve lá tres dias; estava quasi morto; passou lá o ladrão que fez o homem de visgo e atirou ao rio o homem de visgo e o Pedro. Adeus, oh Victoria; acabou-se a historia.» Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, pag. 294.

XVI. **O Macaco e o rabo.** — Esta fabula acha-se em uma versão de Coimbra, nos *Contos populares portuguezes*, n.º x, *O rabo do gato*. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, do dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, pag. 454, vem em fórmula metrificada:

Era uma vez um macaco fazel-a barba entrou
 N'uma tenda d'um barbeiro que lo rabo lhe cortou ;
 O macaco por desforra uma navalha furtou,
 Fugindo logo d'ali pera longe caminhou.

Foi elle mais adiante, uma velha encontrou,
 Que á unha escamava las sardinhas que comprou,
 E á velha das sardinhas la navalha lhe emprestou ;
 Mas la mofina da velha dar la navalha negou.
 Lo macaco por desforra uma sardinha furtou,
 Fugindo logo d'ali pera longe caminhou.

Foi elle mais adiante, um moleiro encontrou,
 Que sem conducto comia o pão secco que comprou ;
 E la sardinha que tinha por farinha la trocou.
 Mas lo mofino moleiro la farinha lhe negou.
 Lo macaco por desforra um sacco d'ella furtou ;
 Fugindo logo d'alli pera longe caminhou.

Foi elle mais adiante, n'uma escola entrou,
 Muitas meninas lá estavam com fome todas achou ;
 E á mestra das meninas la farinha emprestou ;
 Mas la mofina da mestra la farinha le negou,
 Lo macaco por desforra uma menina furtou ;
 Fugindo logo d'ali pera longe caminhou.

Foi elle mais adiante, lavadeira encontrou
 Que já cansada lavava camisas que não sujou.
 E p'ra lá ir ajudar la menina emprestou ;
 Mas la mofina mulher la menina le negou :
 Lo macaco por desforra uma camisa furtou,
 Fugindo logo d'ali pera longe caminhou.

Foi elle mais adiante, violeiro encontrou,
 Que por pobre sem camisa la semana trabalhou ;
 E ao pobre violeiro la camisa emprestou.
 Mas lo mofino do homem la camisa le negou.
 Lo macaco por desforra uma viola furtou,
 Fugindo logo d'ali pera longe caminhou.

E sem ir mais adiante, alto telhado trepou ;
 Pôr bem fazer mal haver, já de todo se fartou,
 Pelo que, de lá de riba na sua viola tocou,
 E ao som da violinha, d'esta maneira cantou :

« De meu rabo fiz navalha, de navalha fiz sardinha ;
De sardinha fiz menina, de menina fiz camisa ;
De camisa fiz viola, Adeus que me vou embora. »

Ferrum-fumfum, ferrum-fumfum.

SECCÃO TERCEIRA

Sobre estas tradições veja-se o § III da Introducção.

INDICE

CONTOS POPULARES DO BRAZIL

	Pag.
Advertencia do Collector.....	v
INTRODUCCÃO: <i>Sobre a Novellistica brazileira</i>	vii

Secção primeira

CONTOS DE PROVENIENCIA EUROPEIA

I. O Bicho Manjaléo (<i>Sergipe</i>)	1
II. Os tres coroados (<i>Sergipe</i>)	7
III. O Rei Andrade (<i>Sergipe</i>).....	12
IV. O pinto pellado (<i>Sergipe</i>)	13
V. Uma de Pedro Malas-Artes (<i>Sergipe</i>)	15
VI. O Sargento verde (<i>Sergipe</i>)	17

	<i>Pág.</i>
VII. A princeza roubadeira (<i>Sergipe</i>)	22
VIII. O passaro preto (<i>Pernambuco</i>)	25
IX. Dona Labismina (<i>Sergipe</i>)	29
X. A Raposinha (<i>Sergipe</i>)	32
XI. O homem pequeno (<i>Sergipe</i>)	36
XII. Dona Pinta (<i>Sergipe</i>)	39
XIII. O principe cornudo (<i>Sergipe</i>)	42
XIV. A moura torta (<i>Pernambuco</i>)	50
XV. Maria Borrallheira (<i>Sergipe</i>)	52
XVI. A Madrasta (<i>Sergipe</i>)	57
XVII. O papagaio do Limo-verde (<i>Sergipe</i>)	59
XVIII. João Gurumete (<i>Pernambuco</i>)	65
XIX. Manoel da Bengala (<i>Sergipe</i>)	69
XX. Chico Ramella (<i>Sergipe</i>)	73
XXI. A sapa casada (<i>Sergipe</i>)	76
XXII. Cova da Linda-Flôr (<i>Rio de Janeiro</i>)	78
XXIII. João e mais Maria (<i>Rio de Janeiro e Sergipe</i>) ..	83
XXIV. A protecção do Diabo (<i>Rio de Janeiro</i>)	88
XXV. A Fonte das tres Comadres (<i>Sergipe</i>)	91
XXVI. O Passaro sonoro (<i>Sergipe</i>)	95
XXVII. Barcelloz (<i>Pernambuco</i>)	98
XXVIII. Tres comedores (<i>Pernambuco</i>)	100
XXIX. A rainha que sahiu do mar (<i>Rio de Janeiro</i>) ..	102
XXX. A mãe falsa ao filho (<i>Rio de Janeiro</i>)	104
XXXI. Historia de João (<i>Pernambuco</i>)	108
XXXII. O Sarjatario (<i>Sergipe</i>)	110
XXXIII. Tres Irmãos (<i>Pernambuco</i>)	116
XXXIV. A formiga e a neve (<i>Sergipe</i>)	120
XXXV. O Matuto João (<i>Pernambuco</i>)	122

	<i>Pag.</i>
XXXVI. O irmão Caçula (<i>Pernambuco</i>).....	124
XXXVII. A mulher e a filha bonita (<i>Rio de Janeiro</i>)...	126
XXXVIII. O Careca (<i>Pernambuco</i>).....	129
XXXIX. A combuca de ouro e os maribondos (<i>Pernambuco</i>).....	136
XL. A Mãe d'Agua (<i>Rio de Janeiro</i>).....	137
XLI. O Priguiçoso (<i>Pernambuco</i>).....	139
XLII. A mulher dengosa (<i>Pernambuco</i>).....	140

Secção segunda

FABULAS DE ORIGEM AFRICANA

I. O kágado e a festa no céu (<i>Sergipe</i>).....	143
II. O kágado e a fructa (<i>Sergipe</i>).....	144
III. O kágado e o teyú (<i>Sergipe</i>).....	145
IV. O kágado e o jacaré (<i>Sergipe</i>).....	147
V. O kágado e a fonte (<i>Sergipe</i>).....	148
VI. A Onça e o Bode (<i>Sergipe</i>).....	149
VII. A Onça, o Veado e o Macaco (<i>Sergipe</i>).....	151
VIII. O Macaco e a Cotia (<i>Pernambuco</i>).....	154
IX. O Urubú e o Sapo (<i>Pernambuco</i>).....	154
X. Amiga Raposa e amigo Corvo (<i>Pernambuco</i>).....	156
XI. Amiga folhagem (<i>Sergipe</i>).....	157
XII. A Raposa e o Tucano (<i>Sergipe</i>).....	159
XIII. O Macaco e a Cabaça (<i>Sergipe</i>).....	159
XIV. O Macaco e o Coelho (<i>Pernambuco</i>).....	160
XV. O Macaco e o Moleque de cera (<i>Sergipe</i>).....	161

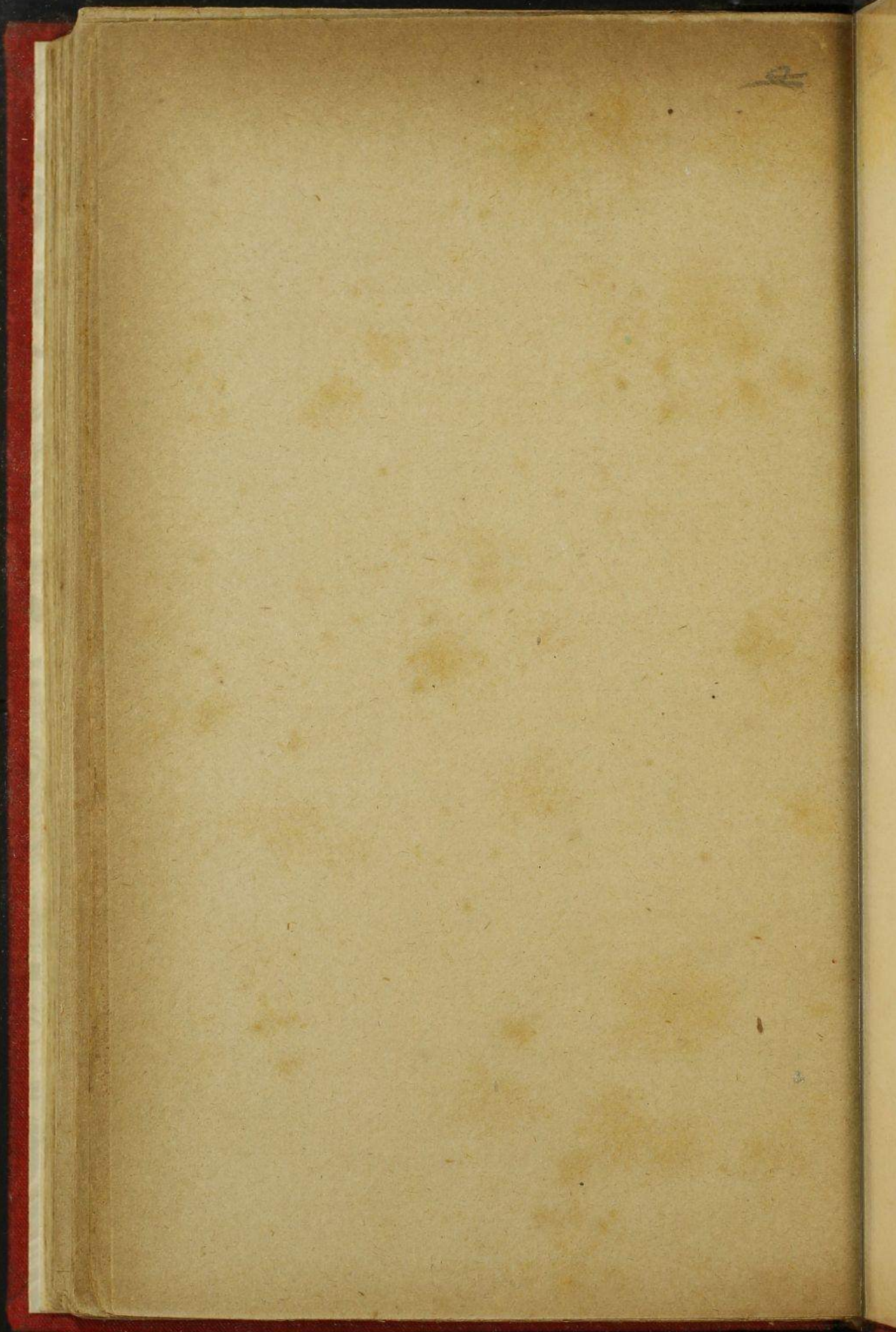
	<i>Pag.</i>
XVI. O Macaco e o rabo (<i>Sergipe</i>).....	162
XVII. O Macaco e o rabo (<i>Pernambuco</i>).....	163
XVIII. A Onça e o Boi (<i>Pernambuco</i>).....	165
XIX. A Onça e o Gato (<i>Pernambuco</i>).....	166

Secção terceira

MYTHOS E FABULAS DE ORIGEM TUPI

I. Um Genesis selvagem (<i>Sertão do Brazil</i>): Como a noite appareceu	167
II. Fabulas do Jabuti (<i>Rio Negro</i>):	
i. Jabuti e a Anta do Mato.....	170
ii. O Jabuti e a Onça.....	172
iii. Jabuti e o Veado (<i>Minas Geraes</i>).....	173
iv. O Jabuti encontra-se com os Macacos	175
v. O Jabuti e outra vez a Onça (<i>Tapajós</i>).....	176
vi. O Jabuti e outra Onça (<i>Tapajós</i>).....	176
vii. Jabuti e a Raposa.....	177
viii. O Jabuti e a Raposa (<i>Juruá</i>)	179
ix. O Jabuti e o Homem (<i>Juruá</i>).....	181
x. O Jabuti e o Gigante, (<i>Cahipora</i>) (<i>Juruá</i>).....	183
III. O Veado e a Onça.....	184
IV. A moça que vai procurar marido :	
i. A Moça e o Gambá	187
ii. A moça e o Corvo.....	188
iii. A Moça e o Gavião (<i>Inajé</i>).....	189

	<i>Pag.</i>
V. Lendas ácerca da Raposa :	
i. A Raposa e a Onça.....	190
ii. A Raposa e o Homem.....	191
iii. A Raposa e a Onça.....	192
iv. A Onça e os Cupins	192
v. A Onça varre o caminho da Raposa..	193
vi. A Raposa e a Onça.....	193
vii. A Raposa e a Onça.....	194
VI. Apologos da Raposa :	
i. A filha da Raposa casa-se com o Sinimbú (Camaleão).....	195
ii.	197
VII. Conto da Velha-gulosa (Ceinci) (<i>Cachoeiras da Ita- boca-Tocantis</i>).....	198
NOTAS COMPARATIVAS.....	201



288 E

08315

